



Kairós

Revista Acadêmica da Prainha
Ano V/2 Julho/Dezembro 2008

ISSN ELETRÔNICO: 2357-9420 ISSN IMPRESSO: 1807-5096

*IX Semana Teológica
"Teologia e Ecologia"*

Καιρός

Kairos

Revista Acadêmica da Prainha
Ano V/2 Julho/Dezembro 2008

Correspondências:

K A I R Ó S – Revista Acadêmica da Prainha – ISSN 1807-5096

Endereço: Rua Tenente Benévolo, 201 - Cep: 60.160-040

Tel.: (0xx85) 3219.2898 – Fax: (0xx85) 3219.0113

Fortaleza – Ceará – Brasil

Ficha catalográfica

KAIRÓS : Revista Acadêmica da Prainha.
Fortaleza : ITEP/ICRE, vol. V/2, julho/dezembro 2008.
V. semestral

ISSN: 1807-5096

1. Teologia – periódico
2. Filosofia – periódico
3. Periódicos gerais

CDD – 105
205
059.813

Bibliotecárias:

Deusimar Frutuoso de Almeida CRB- 3/578

Luciana Silva de Arruda CRB – 3/900

É proibida a reprodução dos artigos publicados nesta revista sem prévia autorização. Os artigos publicados, sua originalidade e redação são de inteira responsabilidade dos seus autores e não reproduzem necessariamente a opinião da revista.

Kairós – Revista Acadêmica da Prainha

Ano: V/2 Julho/Dezembro 2008

Chanceler: *D. José Antonio Aparecido Tosi Marques*
Arcebispo Metropolitano de Fortaleza

Diretor e Redator: *Prof. Dr. P. Evaristo Marcos*

Publicação: **Faculdade Católica da Prainha**

Instituto Teológico-Pastoral do Ceará - ITEP

Diretor: *Prof. Dr. Mons. Francisco Manfredo Thomaz Ramos*

Instituto de Ciências Religiosas - ICRE

Diretor: *Prof. Pe. Luis Sartorel*

Secretária: Maria Uyára Félix Beleza

Diagramação: Evaldo Amaro dos Santos

Revisão: Prof. Antônio Brandão de Macedo

CONSELHO CIENTÍFICO:

Prof. Dr. Caetano Minette de Tillesse

Prof. Dr. Carlos Josaphat, OP

Prof. Dr. Félix Alejandro Pastor, SJ. (PUG-Roma)

Prof. Dr. Francisco José Silva Gomes (UFRJ/RJ)

Prof. Dr. Henrique Noronha Galvão (UCP-Lisboa)

Prof. Dr. Luis Alberto De Boni (PUCRS)

Prof. Dr. Manfredo Araújo de Oliveira (UFCE)

Prof. Dr. Márcio Fabri dos Anjos

Prof. Dr. Marcus Roberto Nunes Costa (UNICAP-Pe)

Prof. Dr. Mário de França Miranda, SJ. (PUC-RJ)

Prof. Dr. Nelson Gonçalves Gomes (UNB-Brasília)

Prof. Dr. Ney de Souza (Assunção-SP)

Prof. Dr. Pedro Rubens, SJ (UNICAP-Pe)

CONSELHO EDITORIAL:

Prof. Dr. Emanuel Angelo da Rocha Fragoso

Prof. Dr. Guido Imaguire

Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen

Prof. Dr. José Fernandes de Oliveira

Prof. Ms. Luis Carlos Silva de Sousa

Prof. Ms. Luis Eduardo T. Bedoya

Prof. Ms. Marcelo João Soares de Oliveira

Profa. Dra. Marly Carvalho Soares

Prof. Ms. Michael Reinhard M. Becker

Profa. Tânia Maria Couto Maia

Prof. Ms. Terezinha das Neves Cota

Impressão: Gráfica Encaixe

SUMÁRIO

Apresentação	235
<i>Prof. Ms. Pe. Antônio Almir Magalhães de Oliveira</i> Teologia & Ecologia: a Igreja e o meio ambiente	239
<i>Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira</i> Controvérsias entre ambientalistas e teólogos sobre o antropocentrismo	263
<i>Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira</i> A palavra “domínio” No texto sacerdotal da criação	275
<i>Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira</i> Liturgia da nova criação	284
<i>Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen</i> A natureza como manifestação de Deus na filosofia teológica da idade média	295
<i>Prof. Ms. Pe. Samuel Brandão de Oliveira</i> Justiça e paz para a integridade da criação: ecologia e antigo testamento	307
<i>Prof. Ms. Michael Reinhard M. Becker</i> As teologias do cuidado no ensino religioso inter-religioso: novas perspectivas para a educação ambiental	316

<i>Frei Anízio Freire, OFM</i>	
Espiritualidade holística franciscana	327
<i>Prof. Ms. Luís Carlos Silva de Sousa</i>	
A noção de natureza como participação em Sto. Tomás de Aquino (De Substantiis Separatis, c.9)	339
<i>Profa. Dra. Ir. Marly Carvalho Soares</i>	
Da ética antropocêntrica à ética socioambiental: direito da terra: ecologia democrática e ecologia integral	353
<i>Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto</i>	
A harmonia dos sistemas ecológicos	366
<i>Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto</i>	
Os resíduos e os impactos ambientais	375
<i>Profa. Esp. Latife Mátar Oinegue Fúlfaro</i>	
Desenvolvimento sustentável: uma responsabilidade compartilhada	394
<i>Helano Samy da Silva Holanda</i>	
Natureza: casa do homem	420
<i>José Jucyêr Ferreira Alves</i>	
Espiritualidade e ecologia	428

APRESENTAÇÃO

Foi realizado de 21 a 24 de outubro de 2009, no Seminário da Prainha, a IX Semana Teológica do Instituto Teológico Pastoral do Ceará, ITEP. Contamos ao longo da semana com a contribuição preciosa de professores da nossa instituição e de ambientalistas da nossa cidade de Fortaleza.

Um dos objetivos da Semana era enfocar um tema atual da sociedade e ver a contribuição da Teologia para essa área de estudo. Deste modo, a ecologia foi a norteadora dos nossos estudos e pesquisas, tema que convida as diversas áreas do conhecimento para uma contribuição, no esforço de manter a vida humana sobre o planeta.

Outro objetivo era compartilhar os estudos feitos com os diversos grupos da sociedade: eclesiais, sindicatos, ongs, partidos, para motivar iniciativas concretas para com o meio-ambiente. O que temos então apresentado nesse número da *Kairós* são os temas das conferências da Semana de Ecologia e Teologia do ITEP.

O tema que abriu nosso ciclo de estudo e que inicia também este número é o estudo do Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto, UFC, sobre a “Harmonia dos Sistemas Ecológicos”, no qual são feitas as indicações dos ciclos biológicos, da cadeia alimentar, do ciclo do hidrogênio, dos vetores primários, secundários e terciários. Outro trabalho do Prof. Camboim é “Os resíduos e os impactos ambientais”, no qual aborda os resíduos daquilo que é produzido pela humanidade e que interfere no equilíbrio da natureza. Na orientação do artigo, é necessário a tarefa para anular gradativamente os efeitos antrópicos com medidas preventivas e corretivas para garantir para as gerações futuras um ambiente saudável.

Apresentamos “A controvérsia entre ambientalistas e teólogos sobre o antropocentrismo”, que colocou o desafio de Lynn White Junior responsabilizando a degradação ambiental à visão antropocêntrica do cristianismo na Idade Média e na Revolução Industrial. Nessa perspectiva, os cristãos não teriam mais nada a acrescentar ou a

contribuir sobre a questão ecológica. Os temas seguintes são uma tentativa de resposta àquilo que foi colocado por White Junior.

Presenciamos hoje as consequências do aquecimento global e do esfriamento das relações humanas. Dentro dessas dificuldades, a Profa. Esp. Latife Matar Oinegue Fúlfaro, ITEP, apresenta o texto “Desenvolvimento Sustentável: uma responsabilidade compartilhada”, no qual parte de situações concretas da vida, reflete sobre alguns valores e contra-valores contemporâneos e sobre o nosso papel como sementes de fraternidade para as próximas gerações.

Na área bíblica temos dois estudos sobre o tema da ecologia. O primeiro do Prof. Ms. Pe. Samuel Brandão de Oliveira, ITEP, Justiça e Paz para a Integridade da Criação. Ecologia no Antigo Testamento”, no qual procura fazer uma leitura sob o aspecto sincrônico dos nove primeiros capítulos do Gênesis. Como resultado percebe-se a profunda ligação entre a situação da pessoa humana e aquela de todo o criado. O segundo é “A Palavra *domínio* no Texto Sacerdotal da Criação”, onde estuda o texto do Gn 1,2-4^a, que contém um dos pontos centrais da indicação de um antropocentrismo responsável pela degradação ambiental. Coloca o estudo de especialista sobre o assunto *Von Rad, Martin Noth, Lohfink, Lochbüller, Briend, Caetano) e pondera se a crítica é pertinente ou não.

A dimensão da espiritualidade, tão cara dentro do tema, é registrada com o trabalho do Prof. Anízio Freire, OFM, “Espiritualidade holística franciscana”. Tendo como referencial o padroeiro da ecologia, a visão de espiritualidade apresentada parte do grito de São Francisco: “Meus Deus e meu Tudo!” Com essa consciência humana e divina, cósmica e ecológica, o amante de tudo e de todos ama, cuida e reverencia cada criatura como presença de Deus.

Na linha pastoral, o Prof. MS. Pe. Antônio Almir Magalhães de Oliveira, ITEP, através do artigo “A Igreja e o Meio-Ambiente”, apresenta os crimes ambientais e respectivos agressores. Enfoca a parte do julgar, através das Escrituras, do Magistério, para, no final, apresentar algumas pistas que envolvam a ação evangelizadora neste processo, que inclua nas agendas das Paróquias e Áreas Pastorais o compromisso local com o meio-ambiente.

Na perspectiva também pastoral temos o trabalho do Prof. Doutorando Michael Becker, ITEP, “Teologias do Cuidado no Ensino Religioso e Educação ambiental”. Neste artigo, trabalha-se a comparação de diversas tradições religiosas que expressam o cuidado com a natureza

e investiga-se a sua aplicabilidade didática no Ensino Religioso e na Educação Ambiental.

Na temática da teologia medieval temos dois importantes estudos dos nossos professores. O primeiro do Prof. Dr. Jan G. J. ter Reegen, “A natureza como manifestação de Deus na filosofia teológica da Idade Média”, no qual são apresentadas diversas fontes sobre a relação do homem e a natureza dentro desse período da história. Postula que a natureza é vista como instrumento na mão de Deus, longe da visão instrumental das épocas posteriores, provocadora da degradação ambiental. Outro texto sobre a Idade Média é “A noção de natureza como participação em Santo Tomás de Aquino (De substantiis separatis, c.9). Neste, o Prof. Doutorando Luís Carlos Silva de Sousa analisa a natureza como criatura de Deus, tematiza a base na diferença entre os modelos de pregação: *per essentiam* e *per participationem*.

No texto “A liturgia da Nova Criação”, trabalho a dimensão celebrativa como importante espaço de educação ambiental e como o espaço físico, a natureza são elementos primordiais na celebração e como não podem ser desmerecidos dentro do atual contexto de aquecimento global.

A Profa. Dra. Ir. Marly Carvalho Soares, ITEP/UECE, no seu artigo “Da antropologia ao antropocentrismo e naturalismo”, aborda que dentre tantas perguntas já colocadas na história da humanidade, uma não escapa a nossa sociedade contemporânea: Como nos relacionar com a terra para preservá-la, não ameaçá-la e garantir a nossa própria vida e a existência de todos os demais seres que vivem na Terra? A reflexão da Profa. Marly coloca aquela inquietude que deve responsabilizar a todos nós, sintetiza o nosso esforço de reflexão como contribuição para ajudar a sociedade através da fé a encontrar novos e velhos elementos, com certeza preciosos nesta caminhada desafiadora que temos pela frente no cuidado do nosso irmão pobre, o planeta Terra.

Ao final, temos neste número três comunicações de alunos acompanhados pelo Prof. Domingos Albino Cunha, CShalom, que apresentam o tema ecológico com suas implicações com a espiritualidade:

Este número da Kairós é um esforço do nosso Instituto de contribuir para uma questão tão grave e atual, que é a questão ambiental, e esperamos que sirva tanto como orientação nas diversas áreas da sociedade, como inspiração para estudos posteriores.

Quero agradecer a todos os que colaboraram para realização da IX Semana Teológica, particularmente o apoio da direção desta Instituição juntamente com o corpo de funcionários, corpo docente e discente e demais professores das outras instituições. Registro a valorosa participação na organização do Diretório Acadêmico - DA, na pessoa do Sr. Roberto Ferreira Rodrigues.

Prof. Dr. Pe. Marcos Mendes de Oliveira
Coordenador da IX Semana Teológica do ITEP
Coordenador da Edição Especial da Kairós
da IX Semana Teológica do ITEP

TEOLOGIA & ECOLOGIA A IGREJA E O MEIO AMBIENTE

*Prof. Ms. Pe. Antônio Almir Magalhães de Oliveira**

“Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global, baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações”.¹

1. Introdução

Nossa abordagem nesta Semana Teológica é explicitamente pastoral. É evidente que serão levados em consideração as informações e conteúdos numa perspectiva interdisciplinar que o tema comporta, na medida em que esta temática passou de uma disciplina científica para um movimento social e político. Neste sentido, o campo da ecologia adquiriu uma amplitude poucas vezes encontrada na história do pensamento, enveredando por um vasto enfoque multidisciplinar.

Em 1866, o biólogo Alemão Ernest Haeckel, em sua obra *Morfologia Geral dos Organismos*, propôs a criação de uma nova e modesta disciplina científica, ligada ao campo da biologia, que teria por função estudar as relações entre as espécies animais e o seu ambiente orgânico e inorgânico. Para denominá-la, ele utilizou a palavra grega OIKOS (casa) e cunhou o termo “ecologia” (ciência da casa).²

¹ Preâmbulo da Carta da Terra – aprovada pela UNESCO em 14.03.2000.

² Antonio Lago e José Augusto Pádua, *O que é Ecologia*, Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 2001, 7.

O percurso que seguiremos será demarcado por três momentos, utilizando como caminho metodológico o já conhecido VER-JULGAR-AGIR.

No primeiro momento, vamos dar uma sobrevoada na ampla realidade que a abordagem proporciona, objetivando, sobretudo, adentrar num vasto quadro de referência histórico, situando em que momento surgem e se identificam as grandes questões relativas ao assunto, especialmente aquelas que podem ter uma incidência maior na ação evangelizadora. Ainda neste momento e sempre na perspectiva das repercussões nas atividades práticas da vida eclesial, em sua visibilidade maior que se expressa nas Paróquias e Áreas Pastorais, faremos uma síntese dos crimes ambientais, que exigiriam uma presença de nossa parte.

Na segunda parte, o trabalho dará algumas indicações Bíblico-Teológicas e do Magistério da Igreja, procurando superar a visão antropocêntrica, pois, de acordo com a tradição judaico-cristã, o cristianismo acaba sendo apontado, por conta deste antropocentrismo, como um dos grandes responsáveis pela crise do modelo de civilização em que se situa a sociedade atual. Procuramos também refletir sobre as exigências éticas cobradas por essa temática.

Julgo oportuno, ainda neste momento, ver a configuração eclesial que temos hegemônica hoje e se com ela é possível responder a esta demanda tão atual da necessidade de a Igreja incluir em sua agenda a preocupação com o meio ambiente, tarefa não muito exigente, bastando para isto buscar os fundamentos nos próprios documentos da Igreja que fundamentam e apontam qual o caminho a percorrer.

A terceira parte da abordagem objetiva, a partir de tudo o que foi refletido até então, sugere pistas de ações, indicações práticas para incluirmos em nossa agenda eclesial este precioso tema do cuidado com a natureza, claro, associada a uma configuração eclesial que brota do Concílio Vaticano II, de uma Igreja servidora do mundo.

Esperamos corresponder aos objetivos elaborados e, de modo especial, às expectativas dos participantes desta IX Semana Teológica promovida pelo ITEP.

2. A crise de um modelo civilizatório³

O ponto de partida desta reflexão é o conceito de desenvolvimento, que está na raiz da crise do momento atual. Pode-se afirmar que as raízes estão plantadas já no século XVI, época das grandes navegações e do reaquecimento do comércio europeu. Deu-se aí o surgimento de uma nova racionalidade baseada na colonização, expansão e exploração e com esta nova racionalidade emana uma visão de mundo que percebe o indivíduo como componente único das relações sociais e, como consequência, a separação e o primado da razão sobre a matéria.

Neste sentido, o trabalho é concebido apenas como atividade de apropriação da natureza e, nesta ótica, a mesma é vista como mero objeto de conhecimento e domínio, não tendo destarte, valor em si mesma, mas valor de uso. Com o advento da era industrial houve o aprimoramento da racionalidade em apreço.

Por trás de tudo isto estão os técnicos do MIT (Massachusetts Institute of Technology). Eles acabaram dando suporte científico às palavras do presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, em 1949. Em seu discurso de posse Truman anunciava um mundo cuja maior parte se encontrava na condição de subdesenvolvimento; e o desenvolvimento neste contexto, ou a modernização, era postulado como o caminho inevitável a ser buscado por essas sociedades subdesenvolvidas, ou atrasadas, na superação de sua pobreza. Qual era o paradigma a ser alcançado? A sociedade de consumo norteamericana.

A lógica era a seguinte: como condição para concorrer a um projeto de futuro que apontava para o ingresso em uma vida de bemestar e consumo, as sociedades periféricas deveriam crescer economicamente, industrializar-se, urbanizar-se, ainda que isto custasse sacrifícios como o crescente endividamento no plano econômico, a desvalorização e a marginalização das práticas, da cultura e dos saberes tradicionais populares, a depredação e destruição da natureza e a exploração da força do trabalho.

Ligado ao mito do desenvolvimento, que iria redimir os povos da ignorância, do atraso e da pobreza, se estruturava uma rede de relações de dominação econômica e política entre os países então definidos como desenvolvidos e subdesenvolvidos.

³ Tomo aqui como referência desta parte as ideias que estão explicitadas no livro publicado pelo Setor Pastoral Social da CNBB, *A Igreja e a questão ecológica - Leitura ético-Teológica*, a partir da análise crítica do desenvolvimento, Paulinas, 1992.

Uma análise atenta dos resultados desse modelo de desenvolvimento, nas sociedades às quais se destinou, mostra a grande concentração de riqueza e o aumento da pobreza nos países onde habita a maior parte da população do planeta ao tempo que evidencia a precariedade da promessa desenvolvimentista. Estas populações, excluídas do processo de acumulação de riqueza, efetivamente pagaram e ainda pagam os custos sociais e ambientais deste modelo.

A partir desta experiência histórica, a noção de desenvolvimento que se tornou hegemônica associou as idéias de progresso, bem estar e melhoria da qualidade de vida a um sentido evolutivo unilinear, ou seja, absolutamente econômico, onde os povos puderam ser classificados numa escala que vai do atraso ao progresso, do tradicional ao moderno, ou ainda, do subdesenvolvimento ao desenvolvimento. A consequência disso tudo leva a um pressuposto que aponta para um padrão em direção ao qual todos os povos avançam. Tudo o que não converge para esse padrão está fadado ao desaparecimento, à marginalização ou àquilo que comumente chamamos de excluídos por falta de competitividade. Desta forma, se não corresponder a um tipo ideal de “sujeito desenvolvido”, sofre ameaça contínua ao seu direito de existir como sujeito de direitos, na sua diferença e diversidade.

Percebe-se destarte que este é um modelo homogeneizador, fundado numa racionalidade econômica produtivista e pouco democrática, tendo na subordinação a sua mola mestra. Ao não tolerar a diferença, a marcha do desenvolvimento só conseguiu produzir desigualdades, que são negadas ou justificadas pelas teses da competição e da eficiência. A lei do mercado recompensa os melhores. Sendo assim, os não beneficiados devem isso à sua pouca qualidade. Absolvido o sistema, são culpabilizados os indivíduos.

2.1 – relação do homem com o meio ambiente neste modelo.

A relação deste homem dito “desenvolvido” com a natureza passa pelo mesmo crivo etnocêntrico. A subordinação e a domesticação da diferença aplicada às relações com o meio ambiente levaram a uma visão instrumental; esta é entendida como um conjunto de recursos naturais apropriáveis e comercializáveis. Fonte de matéria prima, esse manancial de recursos foi considerado, por muito tempo, tão ilimitado quanto o progresso da ciência e da tecnologia.

A grande consequência disso tudo, não levaria a outra realidade senão ao fracasso do referido projeto desenvolvimentista, que é profundamente predatório.

Como já foi colocado anteriormente, este fracasso vai se evidenciar pelo crescente empobrecimento de grande parte das sociedades dos países do hemisfério sul e, mais recentemente, também por enormes massas nos países ricos; pela concentração de renda e aumento dos contingentes populacionais excluídos do mercado formal e do acesso aos direitos básicos da cidadania, bem como pela acelerada degradação ambiental em todo o planeta. As consequências desastrosas do referido modelo nos força a repensar as condições de sobrevivência e melhoria da vida humana e da natureza.

O que está em jogo no momento é que a crise pela qual estamos passando conduz a um questionamento profundo da ideologia do crescimento como um todo e que as premissas mesmas de tal paradigma estão equivocadas, porquanto não é possível uma economia de crescimento ilimitado num planeta finito e de recursos limitados.⁴ O que se afirma, nesta perspectiva, é que não existe um estoque infinito de matérias-primas para alimentar por tempo indeterminado o atual ritmo de produção.

É indiscutível hoje que a

“modernidade caracteriza-se sobretudo pelo antropocentrismo, pelo advento do sujeito autônomo (subjetividade). Em oposição ao teocentrismo da Idade Média, afirma-se que o ser humano é o centro do universo, a medida de todas as coisas, e tudo para ele se destina. O sujeito autônomo reage à tradição e à autoridade e pretende ser o critério decisivo das decisões existenciais... Gesta-se, então, uma visão linear e otimista da história, com a ilusão do “progresso infinito” e do “desenvolvimento ilimitado”. Os ecossistemas e suas comunidades de vida são reduzidos a “recursos naturais”. O mundo parece um “saco sem fundo”, do qual se pode retirar todo o necessário para produzir, vender e consumir produtos ou serviços. Ora, parte desta aventura da Modernidade hoje se esgota ou ao menos busca redefinir-se”.⁵

Não é tão aceitável hoje esta visão antropocêntrica, já que alguns autores afirmam que a ecologia é um paradigma emergente e que portanto substitui o antropocentrismo pelo biocentrismo; outros afirmam

⁴ Antonio Lago e José Augusto Pádua, *O que é Ecologia...*, 48.

⁵ Afonso Tadeu Murad, *Paradigma ecológico: gestão e educação ambientais*, in, *Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade*, SOTER-PAULINAS, VV. AA, 2008,46.

que o antropocentrismo é uma conquista da humanidade e que não será substituído por outro modelo, e que a ecologia corrige e aperfeiçoa o antropocentrismo, continuando o homem como o centro, mas junto com os outros seres, em busca de comunhão. O que deve se levar em consideração é que existe uma hierarquia dos seres; como o homem é coextensivo à natureza, dá continuidade à obra da criação, sendo um ser pensante, tem consciência ele tem maior responsabilidade e cuidado com os seres.

Um novo paradigma surge e com ele processualmente uma consciência ecológica, planetária, na qual o ser humano é um componente do sistema de vida no planeta; Ele pensa, fala e de diferentes modos expressa sua consciência e isso explicita a sua distinção entre os demais componentes. Entretanto, nem por isso tem o direito de se impor aos demais e de continuar se relacionando com a natureza de forma predatória.⁶

2.2- A preocupação mundial com o desenvolvimento sustentável

Não resta a menor dúvida de que, a partir da crise citada e a constatação do modelo vigente predatório, foi-se levando processualmente a uma consciência de que deveriam se tomadas medidas a respeito. Neste sentido, apresento um breve histórico⁷ da Cúpula das Nações que expressa esta preocupação.

O mundo se reúne pela primeira vez em Estocolmo na Suécia, em 1972, para discutir o que fazer para frear a destruição do meio ambiente e para criar condições de desenvolvimento que aliasse crescimento econômico e proteção da natureza. A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano levou à criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) na tentativa de levar à sociedade maiores preocupações com o meio ambiente. Os países presentes na Conferência acertaram um plano de ações contra a poluição. Países industrializados e países em desenvolvimento iniciaram uma série de Conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) que abordariam diversas áreas tais como alimentação, moradia, população, direitos humanos, mulheres.

⁶ Cf. Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Consciência Planetária, ecossocialismo e cristianismo, in Sustentabilidade da Vida..., 67.

⁷ Este histórico é encontrável no site:

<http://www.integral.br/zoom/matéria.asp?matéria=122>, sob o título A DIFÍCIL TAREFA DE SALVAR A TERRA.

Dez anos após a Conferência em Estocolmo, o PNUMA se reuniu em Nairóbi (Quênia) para avaliar os resultados da primeira Conferência sobre o meio ambiente. Desse encontro, surgiu, um ano depois, a Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento. Em 1987, a Comissão divulgou o “Relatório Nosso Futuro Comum” exigindo, com extrema urgência, a realização de uma conferência mundial sobre o meio ambiente. Nesse documento apareceu pela primeira vez a definição de “desenvolvimento sustentável”, caracterizado como o “desenvolvimento que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de as futuras gerações terem suas próprias necessidades atendidas”.

Reunida em 1990, a Assembléia Geral da ONU atendeu ao Relatório Nosso Futuro Comum e decidiu promover a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. A Conferência, realizada no Rio de Janeiro em 1992, também conhecida como Cúpula da Terra, Eco-92 ou Rio-92, elaborou uma série de documentos que deveriam reger o controle do meio ambiente a partir daquela data. Dentre os principais documentos estava a “Agenda 21”, um extenso programa de ação global que previa a melhoria das condições de vida e a defesa do ecossistema mundial; a “Declaração do Rio”, conjunto de 27 princípios pelos quais deve ser conduzida a interação dos humanos com o planeta; a “Declaração de Princípios sobre Florestas”; a “Convenção sobre Diversidade Biológica” e a “Convenção-Quadro sobre Mudanças Climáticas”.

Tais documentos, principalmente a Agenda 21⁸ e a Declaração do Rio, definiram as políticas essenciais para se chegar a um desenvolvimento sustentável que atendesse às necessidades dos países mais pobres do planeta. Além disso, ambos reconheciam limites para o desenvolvimento da sociedade, ligando-os às necessidades econômicas, ambientais e humanas. Nessa mesma Conferência, os países participantes reconheceram a importância das Organizações Não-Governamentais (ONGs) no desafio de monitorar a implementação da Agenda 21 e de definir estratégias nacionais para se atingir o desenvolvimento sustentável.

⁸ A Agenda 21 é um programa de ação, baseado num documento de 40 capítulos, que constitui a mais ousada e abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

O objetivo do desenvolvimento sustentável, entretanto, exigia mudanças drásticas nos valores e nas instituições do mundo atual. E tais mudanças não foram aceitas pelos países. Em 1997, a ONU convocou uma Sessão Especial na Assembléia Geral – que ficaria conhecida como Rio+5, para revisar a implementação da Agenda 21. O resultado foi desanimador. Pouco havia se caminhado no desafio de alcançar a equidade social e a redução da pobreza. Mais uma vez, os países participantes reforçaram a necessidade de criação de convenções e de acordos internacionais, referentes a meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável.

A iniciativa, porém, parece não ter vingado. Ainda em 1997 criou-se o Protocolo de Kyoto que tinha como objetivo reduzir a emissão de gases causadores do efeito estufa, responsável direto pelo aquecimento da atmosfera. O documento sugere que 55 países industrializados diminuam em 5,2% a emissão de gases no período entre 2008 e 2012. O Protocolo, entretanto, está longe de entrar em vigor. Apenas 36% das nações envolvidas concordaram com suas proposições. Os Estados Unidos, principais poluidores do planeta, se recusam a aderir, temendo que as medidas provoquem danos à sua economia. Diante de tantos desacordos, a ONU sugeriu, no ano 2000, a realização de uma cúpula mundial sobre desenvolvimento sustentável, para revisar os progressos alcançados na implementação da Agenda 21. Assim, realizou-se em 2002 a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável em Johannesburgo, na África do Sul.

Como se percebe, esta é uma preocupação “aparente”, na medida em que não se sente, por parte das nações que mais agridem o meio ambiente, uma vontade política de fazer os devidos encaminhamentos. Só para ilustrar, é suficiente ver o que aconteceu na preparação para a Conferência de Johannesburgo, pois no dia 05 de abril de 2002, terminou, com muita frustração, a terceira e última reunião preparatória para o que deveria ser o maior evento político da área ambiental desde a Rio 92 - a Conferência da Terra de 2002 ou Rio + 10. Esta reunião organizada pelas Nações Unidas foi realizada no período de 26.08. a 04.09.02. A Conferência mundial para o desenvolvimento sustentável, em sua versão 2002, teria que responder não só ao desafio da proteção ambiental numa economia globalizada, como também a necessidade de reduzir a pobreza para garantir um futuro sustentável.

“A expectativa do público frente a uma reunião com a presença de mais de 150 países, no continente Africano, não se limitava à discussão de metas de implementação da Agenda 21, acordada no Rio em 1992, com

datas, recursos financeiros e monitoragem bem definidas para proteção das florestas, rios, mares e conservação da qualidade do ar, solo e alimento, entre outros. Mas se deve especialmente pela possibilidade de mostrar como os governos iriam assegurar à sociedade um futuro sustentável. Entretanto, o processo de negociação nos corredores das Nações Unidas não levou a nenhum desses objetivos, evidenciando o total descompasso entre a nossa realidade e a das salas de negociação. De fato, o documento, discutido por duas semanas em Nova York, é uma triste evidência de que, no que depender de nossos governos, podemos começar a procurar outro planeta para viver, pois a Terra está com seu futuro comprometido.

É natural que os defensores do meio ambiente fiquem satisfeitos ao constatarem que os dirigentes dos países desenvolvidos, considerados de PRIMEIRO MUNDO, estão levantando a bandeira ambiental. É como se finalmente sua luta fosse reconhecida. No entanto, uma parte dessa postura é causada pela pressão da opinião pública. Decorre daí que as lideranças dos países do 1º. mundo exijam que os dos países do segundo e terceiro mundos cuidem do meio ambiente. Enquanto transmitem a imagem de que estão avançados no cuidado ambiental, aumentam seus lucros com a exportação de produtos para despoluição, controle e monitoramento ambiental, usam a questão ambiental como barreira comercial para sobretaxar produtos industrializados dos outros países e lucram ao desviarem a atenção da humanidade da base principal do problema, ou seja, o modelo de desenvolvimento “vendido” com o único possível.

A própria luta pelo desenvolvimento esconde uma ideologia: ela é irreal, pois se todos alcançarem o mesmo padrão de consumo dos países chamados de primeiro mundo, serão necessários diversos planetas terra de recursos naturais.⁹

Fica a questão: de quem é a culpa do atual estado das negociações? Em primeiro lugar, da maioria dos países ricos, que tem a falsa noção de que sustentabilidade é um objetivo apenas dos países pobres. Com isso, esse grupo não cumpriu os compromissos assumidos no Rio em 1992 de redução de consumo e impacto sobre os recursos naturais e meio ambiente. Tampouco disponibilizou os recursos financeiros acordados para financiar a implantação da Agenda 21 junto aos países pobres.

⁹ Vilmar S. Demamam Berna, Pensamento Ecológico, Reflexões críticas sobre meio ambiente, desenvolvimento sustentável e responsabilidade social, Paulinas, 2006, 12-13.

Muitos dizem que, enquanto os poucos países ricos não cumprirem os acordos da Rio 92, os países em desenvolvimento não levarão a sério a responsabilidade de proteção ambiental.

Os países em desenvolvimento, por sua vez, querem ignorar a palavra “sustentável” e enfatizar a palavra “ desenvolvimento ”, definindo políticas de desenvolvimento a qualquer custo, repetindo os mesmos erros cometidos pelos países ricos há décadas, com ferramentas e tecnologias sujas, ignorando a opinião pública que demanda desenvolvimento sim, mas sustentável”.¹⁰

Encontramos uma reflexão intitulada Rio+10 – Um fracasso anunciado o seguinte relato: ¹¹ No último dia da Conferência de Johannesburgo, muitas pessoas portavam na lapela uma pequena faixa dizendo: "Não mais conferências vergonhosas". A mensagem básica era de desânimo pelos resultados específicos daquela reunião e, conseqüentemente, de questionamento quanto à validade desse modelo de grande encontro promovido pelas Nações Unidas, envolvendo a participação de milhares de pessoas e centenas de chefes de governo.

Outros, porém, alertavam para o fato de que essa postura de rechaça radical beneficiava a posição do governo Bush, já que as várias conferências organizadas nos anos 1990 haviam sido um espaço de discussão crítica e, em escala considerável, de elaboração prática no sentido de colocar barreiras sociais e ambientais ao domínio absoluto do mercado e das grandes corporações na definição do destino da humanidade. Não por acaso, nesse sentido, uma carta enviada por políticos conservadores ao presidente Bush, felicitando-o pela decisão de não ir a Johannesburgo, afirmou que o evento seria um festival de condenações aos valores e interesses econômicos da sociedade norte-americana. O fim desse tipo de conferência privaria a humanidade de momentos importantes de encontro e reflexão coletiva sobre os grandes problemas sociais e ambientais do planeta, deixando o campo livre para o domínio dos interesses egoístas e imediatistas das grandes potências.

Mais importante do que adotar uma posição rígida contra ou a favor das conferências, é discutir criticamente o seu objetivo e alcance. O custo elevado desses encontros, em termos econômicos e humanos, requer que as suas metas sejam ambiciosas e enfrentem de maneira

¹⁰ Esta reflexão está disponível no site <http://www.amda.org.br/assets/files/rio.doc>

¹¹ Disponível no site http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_clipping_cjha.html.

efetiva os grandes problemas globais. A Rio 92, por exemplo, incluindo suas reuniões preparatórias e seu grande evento final, produziu um conjunto ambicioso de resultados que justificaram o seu custo elevado. A Agenda 21 e as convenções sobre a biodiversidade e o clima, mesmo considerando os seus limites, vem fornecendo elementos para trabalhos e políticas concretas em favor da sustentabilidade. A convenção do clima, por exemplo, desdobrou-se, através de protocolo de Kyoto, em metas definidas para dar início ao enfrentamento do aquecimento global, que estão sendo rechaçadas pelo unilateralismo do governo Bush, pressionado em grande parte pelos interesses das grandes corporações do petróleo. Mas a necessidade de organizar essa resistência perversa aos melhores interesses planetários, através do que Joan Alier chamou de "Eixo do CO2", expondo governos e companhias poderosas ao descrédito da opinião pública global, não deixa de ser também um resultado concreto dos avanços de 1992.

A Conferência de Johannesburg, efetivamente, deveria ter representado um avanço em relação ao que aconteceu 10 anos antes. Era necessário produzir novos protocolos, com metas claras e obrigatórias para os diferentes países, com base no princípio da responsabilidade comum mas diferenciada. Era necessário também atualizar a Agenda 21, estabelecendo igualmente metas e obrigações concretas. Essa era a demanda lógica diante da urgência trazida pela crise planetária. A meta estabelecida pela ONU, no entanto, foi apenas de produzir um "plano de implementação" e uma "carta política" que fizessem uma avaliação dos avanços realizados até o presente e estabelecessem alguns princípios de ação genéricos e com quase nenhum poder de obrigação. Nesse sentido, mesmo que a conferência tivesse sido um sucesso, seus resultados seriam pequenos diante do muito que se necessita. Na conjuntura atual, no entanto, dominada pelo conservadorismo egoísta de países como os Estados Unidos, o Japão, a Austrália e a Nova Zelândia - alimentado por um uso politicamente malicioso do antiterrorismo, como se qualquer tentativa de defender a humanidade e o planeta com as grandes corporações fosse uma defesa da violência contra o Ocidente - os resultados efetivos acabaram sendo praticamente nulos. A linguagem de consenso foi vaga e indefinida, sem estabelecer metas, prazos e obrigações concretas diante dos problemas urgentes a serem enfrentados.

2.3 - Crimes ambientais no Estado do Ceará¹²

Apresento aqui, uma síntese dos principais crimes ambientais, que têm como fonte um dossiê preparado pelas entidades que militam no movimento ecológico no Estado do Ceará e na cidade de Fortaleza, preocupados com essa situação de degradação sócio-ambiental que se vive, e sobretudo, alarmados pelo fato de não haver indícios de mudanças, no sentido da adoção de outros modos de convivência com a natureza, nem tampouco de materialização de justiça ambiental. Elaboraram o referido dossiê, com o objetivo de trazer à pauta do dia o quadro sócio-ambiental do Estado, na perspectiva de reverter degradações em curso, minimizar impactos já instalados, prevenir a instalação de novas problemáticas, e denunciar crimes sócio-ambientais, tendo como horizonte a justiça ambiental. Principais crimes:

No Estado do Ceará –

Dunas: Camocim, Acaraú, Itapipoca, Trairi, Paracuru, Caucaia, Fortaleza, Aquiraz, Beberibe, Cascavel e Aracati.

Falésias: Fortaleza, Caucaia, S. Gonçalo, Paracuru, Lagoinha, Beberibe, Cascavel, Aracati e Icapuí.

Usinas Eólicas: Trairi, Beberibe e Aracati.

Carcinicultura: Curral Velho (Acaraú), Coreaú, Aracatiaçu, Jaguaribe, Barra Nova, Barra Grande e Sítio Cumbe em Aracati.

Turismo e especulação imobiliária na zona costeira: Assentamento Maceió em Itapipoca, Caetanos de Cima, em Amontada e Nova Tatajuba, em Camocim.

Pesca Predatória: Vários municípios.

Comunidades Indígenas: Os Tremembés – São José e Buriti, em Itapipoca.

¹² Dossiê 2008 – Degradações, conflitos e crimes ambientais em Fortaleza e no Estado do Ceará. Texto mimeo de 05 de junho de 2008 produzido pelas entidades que militam no movimento ecológico do Estado do Ceará e na cidade de Fortaleza. Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, Esplar, Instituto Terramar, Fórum Cearense do Meio Ambiente – FORCEMA, Frente Cearense por uma nova cultura da água e contra a transposição do rio São Francisco, Fórum em Defesa da Zona Costeira do Ceará – FDZCC, Frente Popular Ecológica de Fortaleza – FPEF, Missão Tremembé, Movimento Pró-parque Rio Branco, Movimento Pró-Parque Lagoa da Itaperoaba, Movimento SOS Cocó, Sala Verde Água Viva, Depto. de Geografia da UFC.

Em Fortaleza –

Áreas Verdes: Parque Ecológico do Cocó, Parque Lagoa de Itaperaoba – Serrinha, Parque Rio Branco – Joaquim Távora, Tauape e Bairro de Fátima. Pólo de Lazer da Sargento Hermínio – São Gerardo e Alagadiço. Enclave do Cerrado – Cidade dos Funcionários.

Dunas da Praia do Futuro.

Recursos Hídricos: Riacho Água Fria – construção à margem da Rodovia W. Soares. Riacho das lavadeiras – aterro. É um dos afluentes do Rio Coaçu e compõe a Bacia do Rio Cocó.

Criminalização dos Ambientalistas: Caso Ypióca – contra o Prof. da UFC Jeovah Meireles e o Jornalista Daniel Fonseca. Caso Torre do Iguatemi – Pedido de explicação a João Alfredo.

Os Agressores – Geralmente estão ligados à construção de Resorts, complexos hoteleiros, especulação imobiliária, empresas de mineração agroindustriais e portuárias, empreendimentos turísticos, Bons Ventos Geradora de Energia S/A (Usinas Eólicas), Joly Aquicultura Ltda. (carcinicultura), Empresários que utilizam o ecossistema manguezal para a implantação de viveiros de camarão, Grupo Empresarial Pirata (Empreendimento Turístico que privatiza a faixa de praia e território de comunidades tradicionais costeiras), Empreendimento Turístico Condado Ecológico (grilagem e tentativa de implantação de complexo turístico em Área de Preservação Ambiental em Nova Tatajuba-Camocim), Máster Plan Cidade Turística – grilagem de terras da União por empreendimentos turísticos em Camocim, Barcos de compressor e caçoeira que operam no litoral do Ceará, Nova Atlântida Empreendimentos (degradação sócio-ambiental da terra indígena Tremembé de São José e Buriti em Itapipoca).

Em Fortaleza – No Parque do Cocó: Ocupações irregulares, poluição das águas, esgotos clandestinos e carvoarias, construção de edifícios que asfixiam o manguezal além do TRANSFOR, com a proposta de construção de viadutos e subterrâneos que adentrarão na área do manguezal do Cocó.

O Açude João Lopes e o riacho Alagadiço (no Pólo de Lazer da Sargento Hermínio) também afetados por ocupações irregulares, despejo de esgotos domiciliar e comercial.

Desmatamento do **Enclave Cerrado** (componentes do Planalto Central - as espécies do cerrado), localizado na Cidade dos Funcionários

de propriedade dos Correios e do Ministério do Exército. Referido desmatamento deu-se por parte dos Correios para a construção de um núcleo central, configurando-se num crime ambiental. Esta massa verde está inserida em área de urbanização consolidada e em plena expansão, correndo o risco de desaparecer, vítima da especulação imobiliária, como consequência do desconhecimento da sua riqueza e do seu potencial preservável, tanto pela população como das entidades governamentais.

Riacho Água Fria – Construção de um empreendimento privado à margem da Rodovia Washignton Soares, sentido Oeste-Leste, entre as estruturas da Loja TOK STOCK e do Colégio Irmã Maria Montenegro, que atinge o riacho, o qual teve o seu canal central desviado e parte do leito alterada. Observação: Tudo isto permitido pela SEMAM.

Aterro do Riacho das Lavadeiras – um dos afluentes do rio Coaçu que compõe a Bacia do Rio Cocó, aqui também com a complacência dos órgãos municipais. Esta obra causa impactos ambientais no ecossistema local pelo desaparecimento do espelho d'água, da cobertura vegetal e por danos à fauna.

Sobre a **criminalização dos ambientalistas** o dossiê confirma dois casos: um através de interpelação judicial por parte da YPIOCA AGROINDUSTRIAL, ao Professor da UFC Jeovah Meireles e o Jornalista Daniel Fonseca, por terem divulgado informações de domínio público contrários aos interesses da referida Empresa. A principal questão refere-se à responsabilização da YPIOCA por injustiças ambientais e violação dos Direitos Humanos do povo indígena Jenipapo-Kanindé (Aquiraz), sobretudo pelos danos causados pela Empresa à Lagoa da Encantada.

O segundo caso é uma interpelação judicial a João Alfredo – uma Ação de Pedido de Explicações. Esta ação foi provocada por iniciativa de Daniela Valente, titular da SEMAM, um processo considerado de caráter intimidatório. Tudo se dá porque João Alfredo denunciou a concessão de licenças que autorizam o empreendimento do Grupo Jereissati – A TORRE DO IGUATEMI, que será construída às margens do Rio Cocó, causando devastação naquela Área de Preservação Permanente.

3. O cristianismo tem alguma coisa a dizer sobre a realidade apresentada?

Uma boa pergunta. São muitos os movimentos ditos ecológicos que se organizam, denunciam, tomam iniciativas jurídicas e têm atuação cidadã. Por incrível que pareça, toda esta mobilização em torno dos crimes ambientais acima expostos não conta com a presença significativa

da Igreja, sobretudo em sua expressão mais básica e visível que são as Paróquias e Áreas Pastorais. Por que isto acontece?

A tese, segundo a qual o Cristianismo deu uma grande contribuição para este estado de coisas, por conta da visão antropocêntrica é amplamente sustentada o que acabou relativizando a teologia da criação. Na verdade, “críticos modernos da tradição judaico-cristã apontam para o fato de que no imperativo bíblico na criação: Sede fecundos, multiplicai-vos e sujeitai a terra (Gn. 1,28) estariam lançados os fundamentos da crise ecológica hodierna: multiplicação ilimitada, superpopulação da terra e a sujeição da natureza”.¹³ Entretanto, esta é uma visão do cristianismo que não se sustenta mais hoje, como veremos, e que a crise do mundo moderno se baseia muito mais na ambição que pessoas têm por poder e prepotência. “No âmbito cultural cristão, esta ambição foi, através de uma fé bíblica da criação, mal entendida e mal usada, liberta de suas antigas inibições religiosas: o “sujeitai a terra” foi concebido como mandamento divino para o domínio da natureza, para a conquista da terra e para a dominação do mundo pelas pessoas”.¹⁴

A despreocupação com o meio-ambiente, tem suas raízes, especialmente hoje, num modelo de Igreja predominante, em cuja agenda não cabe outras questões também como a social, a política. A agenda é outra e nós já a conhecemos muito bem.

Já vimos como é caracterizada nossa época: “crise ecológica” é como se define este momento, entendida como uma crise de paradigma hegemônico da civilização ocidental, basicamente antropocêntrico. A vontade desenfreada de a tudo dominar é portanto uma característica desta civilização técnico-científica, que tem levado à degradação da qualidade de vida no planeta.

O ponto de partida nesta parte, sem dúvidas, é a doutrina da criação, pois:

A emergência deste novo paradigma ecológico-planetário, acolhido como um dos sinais de “nosso tempo” constitui ocasião única para a proposição de uma teologia da criação, que seja, ao mesmo tempo, genuinamente cristã e profundamente relevante para o ser humano neste início de século XXI. Essa nova teologia da criação, será fruto, em primeiro lugar, da releitura dos relatos bíblicos da criação, resgatando a

¹³ J. Moltmann, Doutrina Ecológica da Criação, Deus na Criação, Vozes, 1993, 54.

¹⁴ J. Moltmann, Doutrina Ecológica..., 43.

singularidade do ser humano não através de uma separação sua das demais criaturas, mas, ao contrário, mediante a inter e retro-relações que o ligam intensa e intimamente a essa imensa e complexa “teia da vida”.¹⁵

É muito evidente a singularidade do ser humano na obra da criação, sobretudo como imagem e semelhança de Deus (Gn. 1,26). Entretanto, este fato não dá o direito ao ser humano de se conceber como sujeito absoluto e sem vinculação e preocupação com as demais criaturas, que seriam reduzidas a simples objetos. Ademais, este relato deve ser interpretado numa estreita relação com o outro relato que está no segundo capítulo do mesmo livro, onde se lê que o homem é criado e constituído pelo Criador como jardineiro: “Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden, para que o cultivasse e guardasse” (Gn. 2,15).

A concepção antropocêntrica do mundo, segundo a qual céus e terra foram criados por causa da pessoa humana e na qual a pessoa é “a coroa da criação”, é entendida tanto pelos seus defensores quanto pelos seus críticos como uma “tradição bíblica”. Ela, no entanto, não é bíblica, pois de acordo com tradições bíblicas, judaicas e cristãs, Deus criou o mundo a partir do amor por causa de sua glória. E a “coroa de sua criação” não é a pessoa humana, mas o sábado.¹⁶ O tempo resplandece em toda a sua maturidade e beleza no Sábado da criação, que é o tempo da festa, do banquete e da alegria, da conversa, de estar face a face no repouso do olhar de uns nos outros. O tempo é uma relação que abre cada criatura às outras, e cada uma das criaturas escande para a outra tempos de responsabilidades e de trabalhos, mas também de convites e de danças, de esperança e de júbilo.¹⁷

O relato anterior (Gn. 1,26-31) culminava com o surgimento dos homens. Entretanto vemos que existe um fim distinto, que situa o homem dentro de um equilíbrio mais amplo, presidido pelo descanso e gozo de Deus. “Assim foram concluídos o céu e a terra com todo o seu exército. No sétimo dia, Deus terminou todo o seu trabalho; e no sétimo dia ele descansou de todo o seu trabalho. Deus então abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como criador” (Gn. 2,1-4a). Desta forma, o homem do sétimo dia é um ser para o descanso e gozo da contemplação, um ser ecológico. O homem é imagem de Deus porque celebra o SHABAT, porque descobre e recria cada sete dias, com a sua própria vida, a harmonia sagrada do

¹⁵ Sinivaldo S. Tavares, Trindade e criação. Vozes, 2007, 193

¹⁶ J. Moltmann, Doutrina Ecológica... 56.

¹⁷ Luis Carlos Susin, A criação de Deus, Siquem/Paulinas, 2003,71.

tempo (semana) e do espaço (cosmos). Este sábado de Deus é a expressão de uma harmonia que os homens buscam e desejam como ideal sobre a terra, apesar de ainda não ter conseguido.¹⁸

Não é possível entender corretamente a criação sem perceber o sábado. No *silêncio sabático*, as pessoas não interferem mais através do trabalho no meio ambiente, mas deixam-nos ser como criação de Deus. Elas reconhecem que a criação não pode ser danificada, pois ela é propriedade de Deus.¹⁹

Estas reflexões ajudam a relativizar a leitura antropocêntrica das Escrituras.

Desta forma, não podemos nos furtar à tarefa de repensar a relação, para todos os efeitos, constitutiva entre criação e redenção. O exagerado acento que se deu na história da piedade e da teologia cristãs à redenção acabou deixando na sombra o valor e a importância singulares da criação.²⁰

3.1 - Fundamentos bíblico-teológicos do cuidado com a Criação²¹

Viver neste tempo desafiador exige uma espiritualidade profunda, que renove as raízes divinas da humanidade. O cristianismo conta com um rico manancial em sua teologia bíblica, cosmológica e espiritual da Criação. Trata-se de uma revelação de sentido da história que perpassa toda a Bíblia. Parte do Jardim do Éden, no Gênesis, e projeta, no Apocalipse, para a Nova Jerusalém, a cidade aberta a todos os povos e em que não haverá choro nem necessidade. Jesus Cristo está no centro de uma história inspirado e atraída pelo Deus da Vida, a quem se ama amando as pessoas, começando pelas reduzidas à pobreza e à marginalização, um amor que vale a própria vida de quem ama.

Para as pessoas e comunidades das Igrejas cristãs, o cuidado com a Criação é parte importante de sua prática, de sua missão, de sua mensagem. Lembremos, aqui, apenas algumas referências que fundamentam essa responsabilidade.

¹⁸ Xabier Pikaza, *Bíblia y ecología: reflexión introductoria sobre Gen 1-8*, in, *Sustentabilidade da Vida e espiritualidade*, SOTER/PAULINAS, 2008, 111-113.

¹⁹ J. Moltmann, *A criação de Deus...*, 395.

²⁰ Sinivaldo S. Tavares, *Trindade...*, 195.

²¹ *Libertar a terra para salvar a vida*, texto mimeo, elaborado coletivamente por animadores das Pastorais Sociais, sistematizado e apresentado por Ivo Poletto à Assembléia Geral da CNBB, no dia 05 de abril de 2008.

Criação: Gn. 1, 1-31 - O ato criador é um ato de amor. Deus cria porque ama. Ainda mais, deu ao ser humano a capacidade de ser co-criador. Portanto, entre as criaturas, só o ser humano é capaz de amar e criar. A fidelidade entre os animais é instintiva, não fruto da capacidade de entender e amar. No ser humano a arte, a ciência, a cultura, o sexo, adquirem dimensões que revelam o sentido mais profundo da existência humana.

A página bíblica da criação revela esse transbordamento do amor de Deus, até chegar ao ser humano, feito à sua imagem e semelhança. Só por isso, cada ser humano, independente de sexo, cor, religião, carrega em si uma dignidade divina.

Mas todas as criaturas também, parafraseando João Paulo II, carregam em si as digitais do Criador. Deus cria, vê que é bom, vê que é muito bom.

Porém, é exatamente a criação divina ao alcance do ser humano que está sob risco de extinção, inclusive ele próprio, ou de uma hecatombe sem precedente na história humana sobre a face da Terra. Logo ele, o ser humano, que é a inteligência da Terra, a imagem e semelhança do Criador, coloca em risco a vida que está ao seu alcance, porque é o único capaz de destruir. O aquecimento global é fruto da ação humana. Não pode um cristão, um filho de Deus, ausentar-se da gravidade que a história humana impõe aos humanos nesse momento. Resta-nos pouco tempo. Para bilhões é agora, ou nunca mais.

Dilúvio: Gn. 6,5 – 9,17 - O Dilúvio tem referências em várias tradições religiosas. Na bíblica, o que chama a atenção é o cuidado do Criador para com todas as criaturas. O hagiógrafo fala que Deus, cansado das mazelas humanas, decidiu extinguir a humanidade. Porém, num último ato de nobreza divina, resolveu salvar um ser humano por ser bom. Ainda mais, exigiu que esse homem, chamado Noé, pusesse na Arca um casal de cada animal para garantir sua reprodução. Salva, assim, todas as criaturas e revela o carinho paternal que o Criador tem para com todas elas. O que mais chama a atenção, entretanto, é a aliança feita com os seres humanos e todas as criaturas da Terra após o dilúvio. “De minha parte, vou estabelecer minha aliança convosco e com vossa descendência, com todos os seres vivos que estão convosco, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que convosco saíram da arca” (Gn. 9,9-1). Portanto, a aliança de Deus não é exclusividade dos seres humanos, embora esse tenha sido feito à sua imagem e semelhança. O fato de dispor da Terra e de seus bens, não dá ao ser humano o direito

de destruir os demais seres vivos. Eles também carregam em si a digital do Criador e fazem parte de sua comunidade de aliança.

O CENTRO DO TEMA NÃO É O DILÚVIO, MAS A SALVAÇÃO DO DILÚVIO. *Desta forma, a ARCA é um paradigma ecológico, de solidariedade e de salvação universal. Uma humanidade que só queira salvar-se a si mesma se destruiria.* ²²

João 1,1-16 - O prólogo do Evangelho de João é uma das páginas mais belas da Bíblia, porque é reflexão teológica e poesia ao mesmo tempo. “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. Ela existia, no princípio, junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito de tudo que existe” (Jo, 1,1-3). Ora, João dá ao Cristo, a Palavra, uma dimensão criadora. A Palavra sempre existiu e “sem ela nada foi feito de tudo que existe”. Mais uma vez a revelação bíblica considera a totalidade da criação, não apenas o ser humano. João dá a toda a criação uma dimensão crística. Evidentemente, dá ao ser humano um lugar especial, embora tantas vezes nefasto: “Nela estava a vida e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram ofuscá-la” (Jo 1,4-5)

É evidente a intenção de João de vincular a pessoa de Jesus a toda criação. O próprio Jesus, ele mesmo embebido totalmente da missão, vai aconselhar a “olhar os lírios dos campos e as aves dos céus” (Mt 6,26-30). Portanto, nada está alheio ao ato criador que se renova na face da Terra ao longo de bilhões de anos.

Rom 8,18-25 - O destino de toda Criação foi retomada por Paulo em Romanos 8. Esse texto nos indica que a redenção de Jesus transcende o ser humano – quanto mais uma Igreja! – e se estende para todo universo criado. O resgate é de toda a criação que “geme em dores de parto” e “anseia pela redenção”. O Gênesis nos diz que Deus criou e “viu que tudo era bom”. Paulo nos diz que a criação é imperfeita, sujeita à corrupção e que anseia por sua remissão. Portanto, poderemos esperar por um Universo redimido, em sua plenitude, também com as vidas vegetais e animais que conhecemos. Deveremos ter um planeta Terra redimido, com suas espécies, inclusive as eliminadas pela evolução das espécies. Não é demais esperar por uma humanidade que conviva com dinossauros, onde lobos e cordeiros brinquem juntos, onde as crianças possam afagar os tigres.

²² Xavier Pikaza, *Bíblia y ecología...* 131-133.

Tudo é simbólico nessa reflexão, mas tudo é real. A vida deverá ser resgatada na sua plenitude, eternizada em sua plenitude. Afinal, não é da lógica do Criador destruir o que criou, mas elevar, transformar, plenificar. Não faz sentido com a natureza do próprio Criador, que Ele destrua a matéria, o Universo, os vegetais e animais que Ele criou e viu que “era muito bom”. A própria revelação bíblica nos indica esse caminho de transfiguração, de eternalização de toda a matéria, animada e inanimada; afinal, hoje, com a teoria quântica, já se sabe que a base de toda criação é exatamente a mesma. Deveríamos acolher com muita humildade essas revelações dos sinais dos tempos e nos maravilhar com Deus na sua grandeza amorosa, magnânima, e não segundo as lentes mesquinhas de nossas disputas humanas e até inter-religiosas.

3.2 – O que diz o Magistério da Igreja

Tomo aqui como referência, os dois mais recentes documentos do Magistério da Igreja. As reflexões que aparecem em torno do assunto no documento de Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, documento 87 da CNBB.

Com relação ao documento de Aparecida, cujos eixos temáticos são o discipulado-missão-vida afirma: “Nossa irmã e mãe terra é nossa casa comum e o lugar da aliança de Deus com os seres humanos e com toda a criação”. Desatender as mútuas relações e o equilíbrio que o próprio Deus estabeleceu entre as realidades criadas, é uma ofensa ao Criador, um atentado contra a biodiversidade e, definitivamente contra a vida. O discípulo missionário, a quem Deus confiou a criação, deve contemplá-la, cuidar dela e utilizá-la, respeitando sempre a ordem do Criador²³ e que a Igreja agradece a todos os que se ocupam com a defesa da vida e do ambiente. É necessário dar especial importância à mais grave destruição em curso da ecologia humana.²⁴

Finalmente, motiva a aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório²⁵ e a procurar um modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens, e que supere a

²³ Documento de Aparecida (DA), 125.

²⁴ DA 472, citando a Centesimus Annus de João Paulo II, 38.

²⁵ DA 474b

lógica utilitarista e individualista, que não submete os poderes econômicos e tecnológicos a critérios éticos.²⁶

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2008-2010), também tratam da questão; afirmam que “As grandes indústrias extrativistas e a agroindústria, com frequência não respeitam os direitos das populações locais e não agem responsabilmente face às exigências da ecologia e da preservação dos recursos naturais”²⁷.

Continua abordando a partir da realidade que nos interpela, sobre a biodiversidade do Brasil, com seus diversos biomas que tem suscitado especial cobiça internacional, intensificando-se a devastação ambiental na Amazônia, que agridem a dignidade e a cultura dos povos indígenas, somando-se a isso a agressão à natureza, à terra e às águas que são tratadas como mercadoria negociável e disputada pelas grandes potências, confirmando o que já se disse anteriormente neste texto, como conseqüências de um modelo de desenvolvimento econômico capitalista-consumista, que privilegia o mercado financeiro e prioriza o agronegócio.²⁸

4. Nossa responsabilidade sobre a casa comum

A última parte de nossas reflexões, aponta para a nossa responsabilidade, como Igreja, pelo cuidado com a Criação.

A teologia bíblica deve continuar reinterpretando os fundamentos da criação, agora de forma interdisciplinar, tomando especial cuidado com os contextos históricos e com a língua em que o texto foi escrito para bem interpretar a sua intenção e o seu sentido²⁹.

Nosso olhar volta-se neste momento, para a configuração eclesial predominante que temos e perguntamos: Com este modelo, marcadamente de uma Igreja que se volta sobre si mesma, de manutenção, tem-se alguma coisa a dizer sobre o tema? Claro que não. Neste sentido, a primeira iniciativa que se deve tomar, que é considerado como pressuposto para inserir na agenda o tema do meio ambiente, é criar as condições para promover aquilo que o documento de Aparecida indica e que passo a recuperar destacando as várias indicações ali encontradas:

²⁶ DA 474c

²⁷ CNBB, Doc. 87, DGAE, n. 28.

²⁸ Cf. CNBB, Doc.87, nn. 38-38

²⁹ Luis Carlos Susin, A criação de Deus... 16.

- A Paróquia ou a Área Pastoral colocar-se a serviço da vida plena das pessoas³⁰, a fé cristã deverá engendrar padrões culturais alternativos para a sociedade atual³¹, fazendo dos pobres sujeitos de mudança e de transformação de sua situação³², cuidando da ecologia³³.

- Ainda sob a inspiração de Aparecida, resgatar, a partir da fé cristológica e também em função do nosso tema, a opção pelos pobres em gestos visíveis³⁴, porquanto são os que têm a vida mais ameaçada e são os mais atingidos por esta situação, e assim, a Igreja é convocada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres³⁵”.

- O documento, sempre inspirado nos seus eixos discipulado-vida-missão, convoca à desinstalação, do comodismo, estancamento e tibieza³⁶, inclusive como uma forma de superar a avaliação que o próprio Papa Bento XVI faz da situação eclesial e que foi ratificado no referido documento, quando afirma que:

não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, a moralismos brandos que não convertem a vida dos batizados. Nossa maior ameaça é o mediocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez³⁷.

- Na mesma direção, o documento em tela chama a atenção para o fato de que há tentativas de volta a uma eclesiologia contrárias à renovação do Concílio Vaticano II, ³⁸ evidentemente buscando respostas na segurança do velho, no período pré-conciliar e que acaba por não contemplar esta temática.

- Também aponta para a passagem de uma pastoral de manutenção para uma pastoral decididamente missionária³⁹, evidentemente que para isso, confirmando a configuração eclesial

³⁰ DA, nº. 399

³¹ DA nº. 480

³² DA nº. 394

³³ DA nº. 474

³⁴ DA nº. 394

³⁵ DA nº. 395

³⁶ DA nº. 362

³⁷ DA nº. 12

³⁸ DA nº. 100b

³⁹ DA nº. 370

predominante que temos, levaria incondicionalmente à renovação da própria instituição, envolvendo reformas espirituais, pastorais e também institucionais⁴⁰, exigindo portanto a renovação da Paróquia para que se torne rede de comunidades e grupos⁴¹, portanto mais atenta a esta questão.

- Um aspecto fundamental ao qual a Igreja poderia dar uma grande contribuição, seria na linha da educação para a preservação do meio ambiente⁴². Este tema faria parte do conteúdo da catequese de 1ª Eucaristia como também da Crisma.

- Indispensáveis hoje são as parcerias. Nossas Paróquias e Áreas Pastorais poderiam absorver mais esta idéia, na medida em que, diante da complexidade da sociedade contemporânea, é impossível dominarmos todos os assuntos. As ONG's, Universidades e Grupos específicos, com as competências e conhecimentos adquiridos, serão, sem dúvidas de grande ajuda.

- Dar apoio às Pastorais Sociais. Elas estão fragilizadas por falta de apoio. Entretanto são sensíveis à temática.

- Criar um grupo nas Paróquias e Áreas Pastorais que se interesse pelo tema, que teriam como responsabilidade animar a temática nas respectivas bases.

- Fazer um levantamento dos problemas que a comunidade paroquial tem a respeito do assunto.

- No caso de Fortaleza, estabelecer diálogo com as Regionais e solicitar os projetos que as mesmas têm para serem implementados no Bairro onde está situada a Paróquia ou Área Pastoral.

- Para o caso das paróquias rurais, acompanhar através de um grupo específico o Legislativo local e aí descobrir quais os projetos em curso, e que possam se constituir em crimes ambientais, com o objetivo de resgatar a dimensão profética da Igreja.

O mais exigente e complexo diz respeito ao movimento contracultural de mudar o padrão de consumo que deve partir de cada um de nós. Quem está disposto a mudar o padrão de vida? Esta é uma proposta que encontramos na Carta Encíclica de João Paulo *Centesimus*

⁴⁰ DA nº. 367

⁴¹ DA nº. 173

⁴² CNBB, DGAE, 181k

Annus: mudar hábitos de vida, superando o consumismo que leva ao desgaste da natureza, e questionando a riqueza e o desperdício, tornando-se necessária uma grande obra educativa e cultural, que abranja a educação dos consumidores.⁴³

5. Conclusão

Ao final desta reflexão, cumpre da nossa parte, teólogos, filósofos, estudantes de Teologia e Filosofia de uma Instituição do renome do ITEP/ICRE e da ESPAC, ampliar e cultivar o nosso interesse pelo movimento ecológico, pelo cuidado com a natureza, porque “ou cuidamos do que restou da natureza e regeneramos o que temos devastado, ou, então, nosso tipo de sociedade terá seus dias contados”⁴⁴ e isto nos conduz em primeiríssimo lugar à sensibilidade, pois a questão hoje não é mais evitar o aquecimento, que é um dos problemas sérios que sofremos hoje e que se acentua, mas como agir de uma forma tal que ele não seja catastrófico e mais dramático do que se nos apresenta.

Devemos nos colocar diante do Deus da vida em atitude de quem pede perdão pelo pecado diante da natureza na perspectiva da conversão, de quem está disposto a mudar, de quem sai desta Semana Teológica aproveitando o período do Advento que se avizinha para se engajar e engrossar as fileiras daqueles que já fazem a sua parte na defesa da vida, da natureza depredada. Isto deve se dar sobretudo e também de forma eclesial.

**Prof. Ms. Pe. Antônio Almir Magalhães de Oliveira*
Presbítero da Arquidiocese de Fortaleza, Professor do ITEP e Mestre em
Missiologia / Universidade Gregoriana, Roma.

⁴³ João Paulo II, *Centesimus Annus*, nº. 36.

⁴⁴ Leonardo Boff, *Ética e espiritualidade planetárias*, in, *Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade...*, 180.



CONTROVÉRSIAS ENTRE AMBIENTALISTAS E TEÓLOGOS SOBRE O ANTROPOCENTRISMO

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira**

Resumo: Certos grupos de ambientalistas consideram que o Cristianismo não tem mais nada a acrescentar sobre a questão ambiental devido a sua visão antropocêntrica. Alguns teólogos absorveram esta idéia e tentam repropor uma nova consideração do Cristianismo a partir da superação da visão antropocêntrica. Colocamos em questão se a forma mais adequada de aproximação com a natureza seja a rejeição da visão do antropocentrismo ou de uma certa forma de compreensão do mesmo. A base da reflexão faz referência às indicações de Lynn White Junior, que responsabiliza a degradação ambiental à visão antropocêntrica do Cristianismo na Idade Média e à Revolução Industrial.

Palavras-chave: antropocentrismo; ambientalistas; teólogos; Cristianismo; panteísmo.

Abstract: Some groups of ecologists believe that the Christianity doesn't have anything to speak about environmental because have one conception anthropocentric. In this way, some theologues recommend a new consideration of Christianity to overcome the anthropocentrism. We put the question if the approach with the nature must be the refusal of anthropocentrism or of one specific form of understanding of the same. The base of our study does reference to the indications of Lynn White Junior that consider responsible of degradation environmental to the Christianity's conception anthropocentric of Mead Age and to the Revolution Industrial.

Keywords: anthropocentrism, ecologist; theology; Christianity; pantheism.

Introdução

Diversos são os problemas ambientais atuais. Dentre tantos, gostaríamos de citar um para pensar a centralidade ou não da pessoa humana. É o caso no Congo, África, onde uma família inteira de gorilas foi assassinada. As pessoas envolvidas no crime estão relacionadas com a destruição da floresta em volta, porque precisam de carvão. Como a floresta é protegida por causa dos gorilas, resolveram matá-los. O drama humano é grande, falta emprego e a situação de sobrevivência está relacionada com o carvão. Não se poderá resolver o problema dos gorilas

sem resolver o problema das pessoas em volta. O que é mais dramático: a situação das pessoas ou dos gorilas? Ou os dois? O registro da morte dos gorilas é um termômetro de um drama humano que vem se desenhando por trás.

Encontramos a mesma situação em relação aos desmatamentos. Pessoas sobrevivem com o desmatamento. Como fazer para sobreviver? Mantêm-se as árvores ou a vida das pessoas?

Os exemplos citados demonstram como a sobrevivência humana está sempre relacionada com a natureza. A situação se agrava, porque quanto maior a população, maior a degradação da natureza para manter a espécie humana.

Uns preferem ver apenas o problema do desenvolvimento do capitalismo sobre o impacto da indústria sobre o meio-ambiente. Mas existe a questão também da sobrevivência. Como fica o homem na sua relação com a natureza? Sendo o homem, também natureza, como fica sua relação com o resto do ambiente natural? O problema grave é a visão que temos do homem no mundo e como justificamos nossas intervenções no ambiente vital.

A solução tradicional estaria baseada numa perspectiva antropocêntrica que, resolvendo a questão dos seres humanos, a das outras espécies deixaria de lado. A resposta passa por uma correta visão que devemos ter da nossa relação com o ambiente em nossa volta. Exatamente diante de problemas como esse, a Teologia foi acusada de não ter mais como contribuir para as soluções, porque está marcada por uma visão tradicional do antropocentrismo.

O presente trabalho se propõe marcar as coordenadas da crítica dos ambientalistas em relação à Teologia e registrar como essas críticas encontraram espaço em diversos setores do conhecimento, inclusive a Teologia. Concomitantemente registramos posições diversas diante da crítica feita ao Cristianismo e à Teologia.

O problema

Em 1966, Lynn White Jr., através do seu artigo *The historical roots of our ecological crisis*,¹ marcou que as coordenadas da atual degradação

¹ Cfr. LYNN, WHITE T. JR. The historical roots of our ecological crisis. *Science*, v. 155, n. 3767, pp. 1203-1207, março 1967

ambiental eram apoiadas pela concepção de natureza da Teologia da Idade Média e pela revolução industrial.

Queremos nos deter em particular à crítica direta sobre a Teologia. A concepção da natureza diz respeito ao antropocentrismo que marca a Teologia, particularmente o texto da criação na tradição P, Gn 1,1-2,4^a, que possui a famosa orientação de *dominar* e *submeter*² a natureza.

Sua opinião, já que não é no Cristianismo que vamos encontrar uma nova maneira de nos relacionar com a natureza, situa o problema em uma matriz religiosa e é preciso encontrar a solução numa matriz religioso-herética. Entende que São Francisco, numa posição de choque com o pensamento medieval, colocou a natureza não numa perspectiva antropocêntrica, mas os elementos da natureza como irmãos e irmãs. Ao mesmo tempo indica que a proposta de Francisco fracassou, porque o que prevaleceu não foi sua proposta, mas a proposta arrogante da ortodoxia cristã sobre a natureza. Mesmo assim, indica São Francisco como padroeiro dos ecologistas, foi considerado patrono da Ecologia e dos Movimentos Ecologistas, em 29 de novembro de 1979, por João Paulo II.³

O trabalho de Lynn White Júnior, apesar de ser um texto de poucas páginas, tem uma densidade de conhecimentos de história, de ciências, de Filosofia, de Teologia, de ecologia, que coloca o desafio da ecologia como um conhecimento complexo transdisciplinar.

Assim como as críticas marxistas causaram tanto impacto sobre a maneira de se fazer Teologia, esta crítica de Jr. também promoveu efeitos de diversos níveis, a ponto de uns ambientalistas e teólogos absorverem tal posição como acertada e outros a rejeitarem.

Posição de ambientalistas

A indicação de Lynn White sobre procurar soluções heréticas para o problema não era de toda nova. E. Haeckel⁴ já havia dado essa

² Ver nosso artigo neste mesmo número sobre o estudo da palavra “domínio” no texto do Gn.

³ JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Incter Sanctos*. AAS, v. 71, pp. 1509-1510, 1979.

⁴ Ernest Haeckel foi quem teve diversos *insights* sobre a questão ambiental, dentro os quais cunhar o neologismo ecologia, em 1866. Na sua visão, a ecologia é o estudo da interdependência e da interação entre os organismos vivos (animais e plantas) e o seu meio ambiente (seres inorgânicos), constituindo um ramo da biologia. Estava influenciado pelas idéias de Darwin, pela segunda lei da termodinâmica, pela entropia, que as reservas da natureza não seriam para sempre. Hoje a ecologia não é mero ramo da biologia, mas uma área de conhecimento transdisciplinar. O problema ecológico seria estabelecido quando as

indicação de aproximação com religiões panteístas, particularmente as da tradição orientada, I como possibilidade de uma nova maneira de relacionamento com a natureza.⁵

Outro aspecto do movimento ecológico relacionado com a questão religiosa é indicado também por Lynn White. O movimento surgiu em lugares de hegemonia protestante, como a Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos, talvez até para contrabalançar a ação agressiva de seus antepassados⁶ sobre a natureza.

O movimento ecologista inicia então com suas preocupações com a ciência e com as aplicações econômicas da mesma. Com o prêmio Nobel de Física de 1921, Frederick Soddy indicou que a energia é importantíssima para todo processo de produção, e que toda energia vem da luz do Sol. As projeções alarmistas de Paul Ehrlich a respeito do impacto do crescimento populacional sobre o planeta não se averiguaram na década de 1960 e 1970, porém colocaram as questões do impacto demográfico sobre a ecologia.

O movimento tem tendências tanto de direita como de esquerda, mas em geral tende para uma visão de esquerda, onde a agenda não está reduzida apenas às questões ambientais. A reflexão marxiana, de que o avanço do capitalismo implica na destruição da natureza, tem suas influências sobre o movimento que se alia também às políticas progressivas. Pode ser rejeitado tanto pela direita como pela esquerda. Pela direita, quando o movimento é contrário às instituições sociais. Pela esquerda, quando consideradas as propostas ecológicas como propostas falidas.

Outros preferem ver diante do desafio ecológico que a polêmica não é mais nem de direita nem de esquerda, porque o problema ambiental superaria este tipo de paradigma.

A Ecologia diz respeito também à interconexão da natureza com as gerações anteriores, impregnadas no inconsciente coletivo. Marcada também por uma convicção de que a sociedade patriarcal suplantou a

diversas mudanças do sistema interferem na sobrevivência de espécies. Terence KENNEDY. "Veni, Creator Spiritus": the conservation of the created cosmos. **Studia Moralia**, Roma, v. XXXVI, n.2, pp. 421-439, aqui 422, march 1998.

⁵ Cfr. ANNA BRAMWELL. *Ecology in the Twentieth Century*. New Haven: Yale University Press, 1989; WOLFGANG R. KRABBE. *Gesellschaftsveränderung durch Lebensreform*. Göttingen: Verden Hoeck Ruprecht, 1974; TERENCE KENNEDY. *op. cit.*, 422.

⁶ *Ibidem*, 427.

visão feminina de inserção na natureza, indica que é preciso resgatar o elemento feminino no trato com a natureza, elemento que estaria em torno do agir como “cuidado”.

Mas os tempos nos quais os grupos ecológicos se sentiam à vontade para criticar a religião, a ciência e a filosofia passaram. Hoje já existem críticas que retornam para os ambientalistas, dentre as quais as de Brawell, que não hesita em considerar a ecologia como ideologia. Segundo o mesmo, isto ocorre quando o movimento toma como a filosofia de Heidegger,⁷ que considera que os latinos não compreenderam a visão dos gregos sobre a natureza. Ideologia expressa em outros temas como: *a concepção cristã justifica a exploração da natureza*; a ciência baseada na tecnologia implica na destruição do ambiente; a suplantação da visão feminina sobre a natureza pela visão patriarcal. Recorrendo a Heidegger, Bramwell considera que Deus não é o Pastor, mas é a humanidade que deve se transformar no pastor do planeta e aceitar sua condição como parte do mundo, evitando posturas fechadas na tecnologia, no domínio e na exploração.⁸ Por isso, Heidegger é considerado o “metafísico da ecologia”.⁹

A Ecologia também se transformou em uma fonte de crítica social e de crítica do pensamento filosófico, porém os problemas ecológicos não podem ser resolvidos com teorias abstratas, mas que precisam ter impactos na nossa relação com o ambiente.¹⁰

Na contramão do antropocentrismo

No trabalho de Garay e Becker (ambientalistas) a noção de Lynn White é retomada de forma explícita. Partem do raciocínio de que o meio ambiente é fortemente marcado pela cultura, que depende das crenças, idéias, experiências, tradições culturais e contextos socioeconômicos. São de opinião que a identificação da natureza como uma entidade constituída de recursos oferecidos por Deus para ser explorados pelo

⁷ Heidegger pensa o Espírito como a origem de todo movimento, como uma chama ou fogo, traz não somente a força criativa e genuinamente humana, mas também desilusão e destruição. Neste sentido, tudo que podemos pensar no movimento ecológico estaria relacionado com o Espírito. Sobre o assunto: Jacques DERRIDA. *Of Spirit. Heidegger and the question*. Chicago - London: University of Chicago Press, 1989, cit. em: TERENCE KENNEDY. *op. cit.*, 433.

⁸ Cf. ANNA BRAMWELL. *Ecology in the Twentieth Century*. New Have: Yale University Press, 1989, cit. em: TERENCE KENNEDY. *op. cit.*, 427.

⁹ Cf. *Ibidem.*, 427.

¹⁰ Cf. *Ibidem.*, 430.

homem encontra-se enraizada no pensamento Ocidental, provinda do texto bíblico.¹¹

Numa linha mais radical contra a tradição antropocêntrica tradicional, temos Klaus Michael Meyer-Abich que coloca a natureza (*physis*) no centro, na qual o homem é posto ao lado de todos os outros seres do mundo.¹² Esta apreciação pode ser chamada de “fisiocentrismo” ou também “holismo”.¹³ Inspirou diversos autores da teologia protestante alemã, que publicaram um “manifesto pela reconciliação com a natureza”.¹⁴

No fisiocentrismo, a natureza é compreendida como *natura naturans*,¹⁵ que é um *a priori* ontológico e é base de todos os seres. Desta

¹¹ Irene GARAY – Bertha K. BECKER. *Dimensões Humanas da Biodiversidade*. Petrópolis: Vozes, 2006, 64.

¹² Cf. K. M. MEYER-ABICH. *Wege zum Frieden mit der Natur. Praktische Naturphilosophie für die Umweltpolitik*. München-Wien, 1984; *Idem*. *Augstand für dir Natur. Von der Umwelt zur Mitwelt*, München-Wien, 1990, cit. em: K. GOLSER. *Fondazione dell’etica dell’ambiente. Medicina e Morale*, v. LV, n. 1, pp. 179-200, aqui 182, 2005.

¹³ A indicação de fisiocentrismo talvez fosse mais adequada, porque a consideração holística tem apresentações diferentes. Edgar Morin critica o reducionismo de estudos relacionados com a *physis*, inclusive no holismo (cf. *O Método 1. A natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2005, 122-194). Afirma: “A teoria dos sistemas reagiu ao reducionismo, no e pelo ‘holismo’ ou ‘idéia do todo’. Mas acreditando ultrapassar o reducionismo, o ‘holismo’ de fato operou uma redução ao todo: de onde vem não apenas a sua cegueira sobre as partes enquanto partes, mas sua miopia sobre a organização enquanto organização, sua ignorância da complexidade no interior da unidade global.” (*Ibidem*, 157). Leonardo Boff segue uma visão de ecologia holística cosmo-terra-centrada, e talvez, diante das críticas de Morin, tenta superar esta crítica propondo que as relações entre as partes com o todo e do todo com as partes sejam reflexo da *pericorisi* trinitaria (cf. *Civilização Planetária. Desafios à sociedade e ao cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, 55).

¹⁴ Cf. G. ALTNER – G. LIECKE – K. M. MEYER-ABICH – ET AL. *Manifest zur Versöhnung mit der Natur. Die Pflichten der Kirchen in der Umweltkrise*, 2. :Aufl. Neukirchen-Vluyn, 1984; W. LOCHBÜHLER. *Christliche Umweltethik*. Frankfurt: Peter Lang, 1966, 245-256, cit. em: K. GOLSER. *op. cit.*, 189.

¹⁵ *Natura naturans* e *natura naturata* foram termos utilizados por Spinoza. Mas com raízes no pensamento aristotélico, Averrois vai distinguir entre *natura naturans* como causa primeira e, *natura naturata* como primeiro causado. *Natura naturata* seria o mundo produzido e, especialmente obra relacionada com a produção. Foram termos muito utilizados pela Escolástica. A diferença foi entendida por um lado, como Deus formador de todas as coisas naturais ou como lei do conjunto destas coisas ou ser total e unitário diante do criado, e do outro lado, do criado que encontra a sua unidade em Deus. Spinoza entende por *natura naturans* a Substância infinita, o Deus sive *natura*, como princípio criador ou unidade vivificadora da *natura naturata*, daquilo que se encontra em Deus, mas enquanto conjunto dos modos da Substância. Toda *natura naturata* se acha assim, segundo Spinoza, no seio da *natura naturans*, aquilo que é em si e por si é concebido, isto é, os atributos da substância que expressam uma essência eterna e infinita, isto quer dizer, Deus enquanto

forma, os seres humanos não podem viver se não for em comunhão natural com todos os animais e as plantas. Meyer-Abich propõe introduzir na ordem jurídica a natureza como sujeito próprio de direito. Toda intervenção do homem na natureza tem necessidade de uma justificação, porque todo ser da natureza tem o mesmo direito de existência.

O fisiocentrismo possui a face de um biocentrismo radical, conforme a proposta de Albert Schweitzer (1875-1965). Segundo o mesmo, o princípio fundamental é o absoluto respeito por toda forma de vida. “Eu sou a vida que deseja viver ao lado de qualquer outra forma de vida que deseja simplesmente viver”.

Um holismo mais brando encontramos no princípio da responsabilidade, segundo Hans Jonas.¹⁶ Responsabilidade implica também na conservação de todas as espécies, falando de uma teleologia imanente da natureza.

Outra forma de reação ao antropocentrismo tradicional é a proposta do australiano, Peter Singer, o *patocentrismo*, na qual o elemento decisivo é a capacidade de sentir dor. Seu livro *Libertação Animal* (publicado originalmente em 1975) foi de uma importante influência formativa no moderno movimento de direitos dos animais. Nesta obra ele argumenta contra o “especismo”: a discriminação contra certos seres baseada apenas no fato de estes pertencerem a uma dada espécie (quase sempre não-humana). Esta indicação de Singer encontrou diversos desdobramentos, um deles situa o ser humano como mais uma dentre tantas outras espécies animais. Considera o elemento “dor” como chave para marcar prioridades. Assim, um animal que sente dor pode ser mais importante que uma pessoa que esteja em coma.¹⁷

Saindo agora do campo dos filósofos e aproximando-nos dos teólogos, podemos ter, como exemplos, dois grandes pensadores de influência no mundo atual: Leonardo Boff e Eugen Drewermann.

considerado causa livre. (J. F. MOTA. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fonte, 2001, 2044-2045). Santo Tomás de Aquino expressa Deus como natura naturans, isto é, a natureza suprema, que dá a cada um sua natureza constitutiva e o desenvolvimento desta. (cf. Marie-Joseph NICOLAS. *Vocabulário da Suma Teológica*. em: SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2001, v. I, 89). Sobre assunto: MERLEAU-PONTY, M. *La Nature*. Paris: Seuil, 1995.

¹⁶ HANS JONAS. *Il principio responsabilità*. Torino: Einaudi, 2002, 12-13.

¹⁷ K. GOLSER. *op. cit.*, 191-192.

É certo que Leonardo Boff emigrou da Teologia para uma área mais ética, mas seu pensamento pode ser localizado em uma área pluridisciplinar. Abraçou as questões ecológicas inserindo-as nos problemas do Grande Sul, tendo grande influência entre os ambientalistas. Segue a linha de Lynn White ao afirmar:

Vivemos numa comunidade de destino; o destino da espécie humana está associado indissolúvelmente ao destino do planeta e do cosmos. Qualquer antropocentrismo está fora do lugar. Na verdade, nós somos cosmos-e-Terra-centrados. Precisamos nos situar no conjunto do sistema da vida e não simplesmente no concerto dos povos, das raças e das nações. Somos criaturas terrenais, expressão da parte consciente do planeta Terra, que devem conviver democraticamente com outros seres e repartir com equidade os meios de vida com eles¹⁸.

Leonardo Boff situa o referencial da ecologia como um dos elementos na construção de uma nova sociedade, que seria uma democracia ecológico-social-planetária. Na sua indicação, os critérios orientadores superariam o capitalismo e o socialismo, embora certas categorias marxistas permanecessem: participação; igualdade social; diferença; solidariedade; comunhão. Acentua o elemento feminino de ternura, gratuidade, compaixão, veneração pelas coisas, atenção aos fracos, numa perspectiva de uma aliança com a natureza¹⁹.

Eugen Drewermann concorda que a visão antropocêntrica do Cristianismo favoreceu a destruição do meio-ambiente como temos atualmente. Sua indicação é o resgate das culturas primitivas com a natureza, como aquelas presentes nas Américas²⁰.

Na mão do antropocentrismo

Na solução de K. Golser, o antropocentrismo tem sua validade, já que o próprio Cristo se encarnou, mas não é um mero antropocentrismo, mas teocentrismo, no qual o Cristo é a meta de todo o criado. Concebe também que precisaria de uma melhor explicação dos textos sagrados e uma visão mais clara da teologia da criação. Deste modo, segue o pensamento de um antropocentrismo relativo e critica as posições relacionadas ao fisiocentrismo. Particularmente é de opinião que o biocentrismo radical é um caso clássico de falência naturalística, porque

¹⁸ LEONARDO BOFF. *op. cit.*, 55.

¹⁹ AA.VV. *Éticas da mundialidade*. São Paulo: Paulinas, 2000, 104.

²⁰ Cf. EUGEN DREWERMANN. *Der tödliche Fortschritt*. Regensburg: Pustet, 1981, cit. em: K. GOLSER. *op. cit.*, 182.

não é possível chegar a um metro normativo capaz de reconciliar os interesses dos diferentes seres²¹.

Apesar de Golser afirmar que não existe um metro sequer que possa ser comum sobre os interesses das diferentes espécies na sobrevivência, podemos considerar como indicação de um limite à sobrevivência das outras espécies. As espécies precisam ser respeitadas, mas não podemos colocar no mesmo patamar a importância das diferentes espécies com a vida humana. Basta considerar aqui a questão dos vírus. Exemplos sobre insetos também são muito citados, como importantes para o equilíbrio do ecossistema, mas também a perturbação ecológica pode-se dar não só pela extinção de espécies, como também pelo acréscimo descontrolado de certas espécies, colocando em questão a vida humana.

O antropocentrismo se mantém nos estudos de Haring e Peschke. Bernhard Häring, em *Livre e fiéis em Cristo*, descreve o homem como o sacerdote da criação que consagra o mundo natural ao seu Senhor e Criador. Possui um capítulo dedicado à questão ecológica. (1953-1978). Karl Peschke trabalha a ecologia dentro da virtude de reverência, diz que Deus criou o mundo no seu Espírito Santo para manifestar a sua glória.²²

Bernhard Irrgang não só segue uma visão antropocêntrica, mas coloca-se contrário a visão de Lynn White. A teologia moral clássica concentrou-se apenas nos deveres do homem em relação a Deus, para consigo mesmo e para com o próximo, omitindo a responsabilidade para com o meio-ambiente, porque a questão ecológica não era colocada ainda. Neste sentido, a teologia moral atual professa um antropocentrismo parcial ou relacional.

O antropocentrismo como forma de *ethos* implica que a pessoa no seu agir moral é sempre relacionada consigo mesma, deve empenhar-se para ter posições justas, as virtudes necessárias e também as normas justas para com as quais pode ter referências. O *ethos* antropocêntrico significa também que o homem é responsável diante de Deus por si, pelos outros seres humanos e por todo o criado. Exprime o fato metaético que sempre pressupõe o homem como sujeito moral, seja para conceber a revelação (o homem capaz de ser interpelado e de dar uma resposta ao chamado de Deus), seja por fundar a ética e um agir responsável.

²¹ *Ibidem*, 190.

²² T. KENNEDY. *op. cit.*, 434.

A solicitação de abandonar a perspectiva antropocêntrica para se conseguir um maior respeito para com a natureza é inconsistente sob a ótica metaética, segundo Irrgang. A motivação que levou a degradação da natureza é também um interesse contra o próprio homem, é um raciocínio utilitarista. Sob o aspecto teológico, este raciocínio desconsidera que a terra e todos os seres têm sua própria dignidade, porque também com eles Deus instaurou uma relação com a mesma criação: “E Deus viu que era bom”.

Irrgang indica princípios que devem ser levados em conta na sociedade diante das questões ambientais, tanto em casos gerais como em particulares. O Princípio geral seria:

Qualquer intervenção sobre o mundo tem necessidade de uma legitimação, porque a terra e todas as criaturas, enquanto criaturas de Deus, gozam de um certo direito segundo o valor existencial que corresponde a cada uma delas;

O homem pode dispor das criaturas, não de maneira ilimitada, mas enquanto serve aos seus legítimos interesses e ao interesse de todos (das gerações futuras e de todo o *oikos*)

Os critérios para situações de conflitos seriam:

1. Critério da sustentabilidade: os recursos naturais só podem ser utilizados na medida que possam ser colocados também à disposição das gerações futuras;
2. O critério da fundação – a realidade que constitui o fundamento do outro é para ser protegida.
3. O critério de urgência – a situação dos pobres e das futuras gerações;
4. O critério de integração – especial atenção para decisões que envolvam a integração de um sistema maior; a ecologia deve ter proeminência sobre a economia;
5. O critério da reversibilidade – em caso de danos, aqueles que sejam reversíveis devem ter preferência.
6. O critério da reciclagem
7. O critério da regeneração – prioridades para energias renováveis;
8. O critério da parcimônia – economia da energia;
9. O critério do sofrimento – devem-se evitar sofrimentos desnecessários aos animais;
10. O critério da conservação da espécie.²³

²³ K. GOLSER. *op. cit.*, 193-198.

Na vertente de John Passmore apresentada na sua obra *Man's Responsibility for Nature*, de 1974, os humanos são responsáveis para com a natureza, porque suas ações interferem na biosfera. A espécie humana é parte da natureza, mas não responsável pela existência da biosfera. A responsabilidade orienta a moral e é uma noção não encontrada fora da espécie humana. Ele conclui que precisamos mudar nossos comportamentos para não vivermos como predadores da biosfera. Nosso sentido de alarme para com a crise ecológica orienta-nos não para abandonar a tradição ocidental, mas reexaminar a tradição para encontrar fontes morais para soluções humanas genuínas. Segundo o mesmo, é preciso sair da arrogância cristã para com a natureza e acredita que a ecologia é a moral que irá resolver as questões através das fontes da tradição ocidental.²⁴

Alternativa ao antropocentrismo

Já Jürgen Moltmann propõe uma teologia que não tenha um traço dominante do antropocentrismo, baseado na Encarnação do Cristo. A solução que vai indicar está relacionada com a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo. Rejeita a visão da doutrina do Concílio de Calcedônia (451, duas naturezas divinas, segunda pessoa da Trindade), quer dar espaço para a visão do Espírito Santo (pneumatológica), que foi deixada de lado na tradição cristológica. Ele considera o Espírito como a capacidade para desenvolver muito mais a complexidade presente na evolução e na ecologia. Ele percebe Deus no imanentismo ou no pan-em-teísmo (Deus na criação) como elementos teológicos e o espírito como força libertadora de Deus na criação. Passando da ênfase da Segunda Pessoa, ele elabora a teologia do Espírito e vê a criação como casa de Deus. Sua preferida afirmação é a transformação da criação, onde Deus será tudo em todos. Moltmann tem suas raízes em Yves Congar, no seu trabalho sobre a Palavra e o Espírito.²⁵

Pannenberg continua a intuição, afirmando que o Espírito não atua somente na redenção do Cristo, mas também na criação, no que diz respeito a sua animação e força de movimento.²⁶

²⁴ T. KENNEDY. *op. cit.*, 428-429.

²⁵ *Ibidem*, 435-436.

²⁶ *Ibidem*.

Conclusão

O nosso objetivo não é tanto de dar solução para as controvérsias, mas fazer emergir a tensão existente e colocar-nos diante da busca de soluções mais adequadas ao problema do antropocentrismo e da Teologia. Com certeza a Teologia tem muito a nos dizer sobre a relação da pessoa humana com o conjunto do mundo criado.

Voltando ao problema dos gorilas, consideramos que só será resolvido quando forem solucionados os problemas em volta. Aqui precisamos tanto pensar o problema dos gorilas, como dos seres humanos. Talvez a situação dos gorilas, o problema ambiental, seja um termômetro da gravidade do problema humano em volta.

As propostas de valorização da Pneumatologia ajudam a fazer emergir novas possibilidades que não eram apresentadas na visão de valorização do antropocentrismo, por causa da Encarnação. A Cristologia e a Pneumatologia devem ser levadas em consideração para uma relação sadia com o meio-ambiente.

A figura de São Francisco fica realmente como um referencial diante do problema, a atitude de humildade e respeito para com a natureza e de considerar os outros seres animados e inanimados como nossos irmãos e irmãs de caminhada, que precisam não só da nossa veneração, mas de nosso cuidado e atenção.

Bibliografia

- BOFF, Leonardo. *Nova era: a civilização planetária*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BRAMWELL, Anna. *Ecology in the Twentieth Century*. New Haven: Yale University Press, 1989.
- DREWERMANN, Eugen. *Der tödliche Fortschritt*. Regensburg: Pustet, 1981.
- GARAY, Irene – BECKER, Bertha K. *Dimensões Humanas da Biodiversidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- GOLSER, K. *Fondazione dell'etica dell'ambiente*. *Medicina e Morale*, Roma, anno LV, n.1, p. 179-200, Gennaio/Febrario 2005.
- JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Incter Sanctos*, AAS, v. 71, pp. 1509-1510, 1979.
- KRABBE, Wolfgang R. *Gesellschaftsveränderung durch Lebensreform*. Göttingen: Verden Hoeck Ruprecht, 1974.
- LYNN, White Jr. *The historical roots of our ecological crisis*. Em: *Science*, v. 3767, n. 155, pp. 1203-1207, 1967.
- PASSMORE, John. *Man's Responsibility for Nature*. London: Duckworth, 1974.
- KENNEDY, Terence. *"Veni, Creator Spiritus": the conservation of the created cosmos*. *Studia Moralia*, Roma, v. XXXVI, n. 2, pp. 421-439, 1998.

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira
Doutor em Teologia pela Academia Alfonsiana/Roma,
Professor do ITEP.

A PALAVRA “DOMÍNIO” NO TEXTO SACERDOTAL DA CRIAÇÃO

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira**

Resumo: O texto sacerdotal da criação, Gn 1,2-4^a, contém um dos pontos centrais da indicação de um antropocentrismo responsável pela degradação ambiental, com a utilização da palavra “domínio”. Apresentamos estudos de especialistas sobre o texto (Von Rad, Martin Noth, Lohfink, Fung, Briend, Caetano) e colocamos em questão se a crítica ao mesmo é pertinente ou não.

Palavras-chave: sacerdotal; domínio; submeter; escravidão; Criação.

Abstract: The priestly text of Creation, Gn 1,2-4^a, has one of the central points of indication of one anthropocentrism responsible for degradation environmental, with its use of the word “domination”. We show specialist’s researchs about this text (Von Rad, Martin Noth, Lohfink, Fung, Briend, Caetano) and put the question if the critical is validity or not.

Keywords: Priest; domination; submit; Slavery; Creation.

Introdução

A crítica ao cristianismo diante do problema ecológico está relacionada à compreensão do texto do Hino da Criação, particularmente da palavra “domínio”, no Gn 1,28.¹ A palavra pode implicar numa visão antropocêntrica, interpretada posteriormente como possibilidade de abuso da utilização dos recursos naturais. Analisemos se a crítica é contundente ou não. Para isso, seguimos o caminho de análise do tripé: estudo do texto; contexto vital; hermenêutica. Dentro do estudo fazemos emergir algumas questões sobre a relação da teologia da criação com a teologia da libertação.

¹ Temos no início do Gênesis duas narrativas da criação: o texto do código sacerdotal (P, do alemão ‘Priesterkodex’) – Gn 1-2,4^a; e o texto javista – Gn 2,4b-25. O último, mais antigo, foi escrito pelo período do reinado de Salomão, enquanto o texto sacerdotal já é do período do exílio. Sobre uma análise mais detalhada do texto sacerdotal, ver: Caetano Minette de TILLESSE. Hino da criação. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 7-39, 1984.

Crítica textual - A palavra “submeter”

A palavra “submeter” o mundo, no hebraico “kabash”, vem interpretada no sentido etimológico, como “por o pé sobre qualquer coisa”, em referência ao inimigo significa dominar com força.²

Em relação a terra poderia significar “entrar nessa”, a terra viria a ser um local onde se poderia habitar e utilizar para o pastoreio.³

Segundo Martin Noth e a maior parte dos exegetas atuais, com a morte de Moisés encerra-se a tradição sacerdotal. É possível pensar que depois da conclusão pode ter resistido em uma série de fragmentos (Js 4,19; 5,10-12; 14,1s; 18,1; 19,51). Dentre os textos o que mais chama atenção é Jos 18,1c: “A terra toda estava submissa diante deles”. É como se fosse aqui a conclusão do texto sacerdotal. É o mesmo verbo submeter – “kabash” do texto do Hino da Criação. Esta palavra, depois do Hino da Criação, não é mais utilizada, a não ser neste texto de Josué. A submissão não era para toda a humanidade, mas para Israel.⁴ Ao mesmo tempo que no texto de Josué indica uma submissão como fruto de guerras, a tradição sacerdotal parece ter algo em peculiar sobre o assunto. A história sacerdotal vem de uma concepção social baseada em que a guerra podia ser banida da vida humana. Neste sentido, Lohfink segue um pensamento que o sacerdotal faria referência a conquista, porém omitindo todas as ações militares. Poderíamos pensar aqui em uma possibilidade de submissão que não fosse mesmo num vetor de pura violência.⁵

Encontramos a palavra também em :

Nm 32,22: “... quando a terra estiver submetida a lahweh ...” (segundo J. Briend, este texto é da tradição eloísta).⁶

2Sm 8,11: “o rei Davi os consagrou também a lahweh, com a prata e o ouro provenientes de todas as nações que tinha subjugado ...”

Jr 34,11: “Depois disso, porém, voltaram atrás e retomaram os escravos e escravas que tinham libertado, e os reduziram novamente a escravos e escravas.”

² K. GOLSER. Fondazione dell'etica dell'ambiente. **Medicina e Morale**, Fortaleza, v. 1, n.1, p. 179-200, aqui 185, gennaio/febbraio 2005.

³ *Idem*.

⁴ Esta opinião de Norbert LOHFINK. *Il Dio della Bibbia e la Violenza*. Brescia: Morcelliana, 1985 difere de K. GOLSER. *op. cit.*, 185, que considera que os textos do Gn 1-3 são considerações válidas não só para Israel, mas para toda a humanidade.

⁵ N. LOHFINK. *op. cit.*, 100.

⁶ J. BRIEND. *Uma leitura do Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 1980, 50.

Zc 9,15a: “Iahweh dos Exércitos os protegerá, eles o devorarão e calçarão aos pés de pedra de arremessar ...”

Os textos indicam o uso de “submeter” sempre em uma relação de domínio sobre outro povo, e mesmo a terra aqui significa dominar os outros povos, suas terras. A conotação da palavra não tem tanto a dimensão positiva.

A palavra “dominar”

A palavra “dominar” está expressa no texto hebraico como “radu”.

Clauss Westermann apresenta o significado do verbo como “usado particularmente para o papel do rei”.⁷ Neste sentido não se teria uma perspectiva de exploração da natureza, porque o rei tem a responsabilidade de promover a prosperidade do seu reino. O homem é o rei da criação, vigário, representante e imagem de Deus na terra.⁸

Vejamos a palavra dentro de outros textos bíblicos:

1Rs 5,4 – “Salomão estendeu os seus domínios sobre todos os reinos.”

Lv 25,43 – “Não o dominarás com tirania, mas terás o temor de teu Deus.”

1Rs 5,4a – “Pois ele dominava sobre toda a região da Transeufratênia ...”

Ez 34,4 – “antes dominais sobre elas com dureza e violência.”

Is 14,2b – A casa de Israel os submeterá na terra de Yahweh, fazendo deles servos e servas.”

Is 41,2b – “a quem entrega as nações e sujeita os reis?”

Ezequiel 29,15b – “eu o reduzirei a um pequeno número, para que não volte a dominar sobre outras nações”.

Os textos indicam que “radu” pode significar, conforme os contextos: conquistar e fazer escravos; dominar sobre outros reis, sobre regiões; pisar pesadamente, esmagar. A palavra “dominar” tem conotações negativas, mas ao mesmo tempo encontramos as indicações que o domínio pode ser exercido sem tirania e com o temor de Deus. Domínio não seria assim sempre de uma forma negativa, de poder

⁷ Claus WESTERMANN. *Genesis*. Eerdmans: Grand Rapids 1987,11, cit. em: Terence KENNEDY. “Veni, Creator Spiritus”: the conservation of the created cosmos. *Studia Moralia*, Roma, v. XXXVI, n.2, pp. 421-439, aqui 437, march 1998.

⁸ Terence KENNEDY. *op. cit.*, 437; Caetano Minette de TILESSE. *op. cit.*, 37.

abusar dos recursos naturais, mas também de forma positiva: cuidar da terra em que entramos.

O significado depende dos diferentes contextos: conquista, papel do rei, relação dos sacerdotes com o povo e de Deus com o povo.⁹

No conjunto do Hino da Criação, vemos que o texto fundamenta a importância do sábado: o repouso hebdomadário; o ano sabático; e o ano do jubileu (Lv 25,10; Lc 4,19).¹⁰ Dentro da tradição do ano do jubileu, vemos explícita atenção para com a terra. Ela merece também repouso na sua produção e não pode, assim, ser vista apenas como um local de produção. O repouso da terra transcende às questões que hoje poderíamos considerar dentro do circuito ecológico.

Sitz im leben

Os textos da tradição P são considerados os mais característicos e autoconscientes dentre os da hipótese literária. É uma coleção de tradições judaicas e jerusalimitas, marcada pela hegemonia político-religiosa dada a Jerusalém.¹¹

O exame do texto de Gn 1,28 contém o cerne da tradição sacerdotal. Tem suas raízes ao redor do ano 1.000 a.C., embora tenha sido escrito pelo período do exílio.¹² Deus reivindica a soberania sobre toda a criação, que ele retira do caos. Os verbos utilizados expressam uma refutação da situação vivenciada no exílio:

- reproduzi-vos	Ser estéril
- multiplicai-vos	Não ter herdeiro
- povoai a terra	Ser desapossado
- submetei	Ser escravizado
- dominai	Ser dominado

Marcados pelo exílio, os redatores de P promovem uma utopia, lançando no passado algo que querem viver no amanhã. Será que na utopia de P deixará de haver escravos, dominados? O fato de indicar o sábado – שבת como momento de repouso, há um indicativo de que não

⁹ Jojo M. FUNG. *Dominion of co-creators*. em: *East Asian Pastoral Review*, vol 37, n. 4, 2000. Disponível em: <http://eapi.admu.edu.ph/eapr00/jojo.htm>.

¹⁰ C. M. TILESSE, *op. cit.*, 13; JOÃO PAULO II. *Tertio Millennio Adveniente* (10.11.1994): AAS 87 (1995) 5-41.

¹¹ G. VON RAD. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Aste, 1973, 95-99.

¹² Cf. C. M. TILESSE. *op. cit.*, 18.

existia o desejo de legitimar a corveia; a pessoa assim não seria só para produzir, mas teria tempo para o repouso e suas implicações.¹³

O texto apresenta uma visão antropológica, não pretende tanto explicar como apareceu o universo, mas situar o local do homem no cosmos. Tudo foi criado num plano de amor, convergindo para o homem e para a mulher.

A antropologia babilônica explicita, em *Enuma Elish* ("Quando no princípio", 2.600 a.C.), que o homem vivia para pagar o pecado dos deuses. As enchentes do Tigre e Eufrates eram como grandes castigos que os "cabeças pretas" estavam destinados a pagar no lugar dos deuses vencidos. A vida era fruto do acaso e era uma desgraça. Ao contrário da visão do Hino da Criação, em que o homem e a mulher não são frutos do acaso, mas ocupam um lugar especial na criação.

Hermenêutica

Segundo Antônio Moser, o problema em relação à palavra "domínio" está não necessariamente na questão da linguagem, mas no tipo de mentalidade da dominação existente do modo de produção. "Os problemas de linguagem são facilmente contornados através de uma adequada exegese".¹⁴ Pensamos que uma adequada exegese não resolve o assunto, porque a exegese indica que a palavra tem raízes para uma postura agressiva para com a natureza.

Leonardo Boff tornou-se um estudioso da ecologia. Na sua obra *Ecologia, Mundialização e Espiritualidade* dedica-se à compreensão e implicação dos textos da criação na Bíblia. Considera que uma coisa é o sentido na Bíblia, outra é a interpretação dados em outros contextos culturais. As palavras "submetei" e "dominai" não devem ser consideradas num sentido despótico, mas considerando o ser humano também criador. O sentido seria mais esclarecido com o texto javista da criação, no qual Deus é apresentado como jardineiro e o homem é para cultivar e guardar o jardim. (Gn 2,8.15).¹⁵ Em outro momento, sem analisar as suas bases filosóficas e teológicas, coloca de forma categórica: "Qualquer antropocentrismo está fora de lugar", "somos cosmos-e-Terra-centrados".¹⁶

¹³ J. BRIEND. *op. cit.*, 78.

¹⁴ Antônio MOSER. *Biotecnologia e Bioética. Para onde vamos?* Petrópolis: Vozes, 2004, 268.

¹⁵ Cf. Leonardo BOFF. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993, 46-47.

¹⁶ *Idem*. *Civilização Planetária – desafios à sociedade e ao cristianismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 55.

A hermenêutica das palavras na modernidade foi marcada pela visão de Descartes e Bacon, sendo o homem um dominador e escravizador das forças da natureza para o benefício individual e social. Podemos somar a estes um outro: Locke. Na sua obra *Segundo Tratado do Governo Civil*, a propriedade está relacionada com a ação sobre a natureza. Os industriais e racionais “podem apropriar-se e consumir a natureza. (É para isso, literalmente, que serve a natureza). Mas não têm nenhum direito a desperdiçar qualquer parte dela. ‘Nada foi feito por Deus para que o Homem desperdice ou destrua’ (II 31).”¹⁷ “As ciências modernas lêem a natureza como interesses antropocêntricos (...) Os símbolos reais da natureza, antes chamados de *signatura rerum*, hoje entendidos e elaborados como informações, são interpretados antropocentricamente.”¹⁸

Jojo M. Fung prefere o que chama uma hermenêutica androcêntrica livre, e propõe uma possível metáfora para que “kabash” e “radu” sejam convenientes ao contexto atual. O domínio estaria em referência ao domínio de Deus sobre a criação, que não pode ser uma dominação de injusta exploração da terra e de suas fontes, mas que leve em consideração a sustentabilidade da terra e as futuras gerações. O contexto do Hino da Criação era diferente, mas a proposta bíblica continua no atual contexto de crise ecológica.¹⁹

Segundo João Paulo II: “O domínio conferido ao homem pelo Criador não é um poder absoluto, nem se pode falar de liberdade de “usar e abusar”, ou de dispor das coisas como melhor agrade. A limitação imposta pelo mesmo Criador, desde o princípio, e expressa simbolicamente com a proibição de “comer o fruto da árvore” (Gn2,16-17), mostra com suficiente clareza que, nas relações com a natureza visível, nós estamos submetidos a leis, não só biológicas, mas também morais, que não podem impunemente ser transgredidas.”²⁰ (SRS 34). Na opinião de Moser, também a criação de Deus não pode ser explorada de qualquer modo, porque existem limites que foram estabelecidos pelo Criador.²¹

¹⁷ John DUNN. *Locke*. São Paulo: Loyola, 2003

¹⁸ Jürgen MOLTMANN. Ressurreição da natureza. Um capítulo da cristologia cósmica. **Concilium**, Petrópolis, v. 318, n. 5, 676-684, aqui 682, 2005.

¹⁹ Jojo M. FUNG. *op. cit.*

²⁰ JOÃO PAULO II. Carta Enc. *Sollicitudo Rei Socialis* (30.12.1987), AAS 80 (1988) 513-586, aqui 34.

²¹ MOSER. *op. cit.*, 269.

Fica difícil, apesar das indicações ao contrário, o uso da palavra “domínio”, particularmente num contexto de América Latina, a qual passou por um processo colonial que explorou, dominou e sujeitou índios e negros, submetendo-os aos interesses econômicos.²²

A teologia da criação como fundamento de uma ética do ambiente

Podemos perceber a importância da teologia da criação, da qual faz parte o texto sacerdotal ao lado do javista. Percebemos que a teologia da libertação tem na história²³ um elemento de destaque, como um passo a mais na compreensão da manifestação divina, encontrada anteriormente apenas nas indicações da natureza. A relação do divino, como forma panenteísta, poderia ser considerada apenas um primeiro momento rudimentar de expressão religiosa, mas os fatos hoje indicam como essa visão não era necessariamente rudimentar, mas a cosmovisão que deveria ser como uma base para a própria história da libertação. Se a libertação é um grande *insight* do humano, essa mesma precisaria de um espaço para acontecer, de um palco para se realizar. E sem este espaço, a libertação não tem onde sustentar-se. Para viabilizar a libertação, identificamos que muitas destas lutas estão relacionadas com as fontes da natureza, quer de energia ou outras quaisquer.

A teologia da libertação, por parte de alguns setores, considera quase como um perigo um olhar sobre a questão ecológica. Parecia uma fuga das responsabilidades para com os mais pobres e as bandeiras de políticas de transformações sociais. Mas em vez de ficar relacionando tantos argumentos, recordamos as palavras do Cristo diante das controvérsias com os judeus sobre o divórcio: a autoridade da Criação é maior que a autoridade de Moisés (Mc 10,6-9).²⁴

Ao lado de a desconsideração do problema ecológico ser uma fuga do problema principal que é a justiça distributiva para com os mais pobres, temos a consideração de Von Rad, que a criação era como um

²² Tereza Maria Pompéia CAVALCANTI. *Aproximação aos excluídos: uma tarefa interdisciplinar que desafia a teologia*. Em: M. C. FREITAS (ORG.). *Teologia e Sociedade. Relevância e funções*. Soter- Paulinas: São Paulo, 2006, 383-398, aqui 391.

²³ Moltmann considera que o elemento da história na modernidade é considerado como distinto da natureza, um é o reino da liberdade, o outro da necessidade. O espírito foi entendido como não tendo natureza e a natureza como não tendo espírito, marginalizando a questão do corpo (Cfr. MOLTSMANN. *op. cit.*, 676). Vale lembrar que o elemento história não é apenas um *insight* da modernidade, mas já se manifesta na leitura da salvação.

²⁴ C. M. TILLESSE. *op. cit.*, 13.

apêndice da história da redenção.²⁵ Ao contrário de Von Rad, diria: a teologia da libertação, apesar de encontrar na quantidade de textos maior importância do que a teologia da criação, o seu local no conjunto do texto, vindo em primeiro lugar, supõe que ela é a base de tudo, o alicerce, a pedra.

Um pouco para polemizar, a teologia da criação tem mais autoridade que a teologia da libertação e, por isso, não é a teologia da criação que deve reclamar espaço na teologia da libertação, mas a teologia da libertação é que deve encontrar o seu devido lugar em relação à teologia da criação. A crise ecológica indica um momento teológico novo que recoloca a devida importância da teologia da criação, que ficou por longo tempo deixada em segundo plano.²⁶

Conclusão

A crítica de Lynn White Jr. tem sua base e nos ajuda a pensar, mas a palavra “domínio” de uma forma mais aprofundada não significa simplesmente um abuso para com a utilização das fontes naturais; implica também em domínio dos outros povos e pode indicar também um domínio sem tirania.

Mantemos reservas sobre a condenação da proposta ambiental cristã simplesmente a partir da palavra “domínio” e da compreensão de uma visão antropocêntrica a partir do texto P. Ao mesmo tempo, o texto P possui uma riqueza sobre a questão ambiental, que extrapola apenas a análise desta palavra, como por exemplo o repouso sabático, e conseqüentemente o Ano Jubilar, momento no qual a terra merecia especial atenção. O domínio pode ser levado em consideração ao domínio de Deus e em relação com o texto seguinte da criação na narração javista, quando indica ao homem o cuidado do jardim do paraíso.

Consideramos que não é de todo errado utilizar a palavra “domínio” porque segundo o texto ela pode ser sem tirania e sem crueldade. Como, entretanto, a palavra é bastante problemática, pela forma relacionada com a escravidão de outros povos (tanto nos textos bíblicos como na nossa história dos países do Grande Sul), e pela questão da degradação ambiental, poderíamos dizer que seria melhor ser evitada na teologia, e assumir mais a palavra “cuidado”, segundo o texto javista.

²⁵ K. GOLSER. *op. cit.*, 185.

²⁶ Leonardo BOFF. *op. cit.*, 47-49.

Não vimos do acaso, somos criados por um ato de amor e no respeito para com Deus; precisamos continuar o cuidado amoroso para com o mundo criado, do qual fazemos parte, assim como farão as futuras gerações.

Bibliografia

- GARAY, Irene – BECKER, Bertha K. *Dimensões Humanas da Biodiversidade*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Nova era: a civilização planetária*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BRIEND, J. *Uma leitura do Pentateuco*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- BRUEGGEMANN, Walter – WOLF, Hans Walter. *O Dinamismo das tradições do Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- GOLSER, K. *Fondazione dell'etica dell'ambiente*. *Medicina e Morale*, Roma, anno LX, n.1, p. 179-200, Gennaio/Febbraio 2005.
- KERBER, Guilherme. *O Ecológico e a Teologia Latino Americana*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- LOHFINK, Norbert. *Il Dio della Bibbia e la violenza*. Brescia: Morcelliana.
- LORETZ, Oswald. *Criação e Mito*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MOSER, Antônio. *Biotecnologia e Bioética*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MÜLLER, Ivo (org.). *Perspectivas para uma nova teologia da criação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus*. Valência - São Paulo: Siquem - Paulinas, 2003.
- TILESE, Caetano Minette. *Hino da Criação*. *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, Ano 1/n. 1, 5-39, 1984.
- FUNG, Jojo M.. *Dominion of co-creators*. *East Asian Pastoral Review*, vol 37, n. 4, 2000, URL: <http://eapi.admu.edu.ph/eapr00/jojo.htm>.

**Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira*
Doutor em Teologia pela Academia Alfonsiana/Roma,
Professor do ITEP.



LITURGIA DA NOVA CRIAÇÃO

*Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira**

Resumo: A liturgia é um espaço privilegiado para a formação da consciência de uma nova relação com o planeta. Jesus Cristo, o Novo Adão, através do seu sangue leva à plenitude o tempo estabelecido e recapitula o universo inteiro: “tudo o que está nos céus e tudo o que está sobre a terra” (Ef 1,10). “Quando fizermos parte da nova criação, enfim libertada de toda maldade e fraqueza, poderemos cantar a ação de graças do Cristo que vive para sempre” (Oração Eucarística sobre Reconciliação I).

Palavras-chaves: Liturgia; Nova Criação; Ecologia; Tempo; Espaço.

Abstract: The Liturgy is one special space to formation of conscience of a new relation with the planet. Jesus Christ, the New Adam, through of her blood lead to plenitude the time and bring all universe: “everything in heaven and on earth” (Ep 1,10). “Then, free from every shadow of death, we shall take our place in the new creation and give you thanks through Christ, our risen Lord.” (EP for Reconciliation I).

Keywords: Liturgy; New creation; ecology; time; space.

A liturgia é um espaço, por excelência, de educação ambiental, e que pode contribuir para uma nova consciência que responda os grandes problemas ecológicos da atualidade. O objetivo deste artigo é apresentar que a questão ambiental não é um elemento secundário da liturgia; ao contrário, é um dos elementos prioritários na celebração.

Infelizmente nos deparamos com situações diversas que vão contra essa rica possibilidade, tanto em celebrações litúrgicas como paralitúrgicas. Por exemplo: a queima de madeiras em festas de São João e São Pedro; corte de madeiras para a bandeira dos padroeiros; o lixo que se joga nos espaços de celebrações, tanto nas missas dominicais como nas grandes celebrações campais etc.; a falta de coleta seletiva nas Igrejas. Os descasos não podem nos impedir de mudar esta realidade.

A liturgia é um momento e espaço rico onde se celebra a vida, sua beleza, suas dores, seu alvorecer e seu entardecer.¹ É o espaço sagrado

¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. 1

onde os fatos mais íntimos da vida das pessoas são lembrados, e faz lembrar as palavras de Deus diante de Moisés, diante da sarça, orientando retirar as sandálias para entrar em contato com o mistério divino (Ex 3,5). Ou como o respeito manifestado por Elias diante da voz do silêncio (*qol demamah daqqah*),² expresso no cobrir do rosto com o manto (1Rs 19,12-13).

O retirar as sandálias ou cobrir o rosto aqui não é algo no sentido físico de se fazer, mas uma atitude espiritual que nos chama atenção para a realidade para a qual nós entramos em contato. Estamos diante do terreno sagrado da vida das pessoas e da vida divina.

Celebrar é expressar o nosso profundo amor manifestado em nosso canto de louvor, o qual devemos expressar e para o qual nós fomos retirados do nada para a beleza da existência.³ A liturgia passa a ser como um local de síntese de tudo que vivemos, do nosso conhecimento, da nossa espiritualidade, dos acontecimentos diários e históricos, por isso tudo aquilo que aprofundamos na nossa vida vai influenciar o modo como celebramos diante de Deus.

Tempo e Espaço

Muitas vezes somos chamados à atenção para o tempo litúrgico, e enfatizamos a importância do Advento, Natal, Quaresma, Páscoa, Tempo Comum. Mas tão importante quanto o tempo é o espaço. Matéria e tempo, dentro do plano de Deus, são santificados pela ação da oração voltada para o Senhor. Por isso, o mistério da matéria, da natureza, do ambiente vital, o ambiente em que celebramos tem tanta importância quanto o tempo litúrgico.

Na liturgia, o espaço e o tempo deixam de ser um palco passivo para terem incidência concreta na dinâmica do Universo. A celebração não pode descuidar da importância que, então, tem o meioambiente nesse contato, nesse encontro de irmãos e irmãs com o Senhor. O tempo e a matéria se abraçam⁴, assim como a justiça e a paz (Sl 85,11).

² Fernando César Chaves REIS. *1Rs 19,7-18. Elias no Monte Oreb. Observações críticas de análise textual*. Roma: Pontificium Institutum Biblicum de Urbe, 2008.

³ CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*. 84.

⁴ "Isaac Newton nos deu o primeiro modelo matemático para o tempo e espaço em seu *Principia mathematica*, publicado em 1687. [...] No modelo de Newton, tempo e espaço constituíam um pano de fundo em que os eventos ocorriam mas não eram afetados por eles. O tempo era distinto e considerado uma linha única ou trilho de trem, infinito em ambas as direções. O próprio tempo era considerado eterno, no sentido de que sempre tinha existido e de que existiria para sempre [...] Isso preocupou filósofos como o alemão Immanuel Kant.

Depois das mudanças de paradigmas de relação com a natureza, passando de uma visão fixista do universo para uma visão de manipulação da natureza, precisamos renovar a atitude humilde de São Francisco diante da irmã terra, do irmão sol e da irmã morte. Um paradigma que não exclui, segundo o próprio pensamento de filósofos contemporâneos, a existência de Deus e Criador da ordem natural.⁵

A natureza nas indicações do Antigo Testamento

As Sagradas Escrituras se abrem com duas belíssimas narrações sobre a natureza como obra criada por Deus. Na primeira narração, a Sacerdotal, a vida brota de uma fonte divina: mares, céus, peixes, plantas, pássaros, homens e mulheres (Gn 1-2,4^a). Na segunda narrativa, a da tradição javista, Deus é apresentado como um jardineiro que está a cuidar da terra, e coloca o homem no mesmo jardim para dele cuidar e cultivá-lo (Gn 2,8.15). O tema do jardim repete-se ao longo do texto bíblico, e expressa toda harmonia e felicidade paradisíaca que Deus pensou para a humanidade, e não de um mundo marcado por injustiças e violências. O nosso cuidado ambiental é para que todos possam experimentar a vida como um paraíso.⁶

Se o universo foi realmente criado, por que tinha havido uma espera infinita antes da criação? [...] Kant denominou esse problema uma “antinomia da razão pura” por parecer uma contradição lógica; não tinha solução. Mas era uma contradição somente no contexto do modelo matemático newtoniano [...] Um modelo matemático totalmente novo foi proposto por Einstein [...] Ao curvar espaço e tempo, a relatividade geral transforma-os de um pano de fundo passivo contra o qual ocorrem os eventos em participantes dinâmicos e ativos dos acontecimentos. [...] Segundo Santo Agostinho, antes de criar o Céu e a Terra, Deus não criou absolutamente nada. Na verdade, isso se aproxima bastante das idéias modernas [...] Na relatividade geral, tempo e espaço não existem independentemente do universo ou um do outro. [...] Não faria sentido perguntar o que aconteceu antes do início ou o que acontecerá após o fim, porque tais tempos não seriam definidos. [...] Não surpreende que Penrose e eu conseguíssemos provar que, no modelo matemático da relatividade geral, o tempo precisa ter um início, no chamado big-bang.” Stephen HAWING. *O Universo Numa Casca de Noz*. São Paulo: ARX, 2004, 32-41. Segundo Pe. Caetano, “a ideia duma criação a partir do “Nada” é uma ideia filosófica mais tardia que os hebreus não tinham condições de entender”, em: Caetano Minette TILESSE. Hino da Criação. **Revista Bíblica Brasileira**, Fortaleza, v.1, n. 1, 7-39, aqui 15, 1984. “A doutrina cristã solidificou, no imaginário popular, a afirmação de que Deus criou tudo “do nada” [...] A doutrina da *creatio ex nihilo* amadureceu na patrística grega, especialmente com Irineu e Teófilo, em confrontação com doutrinas gnósticas” em: Luiz Carlos SUSIN. *A Criação de Deus*. Valencia – São Paulo: Siquem – Paulinas, 2003, 60.

⁵ Vittorio HÖSLE. *Hegel e la fondazione dell'idealismo oggettivo*. Milano: Guerini e Associati, 1991, 64; Edgar MORIN. *O método 6. Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005, 34: “Há, certamente, um ‘gênio’ da organização e da criação na geração de forma e de seres de extrema diversidade e de extrema complexidade”.

⁶ Carlos MESTERS. *Paraíso terrestre – saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes, 1991.

A natureza, inicialmente marcada pela harmonia, sofre as consequências do egoísmo humano expresso na narrativa de Adão e Eva. Mas a indicação do repouso do sábado permanecerá como uma norma importante de atenção com a natureza, onde o repouso deve ser garantido não apenas ao trabalho humano, mas à própria terra no repouso do ano sabbático e do ano jubilar (Lv 25).

Vemos nas Escrituras que Moisés e Elias iam rezar nos montes do Sinai e do Carmelo (Ex 19,11; 1Rs 19,9), enquanto o Cristo Senhor ia rezar no Tabor (Mt 17, 1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Oravam em santuários da natureza, onde podiam contemplar a imensidão do mundo criado, a beleza da manifestação de Deus. A natureza emerge aqui como espaço privilegiado de oração, mas o templo seria como que a riqueza da natureza expressa no espaço de meditação. *O templo não deixa de ser também um santuário da natureza, no sentido de que é no mundo que celebramos nossa vida de encontro com Deus.*

A mesma indicação do jardim temos nos Cantares. É um local para expressar um amor profundo, quando, passando de uma lado para o outro, a amada busca o seu amado, o Amado procura sua amada, e perpassam o campo, a cidade, com suas flores e pássaros. Se seguimos o texto do Ct, encontramos quase em todos os versículos uma indicação de elementos da natureza, e que alguns deles São João da Cruz relacionava com a espiritualidade cristã⁷: Vinho (1,2); Perfume (1,3); Óleo (1,3); Sol (1,6); Vinha (1,6); Rebanho (1,7); Cabras (1,8); Égua (1,9); Nardo (1,12); Mirra (1,13); Cacho de cipro florido (1,14); Pombas (1,15); Cedro (1,17); Ciprestes (1,17) Narciso de Saron (2,1); Açucena dos vales (2,1); Passas (2,5); Maçãs (2,5); Montes e Colinas (2,8); As Flores florescem (2,12); Pássaros (2,12); Flores (2,12); Campo (2,12); Figos (2,13); Raposas (2,15); Açucenas (2,16); Brisa (2,17); Cervas e gazelas (3,5); Incenso e Mirra (3,6); Madeira do Líbano (3,9); Ouro, prata, ébano (3,10); Colina de incenso (4,6); Leões (4,8); Panteras (4,8); Leite e Mel (4,11); Romãs (4,13); Nardo, Açafraão, Aloés, (4,14); Fonte do jardim (4,15); Água viva (4,15); Copa de palmeira (5,11); Corvo (5,11); Águas correntes (5,12); Colinas de ervas perfumadas (5,13); Pedras de Társis (5,14); Marfim, Mármore (5,14-15); Balsameiras (6,2); Aurora, Lua (6,10); Jardim das nogueiras (6,11); Carmelo (7,6); Mandrágoras (7,14); Frutos novos, Frutos secos (7,14); Vinho perfumado, Licor de romeiras (8,2); Deserto (8,5); Cedro (8,9); Jardins (8,13); Montes perfumados (8,14).

⁷ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Cântico Espiritual – resposta às angústias do homem de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1980.

O texto do Cântico dos Cânticos demonstra como a natureza está intimamente ligada à nossa relação de amor com Deus, e como temos grandes possibilidades de fazer emergir na liturgia os elementos da natureza da nossa região para expressar esta relação de amor.

Em Jó 38, temos que a sabedoria criadora de Deus confunde Jó. Em Eclo 42,15-43,33, a glória de Deus se manifesta na natureza. Nos Salmos temos diversos exemplos da experiência do amor de Deus através da natureza, como no Salmo 8, 4: “Quando vejo o céu, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que fixaste, que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo?”. O esplendor da criação é o tema do Sl 103 e no Sl 148 temos o louvor cósmico. Na famosa profecia de Isaías 11,6-8, temos a convivência do descendente de Davi com a natureza, que expressa a harmonia que deve haver entre os seres humanos com toda a natureza criada: “o lobo morará com o cordeiro”.

Dentre tantos textos que poderiam ser citados da Primeira Aliança, não poderíamos deixar de lembrar o Cântico dos três jovens, no Livro de Daniel (3,51-90). A indicação do texto é muito sugestiva, o louvor a Deus nos ajuda a suportar as tribulações da vida.

Encontramos, em diversos momentos no Antigo Testamento, indicações de que a natureza é como um livro no qual podemos perceber a mente sábia do Criador, uma espécie de teologia natural. As criaturas são consideradas em sua relação a Deus, obras de Deus, imagens de Deus, chamadas a participar de sua vida íntima ou entrar no movimento cósmico.⁸

Luzes ecológicas no Novo Testamento

Na missão do Cristo temos grandes indicações da questão ambiental. O primeiro grande exemplo é sua ida para o deserto, segundo a narrativa do Evangelho de Marcos, onde Ele vai conviver com as feras, expressando a harmonia que o Messias viria trazer segundo Isaías. Posteriormente, na sinagoga de Nazaré, ao início de sua missão pública, diz ser ungido para anunciar o Ano da Graça do Senhor, o qual insere o repouso da terra (Lc 4,19). O texto proclamado é muito apreciado pela sua dimensão missionária, pela atenção do Mestre para com os pobres sob a ação do Espírito Santo, e situa a atenção para com o meio-ambiente, na nossa linguagem de hoje, quando afirma que vem proclamar o Ano da Graça que, como já vimos, se relaciona com o repouso da terra.

⁸ René LATOURELLE. *Teologia, Ciência da Salvação*. São Paulo: Paulinas, 1981, 21.

Podemos relacionar a missão do Senhor com o mundo criado a partir de diversos textos dos Evangelhos. O próprio prólogo do Evangelho de São João nos afirma que tudo foi criado por meio dele (Jo 1,3). Os Padres da Igreja interpretaram a presença de Maria como a Nova Eva, ao lado do Cristo, o Novo Adão. Embora seja um simbolismo que nem todos aceitam,⁹ podemos ver na narrativa a manifestação da Nova Criação, a partir da obediência ao plano de Deus.

Assim como Moisés e Elias, o Cristo tinha preferência por orar em certos lugares, como o Tabor e o Jardim das Oliveiras, santuários da natureza que deveriam lhe proporcionar melhores condições de se sintonizar com o Pai. A escolha do local na prática do Cristo parece não ser algo casual, mas com preferências que marcam a importância deste momento.

As narrativas do milagre do pão e do andar sobre as águas, ao mesmo tempo que são sinais claros que expressam que Ele é o Messias, indicam que a presença do Senhor repercute de forma diversa sobre a matéria criada. A natureza chega mesmo a obedecer a sua palavra (Mc 4,41; Mt 8,27; Lc 8,25) e a chorar a sua morte (Mc 15, 33; Mt 27, 45.51b; Lc 23, 44-45^o).

A ressurreição do Senhor fala da nova vida que assume. O corpo, a matéria, faz parte da ressurreição, não apenas os elementos espirituais. A ressurreição do Senhor diz respeito a uma nova realidade de todos os batizados e de toda a criação. Novamente, surge o jardim para falar desse momento tão decisivo para nossa fé, local onde Maria Madalena encontra o Cristo Ressuscitado (Jo 20,11-18). O jardim vem então com novo significado como local por excelência para expressar a alegria da Ressurreição do Senhor.

Jürgen Moltmann, a partir da ressurreição, propõe um novo paradigma que supere o da história, que separou o reino da liberdade com o reino da necessidade. Nesse modelo, o espírito humano foi compreendido como não possuindo natureza, e a natureza como não possuindo espírito. Por isso, ele propõe um novo – o paradigma ecológico.

A salvação é a salvação de toda a criação e de todas as criaturas, e não pode ficar restrita à salvação da alma humana nem à bem-aventurança da vida humana. Se não houver uma salvação da natureza, também não

⁹ R. E. BROWN – K. P. DONFRIED (ORGS.). *Maria no Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1985, 204.

poderá haver uma salvação definitiva do ser humano, pois os seres humanos são seres da natureza. [...] Na perspectiva da natureza, a ressurreição de Cristo significa que com ele teve início a universal ‘destruição da morte’ (1Cor 15,25), e que se torna visível o futuro da nova criação, quando “a morte deixará de existir” (Ap 21,4)¹⁰.

A ressurreição de Jesus deve ser compreendida como o primeiro momento da nova criação de um mundo passageiro para um eterno. Essa cristologia cósmica indica um momento ecumênico e de diálogo inter-religioso, porque, segundo o Moltmann, o mundo deseja não uma religião nova, mas paz e união na humanidade. A tarefa das Igrejas com esse espírito não é a concorrência religiosa, mas a reconciliação da humanidade e do cosmos.

A eclesiologia é iluminada por esse paradigma no sentido de que a Igreja, corpo de Cristo, é desde sempre representante de toda a criação. Deus é adorado no templo de sua criação inteira. “O reino de Deus é o reino da ressurreição da terra”.¹¹ “Isto obriga a todos os que esperam a ressurreição a permanecerem fiéis à terra, a respeitá-la e amá-la como a si mesmos.”¹²

Moltmann critica também uma visão cristã restrita à cristologia que, segundo o mesmo, deve ser enriquecida com importância do Espírito Santo, que indicaria um enriquecimento capaz de uma posição mais adequada diante da complexidade atual em torno da ecologia.¹³

Esta atenção para a ação do Espírito Santo na criação é tema na Carta aos Romanos. São Paulo exorta que através da natureza podemos ler sua realidade invisível (1,20), e que a criação espera ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus (8,19). Podemos perceber a importância do *Pneuma* nessa gestação, inclusive encontramos a reflexão da libertação do sofrimento da criação. As dores de parto da natureza nos levam a diversas questões, como a superação do pecado, da injustiça, num mundo caduco, marcado por tanta violência e desigualdade. Falar de

¹⁰ Jürgen MOLTSMANN. Ressurreição da natureza. Um capítulo da cristologia cósmica. **Concilium**, Petrópolis, v. 318, n. 5, 76-84, aqui 77, 2006.

¹¹ D. BONHOEFFER. *Dein Reich komme. Das Gebet der Gemeinde um Gottes Reich auf Erden* (1932). Hamburgo, 1958, 12, cit em: Jürgen MOLTSMANN. *op. cit.*, 84.

¹² Cf. *Ibidem*.

¹³ *Idem*. *The Way of Jesus Christ. Christology in Messianic Dimensiones*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1990; *Idem*. *God in Creation. An Ecumenical Doctrine of Creation*. London: SCM, 1985, cit. em: Terence KENNEDY. “Veni, Creator Spiritus”: The Conservation of the Created Cosmos, **Studia Moralia**, v. 36, n. 2, 421-439, aqui 435, 1998.

vencer esta situação indica a perspectiva de um mundo novo, uma obra nova, que emergirá com o abraço da paz e da justiça.

Na Carta aos Colossenses, afirma que “nele foram criadas todas as coisas” (1,15-20), e em Efésios, indica a famosa recapitulação de todas as coisas no Cristo (Ef 1,10).¹⁴ Na visão de Hebreus, o universo é mantido pelo poder de sua palavra (1,2-3).

O tema do “Novo Céu, Nova Terra” vai concluir indicações ambientais nos textos sagrados. Encontramo-lo em 1Pd 3, 13 e no Apoc 21,1. A teologia da criação perpassa toda narração bíblica, voltamos à idéia do paraíso perdido que será recomposto pela ação do Cristo Senhor e do seu Espírito.

A celebração dominical

Na Narrativa Sacerdotal da Criação, encontramos o cume no sétimo dia, no repouso, no *sabat*. O dia do repouso não é apenas dia de repouso de Deus, mas do homem e da mulher, e também da criação. A própria terra, nas celebrações do ano sábitico e do ano jubileu, terá o direito de repousar. Posteriormente, na Igreja, as aves e os animais da terra terão o direito de terem repouso da caça humana no Dia do Senhor.

A vida é como uma grande batida de coração, marcada por trabalho e repouso, uma sístole e uma diástole, para encher de sentido as veias e artérias do mundo. Exatamente no sábado, encontramos o Cristo não infligindo a lei da Criação (Mc 2,23-27), mas completando a obra da criação, com a salvação. A caridade não poderia ser esquecida no repouso sabático. Tudo pode ter repouso, menos a caridade, e se desejamos o repouso profundo, só o experimentaremos no exercício da caridade.

O sábado então completa a criação, e o primeiro dia depois da criação passa a ser o domingo. Assim também como o domingo é o dia do Senhor (Jo 20,1.19), o momento em que os cristãos passam a se encontrar e unidos a perseverar em oração e celebrar o memorial da morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O domingo é, pois, o principal dia de festa que deve ser lembrado e inculcado à piedade dos fiéis: seja também o dia da alegria e da abstenção do trabalho. As outras celebrações não lhe sejam antepostas, a não ser as de máxima importância, porque o domingo é o fundamento e o núcleo do ano litúrgico¹⁵.

¹⁴ Luiz Carlos SUSIN. *op. cit.*, 153-158.

¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium*, 106.

O repouso aqui nos interessa, porque como expressão do tempo interfere na realidade da matéria, na criação, na terra. Além de situar que a ordem da celebração, a partir da indicação do Gênesis, tem uma relação direta com a obra da criação e a criação caminha para celebração como um momento de auge de sua própria existência. É como uma situação dada como arquétipo¹⁶: *Enuma Elish*, na Babilônia¹⁷; Mistérios Eleusis, na Grécia¹⁸; nos Yanomanis¹⁹. A não celebração implicaria numa volta ao caos inicial da natureza.

A Santa Missa e indicações ecológicas

A celebração da Santa Missa é marcada por diversos elementos da natureza, como as próprias oferendas do pão e do vinho, que são elementos materiais da celebração e do sacrifício. O ritual é cheio de expressões que aludem a questão: o aceitar e santificar as oferendas; dentre os bens que nos destes, o sacrificio perfeito e santo, pão da vida eterna e cálice da salvação; Por ele não cessais de criar e santificar estes bens e distribuí-los entre nós. Chamamos atenção para as citações referentes à natureza expressa nas orações eucarísticas.

Na Oração Eucarística III, temos: “Tudo o que criastes proclama vosso louvor”; “Dais vida e santidade a todas as coisas”; “Do nascer ao pôr-do-sol um sacrificio perfeito”. Por sua vez, a Oração Eucarística IV expressa: “Mas, porque sois o Deus de bondade e a fonte da vida, fizestes todas as coisas para cobrir de bênçãos as vossas criaturas e a muitos alegrar com a vossa luz”; “Com eles, também nós, e, por nossa voz, tudo o que criastes, celebramos o vosso nome, cantando a uma só voz”.

Talvez entre todas as orações eucarísticas a que mais chame atenção pelo conteúdo ecológico seja a Oração Eucarística IV, que apresenta a dificuldade com o uso da palavra “domínio” dentro do seu corpo:

Nós proclamamos a vossa grandeza, Pai santo, a sabedoria e o amor com que fizestes todas as coisas: criastes o homem e a mulher à vossa imagem e lhes confiastes todo o universo, para que, servindo a vós, seu Criador, dominassem toda criatura [...] quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos

¹⁶ Neoplatônicos – as idéias como modelo de todas as coisas existentes; teísmo – idéias presentes na mente de Deus; termo utilizado por Agostinho; psicologia analítica, Jung, modelos inatos que servem para o desenvolvimento da psique.

¹⁷ Caetano M. TILESSE. *op. cit.*, 18-22.

¹⁸ J. J. ARRUDA. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Ática, 1979, 167-169.

¹⁹ Milton NASCIMENTO. *Txai*. 1990. CBS.

socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar [...] Enviou de vós, ó Pai, o Espírito Santo, como primeiro dom aos vossos fiéis para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra [...] Possamos alcançar a herança eterna no vosso reino, onde, com todas as criaturas, libertas da corrupção do pecado e da morte, vos glorificaremos por Cristo, Senhor nosso [...] Por ele dais ao mundo todo bem e toda graça.

Na Oração Eucarística para diversas circunstâncias III, encontramos as seguintes referências: “Pai santo, Senhor do céu e da terra [...] Pela vossa Palavra criastes o universo e em vossa justiça tudo governais.” Na Oração Eucarística Sobre Reconciliação I, existe a expressiva afirmação: “Quando fizermos parte da nova criação, enfim libertada de toda maldade e fraqueza, poderemos cantar a ação de graças do Cristo que vive para sempre.” A reconciliação é apresentada aqui não somente como necessidade nas relações humanas, mas com toda a obra criada, a luz novamente do profeta Isaías.

Liturgia Pascal

A celebração da Vigília Pascal, Mãe de todas Vigílias Sagradas (Santo Agostinho), é a celebração da Nova Criação por excelência. Rica de elementos que falam da natureza, temos logo de início, a bênção do fogo, o ritual da luz com o Círio Pascal, e nela está inserida o ritual do batismo, com a valorização e bênção da água.²⁰

A vigília é marcada por importantes leituras dos textos sagrados, iniciando-se com a narrativa sacerdotal da criação. A leitura da Páscoa celebra a abertura do Mar Vermelho.

Particularmente, após a leitura de Ez 36,16-28, temos a seguinte oração opcional: “Que o mundo todo veja e reconheça que se levanta o que estava caído, que o velho se torna novo e tudo volta à integridade primitiva por aquele que é o princípio de todas as coisas. Por Cristo, Nosso Senhor. Amém.”

Poderíamos nos questionar se, dentro de uma lógica da Nova Criação, manifestada pelo Ressuscitado, a última leitura do Novo Testamento antes do Evangelho não deveria ser a narrativa do Apocalipse 21.

No ritual batismal da Vigília, rezamos: “Já na origem do mundo, vosso Espírito pairava sobre as águas para que elas concebessem a força

²⁰ Adolf ADAM. *O Ano Litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1982.

de santificar.” O Espírito nos faz entrar na liturgia como ação de graças ao Pai no Filho, e faz-nos entrar na Eucaristia universal onde os elementos sacramentais do pão e do vinho antecipam a transformação cósmica.²¹

A transformação cósmica diz respeito àquilo que já foi expresso, mas diz também respeito a uma dinâmica, a uma força que nos impulsiona para frente e nos faz seguir em frente. O ânimo é algo que vem do fruto do encontro com Deus, e o de que precisamos na caminhada é este ânimo para não parar, para poder colocar em prática o seu projeto.

Conclusão

A emergência do aquecimento do planeta convida a responsabilidade de todos e a sérias mudanças quanto às práticas antigas. Essa responsabilidade ecológica pode ser amplamente divulgada nos espaços eclesiais, particularmente nas celebrações.

O Antigo Testamento nos ilumina que somos parte da natureza e temos necessidade de cuidar da terra. Tanto os Salmos como outros cânticos bíblicos nos ajudam a integrar a natureza como expressão do amor de Deus por nós e com uma harmonia que precisa ser respeitada.

O Novo Testamento não se afasta da importância da natureza na vida cristã. A Ressurreição do Senhor Jesus manifesta uma Nova Criação, uma Nova Realidade. A ação do Espírito Santo não é apenas de transformar o pão e o vinho, mas de transformar a assembléia litúrgica e o universo inteiro para que Deus seja tudo em todos.

Assim como Elias, que após fazer a refeição do pão encontrou forças para seguir sua caminhada (1Rs 19,7), que a participação no Pão e Vinho da Salvação ajude-nos a seguir na construção de ações ecológicas que mantenham a vida no planeta para as gerações futuras.

Prof. Pe. Dr. Marcos Mendes de Oliveira
Doutor em Teologia pela Academia Alfonsiana/Roma,
Professor do ITEP.

²¹ Terence KENNEDY. *op. cit.*, 438.



A NATUREZA COMO MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA FILOSOFIA TEOLÓGICA DA IDADE MÉDIA

*Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen**

Resumo: A Natureza é como um instrumento na mão de Deus. Esta instrumentalidade não diminui a grandeza e a importância da Natureza: ela leva a um aprofundamento - no contexto medieval - da grande ordenação do cosmos e de sua função no plano divino, com um lugar especial do homem como “microcosmos”. Longe, então, da razão instrumental das épocas posteriores, que é como um passaporte para um tratamento exploratório impiedoso da Natureza.

Palavras-chave: Idade Média, Natureza, Deus, revelação, imagem, instrumento.

Abstract: Nature must be considered as an instrument in God's hand. This doesn't mean a diminution of Nature's greatness and importance: it leads to a deepening - in the medieval context - of the great order of the cosmos, and, in it, a special place for man as “micro cosmos”. Therefore we are far away from the instrumental reason, cultivated in later centuries, which is a kind of passport to a relentless exploration of Nature.

Keywords: Middle Ages, Nature, God, revelation, manifestation, instrument.

*Omnis mundi creatura
Quase liber et pictura
Nobis est et speculum
Nostrae vitae, nostrae mortis
Nostris status, nostrae sortis
Fidele signaculum.*

Alanus ab Insulis (± 1180)

Introdução

Embora seja do conhecimento de todos, é sempre útil lembrar e insistir no fato de que a expressão “Idade Média” é um conceito artificial, usado por uns em sentido filológico e literário, por outros forjado a partir de um preconceito ou de preconceitos¹, por muitos simplesmente

¹ Conhecida é a posição de um Michelet que chega a afirmar: *esta sociedade sutil e refinada, que sacrifica o matrimônio e só parece animada pela poesia do adultério [...] teme qualquer purificação como se fosse uma mancha. Nenhum banho em mil anos [...]. Pode ficar certo que estes cavalheiros,*

ignorado ², mas incontestavelmente indicando um momento da história do pensar humano de grande intensidade e variedade. É um período longo e muito diversificado em que momentos de luz e escuridão se sucedem, até que a luz venha a vencer a escuridão de forma quase que definitiva: à assim chamada época de ferro, em que o mundo ocidental estava imerso num caos político cultural e religioso, segue a esplêndida – e para muitos a verdadeira – Renascença do século XII.³

Para efeito de melhor desenvolvimento das reflexões deste estudo, projeta-se uma tríplice divisão – porém, insiste-se em dizer que ela é artificial e só serve como instrumento de trabalho:

- *A Idade Média Alta, dos tempos de Santo Agostinho e do “Beato” Boécio*, até às meadas do séc. XI, quando da entrada da ciência árabe no mundo ocidental com figuras como, por exemplo, Adelardo de Bath e Constantino o Africano. É o tempo da tradição platônica – neoplatônica que se expande, mormente pela divulgação das obras de Santo Agostinho, que não somente se inspira nas obras dos “Acadêmicos”, mas também cita os “Herméticos” como Asclepius⁴, que professa a transcendência e sabedoria divina.

Nesta época encontra-se também a figura de um João Scoto Eriugena, que se inspira nas obras de Dionísio, o Pseudo-Areopagita, cujas obras foram por ele traduzidas, e que de certa forma é uma voz original e discrepante, que no futuro encontrará certas dificuldades por causa de uma suposta (?) tendência politeísta.

Nesta época assinala-se também a grande evolução do pensamento de Anselmo e Abelardo, que se aproximam dos dados da fé com o espírito crítico da “dialética”.

- *A época das Escolas e o início da época das Universidades, no século XIII*, em que se inicia o contato com as ciências árabes: matemática, medicina, astronomia, e.o. Como afirma Mario Santiago Carvalho:

estas belezas tão frágeis, os Parsifais, os Tristãos, as Isoldas nunca se lavaram!” Fala, ainda, do “peso colossal de estupidez que esmagou o espírito humano [...] A pavorosa aventura da Idade Média, essa interrupção de mil anos na história do Ocidente”

² Cf., por exemplo, na sua **História da Filosofia** Emanuele Severino afirma: [...] *as filosofias medieval e renascentista podem ser consideradas como ramificações da filosofia grega [...] É por isso que estes dois grandes períodos do pensamento filosófico não tiveram lugar num discurso que, como nosso, pretende mostrar a forma originária da ligação que entre si une os grandes momentos da história da filosofia*” (Lisboa: Edições 70, 1993).

³ Cf., entre outras, a obra clássica de **Haskins, Charles Homer**, *The Renaissance of the 12th Century*. New York: Meridian Books, 1957.

⁴ Cf. DCD, L. 8, c. 23.

O platonismo exibido pelos cosmólogos do século XII já não é mais exclusivamente agustinista mas reflete um alargamento de horizontes práticos que o bispo de Hipona não possui”.⁵

Um caso clássico encontra-se no estudo da medicina da Escola de Salerno, onde além de textos anatômicos, coleções de farmacopéias, traduzidas do árabe, encontra-se uma acentuação da importância do homem.

- *Um terceiro momento é constituído pelo Apogeu das Universidades no século XIV.* A física naturalista e a metafísica de Aristóteles entram, aos trancos e barrancos, - e não saem mais - não obstante o medo, a má vontade e a incompreensão das autoridades eclesiásticas,⁶ e é estudada, refletida e avaliada pela filosofia e teologia ocidental. Sem dúvida, ela causa uma nova perspectiva na consideração da Natureza, coexistindo e combatendo com a visão agostinizante, e muitas vezes por esta combatida.⁷

I. O 1º Período

Pode-se dizer que neste tempo o mundo como Natureza é considerado como um todo ordenado: tudo provém de Deus, tanto a existência como o funcionamento, o desenvolvimento e a conservação de tudo que é considerado o grande cosmos. Enquanto a Santo Agostinho, no esplêndido Livro X, capítulos 6, 8-9 das Confissões, as coisas maravilhosas deste mundo, as estrelas, as montanhas, afinal tudo, confessam que não são Deus, mas O indicam e dão-lhe a pista: busca-O acima de nós, Boécio pensa na ordem constante do percurso das estrelas e planetas, na mudança do dia e da noite, e vice-versa, no sol e na lua.⁸

Para Boécio, a “Filosofia”, aquela venerável dama da *Consolação da Filosofia*, mostra em imagens fornecidas pela natureza como a verdade se

⁵ CARVALHO, Mário Santiago, *A Síntese frágil. Uma introdução à filosofia (da patrística aos coimbricenses)*. Lisboa: Edições Colibri, 2002, p. 333.

⁶ A História da entrada de Aristóteles no Ocidente foi, e ainda é, objeto de muito estudo. Cf., entre outros BIANCHI. *Il vescovo e i filosofi. La condanna parigina del 1277 e l'evoluzione dell'aristoteleismo scolastico*. Bergamo: Pierluigi Lubrina Editore, 1990.

⁷ Cf. as homilias pronunciadas por Boaventura no início da Quaresma de 1268

⁸ Cf., entre outros trechos da *Consolação da Filosofia*, o Livro III, 18:

*Ó tu que governas o universo segundo uma ordem eterna,
Criador da terra e do céu, que num momento da eternidade
Por tua ordem fizeste o tempo marchar pela primeira vez [...]
Foi tua bondade apenas, e não algo exterior
Que te inspirou a ordenar a matéria informe.*

Tradução de Willian LI. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.74-75.

torna visível. Ela, a Natureza, é, no sentido platônico, uma imagem ou um espelho, que reflete e aponta para o único mundo verdadeiro.

Pode-se afirmar que reinava, então, antes de tudo um conceito espiritual da realidade. Era possível expressar o que estava em cima e em baixo, e para onde conduziu o caminho: em cima estava o Uno Divino, em baixo o mundo corporal, e o caminho conduziu através da alma espiritual à base espiritual do mundo. A alma, então, é o que possibilita ao homem romper o véu e chegar à fonte de tudo, vivendo intensamente a dimensão verdadeira da realidade terrestre, sua fugacidade e ilusão.

Reconhece-se, aqui, a grande argumentação da tradição platônica:

- a subida aos valores do primeiro Amor (Isis);
- o caminho para a idéia do Bem (República);
- a subida ao Belo (Banquete).

Aliás, é o mesmo caminho que Plotino assume, analisa e, sobretudo, reforça misticamente.

A idéia central e fundamental é sempre a mesma: a realidade verdadeira deve ser permanente, das coisas sensíveis nada fica, e a verdadeira realidade é invisível, somente se tornando vaga, confusa e imperfeitamente visível nas coisas concretas, sensíveis. Por isso, o mundo criado é objeto de uma inteligência e de uma leitura que se deve realizar - aqui a tradição exegética iniciada pelo padre da Igreja Orígenes com seu método de compreensão das páginas sagradas - de acordo com a alegoria espiritual, seguindo o símbolo que constitui a realidade e dele oferece uma interpretação autêntica.

Ao se fazer uma leitura e análise mais profunda e demorada, fica patente que nesta visão sobram fragmentos das grandes tradições antigas, como, por exemplo, de Macróbio, que nos *Comentários al Sueño de Escipión*⁹ diz o seguinte:

Por outra parte, designa oportunamente el universo com el nombre de "templo del dió" a causa de quienes creen que el dios no es sino el próprio cielo e los corpos celestes que contemplamos. [...] Asi quien siente veneración por estos cuerpos como si fuesen templos debe rendir culto com maior devoción a su creador o todo aquel al que se permite frecuentar este templo sabe que deberá vivir como um sacerdote¹⁰.

⁹ Não tendo à disposição o texto original, utilizou-se a tradução de **Raventos, Jordi**, publicado pelas Ediciones Siruela de Madrid, 2005.

¹⁰ Libro Primeiro, quinta cita del *Sueño* (14, 1-2) el universo como templo; cf., também, Libro segundo, terceira cita del *Sueño* (10,1) Los ciclos cósmicos.

Outros fragmentos encontram-se em Chalcídio, no seu famoso comentário, lamentavelmente parcial, do Timeu de Platão¹¹:

Omnia enim quae sunt uel dei opera sunt uel naturae uel naturam imitantis hominis artificis. Operum naturalium origo et initium semina sunt, quae facta comprehenduntur uel terrae uisceribus ad frugis arboreae cerealis prouentum, uel genitalium membrorum fecunditate conceptum animalium germen adolentium [...] At uero dei operum origo et initium incompreensibile es. Nulla est enim certa nota, nullum indicium temporis, ex quo esse coeperunt [...] Deus autem ante institutionem temporis et per aeuum.[...] Et mundus sensilis opus dei . origo eius causatiua, non temporária. Sic mundus sensilis, licet corporeus, a deo tamen factus atque institutus, aeternus est¹².

Uma das tradições mais antigas, ricas e divulgadas é, sem dúvida, a Tradição Hermética. Uma de suas produções mais divulgada é o famoso *Corpus Hermeticum*, cujos textos densos e ricos foram editados e traduzidos respectivamente por A.D. Nock e A-J Festugières.¹³ De inegável beleza e conteúdo é o Tratado V, cuja 2ª parte fala que Deus é necessariamente invisível enquanto eterno, mas que é ele que faz aparecer todos os seres:

Desde já é evidente que o único não-gerado é no mesmo momento não suscetível de se oferecer com uma imagem sensível e inaparente, mas que, visto que está dando a todas as coisas uma imagem sensível, aparece por meio de e em todas as coisas, e ele aparece sobretudo a eles a que ele próprio teve vontade de se mostrar. [...] Se tu, então, queres ver Deus, olha para o sol, dirige teus olhos para o percurso da lua, considera a ordenação das estrelas¹⁴.

¹¹ *Platonis Timaeus. Interprete Chalcidio. Cum eiusdem comentário.* Fidem librorum manu scriptorum recensuit lectionum uarietatem adiecit índices auctorum rerum et uerborum descriptiones geométricas et astronómicas et imáginem códicis cracouiensis photographiam adidit **Dr. Ioh. Wrobel**. Lipsiae: In aedibus B.G. Teubneri, MDCCCLXXVI.

¹² **Wrobel**, o.c., p 88: *Todas as coisas, com efeito, que existem ou são obras de Deus ou da natureza ou do homem artifices que reproduz a natureza. A origem das obras naturais e o seu início são as sementes, que feitas, ou são lançadas nas entranhas da terra para produzir grãos, ou pela fecundidade dos órgãos genitais produzem a concepção dos seres animados. de fato, a origem e o começo das obras divinas é incompreensível. Não há, porém, sinal certo, nem indicio algum de tempo, a partir de onde começaram [...] Deus, entretanto, é de antes da criação do tempo e por toda a eternidade [...] E o mundo sensível é obra de Deus, sem origem causada, não temporal Assim o mundo sensível, embora corpóreo, é feito e fundado por Deus, é eterno.*

¹³ *Corpus Hermeticum, Tome I, Traités I-XII.* Texte établi por **A.D. Nock**, professeur à l'Université Harvard, et traduit par **A.-J. Festugière**, directeur d'Études à l'École des Hautes Études. Paris: Société, d'Édition "Les Belles Lettres", 1945. Festugière é, também o autor do talvez mais completo estudo sobre o Hermetismo

¹⁴ *Corpus Hermeticum*, p. 59-61

Porém, estas tradições afirmam-se mais na segunda fase da Idade Média, sobretudo em alguns pontos específicos como é, entre outros assuntos, o lugar especial do homem no ordenamento geral dos seres criados. Vale a pena enfatizar que esta herança revela de forma acentuada aquela consagrada “às maravilhas” do cosmo, bem como a transfiguração global da física em uma visão religiosa deste mesmo cosmo, cujo objetivo é aprender neste mundo criado um sistema de símbolos, uma linguagem figurada de Deus que recorda aos homens verdades de ordem ética e religiosa. Assim torna-se bem patente o que Agostinho quer dizer nas suas *Enarrationes in psalmos*, XLV, 7: “que a página divina seja para você o livro que permite falar destas coisas, e que a terra seja para você o livro que permite vê-las”¹⁵.

Não se pode encerrar esta primeira parte sem comentar o lugar especial que é ocupado por João Escoto Erígena, uma das figuras mais destacadas e originais da teologia-filosofia do século IX, e que antecipa um tema que será ricamente desenvolvido no século XII, a saber, o homem como imagem do divino. Para Scotto Erigena tudo foi criado no homem, tanto o mundo visível como o invisível; no pensar do homem as coisas naturais existem mais verdadeiras do que em si mesmas. O homem relaciona-se diretamente com o divino sem que outra criatura esteja intermediando. É desta maneira que a existência do universo nos remete à existência de Deus – como Pai; a ordem do universo nos remete à Sabedoria – como Logos e Filho; e, finalmente, o movimento do universo nos remete ao uno como vida – o Espírito Santo.

Por isso, toda a obra do Erígena leva à idéia forte da TEOFANIA: Deus torna-se se luz, isto é, revela-se tanto no homem como no cosmo.

A relação imediata entre o conhecimento humano e a manifestação de Deus, denomina-se teofania. Esta relação [...] funda-se na virtude analítica do conhecimento que unifica toda a natureza e vendo a Deus nas criaturas nele mesmo se converte. [...] Fazer-se Deus, isto é *theosis*, significa a superação da finitude humana. Neste sentido, *theophania* e *deificatio* nomeiam uma mesma experiência: a contemplação da verdade¹⁶.

¹⁵ Cf. **Le Goff, Jacques e Jean-Claude Schmitt**. *Dicionário temático do Ocidente Medieval II*, Bauru: EDUSC, 2006, p. 263.

¹⁶ Cf. **Bauchwitz, Oscar Frederico**. *A caminho do silêncio. A filosofia de Escoto Eriugena*. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2003, p. 62

II. O 2º Período

Um dos acontecimentos marcantes deste momento da Idade Média é incontestavelmente o contato com as ciências da cultura árabe, que as recebeu, por sua vez, da cultura helenística, as assumiu e as levou a grande desenvolvimento. Como, entretanto, este maior, e sobretudo mais intenso contato se manifestou?

Sem dúvida, neste contexto uma figura emblemática é Hugo de São Vítor que nos seus escritos apresenta um ensino sobre as ciências profanas que impressiona “sobretudo por seu caráter universal, especificamente por causa de seu esforço de unificar todos os saberes ao interior de sua “filosofia”, que por sua vez está subordinada à *doutrina sagrada*”.¹⁷ Quanto à natureza a sua tese é que ela constitui um livro escrito pelo dedo de Deus. A este livro aplicam-se os instrumentos apropriados à exegese bíblica, tentando descobrir o seu sentido e o seu significado que se esconde nas e por trás das palavras. Isto é assim, porque a realidade no seu conjunto, como antes já afirmaram um Isidoro de Sevilha¹⁸ e um Rábano Mauro, tem um interesse principal: o ensino moral e místico que dela se pode tirar. A natureza, então, é compreendida como expressão direta da vontade divina e os seres singulares são imagens de um designio divino. Não foi para o prazer humano que as coisas singulares foram inventadas, mas ela foram instituídas pela vontade divina para manifestar a universal sabedoria de Deus.¹⁹

Começam também as “aplicações” das novas ciências. No início de sua obra *“Tractatus de sex dierum operibus”* (*Tratado sobre a obra de seis dias*) Thierry de Chartres adverte:

Explicarei, de acordo com a física e conforme a letra ²⁰ a primeira parte do *Gênesis*, que trata dos seis dias e das suas obras, tomadas uma por uma.

¹⁷ **Poirel, Dominique.** *Ugo de San Vittore. Storia, scienza, contemplazione.* Milano: Editoriale Jaca Book, 1997, p. 47.

¹⁸ Por exemplo nas *Sentenças I*, PL 83, 540: *Todas as coisas são vestígios de Deus, por meio delas é possível conhecê-Lo.*

¹⁹ É neste contexto que se deve – assim **Le Goff e Schmitt**, o.c.,p. 264 – *o desabrochar desses animais que a mentalidade moderna julga fantásticos – fênix, sereias, “monstros” (monstra) – mas que para a mentalidade medieval têm sua razão de ser na categoria de símbolos sagrados (sacramenta) e de sinais (signa) de uma ordem e de um designio divinos: não apenas exemplos (exempla) de verdades intemporais, mas “tipos”, “imagens”, ou seja, antecipações e prefigurações de momentos da história sagrada.*

²⁰ A tradução francesa aqui diz: *A interpretação conforme a letra faz parte da exegese clássica. A explicação conforme a física é uma novidade, anunciada desde as primeiras palavras.*

Começarei por dizer algumas palavras sobre a intenção do autor e a utilidade do livro. Em seguida, chegarei à explicação do sentido histórico literal, deixando de lado por completo as lições tanto alegóricas como morais, porque os doutores sagrados trataram delas abertamente [...].

As causas que dão ao mundo a sua substância são em número de quatro: Deus, causa eficiente; a sabedoria de Deus, causa formal; sua bondade, causa final; os quatro elementos, causa material.²¹

Também em outros documentos da época, não necessariamente tratando de forma direta de comentários de autores cristãos ou comentando assuntos religiosos, encontra-se uma clara presença das reflexões da Física, como, por exemplo, no famoso *Picatrix, um tratado de magia medieval*, traduzido do árabe para o espanhol ao redor dos anos 1250²², em cujo capítulo VII que trata “Do degrau em que cada coisa se encontra no mundo, e os outros segredos, numerosos, profundos, escondidos pelos sábios e que nos propomos a revelar em nosso livro”, lêem-se as seguintes palavras:

Tudo neste mundo é organizado de acordo com uma ordem, conforme uma hierarquia. A primeira de todas as coisas deste mundo, a mais nobre, a mais alta e a mais perfeita das coisas descobertas no mundo é o próprio Deus que é o artesão e o criador de todas. Em seguida segue na ordem a inteligência ou o intelecto, depois deste o espírito e depois do espírito a matéria; e estas substâncias são imóveis, inalteráveis e não podem passar de um lugar ao outro. Em seguida há o céu da natureza, chamado primeiro móvel dos movimentos [...] Em seguida o céu das estrelas fixas [...] Depois disto encontra-se a matéria universal – isto é a matéria prima – na qual se organizam todas as coisas deste mundo que existem nesta matéria, mas que não aparecem. Em seguida desta matéria há os elementos [...] seguem as pedras, e depois as plantas, vêm em seguida os animais, e, por último, o ser vivo dotado de inteligência²³.

Mas, com especial ênfase aparece neste tempo, de forma bastante explícita, a imagem do homem como microcosmos, enaltecido por várias fontes, de que o texto de Honório de Autun talvez seja um dos mais realistas e contundentes:

²¹ **Thierry de Chartres**, *Traité des oeuvres des six jours*, In: *L'École de Chartres, Bernard de Chartres – Guillaume de Conches – Thierry de Chartres – Clarembaus d'Arras. THEOLOGIE & COSMOLOGIE AU XIIe SIÈCLE*. Paris: Les Belles Lettres, 2004, p. 122-123.

²² *Picatrix. Um traité de magie medieval*. Traduction, introduction et notes par **BAKHOUCHE, Béatrice** e **Fauquier, Frédéric** e **Perez-Jean, Brigitte**. Turnhout: Brepols, 2003.

²³ O.C., p. 84

O homem é um Micro-cosmos, porque reúne em si todos os elementos. Da terra ele tem a sua carne, da água seu sangue, do ar a sua respiração, do fogo seu calor. Sua cabeça é redonda como as esferas do céu. Também é parecido nisto que na cabeça brilham dois olhos, como o sol e a lua no céu. Como a cabeça parece as esferas do céu, assim seu peito que respira parece o ar. Sua barriga parece o mar, em que todos os rios desembocam. Os pés carregam – como a terra – todo o peso²⁴.

Também por outros caminhos é apresentada a idéia do homem como micro-cosmos, como se pode ler em vários *loci* do famoso *Secretum Secretorum* (Segredo dos Segredos), sempre com o intuito de assinalar o lugar eminente do homem no universo, porque este, afinal, por sua razão é parecido com Deus, torna-se o repouso movido em razão do Repouso Movente.

Uma das imagens, apresentadas pelo *Secretum Secretorum*, revela o homem como se nele estivessem presentes todos os animais, segundo a sua principal qualidade, expressando destarte que tudo converge para o homem: todos os animais, toda a natureza viva e morta:

Saibas, portanto, que Deus glorioso não criou nenhuma criatura mais sábia do que o homem, e não reuniu em animal nenhum o que nele reuniu. E não podes encontrar em nenhum dos animais um costume ou uma natureza que não encontres no homem. Porque o homem é audacioso como o leão, tímido como a lebre, abundante como o galo, ávido como o lobo, irascível como o cão, duro e estulto como o corvo, virtuoso como o róis, malicioso como a hiena [...], luxurioso como o porco, malicioso como a coruja, útil como o cavalo, nocivo como o ratinho. E no universo não se encontra nada animal ou vegetal ou original ou mineral, nem céu ou planeta nem constelação, nem qualquer ser em todos os seres possuindo algo que lhe é próprio, sem que esta característica seja encontrada no homem: e por causa ele é chamado micro-cosmos²⁵.

III. O apogeu das Universidades

Neste momento, o século XIII, não somente se encerra o grande movimento das traduções das obras de Aristóteles²⁶ – algumas espúrias

²⁴ Citação do *Elucidarium* em Kurt Flasch, *Das Philosophische Denken im Mittelalter vom Augustin zu Machiavelli*. Stuttgart: Philip Reclam jun. GmbH & Co, 1995, p. 205.

²⁵ *Secretum Secretorum*, na versão de Rogério BACON, I. iii, C. 13º, P. 143. Na tradução espanhola do século XIII *\poridat delas Poridades*, é o 4º Tratado, M 11 e 12. (Edicion Lloud A. Kaarsten, Madrid: 1957.

²⁶ As últimas traduções acontecem ao redor dos anos 1270 com a *Política* e a segunda parte da *Ética ao Nicomaco*.

como o importante e influente *Liber de Causis*²⁷ - mas tem início o seu estudo e elaboram-se os comentários, não sem um acompanhamento medroso e antes de tudo cheio de suspeitas e desconfianças por parte das autoridades eclesiásticas que, aliás, muitas vezes levaram a restrições e proibições – como de costume quase sempre inoperantes.²⁸ Uma nova visão, deixando de lado o exemplarismo do famoso “exitus-redditus” esquema como também do sentido “misterioso” da natureza, começa a ganhar terreno. As dificuldades e desconfianças estavam presentes já antes deste momento, por exemplo, quando Guilherme de Conches apresentou os seus pensamentos, e Guilherme de Thierry protestou contra o que considerava uma deturpação da ciência e os denunciou, descobrindo neles uma falta de ortodoxia; para se defender, Guilherme de Conches publicou o seu *Dragmaticon Philosophiae (Diálogo de Filosofia)* em que um físico e um filósofo “filosofam” acerca de Deus e que de certa forma é uma revisão (ou trata-se de uma retração?) de opiniões e teses defendidas na sua obra *De Philosophia (Sobre a Filosofia)*.

Nesta nova perspectiva, baseada na Física e Metafísica de Aristóteles – embora durante muito tempo estas obras estejam sendo lidas numa “chave” neoplatônica – não se considera mais o mundo sensível como uma sombra, um caminho, um indício, um vestígio ou imagem, ou semelhança, enfim como um livro cuja leitura é reservada aos contemplativos e não aos filósofos naturalistas, como brada nas suas *Collationes in Hexameron* São Boaventura. Para ele, o mundo não pode ser considerado em si, como uma realidade autônoma, com uma evolução que obedece a certas regras e causas, e que tem uma finalidade própria.

Desenvolve-se, agora, a idéia de uma natureza desligada de transposições e interpretações simbólicas, fora da esfera do sagrado, dotada – como diz Le Goff – “de uma consistência ontológica própria e de uma habilidade causal ligada mais diretamente à vida cotidiana do homem”²⁹. Fundante para a nova visão da natureza, que se apresenta como aristotélico-árabe, é a lei da causalidade dos céus sobre o mundo sublunar. Mas, não obstante esta nova visão, convém salientar que

²⁷ Cf. **ter Reegen, Jan G.J.**, *O Livro das Causas – Liber de Causis. Uma tradução e introdução*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

²⁸ Excede o espírito deste estudo pormenorizar a história da “aprovação” de Aristóteles e da licença da leitura de seus “livros naturais”. Uma leitura original dos acontecimentos encontra-se em **Putallaz, François Xavier**, *Insolente Liberté. Controverses e Condamnations au XIIIe siècle*. Fribourg Suisse/ Paris: Editions Universitaires/ Editions du Cerf, 1995.

²⁹ Cf. Le Goff, o.c., p. 271.

No universo cristão, os céus, tornados criaturas de Deus, conservam todo o poder, mesmo após a adoção da física aristotélica e árabe. Retomando as teses defendidas no século XII, mas com um conhecimento mais preciso da física e da metafísica de Aristóteles, a cultura do século XII continua a fazer dos céus e das inteligências motoras instrumentos da ação de Deus. Nos céus (isto é no “livro do universo”) Deus escreveu o que foi determinado “segundo a Providência” [...] no livro da eternidade”: eis o que afirmas o celebre *Speculum astronomiae* (atribuído a Alberto Magno) [...] que permitem verificar que “Deus opera através do céu como se o fizesse por instrumentos” [...]”³⁰.

Na mesma linha Santo Tomás afirma que não há dúvida que todos os movimentos naturais dos corpos inferiores sejam causados pelo movimento do corpo celeste. A natureza, conseqüentemente, é uma ordem, um encadeamento de causas, uma regra do mundo.

O homem, portanto, faz parte de um contexto onde a natureza não mais se define por suas referências simbólicas como linguagem de Deus, mas pelo fato de que foi criada por Deus, segunda uma “lei” que funde e garante a própria natureza dos seres e que cada ser cumpre de forma inviolável. Torna-se tarefa do homem procurar as causas físicas, em que se afirma a presença indispensável da Causa Prima. Esta procura, que São Tomás afirma ser necessária para qualquer sábio, estabelece uma nova dignidade ao homem, e aquele que não se dedica com empenho a este mister, não se importando em conhecer a beleza do mundo, não é digno de morar nele e deveria, se possível fosse, dele ser banido³¹.

Insiste-se, portanto, numa busca das causas segundas, causas físicas antes de procurar explicações sobrenaturais, busca esta realizada por São Tomás, por exemplo, no seu *Super Librum de Causis Expositio*, em que com ênfase explica que o Primeiro Ser, Deus, é a causa das causas, dando existência a todos os outros seres, criando-os³².

Nesta mesma perspectiva deve ser considerada o que se acostuma chamar a *Filosofia da Natureza* de Rogério Bacon, embora ela não siga os mesmos caminhos de outros pensadores que tomaram no estudo da natureza as teses aristotélicas como ponto de partida. Central no seu pensamento está

³⁰ Le Goff, o.c. p. 273.

³¹ Embora atribuído a Adelardo de Bath, do século XII, este pensamento é plenamente aplicável ao espírito do século XIII.

³² **St. Thomas Aquinas** *Commentary on the book of causes. Translated by Vincent A. Guagliardo, O.P., Charles R. Hess, O.P., and Richard C. Taylor. Washington D.C.: The Catholic University Press, p. xxx. Cf., também, Proposição 1 do Livro das Causas.*

a doutrina, herdada do seu mestre Roberto Grosseteste e com certeza desenvolvida com a ajuda de filósofos árabes,³³ que toda causalidade natural se realiza por meio de um processo de irradiação – de que a irradiação da luz é uma instância visível e, por isso, o paradigma. Bacon, desta forma, acreditava que uma investigação do comportamento da luz conduziria à compreensão do funcionamento interno da natureza³⁴.

Vale lembrar que uma das grandes teses de Bacon era que a ciência deveria ser antes de tudo útil para o melhoramento dos indivíduos e da Cristandade, opondo-se desta forma à grande tese do franciscanismo, embora ele mesmo frade menor, representado por São Boaventura: a versão ascética e contemplativa da ciência, que deve conduzir à teologia.

Conclusão

Terminando esta pesquisa que, embora incompleta, indica algumas pistas sobre o tema proposto: *A natureza como manifestação de Deus na Filosofia Teológica da Idade Média*, termina-se com um pensamento moderno, do grande poeta gaúcho Mario Quintana, que traduz de maneira muito feliz e apropriada o que foi a proposta deste trabalho: ***Se alguém te perguntar o que quiseste dizer com um poema, Pergunta-lhe o que Deus quis dizer com este mundo...***

Fortaleza, outubro de 2008.

**Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Doutor em Filosofia pela PUCRS; Mestre em Teologia pela PUG de Roma.
Professor e Coordenador de Pós-graduação do ITEP, Professor do Curso de Mestrado em Filosofia da UECE.

³³ Por exemplo, entre outros, Ibn Sina e seu *De radiis*.

³⁴ Roger Bacon's Philosophy of nature. A critical edition, with English Translation, Introduction, and Notes of *De multiplicatione specierum* and *De speculis comburentibus*. By David C. Lindberg. Oxford: Clarendon Press, 1983, vii.

JUSTIÇA E PAZ PARA A INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO ECOLOGIA E ANTIGO TESTAMENTO

*Prof. Ms. Pe. Samuel Brandão de Oliveira**

Resumo - Faz-se neste ensaio uma leitura sob o aspecto sincrónico dos nove primeiros capítulos do Gênesis, ou seja, busca-se estudar este texto no seu estado atual, relacionando-o com as questões ecológicas dos nossos dias.

Como resultado percebe-se a profunda ligação entre a situação da pessoa humana e aquela de todo o criado.

Na trama narrativa ao afastamento da pessoa humana da situação de paz inicial com seu criador, causado pela desobediência que produz o rompimento de integridade existente, segue o rompimento da sua relação com o irmão.

Em um “crescendo” do pecado, que gera um movimento contrário à criação vem colocada em risco a integridade de todo o criado, o qual é poupado da aniquilação total pela existência de um homem justo e de paz, “que andava com Deus”.

Palavraschave - Gênesis, ecologia, pessoa humana.

Resumen - En este ensayo se hace una lectura bajo el aspecto sincrónico de los nueve primeros capítulos del Gênesis, es decir, se procura estudiar este texto en su estado actual, relacionándolo con las cuestiones ecológicas de nuestros días.

Como resultado se puede percibir la profunda ligación existente entre la situación de la persona humana y aquella de todo el creado.

En la trama narrativa al alejamiento de la persona humana de la situación de paz inicial con su creador causado por la desobediencia que produce el rompimiento de la integridad existente, sigue el rompimiento de su relación con el hermano.

En un “creciendo” del pecado, que engendra un movimiento contrario al de la creación, viene puesto en peligro la integridad de todo el creado, el cual es salvado del anonadamiento total por la existencia de un hombre justo y de paz, “que andaba con Dios”.

Palabra-clave: Gênesis, Ecología, persona humana.

Introdução

No contexto atual, a vida no planeta vem sendo ameaçada pela ação devastadora da pessoa humana, a qual explora de modo irracional os recursos naturais na sua busca desenfreada pela riqueza e pelo poder, não levando em conta as implicações que isto tem trazido para si e para o ambiente em que vive.

Como consequência disto constata-se o esgotamento de tais riquezas, a mudança dos padrões climáticos pela emissão de gases na atmosfera, causando catástrofes naturais, a alta de preço dos alimentos e com isso o aumento da fome entre as populações do planeta, a escassez de água, a desertificação de inteiras regiões, o aumento do nível dos oceanos com o derretimento das calotas polares, etc.

Ao contemplar esse quadro de traços apocalípticos, logo se percebe a íntima relação existente entre as atitudes da pessoa humana e a integridade do planeta em que se vive.

A estreita conexão entre a pessoa humana e todo o criado já havia sido colocada em destaque pelo conjunto de tradições orais que, reunidas pelo redator final, formam o objeto deste estudo, ou seja, os primeiros nove capítulos do livro das origens, o Gênesis.

De fato, nas narrativas da criação do livro do Gênesis existe

uma tendência contínua e crescente a sugerir uma conexão íntima entre o homem e cada aspecto da criação, desde o mais básico até o mais complexo. Isto se percebe no fato de que a humanidade é criada no mesmo dia que os animais (Gn 1,24-27) e no de o próprio Adão ter sido formado de terra (Gn 2,7[o nome de Adão, ou Adam, joga com a palavra hebraica que significa “terra”, *adamah*])¹.

Tal relação entre a pessoa humana e o restante da criação transparece também no restante do texto em questão.

Logo no início do Gênesis, no primeiro relato da criação repete-se seis vezes a palavra hebraica bAj, *tov* (bom) (Gn 1,3.10.12.17.21.25), com a qual o redator exprime o juízo do Criador sobre a obra da criação. Uma sétima vez, na conclusão desta obra com a criação do homem e da mulher, à expressão bAj acrescenta-se daom., *me’od* (muito): “E eis que era muito bom” (Gn 1,31).

Nos dois primeiros capítulos percebe-se a existência de um *-Alv'*, *shalom*, de uma integridade inicial, ou seja, toda a criação forma uma comunidade harmoniosa, há uma íntima conexão entre o ser humano, a flora, a fauna e a própria terra. Todas as coisas, sendo boas, são merecedoras de atenção, e Deus está em relação com todas elas.

¹ DEFFENBAUGH, D. G. –DUNGAN, D. L. Biblia y Ecología. In FARMER, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 2000, p. 288

Disto deriva a importante afirmação da exclusão de todo dualismo perceptível entre seres espirituais bons de um lado e físicos maus do outro. Os seres humanos são feitos da mesma matéria de qualquer outro ser criado. Adão, como já foi colocado, é hm'd'a, *adamah* (barro, terra), com a particularidade de que este é imagem e semelhança de Deus².

No entanto, seis capítulos mais adiante contêm palavras que contrastam fortemente com o que foi dito até agora: "Mas a terra se perverteu diante de Deus e encheu-se de violência" e, continuando: "E Deus viu que a terra estava pervertida" (Gn 6, 9-12).

Pode-se observar aqui o forte contraste entre a bondade de tudo o que foi criado por Deus: a criação é sete vezes boa (sete significando perfeição) e a perversão que leva a terra a encher-se de violência.

Isto é tão grave aos olhos do Senhor a ponto de dizer a Noé: "Decidi pôr fim a toda a humanidade, pois por sua causa a terra está cheia de violência" (Gn 6, 13).

Assim como hoje não cala a pergunta sobre a causa da grave situação em que se encontra a humanidade e o planeta como um todo, da mesma forma o Gênesis afronta esta pergunta fundamental: por que nos encontramos nesta situação? Qual a origem dos nossos males?

O labor da Escola Histórica Deuteronomista que se ocupou da coletânea e redação dos textos que formam a história deuteronomista (Js, Jz 1 e 2 Sm e 1e 2 Rs) e do trabalho redacional do próprio Pentateuco depois do ano 587 a.C., busca justamente responder a estas perguntas no que se refere à situação do povo no exílio³.

Ela vê o exílio da Babilônia como consequência da ruptura da Aliança pela desobediência contínua à palavra de Deus. Tal visão tem suas raízes no Deuteronomio, onde Moisés adverte o povo que se este não obedecer aos mandamentos da Lei, será expulso da terra (Dt 30,15-20).

Neste contexto o Gênesis *"desempenha um papel crucial no começo desta história: Deus cria um mundo devidamente ordenado mediante a palavra*

²Cfr. *Ibid.*

³Cfr. DE PURY, A. – RÖMER, T. O Pentateuco em questão: posição do problema e breve história da pesquisa In DE PURY, A. *O Pentateuco em questão: As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recente*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 61.

divina, e esta palavra mantém de forma inabalável a justiça e a ordem através de todos os tempos"⁴.

No Gênesis também a desobediência à palavra divina gera a desordem, a destruição do *shalom*, da integridade inicial.

É exatamente o crescimento desta desordem causada pela desobediência que se vê em três narrativas que sucedem os relatos da criação, a ponto de colocar em risco de destruição toda a criação.

Em um primeiro relato, há a desobediência de Adão e Eva ao mandamento divino de não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Eles movidos pela concupiscência e pela soberba que os faz querer ser "iguais a deuses" (Gn 3,5), atraem consequências não só para eles, mas para toda a terra que é amaldiçoada. Portanto, a ação dos progenitores rompe a comunhão com seu Criador, atingindo a toda a criação e rompendo a integridade do Éden:

E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor de tuas gravidezes e com dor darás à luz filhos; e o teu desejo te impelirá para o teu marido e ele te dominará.

E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei não comer, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida.

Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo.

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás (Gn 3, 16-19).

Mesmo sendo a proposta deste ensaio uma leitura de ordem sincrônica do texto estudado, seria interessante confrontar a saga bíblica de Gn 3 com um relato babilônico com que tem traços em comum.

Há grande semelhança entre o relato do Gênesis e aquele babilônico da "queda" de *Adapa*.

Poder-se-ia assim resumi-lo: *Adapa* era um semideus, sacerdote do deus Ea. O relato destaca a sua sabedoria e o fato de que era um pescador. Um dia, após um naufrágio, este quebra as asas do vento. Por

⁴ BOADT, L. Gênesis. In FARMER, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 2000, p. 320.

causa do grande calor causado pela falta de vento, Anu, deus dos céus, oferece alimento e bebida a Adapa. Por conselho de Ea este rejeita a oferta de Anu e perde o dom da imortalidade que este alimento lhe proporcionaria.

Como se vê, há uma diferença fundamental entre o relato babilônico e o bíblico, o que prova a sua originalidade. Quando no relato babilônico o que provoca a perda da imortalidade é uma desatenção aos deuses, no relato bíblico é a desobediência expressa ao mandamento divino⁵.

Em um segundo relato, e como consequência do rompimento da comunhão com Deus e da harmonia que existia no Éden, narra-se a ruptura das relações com o irmão. Indignado por ser a oferta de Abel melhor aceita por Deus que a sua, Caim, considerando-o um *ib, h,, hevel*, um “sopro de vento”⁶, um nada, elimina qualquer possibilidade de diálogo, movido pela inveja e pela cólera, matando-o (Gn 4,5-8).

Tal relato retrata provavelmente os antigos conflitos entre uma cultura sedentária e uma mais nômade, entre os agricultores que desejavam terrenos cercados para as suas plantações e os pastores que necessitavam de vastas pastagens abertas⁷.

No entanto, o redator utiliza-se deste relato para mostrar o alastramento das consequências da desobediência à vontade divina, que atinge agora a relação com o próximo.

A descrição do ato fratricida é lacônica. É dado mais espaço às consequências do ato de Caim.

Ao ser indagado por Deus sobre seu irmão e ao responder não ser o seu guardião, recebe imediata reprovação de Deus: “Que fizeste? Ouço o sangue do teu irmão, do solo, clamar por mim” (Gn 4,10).

O sangue do inocente clama por justiça e Deus intervém amaldiçoando o agressor, que é expulso da terra. Mais uma vez o homem, *-d'a', adam*, é expulso da *hm'd'a, adamah*, da terra (Gn 4,11).

Devemos sim ser guardiães dos nossos irmãos sob pena de maldição! Disto podemos apreender que a questão ecológica hoje, ao

⁵ Cfr. *Ibid.* 335.

⁶ Significado do nome próprio Abel em hebraico.

⁷ Cfr. BOADT, L. Génesis, p. 335.

contrário do que muitos pensam, não pode absolutamente excluir o cuidado com o ser humano, e a qualidade de sua vida.

Neste ponto, mais uma vez a maldição que atinge o homem recai sobre a terra onde ele habitar, a qual se tornará infértil: “Ainda que cultives o solo, ele não te dará mais o seu produto” (Gn 4, 12). Repete-se a idéia da solidariedade entre o ser humano e o seu meio. O paralelismo com o relato da queda é evidente.

Numa terceira narrativa, em um contínuo “crescendo”, a corrupção toma dimensões universais. O redator, utilizando-se de um mito antigo, faz ver o alastramento da corrupção sobre a terra quando os filhos de Deus (os anjos), movidos pelo desejo, tomam para si as filhas dos homens, gerando gigantes (Gn 6,1-4).

Poder-se-ia querer ver neste relato o abandono do terreno da história, um tentar tirar da pessoa humana a responsabilidade pela situação na qual se encontra deixada tal responsabilidade por conta de causas míticas (cfr. Sb 2, 24, Henoque 6 - 9).

No entanto, imediatamente nos versículos, seguintes Deus dá o seu juízo sobre a participação humana na universalização da perversão, que atingiu o coração de quase todos os homens, com exceção de Noé:

E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que todo desígnio dos pensamentos de seu coração era mau em continuidade.

Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração.

E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito (Gn 6,5-7).

Note-se mais uma vez que a conexão existente entre o ser humano e o restante da criação, entre o destino do ser humano e o de todo o criado. A destruição não somente ameaça o gênero humano, mas o conjunto da criação.

Não há na narrativa nenhuma justificativa para este fato. O autor limita-se a descrever a situação em que se encontra a terra:

A terra, porém, estava corrompida diante da face de Deus; e encheu-se a terra de violência.

E viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra.

Então disse Deus a Noé: O fim de toda a carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra (Gn 6,11-13).

No entanto, a solidariedade existente entre o homem e a natureza não é só no castigo, no sofrimento. Ao encontrar Deus em Noé um homem que não se deixou contaminar pela maldade, ordena-lhe que construa uma arca para salvar a sua família e juntamente com ela os representantes das diversas espécies animais da destruição:

Depois disse o Senhor a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca, porque tenho visto que és justo diante de mim nesta geração.

De todos os animais limpos tomarás para ti sete e sete, o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea.

Também das aves dos céus sete e sete, macho e fêmea, para conservar em vida sua espécie sobre a face de toda a terra (Gn 7,1-3).

Ao sair da arca, quando Deus abençoa Noé e faz aliança com ele, vê-se mais uma vez a profunda relação que liga o ser humano ao conjunto da criação. A formulação desta aliança é o mais abrangente possível, repete-se várias vezes que ela diz respeito a todos os seres viventes (cf. Gn 9,8-16).

Percebe-se em todos os capítulos estudados, e se tivesse feito um estudo diacrônico, em todas as tradições que formam estes capítulos, notar-se-ia uma profunda relação entre Deus, a humanidade e a totalidade da criação. Existe uma extrema conexão entre o destino da pessoa, o qual é determinado pela sua obediência ou não à palavra de Deus, pelo seu modo de relacionar-se com o próximo e com todo o universo, e o destino de todo o criado.

Mas antes de concluir este ensaio, busquemos ver o que salvou o ser humano e toda a criação da destruição total.

É a violência a por em risco a integridade de toda a criação. E esta é fruto da *tx;v'*, *shahat* (perversão), palavra que na Bíblia quer indicar corrupção moral.

O que salva a sobrevivência da humanidade sobre a face da terra é exatamente o contrário disto: a justiça e a integridade de Noé (Gn 6,9).

Interessante notar que na língua hebraica a palavra paz, -Alv', *shalom* vem do termo hebraico -lev', *shalem*, que significa "ser completo", mesmo sentido do adjetivo -ymiT', *tamim* que qualifica Noé: ele era íntegro, inteiro, completo.

É evidente, estes termos são apenas sinônimos, não têm a mesma raiz. No entanto, o sentido de algo completo, acabado, perfeito está nos dois vocábulos. Daí o significado de paz como plenitude de satisfação.

Noé, sendo um homem íntegro, torna presente o *shalom* inicial nas suas relações com Deus, com o próximo.

Portanto, podemos dizer que o que salva a humanidade da destruição total é a justiça e a paz. Paz que é fruto da justiça, que se confunde com esta: "Observa o íntegro e olha o justo, porque o fim desse homem é a paz" (Sl 37, 37).

Paz que para a Bíblia não é somente ausência de guerra, mas é ter o pão para cada dia, é ter condições para viver em harmonia com a natureza, consigo mesmo, com o próximo. É ter boas condições de saúde, a concórdia, a segurança.

A injustiça, a corrupção é por sua vez o que afeta a paz da criação e gera violência, morte.

Outra qualidade em Noé, que contrasta com a perversão e a violência, é o fato de que ele "andava com Deus" (Gn 6, 9).

Isto nos faz recordar um texto do profeta Miqueias, que fala de tempos de paz.

Ele faz ver as nações da terra que acorrem para Jerusalém, as quais dizem: "Andai, subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, ele nos instruirá sobre seus caminhos para que andemos nas suas sendas", e continuam dizendo, "realmente de Sião sai um ensino (hr'AT, *torah* sem artigo) e a palavra do Senhor de Jerusalém" (Mq 4, 2).

Disto vem a importante missão daqueles que adoram o Deus de Jacó, de propor a toda a humanidade a ética que nasce dessa Torah, dessa instrução, que aqui não se identifica com o Pentateuco, que nasce do caminho proposto por Deus para toda a humanidade.

Deste ensino vem a paz: "Então forjarão arados de suas espadas e podadeiras de suas lanças. Já não levantarão a espada nação contra nação, não aprenderão mais a guerra" (Mq 4, 3).

À medida que as nações vivenciarem o projeto ético do Deus de Israel, cessará a corrida armamentista. E a grande quantidade de recursos que se investem por ano em compra de armas poderá ser aplicada na produção agrícola para saciar a fome de tantos filhos de Deus feridos em sua dignidade. Poder-se-á aplicar mais recursos materiais e humanos no cuidado com o planeta em que vivemos sempre tendo presente a forte solidariedade entre a pessoa humana e o ambiente em que vive.

Neste dia "cada um sentará debaixo de sua vinha e debaixo de sua figueira e ninguém o inquietará" (Mq 4, 4).

Referências

DE PURY, A. *O Pentateuco em questão: As origens e a composição dos cinco primeiros livros da Bíblia à luz das pesquisas recentes*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

FARMER, W. R. (org.). *Comentario Bíblico Internacional – Comentario católico y ecuménico para el siglo XXI*. Fonasa: Verbo Divino, 2000.

GARCÍA LÓPEZ, F. *O Pentateuco*. São Paulo: Ave-Maria, 2004.

**Prof. Ms. Pe. Samuel Brandão de Oliveira*

Mestre em Teologia Dogmática-Estudos Bíblicos e Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Assunção e Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Urbaniana-Roma.

AS TEOLOGIAS DO CUIDADO NO ENSINO RELIGIOSO INTER-RELIGIOSO: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

*Prof. Ms. Michael Reinhard M. Becker**

Resumo: O Ensino Religioso na escola pública brasileira deixou de ser educação religiosa confessional e ganhou um perfil inter-religioso e multirreferencial. Essa característica permite uma abordagem interdisciplinar e transversal do tema da ecologia sob enfoque das “Teologias do Cuidado” para dentro da Educação Ambiental. Neste trabalho, vamos comparar algumas representações básicas do tema do cuidado com a natureza em diversas tradições religiosas (budismo, jainismo, religiões andinas, religiões afro-brasileiras, Cristianismo e abordagem panenteísta) e abordar a sua aplicabilidade didática na Educação Ambiental.

Palavras-chaves: Ensino Religioso; Teologias do Cuidado; Educação Ambiental

Zusammenfassung: Der Religionsunterricht im öffentlichen brasilianischem Schulunterricht ist seit dem neuen Rahmengesetz von 1996 nicht mehr konfessioneller Natur. Heute hat der Unterricht eher religionskundlichen und interreligiösen Charakter. Man könnte auch von einem interreligiösen Lernen sprechen, was eine interdisziplinäre Einbindung ökologischer Themen unter dem Stichwort „Theologien der Bewahrung der Schöpfung“ innerhalb des interreligiösen Unterrichts in Verbindung einer transversalen Umwelterziehung ermöglicht. In der vorliegenden Arbeit wird das Thema der Bewahrung der Schöpfung in verschiedenen Religionen (Buddhismus, Jainismus, andine Religionen, afrobrasilianische Religionen, Christentum und Pan-en-Theismus), sowie seine transversale didaktische Anwendbarkeit als Umwelterziehung innerhalb des interreligiösen Lernens untersucht.

Stichworte: Interreligiöses Lernen; Bewahrung der Schöpfung; Umwelterziehung.

Introdução

A relação entre as tradições religiosas e o meio-ambiente é ambivalente em muitos sentidos. O relato da criação, como é encontrado na Sagrada Escritura dos judeus e cristãos, permite diversas interpretações. Até pouco tempo atrás, pensava-se, baseado numa clara visão antropocêntrica, em uma espécie de “mandato” civilizacional do

homem sobre a criação, sancionado pela Bíblia. Faz relativamente pouco tempo que as igrejas cristãs repensaram este mandato. A teologia cristã atual define o ser humano como ser-em-relações. Uma das relações que marca a pessoa é justamente a relação com as outras criaturas, como parceiro.

Outras tradições religiosas vão além dessa visão. Diversas religiões têm desenvolvido sistemas de pensamentos que refletem sobre a relação do ser humano com o meio ambiente, e sobre quais as atitudes a tomar nestas relações. Trata-se, ao mesmo tempo, de reflexões teológicas e éticas. Há poucos anos, esta temática está se desenvolvendo rumo a um paradigma teológico novo, que pode ser chamado de “Teologia do Cuidado”. Aqui se manifesta uma multireferencialidade potencial, ligando-se a temáticas como criação, salvação, sofrimento e sua superação, vida e sentido da vida, destino, ação boa e ação má etc. Abre-se um vasto campo de possíveis novas reflexões para os teólogos e para os cientistas da religião.

Neste trabalho, queremos realizar dois objetivos: identificar uma visão panorâmica da relação do homem com a natureza em determinadas tradições religiosas, e investigar o potencial pedagógico dessa temática entre o Ensino Religioso e a Educação Ambiental.

As características do ensino religioso inter-religioso

Nos últimos anos assistimos a uma mudança profunda na legislação e regulamentação do Ensino Religioso nas escolas públicas do Brasil. O Ensino Religioso nas escolas públicas deixou de ter caráter confessional e cristão e recebe como objeto de seu discurso de forma geral o fenômeno religioso.

A partir da Resolução 02/98, da Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, o Ensino Religioso faz parte da base nacional comum como uma das dez áreas de conhecimento às quais deve ser garantida a igualdade de acesso para os alunos brasileiros. As áreas de conhecimento constituem importantes marcos estruturados de leitura e interpretação da realidade, essenciais para garantir a possibilidade de participação do cidadão na sociedade de forma mais autônoma possível.

A novidade paradigmática do Ensino Religioso inter-religioso reside na mudança epistemológica que dá sustentação a essa área de conhecimento: a ciência de sustentação não é mais a teologia, porém as

Ciências da Religião, que estudam o fenômeno religioso. O objeto da construção da aprendizagem deixa de ser a fé de uma confissão eclesial ou religião determinada. Há, conseqüentemente, a clara distinção epistemológica entre a catequese, como construção da fé de uma religião ou confissão eclesial, e o Ensino Religioso, que visa construir o conhecimento sobre as expressões fenomenológicas das religiões.

Entre os fenômenos religiosos a serem pesquisados, podemos identificar a relação das tradições religiosas com a temática da natureza e meio-ambiente. Ampliando o conceito de teologia para fora do âmbito cristão, podemos chamar essas reflexões de “Teologias do cuidado”, na medida em que encontramos elementos hermenêuticos nas religiões que têm como conteúdo o respeito pelo meio-ambiente no qual a pessoa humana constrói sua vida.

As teologias do cuidado – representações básicas nas tradições religiosas

A relação do ser humano com o seu meio-ambiente é objeto de reflexão em praticamente todas as tradições religiosas. Como tal representa um fenômeno religioso que pode ser comparado e estudado pelas Ciências da Religião. Vamos aqui apresentar alguns conceitos básicos que julgamos necessários para esclarecer a importância que cada tradição religiosa dá ao respeito do meio-ambiente e o lugar hermenêutico no interior do respectivo sistema religioso.

Budismo

Como no hinduísmo, também nas diversas expressões do budismo a preocupação central da pessoa é a seguinte questão: como posso sair do eterno ciclo das reencarnações (*samsara*), imposto pela lei do *karma*? Ou em outras palavras: como posso me libertar do sofrimento e libertar outros também, para poder entrar no nirvana?¹

O budismo tem elaborado uma cosmovisão muito rica para ajudar a pessoa a encontrar a iluminação e se tornar um Buda. Essa cosmovisão (*dharma*) aborda, como nas outras tradições religiosas também, o destino e lugar da pessoa humana no conjunto dos fenômenos transitórios que envolvem a vida humana e seu sofrimento, doença e morte. A seguir

¹ Cf. SCHERER, Burkhard (Org.). As Grandes Religiões, Temas centrais comparados, Petrópolis: Vozes, 2005, p. 37.

apresentamos alguns conceitos básicos que são importantes na ligação entre respeito pelo meio-ambiente e a superação do *samsara*².

O conceito de **metta** pode ser traduzido por “benevolência que ama”. A evocação de uma emoção de benevolência a favor de todos os seres vivos é um conceito básico da ética budista e está no centro de muitas técnicas budistas de meditação. Essa meditação tenta evocar na pessoa contemplativa sentimentos de benevolência a favor de todos os seres capazes de sofrer.

A palavra **karuna** significa a virtude da misericórdia e da compaixão ativa. É uma das virtudes centrais para quem quer conduzir outros no caminho da iluminação. Pressuposto para isso é a experiência da unidade/ união de todos os seres, ou, em outras palavras, da experiência do não estar separado dos outros seres. Consequência disso é uma postura de encontrar todos os seres com a tudo envolvendo benevolência. *Karuna* ajuda a libertar os outros seres a se libertarem do sofrimento, na medida em que o sofrimento de um ser é compartilhado pelos outros seres, já que na cosmovisão budista, todos os seres estão interligados e interdependentes pela lei do *karma* que tudo envolve.

Importante neste contexto é a postura do budista de dar atenção total ao presente momento, atenção essa sobretudo ao sofrimento concreto dos seres, para evocar o sentimento de compaixão e poder realizar mesmo os pequenos gestos de apoio e misericórdia, mas estes de forma plena.

Jainismo

O jainismo³ é uma religião fundada na Índia que remonta até o século 6./5. antes de Cristo, portanto é contemporâneo ao surgimento do budismo. Como este, o jainismo nasceu como movimento de reforma contra tendências ritualísticas do hinduísmo de tipo brãmãne. É considerada pelo hinduísmo uma religião heterodoxa porque não aceita os vedas como textos sagrados. O jainismo foi diversas vezes perseguido, mas sobreviveu devido ao seu alto grau de organização e sobretudo devido à alta evolução de sua ética. Com o hinduísmo, o budismo tem em

² Cf. para esta parte: Cap. 14 – Reencarnação. O discurso da história das religiões e o sonho proibido, em: TERRIN, Aldo Natale. Introdução ao Estudo Comparado das Religiões. São Paulo: Paulinas, 2003, p.225 a 254.

³ Para esta parte cf art Jainismo, em: BERTHOLET, A. (Org.), Wörterbuch der Religionen, Stuttgart: Kröner, 1985, p.272 a 274.

comum sua crença na reencarnação pela lei do *karma* e muitos paralelos com a cosmovisão indiana clássica.

Os princípios éticos fundamentais do jainismo são **ahimsa** (não-violência para com todos os seres vivos), **aparigraha** (independência de todas as posses supérfluas) e **satya** (amor à sinceridade/ veracidade).

Vamos refletir um pouco sobre o conceito de **ahimsa** que consiste na rejeição constante da violência e no respeito absoluto de toda forma de vida. A adoção da **ahimsa** no jainismo é mais consequente e radical do que no budismo, e tem como pano de fundo a procura da não-acumulação de *karma* negativo.

Para evitar que os outros seres sofram por causa das ações e omissões dos homens, hoje só é permitido para o jaina um lacto-vegetarianismo ou um radical veganismo; não há nenhum sacrifício de animais e não é permitida a caça ou a alimentação baseada na morte de um ser vivo. Por isso, muitos não trabalham na agricultura, para evitar que se mate involuntariamente um inseto. Usam máscaras de proteção para a boca e o nariz, para evitar que se engula um inseto. É tão consequente, que alguns jainas não sacrificam plantas, mas só aceitam alimentação que deixe as plantas sobreviverem. Neste tipo de teologia do cuidado, podemos ver a preocupação de evitar efetivamente qualquer sofrimento desnecessário para superar assim o *samsara*, o ciclo das reencarnações.

Religiões indígenas

Pacha-mama - a mãe-terra⁴:

Para os povos indígenas da América latina, a terra sempre teve uma dimensão muito profunda e existencial. É na terra que os povos indígenas encontram suas raízes humanas, religiosas e sociais. Para o índio, a terra é o alicerce de toda sua cultura, e a fonte de sua existência material, raiz de sua organização familiar e comunitária e base de sua relação com o transcendente. A terra é o fundamento que sustenta toda a cosmovisão dos povos indígenas. A terra é a fonte de vida biológica e cultural, base fundamental de sua vida espiritual, de sua integridade enquanto povo e sua sobrevivência econômica.⁵

⁴ Cf. SOUZA, Marcelo de Barros, CARAVIAS, José L.. Teologia da Terra. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 77 a 95.

⁵ Cf. *Ibidem*, 79

A terra não é algo profano, pelo contrário, ela representa a essência de seu sistema religioso. A terra é o conceito chave para a compreensão dos povos indígenas das Américas em todos os seus aspectos de vida. Por isso, qualquer ataque à sua terra é um ataque à sua vida e à sua religião e identidade cultural e vida comunitária. O sentido religioso e comunitário que é dado à terra leva os índios a respeitarem seu ritmo natural de produção. Adaptam-se ao meio ambiente e procuram manter o equilíbrio ecológico, que lhes assegura sua continuidade biológica, econômica, cultural e social.

Neste contexto é muito significativa a figura da grande mãe-terra na cultura andina. Para o camponês quíchua, a terra, habitáculo da *Pachamama*, não é apenas útil, mas é um modo de viver, um ambiente de vida, é para o índio a sua circunstância.⁶ O homem andino não considera o que o rodeia como objeto, mas olha tudo como seu coexistente, o homem é parte do mundo, numa espécie de convivência familiar entre as plantas, os animais e os outros homens; é uma comunhão vivencial com a natureza. A *Pachamama* revela um aspecto ambivalente. De um lado é a mãe cuidadosa, mas de outro lado pode se revelar com um perfil vingativo, de enfermidade e de morte. Para não ofender a *Pachamama*, ao iniciar o ciclo agrícola, os camponeses indígenas lhe fazem oferendas, pedindo que as lavouras produzam bem e as raízes não apodreçam, inclusive pedem licença, antes de pisar na terra. É possível entrar em comunicação sacral com a *Pachamama*, pois ela é considerada um ser vivo.⁷

Para o quíchua, a atividade agrícola não é simplesmente uma atividade do mundo profana, mas, antes de tudo, um ritual religioso que é realizado sobre o corpo da Mãe-terra, à qual se deve respeitar, querer e até temer. Tem-se o sentimento de atuar num ser vivo e querido, mas perigoso. Por isso, no mais íntimo de seu ser, vender, dividir ou alterar o ritmo natural da terra é considerado como algo pecaminoso, que profana a essência sagrada da *Pachamama*, e ela pode se vingar.

Religiões africanas e afro-brasileiras⁸

São religiões com forte conotação de inserção no contexto de natureza. No terreiro, o comunitário predomina sobre o individual. As trocas são baseadas no princípio do dom e do contradom, e não no lucro.

⁶ Cf. *Ibidem*, 81.

⁷ Cf. *Ibidem*, 83.

⁸ Cf. *Ibidem*, p. 114 a 117.

O bem-estar material é visto como consequência da observância religiosa, e não do esforço de trabalho profissional e da ambição de vencer.⁹

No Candomblé celebra-se a religião da terra, a religião natural. Os Orixás são orixás da terra em dois sentidos. O primeiro é que eles vêm de uma situação rural e são divindades de uma religião predominantemente agrária. A terra é o grande sacramento da relação religiosa do homem com a divindade.¹⁰ Também através de imagens, símbolos e ritos, o homem sente a sua vinculação com o mundo ao seu redor, sua inserção na natureza e sua dependência às forças da natureza.

A teologia do cuidado no Cristianismo

Também na teologia cristã existem tópicos interessantes para a nossa questão do cuidado com o meio-ambiente. Isto não é totalmente autoevidente já que, durante muito tempo, a teologia cristã contribuiu, e continua contribuindo, também para uma visão antropocêntrica da relação entre pessoa e criação. Fala-se muitas vezes de um mandato da pessoa humana, de administrar os bens da criação. O próprio Concílio Vaticano II, no documento *Gaudium et Spes*, no. 12, apresenta a pessoa humana como centro e ápice da criação e coloca os bens da criação aos seus pés.

Nesta parte da nossa reflexão, abordaremos rapidamente os conceitos que atualmente parecem mais propícios de representar um potencial de desenvolvimento teológico para uma teologia cristã do cuidado. Esses conceitos permanecem abertos para uma pesquisa posterior mais ampla.

Pelo conceito de *creatio continua*¹¹, a tradição da Igreja expressa que Deus está continuamente em atividade criativa no sentido de manter toda a criação na existência, Relacionando com o conceito de *imanência*, ou seja, que Deus habita em tudo que existe, revelando como um Deus da providência divina, preocupado e cuidadoso com sua própria obra criada. Na medida em que a pessoa humana, criada segundo a imagem e semelhança de Deus, participa como criatura criativa dessa obra criativa, a pessoa tem possibilidades de se conscientizar sobre o seu papel de colaborar na subsistência da criação.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 116.

¹⁰ Cf. *Ibidem*, p. 117.

¹¹ Cf. SATTler, D., SCHNEIDER, T., Doutrina da Criação, em: SCHNEIDER, T. (Org.), Manual de Dogmática, Vol. I, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 114 a 215.

Existe um conceito com uma certa intersecção temática com o conceito de imanência: fala-se cada vez mais de um “**panteísmo cristão**”, cujo pensamento Leonardo Boff tem desenvolvido em diversas obras. Para ele¹², Deus não se afigura apenas como Criador, mas como Espírito do mundo. Deus está presente no cosmos e o cosmos está presente em Deus. Boff usa para este tópico a expressão da igreja antiga de **pericórese**, que inicialmente expressa a interpenetração intertrinitária das três pessoas divinas da trindade cristã. Ampliando este conceito da **pericórese** ao âmbito da criação, chega-se a uma concepção panteísta. Esta quer dizer que Deus está em tudo e tudo está em Deus, não como idênticos, mas com uma abertura de um para o outro numa mútua presença. Boff usa o novo conceito de **transparência**, que significa a **transcendência dentro da imanência**. Lembrando o grande jesuíta Teilhard de Chardin, Boff ressalta a importância deste pensamento para a postura da pessoa com o meio ambiente: em cada mínima manifestação de ser, em cada expressão da vida, estamos às voltas com o Mistério do universo-em-processo, que na visão de Teilhard pode ser denominado de **Teosfera**.

Educação ambiental: definição, princípios e diretrizes¹³

As reflexões até aqui realizadas mostram suficientemente que as tradições religiosas têm um rico tesouro de pensamentos a favor do respeito da preservação do meio ambiente. Podemos nos perguntar, então, sobre como efetivar estes pensamentos numa educação formal e informal que garanta a preservação e sustentabilidade da natureza. Para responder à necessidade de uma educação de respeito à natureza, surgiu nas últimas décadas uma vertente da Educação, cada vez mais forte: a chamada educação ambiental. Vamos ver duas definições de educação ambiental e depois refletir sobre os seus princípios e diretrizes.

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem do uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.¹⁴

¹² Cf. BOFF, L., *Ecologia – Grito da Terra, Grito dos Pobres*, São Paulo: Ed. Ática, 1995, p.234 a 237.

¹³ Cf. para esta parte: Ministério do Meio Ambiente/ Departamento de Educação Ambiental: <http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=20>. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: <http://portal.mec.gov.br/secad/>

¹⁴ Art. 1o da Lei no 9.795 de abril de 1999.

Este é um processo em que se busca despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais. Desenvolve-se num contexto de complexidade, procurando trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política.¹⁵

Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)

No âmbito brasileiro, a educação ambiental recebeu destaque através de uma lei que cria a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), a Lei nº 9.795, de 27 de ABRIL de 1999. Nesta lei, podemos destacar como princípios básicos da educação ambiental o enfoque **humanista, holístico, democrático e participativo; o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;** a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais e o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural. Entre os objetivos aparece o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos, bem como o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social. O art 10 da lei prescreve que a educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal, e que a **educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino**, lembrando o conceito de transversalidade da temática ambiental no currículo das áreas de conhecimento.

O Programa Nacional de Educação Ambiental

O Programa Nacional de Educação Ambiental foi elaborado em conjunto pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Meio Ambiente. Este programa, que tem caráter prioritário e permanente, deve ser reconhecido por todos os governos, tem como **eixo orientador a**

¹⁵ MOUSINHO, P. Educação Ambiental, Glossário. Em: Trigueiro, A. (Coord.) Meio ambiente no século 21. Rio de Janeiro: Sextante. 2003.

perspectiva da sustentabilidade ambiental do Brasil. Nesse sentido, assume as seguintes **diretrizes**:

- Transversalidade e Interdisciplinaridade.
- Descentralização Espacial e Institucional.
- Sustentabilidade Socioambiental.
- Democracia e Participação Social.
- Aperfeiçoamento e Fortalecimento dos Sistemas de Ensino, Meio Ambiente

A educação ambiental deve se pautar por uma **abordagem sistêmica, capaz de integrar os múltiplos aspectos da problemática ambiental contemporânea.** Essa abordagem deve reconhecer o conjunto das inter-relações e as múltiplas determinações dinâmicas entre os âmbitos naturais, culturais, históricos, sociais, econômicos e políticos.

Ensino Inter-religioso como lugar da educação ambiental transversal

Depois de apresentar a educação ambiental em suas características básicas, podemos finalmente voltar à questão inicial: Como efetivamente abordar transversalmente a Educação Ambiental através das Teologias do Cuidado no Ensino Religioso? Para responder a esta questão, vamos apresentar apenas alguns tópicos básicos que nos parecem importantes para a reflexão.

A natureza interdisciplinar do Ensino Religioso, permite algumas realizações didáticas específicas do trabalho com a temática do meio ambiente. Parece-nos fundamental a experiência ambiental concreta da criança através dos cinco sentidos. A educação ambiental pode assim acontecer (na medida em que haja condições estruturais da escola para isto) através de excursões para ambientes naturais, como sítios e áreas de proteção.

Como a educação ambiental deve ser incluída no ensino formal de modo transversal, há uma ótima possibilidade de trabalhar temáticas de proteção do meio ambiente no Ensino Religioso através do trabalho didático de projetos, em colaboração com outras áreas de conhecimento como a biologia, geografia, história, arte e música. Nestes projetos podem ser incluídos elementos de celebrações religiosas com o intuito de celebrar a vida em suas diversas manifestações, usando a musicalidade, flores e muitos outros elementos da “sacramentalidade da natureza”.

Uma vantagem indiscutível de projetos interdisciplinares, além da possibilidade da transversalidade, é que permite encontros e celebrações

ecumênicas e inter-religiosas, que por si só já serão espaços privilegiados de aprendizagem sobre valores como a tolerância, o cuidado e o respeito.

Referências bibliográficas

SOUZA, Marcelo de Barros, CARAVIAS, José L.. *Teologia da Terra*, Petrópolis: Vozes, 1988, p. 77 a 95.

BOFF, L.. *Ecologia – Grito da Terra, Grito dos Pobres*, São Paulo: Ed. Ática, 1995, p.234 a 237.

Lei nº 9.795, de 27 de ABRIL de 1999

Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: <http://portal.mec.gov.br/secad/>

Ministério do Meio Ambiente/ Departamento de Educação Ambiental: <http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=20>.

MOUSINHO, P. *Educação Ambiental*, Glossário. Em: Trigueiro, A. (Coord.) Meio ambiente no século 21. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

SATTLER, D., SCHNEIDER, T.. *Doutrina da Criação*, em: SCHNEIDER, T. (Org.), Manual de Dogmática, Vol. I, Petrópolis: Vozes, 2001, p. 114 a 215.

SCHERER, B. (Org.). *As Grandes Religiões - Temas centrais comparados*, Petrópolis: Vozes, 2005.

TERRIN, A.. *Reencarnação. O discurso da história das religiões e o sonho proibido*. Em: Introdução ao Estudo Comparado das Religiões. São Paulo: Paulinas, 2003, p.225 a 254.

**Prof. Ms. Michael Reinhard M. Becker*

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Ceará;

Professor do ITEP e ICRE

E-mail: profmiguelbecker@yahoo.com.br

ESPIRITUALIDADE HOLÍSTICA FRANCISCANA

*Frei Anízio Freire, OFM**

**Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.**

Introdução

Desejamos mastigar juntos, algumas porções do que aqui vamos compartilhar: uma visão de espiritualidade raizada nas Escrituras Hebraicas, que chamamos de Eco- Holística Franciscana, partindo do grito orante de são Francisco: “Meu Deus e meu Tudo!” Primeiramente veremos o sentido ampliado de espiritualidade como força viva do interior humano, que se manifesta em expansão na circularidade das relações humanas e no meio ambiente-criação.

Segundo veremos como o ser de Francisco de Assis entrou em êxtase com o todo da vida humana e natureza. Dizer que Francisco foi um poeta da criação é perceber nele e no seu *movimento de irmandade*, o espírito desarmado de amor à vida como um todo integrado. Pois é na vida social que o santo de Assis vai se identificar com gente simples um povo empobrecido sem “direitos fundamentais” para viver dignamente. Além disso, ele amplia senso de amor e encantamento para com a vida da Natureza, a qual, para ele, revelava a presença do seu Criador. Francisco e seus irmãos vão desenvolver *com audácia* uma nova arte de fazer, de construir a fraternidade cósmica: Humanos, Natureza e Divindade.

1. Ampla Sentido de Espiritualidade

Quando falamos de espiritualidade estamos diante de *um conceito amplo* no campo do pensamento humano. Como idéia viva de uma mente pensante e de um coração voltado e devotado para Deus, espiritualidade é a qualidade do “Humano interior” ou do “Humano essencial” (*ontos ánthropos*) que busca expressar seus sentimentos e pensamentos, os quais se originam das experiências do cotidiano. Tais experiências estão ligadas ao ambiente geográfico, ambiental, cultural, social e religioso do próprio ser humano.

Nesse ambiente, tanto o ser humano quanto os outros seres vivos, só podem existir através de uma Única Causa Vital: a Deidade em eterno movimento. Biblicamente falando, esta causa vital é Deus que por e com amor espalhou de Si, sua *Ruah* (em hebraico), seu *Pneuma* (em grego) ou *spiritus* (em latim). Essa idéia, nas três línguas, exprime algo concreto e sensível que é o *vento*, o ar em movimento, *hálito* ou *sopro*.

Na linguagem poética bíblica, (como linguagem criativa de fazer, de construir), encontramos essa idéia de *vento* ou *sopro* que é descrita como o *hálito das narinas* de IHWH, "*o Ser que É*", para comunicar a força poderosa do ser de Deus no infinito Universo. Assim expressa a sabedoria dessa linguagem:

"Ao sopro das tuas narinas as águas se amontoam,
as ondas se levantam qual represa,
e os abismos retesam no coração do mar" (Êxodo 15,8.10).

"Os fundos marinhos aparecem,
os fundamentos do mundo descobrem,
ao estrondo do "*Ser que É*" (IHWH),
pelo hálito que exalam suas narinas" (2Samuel 22,16).

Apareceu o fundo do mar,
onde as bases do mundo se descobriam,
Por causa da tua ameaça, IHWH "*Ser que É*",
Pelo vento soprando das tuas narinas" (Salmo 18,16).

Este *sopro* ou *vento* é o Espírito divino como *força vital* dos seres vivos e não-vivos. O vento soprando simboliza a respiração do *Ser que É*. Ele é o princípio de vida tanto para o ser humano como para os animais. Com viva consciência dessa respiração, assim diz o salmista "*SENHOR, se escondes tua face eles se apavoram, se retiras sua respiração elas expiram, voltando ao pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra*" (Salmo 104,19; Gênesis 6,17; 7,15.22; Ezequiel 37,10-14). Este sopro que se espalha no Universo é "*o espírito do SENHOR que enche a terra. Ele, que a tudo dá consistência, tem conhecimento do que diz*" (Sabedoria 1,7)

No humano, este *sopro* recebido como *espírito*, ou *respiração*, se torna sede vital de sentimentos e pensamentos. Neste sentido, a gente sabe que as emoções fortes influem negativamente nos órgão da respiração. Assim, em pessoas desanimadas ou espantadas com os desafios da existência, não há mais espírito como aconteceu na história dos hebreus, quando ouviram falar sobre as ameaças dos estrangeiros, como está dito em Josué: "*Ao ouvirmos isso, o nosso coração desfaleceu e não*

restou mais ânimo em ninguém" (Josué 2,11). Esse espírito revive quando as pessoas tomam coragem e dão um passo a mais na vida.

Em Gênesis 45,25-28 encontramos esse espírito reanimado, em Jacó, quando ele estava abatido por causa do desaparecimento de seu filho José. E *"então reanimou-se o espírito de seu pai Jacó"* (45,27). E assim, na história dos patriarcas, todos eles foram beneficiados pela força ativa de Deus que se movia por cima da superfície das águas (Gênesis 1,2). Para os antigos, essa força ativa é o "sopro divino" como condição para a vida humana e animal (Gênesis 6,3; Salmo 104).

E assim, com base na tradição bíblica, queremos deixar claro que *espiritualidade* é a qualidade do *Ser que É*, no *ser*, do ser humano que recebe o dom de viver *em espírito e verdade* no mundo onde vivemos. Hoje sabemos que existem vários tipos de espiritualidade como a hebraica, cristã, budista, mulçumana e tantas outras que fluem da mesma *Fonte do Ser sem Nome*. Uma viva espiritualidade faz de nós agentes conscientes e testemunhas do *Ser que É* em todo lugar e em toda parte. Essa consciência estava bem viva na sabedoria dos hebreus:

"Aonde irei para estar longe do teu Espírito? Aonde fugirei longe de tua presença? Se eu escalar o céu, aí estás; se me deixar nas profundezas, também aí estás. Se me apossar das asas da aurora e for morar nos confins do mar; também aí tua mão me conduz. Se eu disser: 'as trevas, ao menos, me envolverão e a luz, à minha volta, se fará noite', nem sequer as trevas são bastante escuras para ti, e a noite é tão clara como o dia, tanto faz a luz como as trevas" (Salmo 139,7-12).

2. Espiritualidade Holística

Entendemos que a verdadeira espiritualidade é aquela que, existencialmente, engloba tudo e todos no eterno movimento do Universo em evolução contínua. Nesse sentido, espiritualidade holística é a capacidade de o ser humano ver tudo integrado e interligado "no jogo entrelaçado de partícula e energia" no processo evolutivo da criação. Espiritualidade aqui não é uma doutrina filosófica, teológica, econômica, política, social ou religiosa, mas uma qualidade de compreensão da interrelacionalidade de tudo com tudo e todos com todos no palco da criação. Assim, como qualidade de ver a vida interligada em totalidade, a espiritualidade holística nos ajuda a compreender todos os aspectos do conhecimento humanos como *ciência viva* que comunica amor humano e divino, numa atitude de reverência ao Eterno Vivente presente e ausente no todo da Criação.

Essa arte de ver em totalidade provém de um *terceiro olho* invisível em cada um de nós. Trata-se do olho do santo Espírito que *enche e renova* a face da Terra. Como seres presentes e peregrinos nessa Terra, todos nós somos herdeiros desse Espírito, para ser, sentir, pensar, viver e agir *com poesia* na mente e no coração, a fim de amar, cuidar, cultivar, partilhar e celebrar o "*Ser que É*" em nós e na Natureza.

Esse terceiro olho faz a gente ver e contemplar Deus em tudo e em todos, na imensidão da comunidade cósmica. Aqui não se trata de uma visão panteísta, porque esta é uma visão bastante limitada de ver o "*Ser que É*" como coisa a ser possuída, nas diversas coisas da Natureza. Buscamos aqui, sim, enfatizar o sentido vital de *panenteísmo*, ou seja, visão ampliada que vê e contempla a Deidade em tudo e em todos, a qual pode estar presente ou ausente, sem faltar vida para nenhum ser vivente.

Houve e ainda há uma corrente de pensamento, que acentua a importância dessa visão *panenteísta* que é diferente da panteísta. Originado do grego, o termo *panenteísmo*, de *pan* = "tudo"; *en* = "em" e *theos* "deus", quer dizer, *Deus em tudo e tudo em Deus*, num processo contínuo de evolução. Portanto, trata-se de uma visão total da presença de Deus no todo da Criação. Mesmo assim, ao lado dessa visão há o pensamento panteísta afirmando que *Deus é tudo e tudo é Deus*. Isto quer dizer que o Mundo criado e Deus são idênticos, iguais; e que o mundo não é criatura de Deus. E assim, tudo está liberado para ser possuído e destruído sem nenhum senso ético, humano e espiritual. Nessa ótica quem puder que se vire para sobreviver. O que vale é possuir sem nada de comunhão com ninguém.

Assim, é necessário dizer que essa visão não ajuda o ser humano a se envolver com a evolução do bem-estar humano e social, e, muito menos, com o crescimento da paz no mundo, paz esta que é fruto da justiça, do amor e da ordem na sociedade e no cosmos. A espiritualidade holística franciscana nasce de uma intuição ligada ao "*Meu Deus e meu Tudo*". São Francisco descobre que Deus é um Deus vivo presente em tudo e em todos, para criar entre nós essa consciência viva de que somos responsáveis pelo todo da vida dentro e fora de nós.

Então, havíamos dito que a visão panteísta ao afirmar que Deus é tudo não ajuda a nos envolver com situações desumanas no mundo social da existência, por exemplo, a desigualdade, a exploração, a violência e a morte, seja de quem for. Essa visão é indiferente a essa realidade de exploração social e desmatamento do meio ambiente. Trata-

se de uma visão utilitarista das coisas, sem uma perspectiva de vida digna para outros humanos que virão se habitar na Terra de Deus, que é Terra de irmãos e de irmãs de todas as raças do mundo.

A visão de que *Deus está em tudo e em tudo em Deus* leva-nos a um espírito de compreensão, de acolhimento e percepção ampliada de que Deus não é indiferente ao todo da Criação: ser Humano e Natureza. Nessa visão, o ser Divino está todo voltado e devotado para o nosso bem-estar e felicidade. Assim, qualquer visão humana que isola o Criador da criação torna-se enganadora e traidora. Portanto, enfatizar a idéia de isolamento entre Deus e Natureza é negar a relacionalidade visível e invisível do Incriado com o criado: você, eu, todos e a Natureza.

3. Visão Holística dos Sábios Hebreus

Mergulhando na visão bíblica, "*Deus é tudo*" porque tudo vem dele; e "*Ele é maior que todas as suas obras*" (Eclesiástico 43,27-28). Deus é maior que suas obras porque Ele é a origem, a fonte, a causa e o ordenador de todas as coisas (Sabedoria 1,7; 7,22 – 8,1). Essas obras trazem ou revelam as qualidades da sabedoria do Incriado. É nesse sentido que nós buscamos refletir, amorosamente, que a ecologia é a ciência ou o estudo das relações entre os seres vivos e o meio ambiente geográfico, humano e cosmológico. E assim, ecologicamente vemos, com razão e emoção, que as obras das mãos de Deus são uma totalidade, holística e espiritual, tão bem compreendida pelos sábios hebreus.

Neste sentido, ecologia não é uma teoria ou um discurso puramente racional e frio, mas uma palavra viva, térmica e orgânica com senso de relação com tudo o que é vivo; é ainda um senso de cuidado e de zelo pelo "Tudo de Deus", tão bem reverenciado por São Francisco de Assis, o qual sente Deus como presença e ausência, no todo da Criação.

Busquemos entender e aprofundar essa idéia de Deus presente ou ausente no todo da Criação. Agora vamos nos lembrar daquele pensamento lindíssimo da mente franciscana: "*Meu Deus e meu Tudo*". Este pensamento expressa a espiritualidade completa, viva e total da alma de São Francisco. Quando ele diz "*Meu Deus*", esta expressão evoca seu senso humano e espiritual direcionado para Deus. Todo o ser de Francisco reconhece a divina Presença no todo da vida. Ele demonstra também afetividade e confiança no Deus dos deuses – *Elohim* (Salmo 136,2).

O nome *Elohim* aparece em Gênesis 1,1 onde se lê em hebraico "*Bereshit bara Elohim*". Lembramos que *Elohim* é plural de *El* que significa

deus, na cultura de Canaã. Traduzindo literalmente a frase hebraica ficaria: “no princípio os deuses criaram”. Se fosse assim, pergunta Leloup, o que seria, então, do Deus Um do monoteísmo? Aprofundando o sentido humano e espiritual da questão ele diz que “no REAL, a unidade e a pluralidade não se opõem. O sol é um, mas dele parte uma multidão de raios – Deus é um e uma multidão de raios está voltada na direção *rumo a nós* (EI).” (In *Deus não Existe*, p. 72s).

Nesta perspectiva, o nome *Elohim*, dessa maneira, guarda a marca da experiência das energias criadoras que está na origem dos mundos. *Elohim* traduz a maneira como o Desconhecido (IHWH) está “*voltado para*” e “*indo rumo a*”, que é o sentido da partícula *EI*. Assim, como o sol está voltado com seus raios para o todo do Universo, assim é o Deus dos deuses. IHWH, o Ser não-manifestado, o Ser sem nome, sai de si e se revela como Dom na criação. As Energias divinas que emanam de IHWH participam da criação (*Elohim*). (Idem)

4. Meu Deus é meu Tudo

Diante da magnitude do dom, no *Ser que É*, Francisco abre sua alma em êxtase e diz “*Meu Deus e meu Tudo!*” Com essa consciência humana e divina, cósmica e ecológica, o amante de tudo e de todos ama, cuida, zela e reverencia cada criatura como presença de Deus. Quando ele diz “*Meu Tudo*”, o mesmo está expressando seu senso de reconhecimento pela divina Ausência que se oculta na criação, para suscitar em nós temor reverencial de respeito, de amor e de cuidado pela Criação.

Com uma atitude de enraizamento e abertura para a vida podemos, pela fé, ser orantes, vigilantes e responsáveis por tudo e por todos. Esta responsabilidade vai revelar a qualidade de nossa espiritualidade no mundo familiar, comunitário, social e eclesial. Tal espiritualidade revela qualidade nos mínimos atos de amor e de reverência por tudo o que é vivo no palco da Existência ao nosso redor. É por esta visão que buscamos entender a religiosidade de São Francisco, na qual ele coloca todo o seu ser para escutar Deus na Criação.

Vendo a criação como totalidade e manifestação do ser de Deus, ela representa o conjunto vivo, interligado e interdependente entre Deus, o ser humano e a Natureza. Natureza e ser Humano constituem uma inseparável unidade com a Deidade. Quem mantém essa unidade vive em plenitude com o SER criador. Portanto, esse senso de totalidade quer expressar hoje nossa espiritualidade viva, a qual é movida e iluminada

pelo divino e eterno Espírito de Deus, o qual está inteiramente presente no todo da Criação. É através do Espírito que entramos em comunhão e comunicação com Deus, com a Natureza e com todos os Humanos no sistema vivo da Criação.

Assim, como ciência de interrelacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com o meio ambiente, a visão ecologia franciscana nos convida a ser agentes do cuidado, da reverência e da ordem no ambiente onde agimos e interagimos. Este comportamento sinaliza a visão científica construtiva, criativa e religiosa que temos sobre a vida, sobre nós mesmos e sobre Deus. Assim, a espiritualidade ecológica franciscana, seu humanismo enfocando sua atenção para o bem-estar dos pobres, no dinamismo da interação e interrelação entre os seres vivos e não-vivos, no espaço local e global onde tudo vive e convive com tudo e com todos, forma uma imensa comunidade ecológica.

Portanto, reconhecer hoje São Francisco como “patrono da ecologia” é ver nele “o poeta da casa cósmica” agindo e interagindo, a partir da compaixão para com os oprimidos e excluídos no passado e no presente. O termo “poeta”, do grego “*poiéo*”, quer dizer “fazer, construir”. Dizer que Francisco foi um poeta é perceber nele e no seu *movimento de irmandade* o espírito desarmado de amor à vida. Que vida? A vida de um povo empobrecido sem “direitos fundamentais” para viver dignamente e a vida da Natureza, que para ele revelava a presença do Criador. Francisco e seus irmãos desenvolvem *com audácia* uma nova arte de fazer, de construir a fraternidade cósmica: Humanos, Natureza e Deidade.

5. Ecologia Franciscana

Afirmamos que a base existencial da ecologia franciscana não era um sentimento intimista, romântico, ou de uma admiração superficial sobre plantas, flores, árvores e animais, mas o sentimento humanístico de compaixão para com os humanos maltratados e marginalizados. Foi assim que Francisco revelou seu humanismo, ensinando uma nova consciência nos irmãos: “*E devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua*” (1Regra, 9). O convívio com a realidade humana desses “menores” de Assis faz acordar em Francisco um outro sentimento humano e espiritual: “Em Assis o Amor não é amado nos *menores* do meu povo”.

Observemos que a visão que Francisco tem da crueldade social do seu tempo o faz agir ecologicamente com senso de compaixão para com os pobres excluídos; além disso, ele deixa transparecer sua admiração

para com o sentido da Criação, em volta dele e dos empobrecidos. Assim, “todos os gestos de afeto para com as criaturas surgem depois de sua compaixão para com os pobres” (Aldir Crocoli). Sendo assim, o agir ecológico de Francisco nasce de seu coração voltado e devotado a Deus em todas as direções do mundo criado: terra e céu.

Propomos aqui que a ecologia franciscana pode ser entendida como arte de fazer e construir uma ponte viva de respeito, de amor, de justiça, paz e ordem entre os seres das alturas e com os seres humanos criaturas. Sem essa ponte existencial de relações, “a paz que é filha da justiça” perde seu sentido, porque ela não toca nem muda a “água do poço” de uma mentalidade possessiva, agressiva, arrogante e apática a tudo o que é vivo. É urgente buscarmos meios concretos para fazer essa nova ponte, sobre a qual justiça e paz, comunhão e participação, cuidado e zelo sejam celebrados com espírito de aliança e fidelidade ao *Ser que É* presente e escondido em tudo e em todos.

Num finalmente aberto, queremos dizer que a espiritualidade franciscana é uma visão holística, isto é, de articulação com a totalidade cósmica em evolução; é ecológica porque age sabiamente vendo “as relações, interconexões, interdependências e intercâmbio de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos” (Boff). Com essa viva consciência das relações interconectadas, a espiritualidade franciscana quer ser uma arte humana e espiritual de fazer, de construir uma nova mentalidade que vê o mundo criado - humanos e natureza - como dom em movimento para o bem, a paz e a ordem no mundo.

Com esse novo olhar voltado e devotado para Deus e para suas criaturas, a espiritualidade franciscana pode fazer a gente perceber que tudo é Presença de um *Ser que É* pai-mãe oferecendo-se, eternamente, a nós e a todos os seres vivos como Dom. Nesta dimensão quem respeita, ama e acolhe a VIDA como dom e se torna dom edificando a grande família cósmico-ecológica do Emmanu-El, o “Deus conosco”, na Terra e no Céu. E com essa viva consciência de interconexão com o todo da Vida, podemos cantar as maravilhas do Deus vivo, em comunhão com a fraternidade humana e cósmica.

6. Cântico das Criaturas

E assim, em unidade e comunhão com a espiritualidade holística franciscana, podemos voltar e dedicar nosso coração a Deus vivo e criador, louvando-o e cantando franciscanamente o Cântico das Criaturas:

1. Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.
2. Só a ti Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno de te mencionar.
3. Louvado sejas, meu Senhor, com todas as criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol que clareia o dia e com sua luz nos alumia.
4. E ele é belo e radiante com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.
5. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras e preciosas e castas.
6. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento, pelo ar, ou nublado ou sereno,
E todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento.
7. Louvado sejas, meu Senhor pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde e preciosa e casta.
8. Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo, pelo qual ilumina a noite.
E ele é belo e jucundo e vigoroso e forte.
9. Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a mãe Terra,
Que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos e coloridas flores e ervas.
10. Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.
11. Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.
12. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.
13. Ai dos que morrem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar conformes à Tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!
14. Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.

6. Concluindo para Construir

Ao longo de nossa reflexão, buscamos compartilhar uma visão ampliada sobre espiritualidade holística na perspectiva bíblica e franciscana. Com um finalmente aberto, queremos concluir para construir uma nova relação com o meio ambiente onde vivemos. Quem ama e aprecia a vida, pode cooperar e dar o melhor de si para a vida, e seja DOM para tudo e para todos.

Com o exercício abaixo cada pessoa pode fazer sua parte, em vista de juntos preservarmos o maior dom que o Deus vivo nos concedeu de graça: a VIDA! Assim, com direitos e deveres, todos são chamados HOJE a dar um basta à criminoso devastação contra a natureza. Sendo assim, agora, faça a sua parte!

Exercício Prático de Ecologia

1. Conhecer seus direitos e deveres de ser humano no meio ambiente circundante.
2. Acolher bem cada pessoa é um dever, mas zelar por um ambiente limpo e digno para todos é um dever de todos.
3. Evitar jogar lixo nas ruas, praças e em quaisquer ambiente onde todos circulam.
4. Vigiar para não jogar garrafas, copinhos, sacolas plásticas nas estradas, becos e atalhos.
5. Evitar o desperdício de energia, de água e alimentos em casa e fora de casa.
6. Comer o necessário para viver bem e ter saúde agradável para amar e cuidar da vida.
7. Evitar a poluição de fontes, rios, lagos e mares porque água poluída prejudica a vida.
8. Observar como está acontecendo sua relação ecológica para consigo mesmo e com seu meio ambiente.

Você tem o direito de saber que:

1. Ecologia é a arte de cuidar bem da vida de cada dia.
2. Preservar os seres vivos no “ninho ecológico” é sinal de inteligência.
3. Um ser humano inteligente cuida e zela de seu meio ambiente.
4. O meio ambiente é o berço mais favorável para os seres vivos e humanos evoluíram em mais vida.
5. O meio ambiente é o fundamento principal para a qualidade de vida pessoal, comunitária e social.
6. Podemos pensar ecologicamente para o bem-estar da gente em qualquer meio ambiente.
7. Você pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida no nosso Planeta, a mãe Terra.
8. O meio ambiente é o lugar onde a gente existe, vive e convive.
9. Preservar e manter limpo esse lugar é obrigação da gente.
10. Gente decente cuida do seu meio ambiente.
11. Ecologia é a arte de preservar o futuro, a partir do momento presente.

12. Onde há qualidade vida mental, emocional e espiritual, o meio ambiente está garantido para todos.
13. O ser humano é o único responsável pela conservação ou degradação da natureza.
14. Um ser humano educado jamais polui o meio ambiente onde ele e seus semelhantes estão presentes.
15. Quem agride o meio ambiente é inimigo de Deus por esse ato indecente.
16. O agressor do meio ambiente prejudica, indecentemente, a si mesmo e aos seus semelhantes.
17. Aquele ou aquela que degrada a natureza perdeu inteiramente seu senso de gentileza.
18. Resgate seu sentimento de gentileza com atos de bondade e pequenos gestos, como um bom-dia espontâneo, um riso gratuito, um olhar amigo, um beijo de comunhão, um toque afetuoso de paz, um favor de gratidão, usando sempre a criatividade do seu coração.
19. Ambiente limpo é sinal de religião viva no coração.
20. “A limpeza Deus amou” é um ditado popular que pode nos educar.
21. “Ambiente limpo não é só onde limpamos, e sim, onde não sujamos”.
22. Ambiente saudável é vida saudável para todos.
23. Cada dia a natureza produz o suficiente para o nosso bem-estar.
24. Agir ecologicamente é fazer uso da natureza para suprir nossas carências apropriar-se
25. É triste pensar que a natureza fala e o ser humano não a ouve.
26. Ouça a natureza e você descobrirá que ela lhe fala com voz de afeto, de vida e gentileza.
27. Procure ter momentos de silêncio num ambiente natural recolhido.
28. A natureza é um agradável santuário ecológico, onde ecologicamente a Divindade deseja ser encontrado pelo ser humano.
29. Experimente ficar perto de Deus no santuário ambiental e circundante do seu viver. Viver ecologicamente é viver com *o pão necessário de cada dia*: com humildade, mansidão, simplicidade, bondade, cordialidade, solidariedade e panrelacionalidade com o todo da natureza, presente você e nos outros. Por essa atitude, agradecem a Natureza e São Francisco de Assis.
30. Dizem as sabedorias, de ontem e de hoje, que a natureza é o único livro vivo a oferecer um conteúdo valioso em todas as suas folhas.
31. Cuidar hoje da natureza é cuidar do futuro de nossa própria vida individual e coletiva.
32. Sempre que puder, plante uma árvore ao seu redor, cultive plantinhas no seu jardim, ofereça algumas mudas a outras pessoas. Um novo

paraíso é possível se houver um retorno humano, ecológico e espiritual ao todo da Criação. Olhar o esplendor das coisas na natureza é agradecer e reverenciar o Criador que tudo fez para nosso amor. Por isso São Francisco reza: “Meu Deus e meu Tudo”.

Bibliografia Consultada

BOFF, L. *Ecologia: Grito da terra, Grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

LELLOUP, J.Y. *Deus não Existe! ...eu rezo para Ele todos os dias*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CADERNOS FRANCISCANOS 3, *Franciscanismo e Reverência pela Criação*. Petrópolis: Vozes, 1991.

OS ESCRITOS de São Francisco de Assis, 2ª. Edição, Petrópolis: Vozes, 1982.

**Frei Anízio Freire, OFM*

A NOÇÃO DE NATUREZA COMO PARTICIPAÇÃO EM STO. TOMÁS DE AQUINO (DE SUBSTANTIIS SEPARATIS, C.9)

Prof. Ms. Luís Carlos Silva de Sousa*

Resumo: Tem-se como objetivo a análise da noção de natureza em *De substantiis separatis*, c. 9, de Sto. Tomás. O termo “natura” é derivado de “nascor”, nascer. Vincula-se à geração, sustento das coisas. Para os gregos, “natureza” era já uma resposta ao problema do ser. A partir da idéia de Criação, a noção de natureza em Sto. Tomás assume um significado não apenas referente à origem, mas também ao fim. Através do influxo da tradição neoplatônica, examina-se a via da natureza enquanto *circulatio*, partindo-se de Deus e retornando-se a Deus. A natureza como *criatura* de Deus é tematizada com base na diferença entre os modelos de predicação: *per essentiam* e *per participationem*.

Palavras-chave: Natureza, Participação, Deus, Criatura, Sto. Tomás.

Abstract: Our objective is to analyze the notion of nature in *De substantiis separatis*, c. 9, of St. Thomas. The term “natura” is derived from “nascor”, to be born. It is linked to generation, sustenance of things. To the Greek, “nature” was already an answer to the problem of being. Starting from the idea of Creation, the notion of nature in St. Thomas assumes a meaning not only regarding the origin, but also the end. Through the influx of neo-platonic tradition, the way of nature is examined as *circulatio*, starting from God and returning to God. Nature as God’s creature is a theme based on the difference between the predication models: *per essentiam* and *per participationem*.

Keywords: Nature, Participation, God, Creature, St. Thomas.

Introdução:

O objetivo deste artigo é analisar a noção de natureza em *De substantiis separatis*, c. 9, de Sto. Tomás.

A pequena obra *De substantiis separatis* trata dos santos anjos¹. Dividida em duas partes, de dimensões desiguais, a primeira com

¹ Utilizamos aqui as seguintes edições da obra de Sto. Tomás de Aquino: *De substantiis separatis*. Opera Omnia XL (ed. Leon.), Rome 1967-1968; *De subst. separ.*: *Treatise on Separate Substances*. Trans. F. J. Lescoe. West Harford, Conn., 1963; *De subst. separ.*: *Sobre os Anjos*. Trad.: Luiz Astorga. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006. Esta última edição, espelhada, foi

dezessete capítulos e a segunda com três, ela permaneceu inacabada. Sto. Tomás interrompeu sua exposição no capítulo dezenove, quando então tratava do pecado dos anjos. Sua intenção é sobretudo teológica, começando por examinar o que a conjectura humana, entre os pensadores antigos, considerou acerca dos anjos, para em seguida aceitar o que estivesse conforme à fé ou refutar o que repugnasse à doutrina católica.

O texto foi escrito provavelmente no segundo semestre de 1271, tendo como possível destinatário o irmão dominicano Reginaldo. De acordo com Jean-Pierre Torrel, o “caráter confidencial” do prólogo à obra parece indicar “uma circunstância que somente alguém próximo poderia conhecer”².

A divisão em duas partes foi claramente anunciada no início do capítulo dezessete:

Como já se expôs aquilo que os principais filósofos, Platão e Aristóteles, julgaram sobre as substâncias espirituais no tocante às suas origens, condições naturais, distinção e ordem de governo e aquilo em que os outros, em erro, deles discordaram, resta por expor o que afirma a religião cristã acerca de cada ponto. Para este fim, utilizaremos principalmente os escritos de Dionísio, que excedeu todos os demais no ensino do que tange às substâncias espirituais³.

O opúsculo ocupa cerca de quarenta páginas da edição Leonina, mas é preciso considerar que a importância deste breve tratado não pode ser medida por seu tamanho. Eschmann se refere a esta obra como um dos mais importantes escritos metafísicos de Tomás de Aquino, e, segundo Henle, o que é dito no primeiro capítulo sobre Platão é visto

feita a partir da edição do Padre Francis J. Lescoe, Ph. D. S.T. L., Conn., West Hartford, Saint Joseph College, Feast of Assumption, August 15, 1959, e da edição do site “Corpus Thomisticum”, Subsidia studii ab Enrique Alarcón collecta et edita Pampilonae ad Universitatis Studiorum Navarrensis aedes A.D. MMV. As citações em latim serão extraídas desta edição.

² Cf. J. -P. TORREL. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e obra*. São Paulo: Loyola, 1999.

³ TOMÁS DE AQUINO. *De substantiis separatis*, c. 17: “Quia igitur ostensum est quid de substantiis spiritualibus praecipui philosophi Plato et Aristoteles senserunt quantum ad earum originem, conditionem naturae, distinctionem et gubernationis ordinem, et in quo ab eis alii errantes dissenserunt; restat ostendere quid de singulis habeat Christianae religionis assertio. Ad quod utemur praecipue Dionysii documentis, qui super alios ea quae ad spirituales substantias pertinent excellentius tradidit.”

como “a síntese platônica mais elaborada que se pode encontrar em Tomás”⁴.

De modo particular, para Cornelio Fabro, este opúsculo representaria “a última palavra do Angélico sobre questões que são os mais árduos problemas da metafísica”⁵. Em jogo está aqui, para Fabro, a noção metafísica central de participação e a emergência do ato de ser (*actus essendi*)⁶. Pois em Tomás de Aquino há precisamente uma síntese das noções de ato e potência de Aristóteles e da noção de participação em Platão, a partir, sobretudo, do influxo da **tradição** neoplatônica do Pseudo-Dionísio e de Proclo.

No que se refere mais diretamente à noção de natureza, Jan Aertsen considera o capítulo nove de *De substantiis separatis* como um texto básico⁷. Em *Nature and Creature: Thomas Aquinas's Way of Thought* Aertsen destaca “dois caminhos de pensamento”: o caminho da *natureza*, que segue o roteiro da noção aristotélica de natureza (*Phys.* II, 1), e o caminho da *criatura*, que segue o roteiro cristão, com forte influência neoplatônica (*De subst. separ.*, c 9). A ênfase de Aertsen recai sobre o método de *resolução* que envolve a relação entre os entes criados e o Criador⁸.

⁴ Cf. J. -P. TORREL, o. c. p. 258. Ver também a importante obra de Henle sobre a *via Platonica* de Tomás de Aquino em R. J. HENLE. *Saint Thomas and Platonism*. The Hague: Nijhoff, 1956, p. 403s.

⁵ C. FABRO. *Partecipazione e Causalità secondo S. Tommaso d'Aquino*. Torino: Editrice, 1960, p. 282.

⁶ C. FABRO. *La Nozione Metafisica di Partecipazione secondo S. Tommaso d'Aquino*. Torino: Editrice, 2. ed., 1950. O tópico sobre a doutrina da participação em Tomás de Aquino tornou-se, a partir de meados do século XX, um dos temas mais investigados no âmbito de sua metafísica. Da vasta literatura a respeito, além da obra já clássica de Cornelio Fabro, citamos especialmente: L. -B. GEIGER. *La Participation dans la Philosophie de S. Thomas d'Aquin*. 2. éd.. Paris: J. Vrin, 1953; L. J. ELDERS. *La Métaphysique de Thomas d'Aquin dans une Perspective Historique*. Paris: J. Vrin, 1994, p. 248-262; R. VELDE. *Participation and Substantiality in Thomas Aquinas*, Leiden, Brill, 1995.

⁷ J. AERTSEN, *Nature and Creature: Thomas Aquinas's Way of Thought*. Leiden: E. J. Brill, 1988, p. 4-5. Devemos a Aertsen o ponto de partida sobre o exame específico do capítulo nove de *De substantiis separatis*. Ver também, do mesmo autor, a obra fundamental *Medieval Philosophy and the Transcendentals: The Case of Thomas Aquinas*. Leiden: E. J. Brill, 1996. Sobre a concepção de filosofia na Idade Média e, em especial, a posição de Tomás de Aquino, ver J. A. AERTSEN, “Mittelalterliche Philosophie: ein unmögliches Projekt? Zur Wende des Philosophieverständnisses im 13. Jahrhundert”. In: *Geistesleben im 13. Jahrhundert*, Miscellanea Mediaevalia, Band 27, Walter de Gruyter-Berlin-New York, 2000, p. 12-28.

⁸ A questão sobre a *via resolutionis* ou analítica como método normal da metafísica em Aristóteles e Tomás de Aquino pode ser confrontada com o uso da *via compositionis* em chave dialética, tal como é proposto pelo Padre Vaz em H. C. DE LIMA VAZ. *Escritos de*

Assim, embora intencionalmente teológico, o opúsculo encerra uma fundamental relevância metafísica. Em se tratando de um enfoque *filosófico* da obra de S. Tomás, tal como o abordaremos, pensamos também ser possível complementar a perspectiva de Aertsen a partir de C. Fabro, no sentido de uma maior inteligibilidade da noção de natureza através da doutrina da participação.

A nossa análise está dividida em três momentos. Primeiro trata da noção de natureza como criatura em Tomás de Aquino, destacando a contribuição de sua doutrina da participação para um maior esclarecimento metafísico da noção de natureza, de modo a sintetizar elementos de Platão e Aristóteles; em seguida, examina o essencial da noção de natureza em *De substantiis separatis*, c. 9; por fim, confronta brevemente esta noção com uma passagem da Suma de Teologia (Sth Ia-IIae, q. 1, a. 2), apenas para acenar para o fato de que S. Tomás de Aquino não poderia ser responsabilizado por uma concepção instrumentalista da relação entre o homem e a natureza, tal como amiúde se entende hoje, ao falarmos de crise ecológica⁹, pois sua visão não é antropocêntrica¹⁰.

Filosofia VII: Raízes da Modernidade. São Paulo: Loyola, 2002, p. 95. Para um estudo sobre a doutrina da participação sob essa perspectiva, ver H. C. DE LIMA VAZ o. c., p. 171-191.

⁹ É possível interpretar a crise ecológica atual como legitimada filosoficamente pela metafísica moderna da subjetividade, tendo como referência paradigmática a “filosofia transcendental” de Kant. Com a “reviravolta antropocêntrica”, que já emerge a partir de Descartes, há uma mudança radical a respeito da noção clássica de natureza e de nossa relação com ela. Em Kant, a natureza, de um ponto de vista teórico, passa a ser uma construção do homem, que constitui e legitima seu sentido; no plano prático, a natureza é o lugar da intervenção do homem. Há, portanto, uma relação essencialmente instrumental entre homem e natureza. Nesta perspectiva, legitima-se filosoficamente a dominação. Sobre essas questões, vistas à luz de uma postura idealista, ver M. A. DE OLIVEIRA. *Ecologia, Ética e Libertação*. In: *Tópicos sobre Dialética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997, p. 173-202. Ver também V. HÖSLE. *Philosophie der ökologischen Krise*. München: M. Vorträge, 1991. Este aspecto da obra de Höhle foi certamente influenciado por H. JONAS. *Das Prinzip Verantwortung: Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*. Frankfurt am Main, 1989.

¹⁰ A perspectiva antropocêntrica, que caracteriza a filosofia kantiana, só muito recentemente foi repensada pela metafísica de inspiração tomista. O confronto entre tomismo e filosofia transcendental foi iniciado, já no século XX, por Joseph Maréchal. A “escola” de Maréchal recebeu o nome de “tomismo transcendental”, ganhando impulso em autores como K. Rahner, J. B Lotz e E. Coreth. Em Rahner, de forma particular, o método transcendental torna-se constitutivo da metafísica, tendo como horizonte de discussão a ontologia fundamental do jovem Heidegger. A estruturação metafísica mais ampla desta perspectiva, porém, foi realizada em E. CORETH. *Metaphysik: eine methodisch-systematische Grundlegung*. Innsbruck-Wien-München: Verlag, 2. Auf., 1964. A concepção “transcendental”, aqui, não se confunde com o uso formal proposto pela filosofia da subjetividade finita de Kant. Em

1. Natureza e Criatura

Em nossa linguagem moderna, usamos com maior frequência o termo “natureza” para designar, antes de tudo, o conjunto de seres que se encontram no mundo, seres que se comportam independentemente do homem. Fala-se, por exemplo, de “preservação da natureza”, referindo-se à biodiversidade de nosso planeta e à necessidade de estabelecermos, com ele, uma relação que não seja predatória, destrutiva. Falamos também de “natureza” quando nos referimos ao caráter de uma determinada espécie, quando dizemos, por exemplo, algo sobre a “natureza humana”.

Se examinarmos a história do termo “natureza”, no contexto da discussão filosófica, veremos que é somente a partir da segunda metade do século V a. C. que se observa uma oposição entre “natureza” e “lei”¹¹.

O termo “*natura*” teve inicialmente como referência a “geração dos viventes”, nascimento (livro V, *Metafísica*). “*Natura*” provém de *nascor*, nascer (Sth IIIa, q. 35, a. 1); e como os corpos vivos são gerados por um princípio que Agostinho já chamara, convenientemente, segundo Tomás de Aquino, de “razões seminais”, o termo “*natura*” foi, então, ampliado e referido a todo movimento existente naquele que se move (Sth Ia, q. 115, a. 2).

Pode parecer estranho, em um primeiro momento, atribuir à matéria corporal a existência de “razões seminais”, já que o termo “razão” sugere algo implicado segundo o ser espiritual. Contudo, para Tomás de Aquino, as “razões seminais” ou também chamadas de “potências ativas e passivas das coisas naturais” não são chamadas de “razões” por estarem na matéria corporal, mas por sua *origem*, isto é, pelo fato de procederem de razões ideais (Sth Ia, q. 115, a. 2, ad 1). As “razões ideais”, por sua vez, são provenientes do próprio Verbo de Deus, o que significa dizer que o significado do termo “natureza”, no sentido de “geração”, deva ser entendido não apenas como um *princípio intrínseco do movimento* (In II Phys., lect. 1 e 2), mas sobretudo como uma *criatura* de Deus.

O significado de *natura* em Tomás de Aquino tem assim um alcance mais largo que aquele de Aristóteles, já que a concepção

consequência, o tomismo transcendental não se comprometeria com os pressupostos da filosofia da subjetividade que sustentam, em última instância, a crise ecológica atual.

¹¹ Cf. L. ELDERS. *La Philosophie de la Nature de Saint Thomas d'Aquin: la nature, le cosmos, l'homme*. Paris: Pierre Téqui, p. 70-71.

aristotélica de “*physis*” (Phys. II, 1) é considerada à luz da compreensão cristã de Criação. De fato, a idéia judaico-cristã de Criação exerce um papel central no pensamento de Tomás de Aquino¹². Essa idéia é indispensável, enquanto pretende tornar inteligível a redução de todas as coisas a uma origem. “*Origo*” significa um certo modo de ação, enquanto *generatio*, um certo modo de algo ou para algo.

A origem de uma coisa, portanto, “não é entendida como algo intrínseco a ela, mas como um caminho que parte de uma coisa ou termina em outra” (Sth Ia, q. 40, a. 2). Há aqui, portanto, um movimento de transição de começo a um fim. Com isso Tomás está se confrontando implicitamente com a concepção grega de “*arché*”. Na perspectiva de Sto. Tomás, o termo “origem” mantém uma dupla significação, isto é, natureza e criatura.

A idéia de que a natureza é uma criação envolve igualmente um término, um fim: “*natura*” é, em Sto. Tomás, algo referente à consecução de um movimento, ao término da geração, e não apenas à origem¹³.

Origem e fim: para que se possa entender melhor esse aspecto da concepção de natureza em Tomás de Aquino, convém não perder de vista um outro sentido de “*natura*”, isto é, a *forma* em que algo subsiste. Levar em consideração este sentido evita uma possível interpretação equivocada, em circunstâncias cujo uso de “*natureza*” se refira não diretamente a todas as coisas, mas antes a algo que lhe diga respeito sob a ótica da doutrina da Trindade, inseparável de sua doutrina da Criação.

Ora, pois, é justamente quando trata do nascimento de Cristo que Sto. Tomás nos esclarece melhor sobre as duas maneiras de se conceber “nascimento”: referindo-se a um sujeito (hipóstase) ou a um termo (forma). “Sujeito” é o que nasce, é gerado, enquanto “termo” é o que visa a ação geradora. E como nosso propósito se restringe à natureza e não à

¹² Cf. J. AERTSEN. *Nature and Creature: Thomas Aquinas's Way of Thought*. Leiden: E. J. Brill, 1988, p. 4.

¹³ Há uma significativa diferença, portanto, entre as noções de natureza em Aristóteles e Tomás de Aquino. Em Aristóteles, a natureza não é o produto de uma arte divina ou de uma inteligência, como é possível encontrar em Platão. Tomás de Aquino preserva de Platão esse princípio metafísico na ordem das causas da geração, inclusive contra Aristóteles. De fato, a noção de alma (*psyché*), para Platão, é fundamental para explicar o movimento da natureza material. Aristóteles, porém, quando fala de tecné, refere-se de forma restrita à arte humana; e, por outro lado, quando trata da noção de natureza, aplica a definição platônica de alma para sua inteligibilidade. A natureza (*physis*) não é mais pensada como uma arte do Demiurgo. Para Aristóteles, a própria natureza cumpre essa função demiúrgica: é autônoma, em si mesma, e operada por um fim. Cf. J. AERTSEN, o. c., p. 109-110.

hipóstase, iremos nos ocupar somente com a noção de “nascimento” como “termo”. Mas “a intenção da natureza é a forma, ou a natureza específica” (Sth IIIa, q. 35, a. 1). Noutras palavras, o fim da natureza é o retorno ao seu princípio eficiente. O termo final do movimento da natureza e o seu agente são idênticos no que diz respeito à forma, “naturam speciei”: eis a tese da *circulatio*, a dinâmica que provém de Deus como origem e retorna a Deus como fim último.

2. A Natureza como Participação no *De substantiis separatis*, c. 9: “Sobre o parecer dos que afirmam que as substâncias espirituais não foram criadas” (n. 46-52)

As coisas não existem em uma diversidade sem ordem: elas estão relacionadas umas com as outras de diversas formas. Faz parte do estudo da metafísica a relação entre as coisas e, em particular, como acentua L. Elders, o levantamento da pergunta sobre como se pode reduzir as coisas a uma certa unidade. Este é um problema que envolve a noção metafísica de participação¹⁴.

A noção de participação revela uma fundamental importância na metafísica de Tomás de Aquino, de tal modo a determinar o caráter mesmo de sua filosofia¹⁵. Dito isto, não é possível admitir que Sto. Tomás tenha simplesmente rejeitado o pensamento de Sto Agostinho e da perspectiva platônica em favor do aristotelismo. Sobretudo nos últimos decênios, tem-se com frequência acentuado a presença, na própria estrutura da metafísica de Sto. Tomás, de elementos funcionalmente platônicos.

O caráter próprio e novo da doutrina da participação em Tomás de Aquino pode ser melhor examinado em suas obras mais tardias. “Sto. Tomás (...), como se compraz de observar mesmo nos comentários da maturidade, ve Aristóteles de acordo com Platão¹⁶. Isto não deixa de ser verdade, mas, segundo Elders, seu objetivo é, uma vez corrigido e retido o principal da teoria platônica, mostrar em seguida que se pode formular também a doutrina mais característica da filosofia aristotélica nos termos da noção de participação¹⁷.

¹⁴ Cf. L. ELDERS, *La Métaphysique de Thomas d'Aquin dans une Perspective Historique*. Paris: J. Vrin, 1994, p. 248-262.

¹⁵ Cf. L. ELDERS, o. c., p. 248.

¹⁶ Cf. C. FABRO, *Partecipazione e Causalità secondo S. Tommaso d'Aquino*. Torino: Editrice, 1960, p. 286, n. 2. Fabro está aqui se referindo diretamente ao *De subst. separ.*, c. 9.

¹⁷ Cf. L. ELDERS, o. c., p. 258. Ver também as observações de Elders sobre a distinção proposta por Fabro entre “participação predicamental” e “participação transcendental”.

O tópico metafísico da participação se impõe no pensamento de Tomás de Aquino a partir do primeiro ensinamento parisiense (1256-1259). É nessa ocasião que Sto. Tomás comenta o opúsculo *De Ebdomadibus* de Boécio, e provavelmente date da mesma época a questão disputada sobre o Bem (*De Veritate*, q. 21), que versa sobre o mesmo tema. Não há, em Tomás de Aquino, um tratado específico sobre a doutrina da participação. Entretanto, diluído nos escritos de Sto. Tomás, o tema da relação entre o *esse* finito e o *Esse* absoluto tornou-se seguramente central em sua metafísica.

Em nossa terminologia filosófica, o verbo *metéchein* (tomar parte em...) originou os substantivos *méthexis* ou *metoché*. Platão utilizou o termo *méthexis* para expressar a relação entre as coisas sensíveis e as Idéias transcendentais. Sendo existentes em si mesmas, as Idéias não teriam senão uma causalidade formal exemplar em relação às coisas materiais.

A noção de participação é, para Platão, reconhecidamente obscura (Fédon, 100d 5-6; Parmênides 131 a 5-135 c 7), embora se possa entrever aqui uma dupla função: (a) articular o sensível e o inteligível em termos de cognoscibilidade do segundo a partir do primeiro; (b) diferenciar o sensível, em constante devir, e o inteligível, o verdadeiro ser. Em todo caso, não há dúvida de que, ao introduzir a idéia de *méthexis* para explicar a relação entre sensível e inteligível, Platão inaugurou um dos mais importantes capítulos da filosofia ocidental¹⁸.

Aristóteles, por sua vez, rejeita a doutrina platônica das Idéias e reprova nos platônicos a extrapolação das categorias lógicas na realidade, isto é, ao considerarem gênero e espécie como substâncias. Em última instância, as coisas sensíveis seriam idênticas às Idéias enquanto participam da mesma essência. Mas, como observa Aristóteles, seria também necessário aceitar uma nova Idéia, isto é, uma Idéia da Idéia e da forma participada etc., exemplificada no que é chamado de "argumento do Terceiro Homem" (Metafísica, livros XIII e XIV). Além disso, Aristóteles critica Platão por propor um conceito de participação que não é claro, pois admitem-se Idéias de acidentes, mas as Idéias são também concebidas como realidades subsistentes.

Elders distingue três e não dois modos de participação: lógica, predicamental e transcendental. A verdadeira participação, para Elders, corresponde ao que ele chama de "participação transcendental não-unívoca" (p. 256).

¹⁸ Cf. H. C. DE LIMA VAZ, o. c., p. 172-173.

A visão platônica de participação também não poderia explicar adequadamente o devir e o movimento, já que a causalidade que a sustenta é apenas formal e não eficiente. Além disso, seria muito difícil entender em que sentido um médico, por exemplo, deveria imitar a Idéia da saúde, a saúde em si, para então praticar devidamente a medicina. Por fim, outra dificuldade que, para Aristóteles, mostra-se insustentável reside no fato de uma Idéia como o Bem se encontrar em diferentes predicamentos, tendo por isso conteúdos essencialmente diferentes em cada um desses predicamentos (Ética a Nicômacos, I, 4).

Assim, a noção platônica de participação, em um primeiro momento, foi considerada por Aristóteles como uma simples metáfora poética (Metafísica I, 9, 991 a 24). Entretanto, em um texto fundamental, que a crítica moderna tendeu a excluir da obra aristotélica, Aristóteles afirma que

uma coisa possui determinada qualidade em um grau mais alto do que as outras se é em virtude dela que a qualidade semelhante também pertence às outras coisas (...), donde se conclui que a causa da existência das verdades derivadas é o que há de mais verdadeiro. Por conseguinte, os princípios das coisas eternas devem ser sempre os mais verdadeiros (...); de modo que, tal é uma coisa no tocante ao ser, tal é ela no tocante à verdade¹⁹.

Sto. Tomás sempre aceitou este texto de Aristóteles como autêntico. De fato, o texto possibilita atenuar a divergência frente a Platão e facilita notavelmente a assimilação sintética de Tomás de Aquino. Em particular, em seu Comentário ao *De Causis*, Sto. Tomás recorre ao texto aristotélico para mostrar o acordo fundamental entre a metafísica platônica, aristotélica e neoplatônica²⁰. Nesta perspectiva, a noção de participação é repensada por Sto. Tomás em chave sintética, de tal modo a explicar a dependência total da criatura em relação ao seu Criador.

Não é outro o viés apontado na quarta via da existência de Deus (Sth Ia, q.2, a. 3), bem como nos capítulos 3 e 5-9 de *De substantiis separatis*²¹. Com efeito, o capítulo 3 de *De subs. separ.* constitui certamente um dos textos mais importantes - talvez mesmo o mais importante - sobre a confluência das posições de Platão e Aristóteles a partir da ótica de Tomás de Aquino.

¹⁹ ARISTÓTELES, Metafísica II, 1, 993b, 24.

²⁰ Cf. C. FABRO, *La Nozione Metafisica di Partecipazione secondo S. Tommaso d'Aquino*. Torino: Editrice, 2. ed., 1950, p. 64-66.

²¹ Cf. C. FABRO, o.c., p. 65, n. 2.

A noção de participação, segundo Fabro, intervém sobretudo no capítulo 8. Em resposta à “*tertia ratio*” de Avicbron (cf. cap. 5), Sto Tomás apresenta, segundo Cornélio Fabro, toda a hierarquia dos seres ordenados de acordo com a relação de participação²²:

O terceiro argumento, por sua vez, não tem eficácia. Visto que um ente não se predica de todas as coisas univocamente, não é requerido o mesmo modo de ser de todas as coisas que são ditas ser: algumas participam do ser mais perfeitamente, outras menos perfeitamente (c. 8, n. 41)²³.

Além disso, é na resposta à “*quarta ratio*” que a participação é invocada enquanto “*ratio propter quid*” da composição da essência e do ato de ser:

O quarto argumento tampouco tem eficácia. Não é necessário que, se as substâncias espirituais carecem de matéria, não se distingam de Deus. Suprimida a potencialidade da matéria, ainda permanece nelas certa potência, enquanto não são o próprio ser, mas participam do ser (c. 8, n. 42)²⁴.

De acordo com Fabro, o conteúdo desse texto é substancialmente idêntico ao do capítulo 3. Convém observar, portanto, que as críticas de Sto. Tomás a Avicbron em *De subst. separ.*, segundo Fabro, ocorre em virtude do desvio do filósofo judeu da linha metafísica de Platão e Aristóteles. Assim, o uso da noção de participação para a distinção real entre essência e ato de ser é pensada de forma muito própria por Sto. Tomás²⁵.

No que se refere a *De subs. separ.*, c. 9, Sto. Tomás observa, em primeiro lugar, que as substâncias espirituais (anjos) têm sua origem no primeiro e sumo autor, Deus, o Primeiro Princípio (n. 46)²⁶. Inicialmente, portanto, a preocupação de Tomás de Aquino é focada na origem dos entes. Os entes são “feitos”.

²² Cf. C. FABRO, o. c., p. 240-243.

²³ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, 8: “Tertia vero ratio efficaciam non habet. Cum enim ens non univoce de omnibus praedictetur, non est requirendus idem modus essendi in omnibus quae esse dicuntur; sed quaedam perfectius, quaedam imperfectius esse participant.”.

²⁴ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, c. 8: “Quarta vero ratio efficaciam non habet. Non enim oportet ut si substantiae spirituales materia careant, quod a Deo non distinguantur; sublata enim potentialitate materiae, remanet in eis potentia quaedam, in quantum non sunt ipsum esse, sed esse participant.”.

²⁵ Cf. C. FABRO, o. c., p. 242-243.

²⁶ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, c. 9: “Sicut autem praedicta positio circa conditionem spiritualium substantiarum a sententia Platonis et Aristotelis deviiavit, eis immaterialitatis simplicitatem auferens; ita et circa modum existendi ipsarum aliqui a veritate deviasse inveniuntur, auferentes earum originem a primo et summo auctore.”.

“Fazer-se” é um tipo de “mover-se”. Ora, em qualquer mutação e em qualquer movimento é necessário que exista algum sujeito, já que o movimento é o ato do existente em potência. Para que as coisas sejam “feitas”, é necessário que preexista algum sujeito. As coisas são geradas, feitas, isto é, recebem as suas formas. Neste ponto, convém observar a concepção de que a forma é o término da geração (n. 47)²⁷ e que, portanto, a natureza pode ser vista também sob a perspectiva do fim e não apenas da origem.

É fundamental entender o deslocamento conceitual que Sto. Tomás de Aquino opera: a passagem da noção aristotélica de natureza à noção bíblica de criatura.

Com efeito, em qualquer ordem das causas é necessário que preexista à causa particular uma causa universal. Aqueles que por primeiro começaram a filosofar sobre a natureza das coisas postularam que o “criar-se” fosse o mesmo que o “alterar-se”, o “movimento”. Mas o modo supremo de feitura, que não simplesmente a geração, deve ser proposto de acordo com o pensamento de Platão e de Aristóteles. É necessário que todas as coisas tenham sua origem segundo um modo de feitura com base em um Primeiro Princípio, não como tendo seu ser participado em outro, mas que seja ser por si. *Há uma resolução dos seres participados ao ser subsistente* (n. 48)²⁸.

Qualquer movimento existe *a partir* de determinado ponto e *para* determinado ponto. É necessário, então, que haja, acima do modo de geração, um modo de fazer-se enquanto origem das coisas que seja isento de movimento, um modo que ocorra mediante o influxo do ser. Noutras palavras, para Tomás de Aquino, é necessário que os seres por

²⁷ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, c. 9: “Item. In qualibet factione cum pervenitur ad factum esse ultimum, non remanet aliquid fieri: sicut nec post ultimum motum esse, remanet moveri. Videmus autem in his quae generantur, quod unumquodque eorum tunc factum esse dicitur quasi terminata factione, quando accipit formam: est enim forma generationis terminus.”

²⁸ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, c. 9: “Sed ultra hunc modum fiendi necesse est, secundum sententiam Platonis et Aristotelis, ponere alium altiozem. Cum enim necesse sit primum principium simplicissimum esse, necesse est quod non hoc modo esse ponatur quasi esse participans, sed quasi ipsum esse existens. Quia vero esse subsistens non potest esse nisi unum, sicut supra habitum est, necesse est omnia alia quae sub ipso sunt, sic esse quasi esse participantia. Oportet igitur communem quamdam resolutionem in omnibus huiusmodi fieri, secundum quod unumquodque eorum intellectu resolvitur in id quod est, et in suum esse. Oportet igitur supra modum fiendi quo aliquid fit, forma materiae adveniente, praetelligere aliam rerum originem, secundum quod esse attribuitur toti universitati rerum a primo ente, quod est suum esse.”

participação ou acidentais sejam reduzidos ao ser por si²⁹. Há, portanto, uma consideração da origem das coisas segundo a qual o próprio ser é conferido às coisas, um modo que transcende a qualquer mutação ou movimento³⁰. Pois, como não podemos proceder *in infinitum* na ordem das coisas, é preciso chegar a um Primeiro Princípio supremo, que chamamos Deus, maximamente ente³¹. Ora, como aquilo que de melhor no universo é o ser, e sendo o Ente Primeiro a causa de ser para todos, é permitido dizer que o universo depende da essência de Sua bondade (n. 49).

Aqueles que negam que as substâncias espirituais foram criadas, baseiam-se no pressuposto naturalista de que “do nada, nada se faz”. Mas este é, para Sto. Tomás, apenas *um* modo de fazer-se particular: aquele a partir da mutação e do movimento das coisas. Há, porém, um *modo supremo*, em que a feitura das coisas é realizada através do influxo de um Ente supremo (n. 50).

Assim, neste modo de feitura, é necessário que o efeito causado pelo influxo do ser seja simultâneo ao influxo da causa agente (n. 51).

Sto. Tomás afirma explicitamente que não se deve considerar que Platão e Aristóteles tenham negado a causa de ser às substâncias imateriais ou ainda aos corpos celestes, embora tenham proposto que essas realidades sempre tenham existido. Portanto, “eles não se desviaram da fé católica” por terem dito que tais substâncias não foram criadas, mas sim por afirmarem que elas sempre tenham existido, o que seria contrário à fé católica (n. 52).

3. A Natureza como Participação ou *instrumentum*?

²⁹ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, c. 9: “Item. Necessè est quod per accidens est, in id reduci quod per se est. In omni autem quod fit per mutationem vel motum, fit quidem hoc vel illud ens per se, ens autem communiter sumptum per accidens fit (...).”

³⁰ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, c. 9: “Manifestum est autem quod omnis causa per motum aliquid faciens, particularis causa est, habet enim particularem effectum; est enim omnis motus ex hoc determinato in illud determinatum, omnisque mutatio motus cuiusdam terminus est. Oportet igitur supra modum fieri quo aliquid fit per mutationem vel motum, esse aliquem modum fieri sive originis rerum absque omni mutatione vel motu per influentiam essendi”.

³¹ TOMÁS DE AQUINO, *De subst. separ.*, c. 9: “Primum autem principium, quod Deum dicimus, est maxime ens. Non enim est in infinitum procedere in rerum ordine, sed ad aliquid summum devenire, quod melius est esse unum quam plura. Quod autem in universo melius est, necesse est esse, quia universum dependet ex essentia bonitatis; necesse est igitur primum ens esse causam essendi omnibus.”

“Assim, toda natureza irracional está para Deus como o instrumento para o agente principal” (Sth Ia-IIae, q. 1, a. 2).

Étienne Gilson tem razão quando lembra que uma característica da natureza não racional, para Tomás de Aquino, é a de ser “instrumental”, isto é, ser como um instrumento nas mãos de Deus³². É também verdade que essa característica da “natureza cristã”, a de ser instrumental, não bastaria para defini-la, quando se trata de um ser racional, dotado de vontade. “Deus mesmo não usa uma pessoa como usa um instrumento”: as naturezas racionais são, na verdade, “colaboradoras” da Providência divina.

Entretanto, quando hoje nos confrontamos com os problemas advindos do uso indiscriminado da natureza, torna-se imperioso refletir sobre essa concepção “instrumental” de Sto. Tomás de Aquino. O foco de Sto. Tomás, é claro, não era posto sobre a assim chamada crise ecológica, e seria mesmo anacrônico transpor para os pensadores medievais essa preocupação³³.

Com base naquilo que vimos, a partir da análise de *De substantiis separatis*, c. 9, nada parece autorizar uma visão instrumentalista da natureza, em sentido moderno. O homem é, nos termos de É. Gilson, um colaborador no todo da natureza, um “ser participado”. Portanto, uma adequada interpretação de Sth Ia-IIae, q. 1, a. 2 não permite que se veja nessa passagem um possível caso de legitimação, da parte de Sto. Tomás, da forma de dominação que o homem possa exercer sobre a natureza não racional. Pois, se a natureza é um *instrumentum*, não o é para o homem, mas para Deus.

Como ser criado, a natureza é, no entanto, participação, quanto ao seu modo específico de predicação em relação a Deus. Seja como instrumento ou participação, a natureza remete, portanto, a uma forma de causalidade transcendente, isto é, ao “agente principal” ou Primeiro Princípio.

Conclusão

A noção de natureza em *De substantiis separatis*, c. 9 sintetiza certos elementos da tradição platônica e, de modo especial, expressa o modo de

³² Cf. É. GILSON, *L'Esprit de la Philosophie Médiévale*. 2. éd., Paris: J. Vrin, 1948, p. 364 (Trad. O Espírito da Filosofia Medieval. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 470).

³³ As bases conceituais de um possível desenvolvimento desta discussão, à luz do tomismo transcendental, encontra-se em E. CORETH, o. c., p. 425ss.

relação entre os entes por participação e o ser subsistente. A natureza é concebida enquanto criatura.

Estivemos particularmente interessados em destacar uma possível complementação entre as perspectivas de J. Aertsen e C. Fabro: a noção de natureza enquanto participação é, portanto, um certo modo de conceber o repensamento da noção aristotélica de natureza como princípio do movimento. A perspectiva de Sto. Tomás procura conciliar Platão e Aristóteles, e o “caminho do pensamento” por ele percorrido supõe uma compreensão da natureza não apenas quanto à origem, mas também quanto ao fim. Há, portanto, uma redução a Deus, autor da natureza.

A análise permaneceu restrita à “natureza não racional” (Gilson), situando-a no quadro da doutrina da participação, nos limites propostos pelo texto do capítulo 9. O confronto com a interpretação de Fabro, de uma forma mais ampla do que foi possível aqui, também nos possibilita trazer à baila o enorme influxo da tradição neoplatônica na concepção metafísica de Tomás de Aquino.

O confronto explícito com o tema da natureza como “mundo externo” ao homem, tão associado ao aristotelismo, torna ainda mais premente a necessidade de se compreender o lugar da noção de participação no pensamento de Sto Tomás.

**Prof. Ms. Luís Carlos Silva de Sousa*
Doutorando em Filosofia PUC-SP, Prof. do ITEP.

DA ÉTICA ANTROPOCÊNTRICA À ÉTICA SOCIOAMBIENTAL: DIREITO DA TERRA: ECOLOGIA DEMOCRÁTICA E ECOLOGIA INTEGRAL

*Profa. Dra. Ir. Marly Carvalho Soares**

Resumo: O resgate do ser humano e do planeta terra através de uma antropologia fundamental articulada por uma ética da diferença em busca de um novo humanismo e de uma ecologia integral. O homem precisa ser visto na sua inteireza que consiste numa relação dialética na sua estrutura: corpo, mente e espírito como também nas suas relações de subjetividade, objetividade e transcendência. Esta nova configuração implica em uma unidade entre a natureza e o ser humano evitando o perigo de cair nos reductionismos que priorizam ora o antropocentrismo, ora o naturalismo. A fundamental compreensão da realidade é antropológica e ecológica que vai exigir novos paradigmas e novas atitudes em face da crise da humanidade atual que trocou o ser humano pelo mercado e a natureza tornou-se objeto de exploração e de lucro. Outrora o homem se preocupava mais com o saber, com a busca da verdade. Hoje, em face da crise ecológica mundial, a grande pergunta é: *como devemos viver?* Como nos relacionar com a terra para preservá-la, não ameaçá-la e garantir a nossa própria vida e existência de todos os demais seres que vivem na terra? A reflexão sobre a sustentabilidade desejável será o novo referencial e a responsabilidade socioambiental será a nova prática que implica em novas posturas éticas.

Palavras-chave: antropologia, ecologia, terra, direito, responsabilidade.

Abstract: The rescue of human being and of the Earth planet through fundamental Anthropology, articulated by an ethics of difference in searching of a new humanism and of an integral ecology. The mankind needs to be seen in his integrity that consists in a dialectic relation in his integrity that consists in a dialectic relation in his structure: body, mind and spirit, as also in his relations of subjectivity, objectivity and transcendence. This new configuration implies in a unity between nature and human being, avoiding the danger of falling in the reductionisms that prior or anthropocentrism or naturalism. The fundamental comprehension of reality is anthropologic and ecologic that is going to demand new paradigmata and new attitudes in face of the crisis of actual humanity that changed human being by marked and nature became object of exploration again. In the past the mankind worried more with the wisdom, with the search of the truth. Nowadays, in face of the world ecologic crisis, the great question is: how we must live? How to relation with Earth for preserving, not menacing her and

warrant our own life and existence of all other beings who live on Earth? The reflection about desirable sustenance will be the new referential, and the social and environ responsibility will be the new practice that implies in new ethic postures.

Keywords: Anthropology; Ecology; Earth; Right; Responsibility.

Considerações iniciais

A nossa maneira de abordar o assunto não pretende ser de reação e nem polemizar e sim de enfrentarmos a questão ontológica – antropológica - ecológica que supere os possíveis reducionismos em centralizar ora a defesa do ser humano, ora a defesa da natureza. Entretanto a aposta deste debate foi colocar em primeiro lugar a diferença, sublinhar seu preço e sua pertinência num contexto cultural que promove de muitas maneiras o modelo antropocêntrico em detrimento do modelo ecológico ou vice-versa. O nosso objetivo é resgatar o ser humano através de uma antropologia fundamental articulada por uma ética da diferença em busca de um novo humanismo e de uma ecologia integral. O homem no seu itinerário peregrinante vive em busca de uma resposta para todos os tempos e para todas as crises. Fazendo um olhar retrospectivo na história, o homem já fez tantas perguntas fundamentais. Épocas houve em que a questão básica na agenda humana era: de onde viemos? Para onde vamos? Que estamos fazendo? Que podemos saber? Que podemos esperar? Hoje, em face da crise ecológica mundial, a grande pergunta é: *como devemos viver?* Como nos relacionar com a terra para preservá-la, não ameaçá-la e garantir a nossa própria vida, e a existência de todos os demais seres que vivem na terra?

A resposta só pode ser: *“viva de tal maneira que não destrua as condições de vida dos que vivem no presente e dos que vão viver do futuro. Ou positivamente: viva no respeito e na solidariedade para com todos os companheiros de vida e de aventura terrena, humanos e não humanos, e cuide para que todos possam continuar a existir e a viver já que todo universo se fez cúmplice para que eles existissem e vivessem e chegassem até o presente”*¹. Daí se exige uma reflexão antropológica que evite tanto o antropocentrismo como o naturalismo.

A consciência dessa crise ecológica, ética e humana que afeta a nossa essência e existência nos permite propor elementos para vivermos uma verdadeira ética socioambiental como expressão da comunhão

¹ BOFF, L., *Ética da vida*, Brasília, Letraviva, 1999, p.105

humana dentro do mundo onde há partilha de vida com outros seres humanos e com os outros seres vivos. É preciso reinterpretar a Ética a partir de uma visão integradora do ser, como uma instância aproximadora dos seres, como o lugar donde deriva todo o mundo humano e cósmico. Este projeto alternativo busca implantar uma nova humanidade centrada numa outra subjetividade e numa outra sociedade sob a égide da ética e da espiritualidade.

A construção de uma nova subjetividade

Inspirada nas idéias de Lima Vaz no seu discurso antropológico – ético e metafísico, achamos por bem interpretá-lo e colocá-lo como ponto central e norteador da nossa reflexão. Seguiremos os mesmos passos do referido autor, que na elaboração de uma visão unitária da idéia de homem, usando os mais diversos tipos de método: naturalista, dialético ou fenomenológico e hermenêutico, possibilitaram-nos a compreensão das partes constituintes do ser - homem, sem cair nos reducionismos modernos e contemporâneos provindos das contribuições e perspectivas abertas pelas ciências do homem. O fenômeno humano pode ser reduzido somente à natureza material, ou por outro lado, acentuando o ser cultural, ou ainda, um puro sujeito. Como Lima Vaz constrói esse todo, articulando os três pólos da natureza, do sujeito e da forma, tentando dizer novamente : o que é o homem.?

A síntese, clara e precisa, é uma arte de difícil domínio, porém a nossa opção é conduzir o leitor, pelo labirinto profundo e intrincado das análises vazianas. Lima Vaz tece o espaço conceptual no qual se inscreve o ser- homem, através das seguintes coordenadas: conceito de “*estrutura*”; conceito de “*relação*”; conceito de “*unidade*”. Essas coordenadas se interligam e se formam seguindo um movimento dialético que parte da ordem do dado para a ordem do conceito. De tal maneira que cada coordenada é demonstrada na sua tríplice inteligibilidade, formando assim um todo coerente e sistemático. Daí que, partindo da estrutura do ser homem, mediatizada pelas relações, chegaremos a uma visão unitária do ser humano ². Esta nova subjetividade parte da unidade estrutural (corpo – psíque – espírito) mediado pela unidade relacional (objetividade, intersubjetividade e transcendência) culminando na unidade final com a realização e auto-expressão da categoria da pessoa humana.

² Ver a excelente obra de VAZ, H.C.L, *Antropologia Filosófica I e II*, S.Paulo, ed. Loyola, 1991-1992

2 – A nova ética do século XXI

O século XX culminou com um avanço tecnológico impulsionado pelo capital financeiro, o consumismo, a competição, a exaltação do indivíduo e a espoliação dos recursos naturais, o que provocou um legado perverso capaz de destruir o projeto planetário humano e de afetar o sistema de vida no mundo. Esta constatação globalizada nos exige um novo pensar e um outro agir proporcionando projetos alternativos de produção e de consumo que tenha por fim salvar o capital natural, a nossa base de vida e cuidar do outro, tanto na sua perspectiva geral de sujeito genérico de que todos têm direitos, quanto nos sujeitos concretos e históricos inseridos no seu mundo e guiados por normas internacionais.

Essa nova compreensão da ética e do direito é, sobretudo, uma afirmação da capacidade humana para além dos requisitos morais, jurídicos racionalizados. Ela acredita que a essência humana se traduz em noções como cuidado, amor, presença, procura, pertença, integração, interconectividade, ternura.... Esses são valores evocados pela grande crise civilizatória, que exige a ressacralização da natureza e re-humanização do homem, e aponta para uma responsabilidade universal. É preciso que nos sintamos de novo uma parte, protegendo e restaurando, dando chance para que a casa se regenere, em vista da garantia dos direitos humanos e do bem estar da comunidade viva que forma Gaia.

Atualizando melhor essa questão do Direito Particular, achamos por bem lançar mão de um direito ameaçado que se levanta no cenário mundial: o direito da terra – hoje uma problemática mundial – que se tornou também um Direito Universal. A rica biodiversidade do Brasil, com seus diversos biomas, tem suscitado especial cobiça internacional e tem sido aceleradamente destruída, até mesmo com a ameaça de extinção de suas espécies. Essa indicação de ameaça do planeta nos impulsiona a rever o sentido da vida em toda a comunidade universal, de tal modo que o resgate da positividade da vida será o novo imperativo categórico do *ethos* da humanidade nesta era ecológica diante da ameaça global ao desenvolvimento da vida na sua reprodução e nos valores de cada cultura.

Precisamos aprofundar essa categoria de vida para podermos apreciar sua riqueza e a nova radicalidade que ela funda. Esta questão deve penetrar todas as religiões, todas as ciências, todas as teologias, todas as Igrejas. Não cabe saber o futuro da ciência e da teologia no

momento. Mas qual é o futuro da terra e da humanidade e em que medida todo esse arsenal de conhecimentos e experiências ajuda a assegurar um futuro em solidariedade, equilíbrio dinâmico e paz? Esse é o ponto decisivo de toda a reflexão atual. De modo que falar em ética - democracia - ecologia - espiritualidade, é pois tentar dizer de um equilíbrio, de um conjunto de ações, mas também de fundamentos que perpassam ou que possam vir perpassar o que se infere deste modelo civilizacional e sua correspondente produção de subjetividade em tempos de mutação. Pergunta-se, por conseguinte, como o indivíduo ser com os outros, num mundo, na natureza, tem se orientado até então, com a démarche econômica e a crise, e como ela deve orientar-se para um século XXI suportável.

Depois de um massacre global da natureza através de séculos de destruição e objetivação, surge no horizonte uma nova mentalidade a respeito da alteridade da natureza. De tal forma que a natureza no seu aspecto mais visível à terra nos impulsiona a rever a nossa postura em defesa de um novo reencantamento e amizade com aquela que é a nossa companheira de vida. Daí que surge essa nova visão de mundo fundamentada numa ética holístico-revolucionária que propõem também a reconciliação do espaço político com o cosmos.

Neste século temos um esforço do gnosticismo, de uma gama de práticas espirituais, retomada da raiz romântica da cultura, exaltação das práticas de uma mística e religiosidade de um certo paganismo, naturalismo em vários âmbitos, nova física que abre as especulações para as concepções de holismo e para instância energética última e inapreensível da realidade. Tudo retorna à natureza buscando um equilíbrio e identidade.

No espírito dos movimentos citados, vários cientistas e filósofos se concentram nesta problemática, porém lançaremos mão das posições defendidas e apresentadas por Leonardo Boff, Michel Serres e Luc Ferry que travam um labor titânico para recuperar a harmonia ecológica perdida a nível de subjetividade.

A tese de Serres é de fundo biocêntrico, e que quer ver na natureza um sujeito com direitos intrínsecos. "A natureza condiciona a natureza humana e vice-versa. A natureza se conduz como sujeito" ³. Aponta também indiretamente, para as éticas, antropologias, e políticas que não contemplaram até hoje a natureza como sujeito - até porque estão presas

³ Ver SERRESS, M. , *El contrato natural*, Valência, Pretextos, 1991

ao humanismo antropocêntrico - cujas conseqüências era dominação racional da natureza, culminando na dicotomia homem-universo. Daí a necessidade de um novo contrato (contrato natural) a ser estabelecido como inimigo do homem: a natureza. O homem de sujeito deve passar a ser parceiro da natureza.

Serres, a partir da constatação evidente na cultura e ciências modernas, do factum do domínio e a apropriação privatista quer abandonar radicalmente o humanismo antropocêntrico para afirmar a precedência da terra, que existiu sem nós e continuará existindo. Radicaliza em seu estilo bombástico e por vezes irônico:

“é necessário situar coisas no centro e nós na periferia, ou melhor elas em todas as partes e nós em seu seio como parasita”. E mais: “esta é a encruzilhada da história: a morte ou a simbiose. Simbiose agora escrita num direito, elevado ao primeiro plano numa política”⁴.

Por outro lado vem toda uma crítica ferrenha a essa nova ordem ecológica assumida por Luc Ferry. Este situa-se do lado dos realistas e reformistas, em contra posição aos revolucionários e fundamentalistas em defesa do humanismo depreciando o exagero doentio da prioridade da natureza (animais - plantas) que advoga o direito por parte das árvores e da natureza em geral de um estatuto jurídico. Acusa os defensores de um “contrato natural” de pensadores com visão pré-moderna do mundo.

Ferry centra sua crítica no esquerdismo, radicalismo e arcaísmo dos ecologistas, defendendo a social democracia, um certo liberalismo e o desenvolvimento substancialmente dentro do capitalismo. Para ele, o elogio das diferenças, com a preservação das identidades culturais, intocadas, leva a uma atitude pré-democrática, pré-cosmopolita, onde se reforçariam os nacionalismos e particularismos. Então dispara:

“o homem é um ser de antinatureza por excelência. Assim é capaz de libertar-se dos ciclos naturais, de aceder à cultura, inclusive à esfera da moralidade que supõe um ser para a lei e não só para a natureza”⁵.

Não vê possibilidade de vigência de princípios democrático, a não ser dentro do liberalismo político, ou seja, dentro das atuais regras do jogo. Daí a única possibilidade é uma ecologia democrática mas que porém não pode casar amor ao cosmos e holísmo com política. Devemos

⁴ Ver SERRES, M., *El contrato natural*, Valência, Pretextos, 1991, pp. 61-62

⁵ FERRY, L., *El nuevo orden ecológico*, el árbol, el animal y el hombre, Barcelona, Tusquets Editores, 1994, p.37

ver a beleza, a harmonia e a paz na natureza mas também não podemos fechar os olhos para os males provindos da natureza (catástrofes, terremotos, enchentes, secas...).

Daí se conclui que os ecologistas esquerdistas em suas utopias não fizeram a necessária cisão provinda do processo de secularização, entre *religião e política*. Ele vê a crise não como retorno ou respiritualização ou coisa que o valha, mas fruto do tornar-se adulto da humanidade na base do universo laico e democrático. Assim ele celebrou o luto libertador e salutar pela democracia e secularização.

Gostaríamos finalmente de colocar algumas questões para fazer frente ao modo e às pressuposições nem sempre cabíveis do discurso de Luc Ferry quando ele tenta uma aproximação do discurso totalitarista com o do ecologismo. Na análise do discurso pode até a ver uma certa semelhança na dicotomia e apreciação e dominação ocultando as diferenças - contudo os níveis fáticos e intenções são muitos diferentes assim como as práticas. No ecologismo, assim vemos uma pretensão de uma universalidade com respeito às diversidades, mesmo que com obstáculos - desprezando qualquer guerra de oposição. A universalidade não é agora a do domínio da conquista e glória de um povo como totalitarismo, mas uma civilização na base do respeito mútuo de uma aldeia global que se une a partir do ponto comum que é a casa onde todos habitamos.

Em segundo lugar Ferry não apresenta nem uma nova alternativa, voltando a reafirmar todo um processo já ultrapassado na modernidade, mas que para ele é essencialmente maturidade: *secularização e industrialização* - negando também todo um passado impregnado de uma fundamentação sagrada que era a base de uma relação de respeito e distanciamento para com a natureza. Parece-nos que a sua posição incorre assim no mesmo problema que critica.

Em referência a estas duas posições sectárias apresentaremos as reflexões de Leonardo Boff que hoje se destaca no cenário internacional no sentido de salvar a terra e conseqüentemente salvar a todos os homens tentando reconciliar o homem e a natureza e todos os homens entre si.

Gostaríamos de iniciar esta reflexão com a seguinte afirmação: "o que infelicita a parte, infelicita o todo" ⁶. Dividimos a humanidade toda, fazendo um olhar retrospectivo, torna-se evidente a estrutura dualista

⁶ BOFF, L., *Ética da Vida*, Brasília Letraviva, p.11

que perpassou toda a nossa existência, seja priorizando um em detrimento do outro natureza-homem - assim também separamos o homem da terra. Exaltamos tanto o homem presente que esquecemos do homem futuro e conseqüentemente esquecemos a terra do presente e do futuro. De modo que hoje somos desafiados a encarar a vida tanto no seu aspecto ético quando ecológico. A ética e a ecologia se complementam neste horizonte da sobrevivência humana. Somos responsáveis pelo todo, por uma ecologia integral. Dentro desse conjunto de direito que já analisamos - cabe destacar o que mais angustia a humanidade no momento; o direito da natureza (terra) - diante da inconsciência dos homens. A única coisa que não podemos mudar é o passado. Temos o presente e o futuro à nossa disposição.

A ecologia de um discurso regional como subcapítulo da biologia, passou a ser atualmente um discurso universal, quiçá o de maior força mobilizadora do futuro milênio. De modo que podemos dividi-la em diversas modalidades: a ecologia ambiental, a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia integral. Dentre as demais destacamos para o objetivo de nossa pesquisa a Ecologia ambiental - o direito da natureza - ou mais simplesmente o direito da terra.

A ecologia ambiental - que é uma das formas de aplicação da ecologia - tem uma excessiva preocupação com o meio ambiente - visando assim a qualidade de vida, a preservação das espécies em extinção e a permanente renovação do equilíbrio dinâmico, perdido em milhões e milhões de anos em evolução. Ela vê, entretanto, aparentemente a natureza fora do ser humano e da sociedade, cuidando de privilegiar tecnologias, soluções que aprimorem cada vez mais o planeta terra - sem contudo desprestigiar ou melhor desconhecer os frutos de todas as ecologias. As ecologias se voltam todas para a manutenção da terra de modo que a injustiça social se mostra, portanto como injustiça ecológica contra o todo natural - cultural humano.

Considerando também as necessidades das gerações de amanhã, pois elas têm direito à sua satisfação e a herdar uma Terra habitável com relações humanas minimamente decentes. Do mesmo jeito a ecologia mental chama a atenção para a profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica - alertando para os instintos de violência, vontade de dominação, arquétipos sombrios que nos afastam da benevolência em relação à vida e à natureza.

Dentro da mente humana inicia-se mecanismos que nos levam a uma guerra contra a terra. Eles se expressam por uma categoria: o

antropocentrismo. O antropocentrismo considera o ser humano o sujeito de todas as coisas, rei, rainha do universo. Tudo está subordinado ao seu bel-prazer. Esta compreensão quebra a lei mais universal: a solidariedade cósmica. Todos os seres são interdependentes e vivem dentro de uma teia intrincadíssima de relações. O ser humano esquece essa intrincada rede de relações. Afasta-se dela e coloca-se sobre as coisas, ao invés de sentir-se junto e com elas, numa imensa comunidade planetária e cósmica.

No imaginário dos fundadores da sociedade moderna o desenvolvimento movia-se dentro de dois infinitos: o infinito dos recursos naturais e o infinito do desenvolvimento rumo ao futuro. Porém os recursos não são infinitos, a maioria está se esgotando, principalmente a água potável e os combustíveis fósseis, e o tipo de desenvolvimento linear e crescente rumo ao futuro não é universalizável. Portanto, não é infinito. Precisamos, pois, mais que de um desenvolvimento sustentável. Carecemos de uma sociedade sustentável que encontre para si o desenvolvimento viável para as necessidades de todos.

O bem estar não pode ser apenas social, mas tem de ser também sociocósmico. Ele se entende aos demais seres da natureza, como as águas, as plantas, os animais, os microorganismos, pois todos juntos constituem a comunidade planetária. Temos de propiciar uma visão não somente materialista, mas uma visão espiritual que propiciem o re-encantamento em face da sua complexidade e a veneração diante do mistério do universo. O sagrado impõe sempre limites à manipulação do mundo, pois ele da origem à veneração e ao respeito, fundamentos para a salvaguarda da terra. Daí importa hoje ver revitalizadas as religiões para que cumpram sua função re-ligadora e encontrem expressões religiosas adequadas à nova experiência ecológica, que é ecumênica, holística e mística. A crise ecológica para ser superada, exige um outro perfil de cidadãos, com outra mentalidade mais sensível, mais cooperativa e espiritual. Eis o que exige o direito da natureza, queremos homens que respeitem e reconheçam que somos finitos e que queremos sobreviver e dar vida a todos. O direito da terra é promover a vida porque ela é vida.

A terra hoje se vê fora da terra. Experiência vinda dos astronautas a partir dos anos 60, de sua nave espacial ou da lua, como testemunharam vários deles: a Terra aparece como um resplandecente planeta azul-branco que cabe na palma da mão e que pode ser escondido detrás do polegar humano. Daquela perspectiva a Terra e os seres humanos emergem como uma única entidade. O ser humano é a própria Terra enquanto sente, pensa, ama, chora e venera. A terra emerge como

um entre outros planetas - de tal forma que por analogia a terra tem os mesmos direitos que o homem.

Os cosmólogos nos advertem que o inteiro universo se encontra em cosmogênese. Isto significa: está ainda em gênese, constituindo e nascendo aquisições e novas expressões. Por isso, temos de considerar o processo global, facilitando entre processo de antropogênese de constituição e de nascimento. Tudo se mantém ligado e re-ligado num equilíbrio dinâmico, aberto, passando pelo caos que é sempre generativo, pois propicia um novo equilíbrio mais alto e complexo, desemboca numa outra ordem, rica de novas potencialidades.

Essa cosmovisão desperta no ser humano a consciência de sua função dentro dessa imensa totalidade. Ele é um ser que pode captar todas essas dimensões e alegrar-se pela parte do universo que lhe cabe habitar, a Terra.

“Ela, a Terra, é segundo notáveis cientista, um superorganismo vivo, denominado Gaia, com calibragens refinadíssimas de elementos físico-químicos e auto-organizacionais que somente um ser vivo pode ter. Nós, seres humanos, podemos ser o satã da Terra, como podemos ser seu anjo-da-guarda bom. Somos co-responsáveis pelo destino de nosso planeta, de nossa biosfera, de nosso equilíbrio social e planetário”⁷.

Somente no vai-e-vem dessas relações, e não fora delas, nos sentiremos realizados e interiormente serenados, construindo um desenvolvimento com a natureza e jamais contra ela. Importa fazermos as pazes e não apenas dar uma trégua à Terra. Precisamos pedir perdão pelo estrago e abuso dos bens materiais - impedindo a sua evolução e a sua finalidade, que é desenvolver até ao infinito a evolução da humanidade. Cumpre refazermos uma aliança de respeito e de fraternidade.

A terra exige ainda que reconheçamos que somos seres de relação, produtores de comportamento que tenham como consequência a preservação e a potenciação do patrimônio formado ao longo de 15 bilhões de anos. Não cabe a nós dar o ponto final, chegando até nós, e é nosso dever passá-lo adiante, enriquecido, dentro de um espírito sinérgico e afinado com a grande sinfonia universal. Além do mais - devemos solidificar a consciência coletiva da responsabilidade pela sobrevivência do planeta em sua imensa biodiversidade e pelo futuro da espécie homo.

⁷ BOFF, L., *Ética da vida*, Brasília, Letraviva, 1991, p. 34

Não basta, em ecologia, só o conservadorismo, o preservacionismo e nem o ambientalismo. Isto significa de se resolver e proteger partes do universo em detrimento de outras e atendendo interesses econômicos. O que importa, hoje, é ultrapassar o paradigma da modernidade expresso na vontade de poder sobre a natureza e sobre os outros e inaugurar uma nova aliança do ser humano com a natureza, aliança que os faz a ambos, aliados no equilíbrio, na conservação, no desenvolvimento e na garantia de um destino e futuro comuns. A terra, portanto, é um sistema limitado, equilibrado, e não permite qualquer tipo de aventura anti-ecológica. O que exige que a Ética não pode ser apenas ambiente, mas socioambiental.

Essa nova Ética socioambiental deve manter-se equidistante de duas crispações que sempre quebram o equilíbrio ecológico: o *naturismo* e o *antropocentrismo*:

“Pelo naturismo, concebe-se a natureza, com suas leis instáveis, intocáveis e sagradas; os seres humanos devem se submeter a elas. O antropocentrismo diz o inverso - o ser humano é senhor e rei da Criação, pode interferir a seu bel prazer e não deve sentir-se ligado e limita, por nada da natureza”⁸.

O resultado atual é desolador: o ser humano elaborou uma relação injusta e humilhante para com a natureza. A terra não agüenta mais a máquina de morte ou a verocidade capitalista. Impõe-se, urgentemente, uma justiça ecológica.

A justiça ecológica significa: o ser humano tem uma dívida de justiça para com a terra. A terra possui sua subjetividade, sua dignidade, sua alteridade, seus direitos. Ela existe há milhões de anos antes que surgisse o ser humano. Ela tem direito a continuar a existir em sua complexidade, com o seu patrimônio genético, com o seu bem comum, com o seu equilíbrio e com as possibilidades de continuar a evoluir.

Um dos seus filhos, o ser humano, voltou-se contra ela. A justiça ecológica propõe uma nova atitude para com a terra, de benevolência, de mútua pertença e, ao mesmo tempo uma atitude de reparação das injustiças praticadas. Se o projeto técnico científico se desestruturou, ele pode hoje se redimir.

Essa injustiça ecológica transformou-se também numa injustiça social, porque, pela exaustão dos recursos, pela contaminação

⁸ BOFF, L., *Ética da vida*, Brasília Letraviva, 1991, p. 60

atmosférica, enfim pela má qualidade de vida, foi atingir o ser humano e a inteira sociedade.

Essa nova ética socioambiental só se implementa se surgir mais e mais uma nova consciência planetária, a consciência da responsabilidade para com o destino comum de todos os seres. Dessa consciência, vai-se formando lentamente uma nova cultura ecológica, o predomínio de um novo paradigma mais reverente e integrador para com o meio ambiente.

Um notável filósofo da ética da responsabilidade, Hans Jonas, formulou na linha de Kant um novo imperativo ético para os nossos dias: "Comporta-te de tal maneira que os efeitos de tuas ações sejam compatíveis com a permanência da natureza e da vida humana sobre a Terra" ⁹.

Bibliografia

- OLIVEIRA, J., BORGES, W., *Ética de Gaia*, São Paulo, Ed. Paulos, 2008.
- BOFF, L., *Ecologia – Grito da terra, grito dos pobres*, S. Paulo, Ed. Ática, 1999.
- _____, *Nova Era: A Civilização Planetária*, S. Paulo, Ed. Ática, 1994.
- _____, *A Voz do Arco-íris*, Brasília, Letraviva, 2000.
- _____, *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*, S. Paulo, Ed. Ática, 1993.
- _____, *ethos mundial*, Brasília, Letraviva, 2000.
- _____, *Depois de 500 Anos. Que Brasil queremos?*, Petrópolis, Vozes, 2^a Ed. 2000.
- _____, *Ética da vida*, Brasília, Letraviva, 1999.
- _____, *Saber cuidar*, Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.
- CAPRA, F., *A teia da vida*, Trad. N. R. Eichenberg, S. Paulo, Ed. Cultrix, 1996.
- DUSSEL, H., *Ética da libertação*, Petrópolis, RJ., Vozes, 2000.
- _____, *Práxis Latinoamericano y Filosofía de la liberación*, Bogotá, Nueva América, 1983.
- FERRY, L., *El nuevo orden ecológico, el árbol, el animal y el hombre*, Barcelona, Tusquets, Editores, 1994.
- GOMES, J.M., *Política e democracia em tempos de globalização*, Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

⁹ BOFF, L., *Ética da vida*, Brasília Letraviva, 1991, pp. 62-63

- PELIZZOLI, M.L., *A emergência do paradigma ecológico*, Petrópolis, RJ. Vozes, 1999.
- SERRES, M., *El contrato natural*, Valência, Pretextos, 1991, pp. 61-62.
- _____, *El contrato natural*, Valência, Pretextos, 1991.
- VAZ, H.C. _____, *Antropologia Filosófica I*, São Paulo, Loyola, 1991.
- _____, *Antropologia Filosófica II*, São Paulo, Loyola, 1992.
- ZUCCA, A. J., *O Direito da Terra*, RJ., Ed. Qualitymark, 1992.

**Profa. Dra. Ir. Marly Carvalho Soares*

Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de MG. Professora da UECE e ITEP.



A HARMONIA DOS SISTEMAS ECOLÓGICOS

*Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto**

Resumo: O meio ambiente é formado por elementos favoráveis e/ou desfavoráveis à vida, como luz, calor, vento, chuva, condições edáficas (relativas ao solo) e pela presença de outros seres vivos. Manter esta relação favorável é essencial para a harmonia e a diversidade nos sistemas ecológicos. A falta de conscientização e respeito do ser humano contribui sobremaneira para a degradação ambiental acelerada. O desperdício e o uso inadequado dos recursos naturais, o errado descarte de lixo e outros resíduos vêm interferindo nos sistemas ecológicos com redução na qualidade de vida. Neste aspecto é importante conhecer os elementos dos sistemas ecológicos, assim como seu funcionamento, para avaliar as condições ambientais existentes, e fornecer subsídios para redução dos impactos ambientais nos ecossistemas.

Palavras-chave: Meio ambiente. Harmonia. Sistemas ecológicos.

Abstract: The environmental is formed by favorable and/or unfavorable elements to life, light, heat, wind, rain, soil conditions and the presence of other alive beings. To keep this relation favorable is essential for harmony and diversity in the ecological systems. The lack for consciousness and respect of human being contributes excessively for the accelerating environmental degradation. The waste and the inadequate use of natural resources, the wrong discard of garbage and other residues have interfered in ecological systems with reduction in the quality of live. In this aspect it is important to know the elements of ecological systems, thus its working, to evaluate the existing environmental conditions, and to supply subsidies for reductions of environmental impacts in the ecosystems.

Keywords: Environmental. Harmony. Ecological systems.

Introdução

O meio ambiente é formado por inúmeros elementos favoráveis e/ou desfavoráveis à vida, como luz, calor, vento, chuva, condições edáficas (relativas ao solo) e a presença de outros seres vivos. Compreender essa relação é essencial para manter a harmonia e a diversidade nos sistemas ecológicos.

O homem, desde os primórdios da civilização, vem criando produtos e processos que interferem nesse equilíbrio, gerando diversas

formas de agressão ao meio ambiente. A princípio, o impacto ambiental era pouco e local, ou quase inexistente. Após a Revolução Industrial, com o desenvolvimento de novas tecnologias e a percepção de que o meio ambiente é um bem gratuito, o impacto ambiental atingiu elevados níveis, passou a global, sem preocupação com as gerações futuras.

Na natureza os sistemas ecológicos são interdependentes e formados por ciclos e processos de forma sincronizada e equilibrada, chamados ciclos biogeoquímicos. Os elementos participam, portanto, de uma permanente reciclagem pelo meio ambiente e pelas estruturas dos seres vivos. Esta contínua circulação dos elementos e algumas substâncias através dos componentes vivos (bios) e dos componentes geológicos (geo) dos ecossistemas terrestres proporcionam a manutenção da vida.

Assim se processam os ciclos do carbono, do oxigênio, do nitrogênio e outros minerais, bem como de algumas substâncias, principalmente a água.

A falta de conscientização e respeito do ser humano contribui sobremaneira para a degradação ambiental acelerada. O desperdício e uso inadequado dos recursos naturais, o errado descarte de lixo e outros resíduos; o aumento de gases emitidos para a atmosfera e o desmatamento descontrolado são apenas alguns exemplos de desenvolvimento insustentável que alteram os sistemas ecológicos.

O aumento da população, assim como o melhoramento das condições de vida, está também na origem de um aumento dos resíduos gerados pelas atividades humanas.

Reverter esse quadro, antes de tudo, é urgente e necessário para que possamos mudar essa concepção de que a terra tem poder de depurar os efeitos antropogênicos sem a participação do homem na melhoria da qualidade de vida e reconstrução de um ambiente ecologicamente saudável.

Nesse aspecto o nosso objetivo é relacionar os ciclos da natureza e como funcionam para a harmonia e manutenção da vida no planeta terra.

1 Como funciona o meio ambiente

O meio ambiente pode ser definido, a partir dos conceitos de ecologia, como um ecossistema visto da perspectiva autoecológica da espécie, ou seja, o lugar onde ela vive.

A ecologia estuda a estrutura e a função da natureza. Pode ser também definida como o estudo das correlações entre seres vivos e sua comunidade, no meio ambiente; ou ainda, o estudo da inserção do meio físico com o meio biológico e mais a ação do homem. A ecologia é considerada o “metabolismo da natureza”¹.

O meio ambiente está ligado a diversos fenômenos de poluição existentes na sociedade industrial e também à conservação dos recursos naturais que o definem num sentido restrito².

Os seres vivos sofrem ação de vários fatores ecológicos no ambiente em que vivem e agem diretamente pelo menos em uma fase de seu ciclo vital³. Os fatores ecológicos são compostos pelos fatores bióticos e abióticos e regulam o equilíbrio populacional e os limites para o desenvolvimento de um ecossistema⁴.

Os fatores bióticos compreendem as interações que ocorrem entre os seres vivos, como as associações biológicas. Os fatores ecológicos ditos abióticos são aqueles que representam as condições climáticas, edáficas (referentes ao solo) e químicas do meio.

Na natureza, os fatores ecológicos são interdependentes e formados por ciclos e processos de forma sincronizada e equilibrada chamados ciclos biogeoquímicos. Os elementos fazem, portanto, uma permanente reciclagem pelo meio ambiente e pelas estruturas dos seres vivos. Esta contínua circulação dos elementos e algumas substâncias através dos componentes vivos (bio) e dos componentes geológicos (geo) dos sistemas ecológicos proporcionam a manutenção da vida⁵.

Com base nos estudos de Lavoisier, criou-se a afirmativa de que “na Natureza, nada se cria e nada se perde - tudo se transforma”. E tanto isso é verdade que os elementos químicos não se perdem jamais nos ambientes. Eles apenas mudam de situação temporariamente, pois ora estão participando da estrutura de moléculas inorgânicas, na água, no solo ou no ar, ora estão compondo moléculas mais complexas de substâncias orgânicas, nos corpos dos seres vivos.

¹ BOTELHO, C.L. **A ecologia**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 1989.

² ODUM, E.P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1983.

³ CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos seres vivos. São Paulo: Editora Cultrix: 1996.

⁴ MARTINS, C. **Biogeografia e ecologia**. 5.ed. São Paulo: Nobel. 1985.

⁵ SOARES, J.L. **Biologia**: volume único. Edição revisada e atualizada. São Paulo. Scipione, 1997.

Assim se processam os ciclos do carbono, do oxigênio, do cálcio e outros minerais, bem como de algumas substâncias, principalmente a água. Vejamos a seguir como funcionam os sistemas ecológicos:

- O sol é a fonte de luz, calor e energia, que dá vida ao planeta. Seu calor mantém a Terra aquecida na temperatura adequada aos seres vivos. Para isso contribui a camada de ozônio, que filtra os raios ultravioleta, prejudiciais à vida. Sem o sol, não haveria a evaporação das águas, fundamental para o ciclo da água e nem o processo de fotossíntese;

- Os animais, durante a respiração, retêm oxigênio e expelem dióxido de carbono, que as plantas utilizam durante a fotossíntese, reiniciando esse processo;

- O nitrogênio, outro dos componentes vitais para a vida por causa dos aminoácidos, proteínas, DNA e RNA, compõe aproximadamente 80% da atmosfera;

- Os animais e as plantas absorvem nitrogênio sob as formas de amônia (NH_3) ou de nitrato (NO_3^-), nos quais são convertidos por bactérias;

- Certas bactérias do solo e as algas azuis dos oceanos convertem o nitrogênio do ar em amônia;

- Algumas plantas absorvem diretamente essa amônia. Ao comerem as plantas, os animais acabam absorvendo nitrogênio. Esses animais são herbívoros. Os animais carnívoros que comem herbívoros e os carnívoros que comem outros carnívoros também acabam absorvendo nitrogênio;

- Essa seqüência em que alguns animais comem outros é chamada de cadeia alimentar, que se inicia com o processo de fotossíntese das plantas e raramente excede quatro ou cinco níveis ou grupos de seres vivos;

- Quando os animais e plantas morrem, certas bactérias e fungos, também chamados de decompositores, convertem seus compostos de nitrogênio em gás nitrogênio, reiniciando o ciclo do nitrogênio;

- O ciclo da água, outro dos ciclos básicos para a vida na terra, tem seu início com a evaporação das águas dos oceanos, lagos e rios, formando nuvens e retornando à terra em forma de chuva e neve. Nas áreas com vegetação, o solo retém água. Esta água é usada pelas plantas. Outra parte da água acaba indo para os rios e lagos; e,

- A água não utilizada pelas plantas se infiltra no solo através de pedras permeáveis e orifícios no próprio solo, dirigindo-se para grandes reservatórios no subterrâneo e formando os chamados lençóis freáticos, que fluem de volta para os oceanos.

Como podemos observar, o ecossistema global é formado por ciclos e processos interdependentes e de forma sincronizada e equilibrada.

O ser humano, ao longo do tempo, vem criando produtos e processos que interferem direta ou indiretamente nesse equilíbrio⁶.

O estudo do meio ambiente é de vital importância para a avaliação do grau de adaptação e tolerância de cada ser vivo nas condições ambientais existentes, fornecendo também subsídios para avaliação dos impactos nos ecossistemas através de comparações de seus efeitos sobre as flutuações naturais das populações.

2. Resíduos no meio ambiente

Nas duas últimas décadas o mundo assistiu a um desenvolvimento generalizado, quer ao nível do crescimento da produção industrial, da inovação tecnológica quer do próprio incremento do bem-estar social. A proliferação e diversidade de resíduos desnecessários, não aproveitáveis e indesejados, são a origem da poluição e conseqüente impacto ambiental⁷.

Para melhor compreensão e possibilidade de estudar os resíduos, vários estudos definem as diferentes tipologias de resíduos e sua respectiva classificação e como estes afetam os sistemas ecológicos.

Há várias classificações de resíduos; tanto a partir de suas características físicas quanto a periculosidade. De uma maneira geral, os resíduos são classificados em urbanos, industriais e agropecuários⁸ e se apresentam nos estados sólido, líquido, gasoso e pastoso⁹.

Quanto às suas características físicas, os resíduos se classificam em secos e molhados. Quanto à composição química, se classificam em orgânicos e inorgânicos. Os resíduos orgânicos são compostos por pó de café e chá, cabelos, restos de alimentos, cascas e bagaços de frutas e verduras, ovos, legumes etc. Os resíduos inorgânicos são compostos por

⁶ CORSON, W.H. **Manual global de ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. 5. ed. Tradução Alexandre Gomes Camaru. São Paulo: Augustus, 2002.

⁷ **RESÍDUOS**. Disponível em:

<<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=residuos/index.php3&conteudo=/residuos/residuos.html>>. Acesso em: 12 out. 2008.

⁸ FIGUEIREDO, G.J.P. **Resíduos sólidos**: ponto final da insustentabilidade econômica. Revista de Direitos Difusos, São Paulo: v. 13, jun. 2002. Gestão de resíduos sólidos - I.

⁹ LIMA, L.M.Q. **Lixo**: tratamento e biorremediação. 3 ed. Ver. e ampl. São Paulo: Hemus Editora. 1995.

produtos manufaturados como plásticos, vidros, borrachas, tecidos, metais (alumínio, ferro etc.), isopor, lâmpadas, velas, parafina, cerâmicas, porcelana, espumas, cortiças etc. Quanto à origem, os resíduos são classificados em: domiciliar, comercial, industrial; serviços de saúde, resíduos de portos, aeroportos, terminais rodoviários e ferroviários, resíduos da construção civil, agrícola, limpeza pública, abatedouros de aves, matadouros, estábulos e serviços congêneres¹⁰.

Considerando aspectos práticos e de natureza técnica ligados principalmente às possibilidades de tratamento e disposição dos resíduos em condições satisfatórias dos pontos de vista ecológico, sanitário e econômico, a norma brasileira NBR 10004, distingue os resíduos sólidos em três classes¹¹:

- **Classe 1** - Resíduos perigosos: são aqueles que apresentam riscos à saúde pública e ao meio ambiente, exigindo tratamento e disposição especiais em função de suas características de inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade e patogenicidade;

- **Classe 2** - Resíduos não-inertes: são os resíduos que não apresentam periculosidade, porém não são inertes; podem ter propriedades tais como: combustibilidade, biodegradabilidade ou solubilidade em água. São basicamente os resíduos com as características do lixo doméstico; e,

- **Classe 3** - Resíduos inertes: são aqueles que, ao serem submetidos aos testes de solubilização (NBR-10.007 da ABNT), não têm nenhum de seus constituintes solubilizados em concentrações superiores aos padrões de potabilidade da água. Estão nesta classificação, por exemplo, os entulhos de demolição, pedras e areias retirados de escavações.

O lançamento de resíduos no meio ambiente, sem os devidos cuidados, gera diversas formas de poluição ambiental direta, indiretamente afetando os sistemas ecológicos, e principalmente os seres vivos nas mais variadas formas.

¹⁰ LIMA, J. D. *Gestão de resíduos sólidos urbanos no Brasil*. Campina Grande: [s.n.]. 2002.

¹¹ BRAGA, B. et al. *Introdução à engenharia agrícola ambiental*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

3. Poluição

A poluição pode ser definida como a introdução no meio ambiente de qualquer matéria ou energia que venha a alterar as propriedades físicas, químicas ou biológicas do meio¹².

A definição legal de poluição (Lei n° 6.938, de 31 de agosto de 1981 - Política Nacional do Meio Ambiente) é: degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente: a) prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população; b) criem condições adversas às atividades sociais e econômicas; c) afetem desfavoravelmente a biota (conjunto de todos os seres vivos de uma região); d) afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente; e, e) lancem matérias ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos¹³.

Faz-se a distinção entre poluição e impacto ambiental. O homem causa a poluição ambiental pelo lançamento de resíduos de seu próprio processo biológico (dejetos), ou resultantes de suas atividades, nas formas sólida (lixo), líquida (esgotos), gasosa ou de energia (calor, som, radioativa). Ao lançar esses resíduos no solo, no ar ou na água, ele provoca alterações das propriedades físicas, químicas e biológica, caracterizando o impacto ambiental.

O problema da poluição, portanto, diz respeito à qualidade de vida dos seres vivos e a alteração dos sistemas ecológicos. A degradação do meio ambiente provoca uma deterioração desta qualidade, pois as condições ambientais são imprescindíveis para a vida, tanto no sentido biológico quanto social.

Neste aspecto a poluição é classificada em: atmosférica, poluição do solo, poluição hídrica, poluição sonora, poluição luminosa e poluição visual.

¹² BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

¹³ BRASIL. LEI N° 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil** Brasília, DF, 2 set. 1981. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L6938org.htm>>. Acesso em: 13 out. 2008.

¹³ CORSON, W.H. **Manual global de ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. 5. ed. Tradução Alexandre Gomes Camaru. São Paulo: Augustus, 2002.

4. Considerações finais

O meio ambiente reúne elementos favoráveis e/ou desfavoráveis que cercam os seres vivos, como luz, calor, vento, chuva, condições edáficas (relativas ao solo) e a presença de outros seres vivos. Compreender essa relação é essencial para manter a diversidade nos sistemas ecológicos.

Na natureza os sistemas ecológicos são interdependentes e formados por ciclos e processos de forma sincronizada e equilibrada chamados ciclos biogeoquímicos. Os elementos participam constantemente do ciclo biogeoquímico, tanto abiótico quanto biótico. Esta contínua circulação dos elementos e algumas substâncias através dos componentes vivos (bios) e dos componentes geológicos (geo) dos ecossistemas terrestres proporcionam a manutenção da vida.

Os elementos na natureza mudam de situação temporariamente, pois ora estão participando da estrutura de moléculas inorgânicas, na água, no solo ou no ar, ora estão compondo moléculas mais complexas de substâncias orgânicas, nos corpos dos seres vivos. Pela decomposição cadavérica destes últimos, ou simplesmente por suas excreções e seus excrementos, tais substâncias se decompõem sob a ação de bactérias e fungos e devolvem ao meio ambiente os mesmos elementos químicos que dele partiram, já de novo restaurados sob a forma de compostos inorgânicos ou minerais.

O homem, desde os primórdios da civilização, vem criando produtos e processos que interferem direta ou indiretamente nesse equilíbrio, gerando diversas formas de resíduos que são lançados ao meio ambiente sem os devidos cuidados. A princípio, os impactos ambientais eram pouco e local ou quase inexistente. Após a Revolução Industrial, com o desenvolvimento de novas tecnologias e a percepção de que o meio ambiente é um bem gratuito, o impacto ambiental atingiu elevados níveis, passou à global, sem preocupação com as gerações futuras.

Atualmente os resíduos possuem diversas classificações segundo sua tipologia e periculosidades. De maneira geral, os resíduos são classificados em urbanos, industriais e agrícolas provocando a poluição atmosférica, a poluição do solo, a poluição hídrica, a poluição sonora, a poluição luminosa e a poluição visual.

Diante desse cenário há inúmeras alternativas para atenuar os efeitos advindos das atividades antrópicas. Inicialmente compreender o que está acontecendo com o meio ambiente. E em seguida, o que

podemos fazer para salvar o planeta e qual é a relação entre consumo e conservação dos recursos naturais. Assim, fica a missão para o homem anular gradativamente os efeitos antrópicos com medidas preventivas, mitigadoras e/ou corretivas.

**Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto*

Doutor em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa,
MG, Prof. da UFC e Coordenador do Curso de Pós-graduação em
Gestão de Faculdades – FAMETRO.

OS RESÍDUOS E OS IMPACTOS AMBIENTAIS

*Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto**

Resumo: O meio ambiente reúne elementos que possibilitam a vida dos seres vivos. O homem, desde os primórdios da civilização, vem criando produtos e processos que interferem neste equilíbrio gerando diversas formas de resíduos. Os resíduos são responsáveis pela poluição e impacto ambiental. De maneira geral os resíduos são classificados em urbanos, industriais e agrícolas provocando a poluição do ar, do solo, da água, do som, da luminosa e visual, ou seja, da paisagem. Diante deste cenário não há muitas opções a não ser reverter esta relação, visando a atenuar os impactos ambientais advindos das diferentes formas de poluição. Assim, a missão do homem é anular gradativamente os efeitos antrópicos com medidas preventivas, mitigadoras e corretivas, e garantir às futuras gerações um ambiente saudável.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Resíduos. Poluição. Impacto ambiental.

Abstract: The environment brings together elements that make possible human beings life. Man, since primords of civilization, have been creating products and processes that interfere in this equilibrium generating diverse forms of residues. Residues are responsible by pollution and environmental impact. In general residues are classified in urbans, industrials and agricultural provoking air, soil, water, sound pollution, of luminous and visual, it means, of landscape. Faced with this scenery there aren't many options but revert this relation aiming at attenuate environmental impacts that come from different forms of pollution. So, the mission for man is to annul gradually anthropic effects with preventive measures, mitigating and corrective and guarantee the next generations a pleasant environmental.

Keywords: Environmental. Residues. Pollution. Environmental Impact.

Introdução

No mundo atual, os temas ecológicos estão presentes em jornais, revistas, programas de televisão, em palestras, congressos, campanhas populares, enfim, em diversos setores. Desmatamento, poluição dos recursos hídricos, resíduos sólidos urbanos, extinção de espécies da flora e fauna, emissões de gases poluentes, efeito estufa, destruição da camada de ozônio entre outros assuntos são questões ambientais que necessitam adequado embasamento, independente da profissão e classe social.

Sabemos que herdamos um mundo cheio de problemas, que se ampliaram ao longo de inúmeras gerações. A qualidade de vida se tornou cada vez mais grave e crucial à proporção que a inteligência humana disparou em busca do progresso, sem dar conta de suas conseqüências.

O aumento da população, assim como o melhoramento das condições de vida, está também na origem de um aumento dos resíduos gerados pelas atividades humanas.

Estudiosos consideram o binômio urbanização/industrialização o principal responsável pela poluição e impactos ambientais da atualidade.

Reverter esse quadro, antes de tudo, é urgente e necessário para que possamos mudar essa concepção de que a terra tem poder de depurar os efeitos antropogênicos sem a participação do homem na melhoria da qualidade de vida e reconstrução de um ambiente ecologicamente saudável.

Nesse aspecto o nosso objetivo é relacionar os resíduos gerados das atividades humanas e os impactos causados ao meio-ambiente com efeito na qualidade de vida.

1. O meio ambiente

O meio ambiente pode ser definido, a partir dos conceitos de ecologia, como um ecossistema visto da perspectiva auto-ecológica da espécie, ou seja, o lugar onde ela vive.

Segundo Botelho (1989) a ecologia estuda a estrutura e a função da natureza. Pode ser também definida como o estudo das correlações entre seres vivos e sua comunidade, no meio ambiente; ou ainda, o estudo da inserção do meio físico com o meio biológico e mais a ação do homem. Afirma ainda que a ecologia pode ser considerada o “metabolismo da natureza”¹.

O meio ambiente está ligado a diversos fenômenos de poluição existentes na sociedade industrial e também à conservação dos recursos naturais que o definem num sentido restrito².

Todos os seres vivos sofrem ação de vários fatores ecológicos no ambiente em que vivem e agem diretamente pelo menos em uma fase de

¹ BOTELHO, C.L. **A ecologia**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1989.

² ODUM, E.P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1983.

seu ciclo vital³. Os fatores ecológicos são compostos pelos fatores bióticos e abióticos e regulam o equilíbrio populacional e os limites para o desenvolvimento de um ecossistema⁴.

Os fatores bióticos compreendem as interações que ocorrem entre os seres vivos, como as associações biológicas. Os fatores ecológicos ditos abióticos são aqueles que representam as condições climáticas, edáficas (referentes ao solo) e químicas do meio.

Na natureza os fatores ecológicos são interdependentes e formados por ciclos e processos de forma sincronizada e equilibrada chamados ciclos biogeoquímicos. Os elementos fazem, portanto, uma permanente reciclagem pelo meio ambiente e pelas estruturas dos seres vivos. Esta contínua circulação dos elementos e algumas substâncias através dos componentes vivos (bios) e dos componentes geológicos (geo) dos ecossistemas terrestres proporcionam a manutenção da vida⁵.

Com base nos estudos de Lavoisier, criou-se a afirmativa de que “na Natureza, nada se cria e nada se perde - tudo se transforma”. E tanto isso é verdade que os elementos químicos não se perdem jamais nos ambientes. Eles apenas mudam de situação temporariamente, pois ora estão participando da estrutura de moléculas inorgânicas, na água, no solo ou no ar, ora estão compondo moléculas mais complexas de substâncias orgânicas, nos corpos dos seres vivos.

Assim se processam os ciclos do carbono, do oxigênio, do cálcio e outros minerais, bem como de algumas substâncias, principalmente a água.

O sol é a fonte de luz, calor e energia, que dão vida ao planeta. Seu calor mantém a Terra aquecida na temperatura adequada aos seres viventes. Para isso, contribui a camada de ozônio, que filtra os raios ultravioleta, prejudiciais à vida.

Sem o Sol não haveria a evaporação das águas, fundamental para o ciclo da água, e nem o processo de fotossíntese.

Os animais, durante a respiração, retêm oxigênio e expõem dióxido de carbono, que as plantas utilizam durante a *fotossíntese*, reiniciando esse processo.

³ CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos seres vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

⁴ MARTINS, C. **Biogeografia e ecologia**. 5. ed. São Paulo: Nobel, 1985.

⁵ SOARES, J.L. **Biologia**: volume único. Edição revisada e atualizada. São Paulo. Scipione, 1997.

O nitrogênio, outro dos componentes vitais para a vida por causa dos aminoácidos, proteínas, DNA e RNA, compõe aproximadamente 80% da atmosfera.

Os animais e as plantas absorvem nitrogênio sob as formas de amônia (NH_3) ou de nitrato (NO_3^-), nos quais são convertidos por bactérias. Certas bactérias do solo e as algas azuis dos oceanos convertem o nitrogênio do ar em amônia. Algumas plantas absorvem diretamente essa amônia. Ao comerem as plantas, os animais acabam absorvendo nitrogênio. Esses animais são herbívoros. Os animais carnívoros que comem herbívoros e os carnívoros que comem outros carnívoros também acabam absorvendo nitrogênio.

Essa sequência em que alguns animais comem outros é chamada de cadeia alimentar, que se inicia com o processo de fotossíntese das plantas e raramente excede quatro ou cinco níveis ou grupos de seres vivos.

Quando os animais e plantas morrem, certas bactérias e fungos, também chamados de decompositores, convertem seus compostos de nitrogênio em gás nitrogênio, reiniciando o ciclo do nitrogênio.

O ciclo da água, outro dos ciclos básicos para a vida na terra, tem seu início com a evaporação das águas dos oceanos, lagos e rios, formando nuvens e retornando à terra em forma de chuva e neve. Nas áreas com vegetação, o solo retém água. Essa água é usada pelas plantas. Outra parte da água acaba indo para os rios e lagos.

A água não utilizada pelas plantas passa através de pedras permeáveis e acaba se dirigindo para grandes reservatórios no subterrâneo, formando os chamados lençóis de água, que fluem de volta para os oceanos.

Como podemos observar, o ecossistema global é formado por ciclos e processos interdependentes e de forma sincronizada e equilibrada.

O ser humano, ao longo do tempo, vem criando produtos e processos que interferem direta ou indiretamente nesse equilíbrio⁶.

O estudo do meio ambiente é de vital importância para a avaliação do grau de adaptação e tolerância de cada ser vivo nas condições

⁶ CORSON, W.H. **Manual global de ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. 5. ed. Tradução Alexandre Gomes Camaru. São Paulo: Augustus, 2002.

ambientais existentes, fornecendo também subsídios para avaliação dos impactos nos ecossistemas através de comparações de seus efeitos sobre as flutuações naturais das populações.

Desde o aparecimento do homem sobre a face da terra o ecossistema vem sendo poluído. A princípio, o impacto ambiental era pouco e local ou quase inexistente. Após a Revolução Industrial, com o desenvolvimento de novas tecnologias e a percepção de que o meio ambiente é um bem gratuito, o impacto ambiental atingiu elevados níveis, passou à global, sem preocupação com as gerações futuras⁷.

Para compreender a evolução das alterações no meio ambiente e os impactos advindos das atividades do homem é necessário abordarmos alguns fenômenos responsáveis por esse desequilíbrio: a urbanização, a industrialização e a poluição.

2. Urbanização

Urbanização é o conjunto de técnicas e de obras que permitem dotar uma cidade ou uma comunidade de condições de infra-estrutura, planejamento, organização administrativa e embelezamento⁸.

A idéia de urbanização está intimamente associada à concentração de muitas pessoas em um espaço restrito (a cidade) e na substituição das atividades primárias (agropecuária) por atividades secundárias (indústrias) e terciárias (serviços)⁹.

A urbanização é estudada por diversas ciências e cada uma delas propõe abordagens diferentes sobre o problema do crescimento das cidades¹⁰.

As principais cidades do planeta a partir da segunda metade do século XIX, passaram a receber uma enorme quantidade de melhorias técnicas, desde a implantação de sistema hidráulico, de iluminação, de transporte coletivos com tração animal e redes de esgoto até planos urbanísticos de logradouros públicos, praças e vias arborizadas. Tais

⁷ FOGLIATTI, M.C.; FILIPPO, S.; GOUDARD, B. **Avaliação de impactos ambientais**: aplicação aos sistemas de transporte. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

⁸ HOUAISS, A.; VILLAR, M S.; FRANCO F.M de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

⁹ BUENO, Laura, M. de Mello. **Projeto e favela**: metodologia para projetos de urbanização. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

¹⁰ KOFF, E. D. **A questão ambiental e o estudo de ciências**: algumas atividades. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

melhorias possibilitou novas oportunidades e estímulo a mudança da população do meio rural para os grandes centros urbanos¹¹.

Os centros urbanos representam a mais alta conquista da evolução cultural humana e como tal devem se constituir num grave problema sob o ponto de vista ecológico.

O espaço urbano, quando não oferece oportunidades, multiplica a pobreza. Os moradores da periferia, das favelas e dos cortiços têm acesso a serviços de infra-estrutura precários¹².

Segundo dados do *Relatório do Desenvolvimento Humano 2007/2008*, publicado pela ONU, a divisão rural-urbano continuará a desempenhar um papel importante¹³. As zonas rurais não cessarão de representar grande parte do déficit até 2015. No entanto, a urbanização gerará pressões crescentes. Ao longo da década que decorrerá até 2015, a percentagem de população das cidades do mundo em desenvolvimento aumentará de 42% para 48%, ou seja, 675 milhões.

O crescimento de bairros urbanos degradados está a suplantar o crescimento urbano por uma larga margem. O estado do ambiente é um elo vital entre as alterações climáticas e o desenvolvimento humano. Os fatores atrativos da urbanização, em países desenvolvidos, estão ligados basicamente ao processo de industrialização, as transformações provocadas nas cidades pela indústria¹⁴.

3. Industrialização

A industrialização é o processo de desenvolvimento da comunidade com base na indústria¹⁵. As origens do processo de industrialização remontam ao século XVIII, quando na sua segunda metade, emergem na Inglaterra, grande potência daquele período, uma série de transformações de ordem econômica, política, social e técnica, que convencionou-se chamar de Revolução Industrial.

¹¹ PHILIPPI Jr, A., ALVES, A.C. ROINÉRO, M. A., BRUNA, G. C. **Meio ambiente, direito e cidadania**. Editores. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública, Faculdade de Direito. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signos Editora, 2002.

¹² BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

¹³ **RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2007/2008**. Coimbra: Almedina, c2007. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/>>. Acesso em: 10 out. 2008.

¹⁴ BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

¹⁵ HOUAISS, A.; VILLAR, M S.; FRANCO F.M de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

As transformações de ordem espacial a partir da indústria foram enormes. As mudanças ocorridas na Inglaterra do século XIX, onde a indústria associada à modernização do campo geraram a expulsão de milhares de camponeses em direção às cidades, o que gerou a constituição de cidades industriais que nesse mesmo século ficaram conhecidas como *cidades negras*, em decorrência da poluição atmosférica gerada pelas indústrias¹⁶.

O avanço da indústria, especialmente a partir do século XIX, deu-se em direção de outros países europeus como a França, a Bélgica, a Holanda, a Alemanha, a Itália, e de países fora da Europa, como os EUA na América e o Japão na Ásia.

A partir do século XX, especialmente após a 2ª Guerra Mundial, países do chamado terceiro mundo também passaram por processos de industrialização, como é o caso do Brasil. Nestes países as indústrias não geraram o número de empregos necessários para absorver a mão-de-obra cada vez mais numerosa que vinha do campo para as cidades, isso fez com que ocorresse um processo de metropolização acelerado, que não foi acompanhado de implantação de infra-estrutura e da geração de empregos. Tal fato gerou um dos maiores problemas dos países subdesenvolvidos hoje o inchaço das grandes cidades, com os problemas, principalmente ambientais, decorrentes do mesmo.

As alterações climáticas advindas da emissão de poluentes estão gerando ameaças constantes em diversas regiões do planeta. A consistente mitigação será, ainda assim, insuficiente para amenizar estas ameaças até 2015. Até lá, os pobres urbanos terão de se adaptar às alterações climáticas¹⁷.

4- Resíduos

Os resultados de processos das diversas atividades humanas de uma comunidade são denominados de resíduos.

Nas duas últimas décadas o mundo assistiu a um desenvolvimento generalizado, quer ao nível do crescimento da produção industrial, da inovação tecnológica como do próprio incremento do bem-estar social. A

¹⁶ PHILIPPI Jr, A., ALVES, A.C. ROINÉRO, M. A., BRUNA, G. C. **Meio ambiente, direito e cidadania**. Editores. São Paulo: Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública, Faculdade de Direito. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Núcleo de Informações em Saúde Ambiental: Signos Editora, 2002.

¹⁷ CORSON, W.H. **Manual global de ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. 5. ed. Tradução Alexandre Gomes Camaru. São Paulo: Augustus, 2002.

proliferação e diversidade de resíduos desnecessários, não aproveitáveis e indesejados, são a origem da poluição e conseqüente impacto ambiental¹⁸.

Para melhor compreensão e possibilidade de estudar os resíduos, vários estudos definem as diferentes tipologias de resíduos e sua respectiva classificação.

Há várias classificações de resíduos; tanto a partir de suas características físicas até a periculosidade. De uma maneira geral os resíduos são classificados em urbanos, industriais e agropecuários¹⁹ e se apresentam nos estados sólido, líquido, gasoso e pastoso²⁰.

Quanto às suas características físicas os resíduos se classificam em secos e molhados. Quanto à composição química se classificam em orgânicos e inorgânicos. Os resíduos orgânicos são compostos por pó de café e chá, cabelos, restos de alimentos, cascas e bagaços de frutas e verduras, ovos, legumes etc. Os resíduos inorgânicos são compostos por produtos manufaturados como plásticos, vidros, borrachas, metais (alumínio, ferro etc.), tecidos, isopor, lâmpadas, velas, parafina, cerâmicas, porcelana, espumas, cortiças etc. Quanto à origem os resíduos são classificados em: domiciliar, comercial, industrial; serviços de saúde, resíduos de portos, aeroportos, terminais rodoviários e ferroviários, resíduos da construção civil, agrícola, limpeza pública, abatedouros de aves, matadouros, estábulos e serviços congêneres²¹.

Considerando aspectos práticos e de natureza técnica ligados principalmente às possibilidades de tratamento e disposição dos resíduos em condições satisfatórias dos pontos de vista ecológico, sanitário e econômico, a norma brasileira NBR 10004, distingue os resíduos sólidos em três classes²²: **Classe 1** - Resíduos perigosos: são aqueles que apresentam riscos à saúde pública e ao meio ambiente, exigindo tratamento e disposição especiais em função de suas características de inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade e patogenicidade; **Classe 2** - Resíduos não-inertes: são os resíduos que não apresentam

¹⁸ **RESÍDUOS**. Disponível em:

<<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=residuos/index.php3&conteudo=./residuos/residuos.html>>. Acesso em: 12 out. 2008.

¹⁹ FIGUEIREDO, G.J.P. **Resíduos sólidos**: ponto final da insustentabilidade econômica. Revista de Direitos Difusos, São Paulo: v. 13, jun. 2002. Gestão de resíduos sólidos - I.

²⁰ LIMA, L.M.Q. **Lixo**: tratamento e biorremediação. 3 ed. Ver. e ampl. São Paulo: Hemus Editora, 1995.

²¹ LIMA, J. D. **Gestão de resíduos sólidos urbanos no Brasil**. Campina Grande: [s.n.], 2002.

²² BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Printice Hall, 2002.

periculosidade, porém não são inertes; podem ter propriedades tais como: combustibilidade, biodegradabilidade ou solubilidade em água. São basicamente os resíduos com as características do lixo doméstico; e **Classe 3** - Resíduos inertes: são aqueles que, ao serem submetidos aos testes de solubilização (NBR-10.007 da ABNT), não têm nenhum de seus constituintes solubilizados em concentrações superiores aos padrões de potabilidade da água. Estão nesta classificação, por exemplo, os entulhos de demolição, pedras e areias retirados de escavações.

O lançamento de resíduos no meio ambiente, sem os devidos cuidados, gera diversas formas de poluição ambiental, direta e indiretamente afetando as comunidades nas mais variadas formas.

5. Poluição

A poluição pode ser definida como a introdução no meio ambiente de qualquer matéria ou energia que venha a alterar as propriedades físicas, químicas ou biológicas do meio²³.

A definição legal de poluição (Lei n° 6.938, de 31 de agosto de 1981 - Política Nacional do Meio Ambiente) é: degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente: a) prejudiquem a saúde, a segurança e o bem-estar da população; b) criem condições adversas às atividades sociais e econômicas; c) afetem desfavoravelmente a biota (conjunto de todos os seres vivos de uma região); d) afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente; e, e) lancem matérias ou energia em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos²⁴.

Faz-se a distinção entre poluição e impacto ambiental. O homem causa a poluição ambiental pelo lançamento de resíduos de seu próprio processo biológico (dejetos), ou resultantes de suas atividades, nas formas sólida (lixo), líquida (esgotos), gasosa ou de energia (calor, som, radioativa). Ao lançar esses resíduos no solo, no ar ou na água, ele provoca alterações das propriedades físicas, químicas e biológica, caracterizando o impacto ambiental.

²³ BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Printice Hall, 2002.

²⁴ BRASIL. LEI Nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil** Brasília, DF, 2 set. 1981. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Leis/L6938org.htm>>. Acesso em: 13 out. 2008.

²⁴ CORSON, W.H. **Manual global de ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. 5. ed. Tradução Alexandre Gomes Camaru. São Paulo: Augustus, 2002.

O problema da poluição, portanto, diz respeito à qualidade de vida das aglomerações humanas. A degradação do meio ambiente provoca uma deterioração desta qualidade, pois as condições ambientais são imprescindíveis para a vida, tanto no sentido biológico quanto social.

Neste aspecto a poluição é classificada em: atmosférica, poluição do solo, poluição hídrica, poluição sonora, poluição luminosa e poluição visual.

5.1. Poluição atmosférica

A poluição atmosférica resulta da emissão de gases poluentes ou de partículas sólidas na atmosfera, tornando o ar nocivo, impróprio ou ainda inconveniente à saúde humana, à vida animal e também aos vegetais. Os principais poluidores do ar são: as unidades industriais e de produção de energia como a geração de energia elétrica, as refinarias, fábricas de pasta de papel, siderúrgicas, indústria química e de adubos. O uso de solventes em colas, tintas, produtos de proteção de superfícies, aerossóis, limpeza de metais e lavanderias é responsável pela emissão de quantidades apreciáveis de compostos orgânicos voláteis²⁵.

Existem outras fontes poluidoras que, em certas condições, podem revelar importantes, tais como: a queima de resíduos urbanos, industriais, agrícolas e florestais, feita muitas vezes, em situações incontroladas.

As fontes móveis, ou seja, os transportes rodoviários são uma fonte importante de poluentes, essencialmente devido às emissões dos gases de escape, mas também como resultado da evaporação de combustíveis. São os principais emissores de óxidos de nitrogênio (NO_x) e óxido de carbono (CO), importantes emissores de dióxido de carbono (CO₂) e de compostos orgânicos voláteis (COV), além de serem responsáveis pela emissão de poluentes específicos como o chumbo²⁶.

A poluição do ar tem como consequência: o aumento da temperatura global e consequentes incêndios, derretimento da calota polar e consequentes enchentes, alagamentos, mudança de clima e desertificação.

²⁵ BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Printice Hall, 2002.

²⁶ CORSON, W.H. **Manual global de ecologia**: o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. 5. ed. Tradução Alexandre Gomes Camaru. São Paulo: Augustus, 2002.

A poluição afeta a saúde humana provocando sérios danos respiratórios (Bronquite crônica e asma), alergias, lesões degenerativas no sistema nervoso ou em órgãos vitais e até câncer.

Os poluentes atmosféricos podem afetar a vegetação por duas vias: via direta e via indireta. Os efeitos indiretos são provocados pela acidificação dos solos com a conseqüente redução de nutrientes e liberação de substâncias prejudiciais às plantas, resultando numa menor produtividade e numa maior susceptibilidade a pragas e doenças.

5.2 Poluição do solo

A poluição do solo consiste na presença indevida de elementos químicos estranhos, como os resíduos sólidos (lixo) que o homem produz que prejudiquem as formas de vida e seu desenvolvimento regular, ou seja, o solo está poluído quando os resíduos industriais ou agrícolas transportados pelo ar, pela chuva e pelo homem são lançados ao meio ambiente.

O uso indiscriminado do solo traz sérios efeitos como a erosão (é o desgaste do solo) e o aumento da desertificação.

Dentre as doenças causadas pelo solo contaminado estão a ancilostomose (amarelão), a teníase e verminoses como a ascaridíase (âscaris ou lombrigas) e a oxiurose causada pelo oxiúro.

4.3 Poluição hídrica

A poluição hídrica consiste no lançamento ou infiltração de substâncias nocivas na água. As atividades agrícolas, industriais, mineradoras, os esgotos e a intolerância do homem são as principais fontes de poluição das águas²⁷.

Entre as substâncias lançadas no meio ambiente estão os compostos orgânicos, minerais, derivados do petróleo, chumbo e mercúrio, pelas indústrias; fertilizantes, pesticidas e herbicidas, pela agricultura.

Segundo dados do *Relatório do Desenvolvimento Humano 2007/2008*, publicado pela ONU, atualmente, perto da metade da população do mundo em desenvolvimento sofre de uma ou mais das principais doenças associadas a um fornecimento inadequado de água e saneamento. Estes valores significam que 660 milhões de pessoas que não têm acesso a água potável possuem, na melhor das hipóteses, uma

²⁷ BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

limitada capacidade financeira para pagar uma ligação a serviços de abastecimento de água²⁸.

A poluição das águas também é causada pelos esgotos das cidades e regiões agrícolas. Atualmente são lançados por dia 10 bilhões de litros de esgoto que poluem rios, lagos, oceanos e áreas de mananciais²⁹.

Entre as doenças causadas direta ou indiretamente pela água contaminada estão a disenteria, a amebíase, a esquistossomose, a malária, a leishmaniose, a cólera, entre várias outras.

Já se torna claro que as próximas décadas serão marcadas por uma luta mais intensa pela água. O crescimento populacional, a urbanização, o desenvolvimento industrial e as necessidades da agricultura estão aumentando a procura por este recurso finito. Entretanto, existe cada vez mais o reconhecimento de que as necessidades do ambiente também devem ser decompostas em termos de padrões de utilização futura da água.

5.4. Poluição Sonora

A poluição sonora é qualquer alteração das propriedades físicas do meio ambiente causada por puro ou conjugação de sons, admissíveis ou não, que direta ou indiretamente seja nociva à saúde, à segurança e ao bem. O som é a parte fundamental das atividades dos seres vivos e dos elementos da natureza³⁰.

Cada um tem um significado específico conforme as espécies de seres vivos que os emitem ou que conseguem percebê-los. Os seres humanos, além dos sons que produzem para se comunicar e se relacionar, como as palmas, voz, assobios e passos, também produzem outros tipos de sons, decorrentes de sua ação de transformação dos elementos naturais.

O desenvolvimento da indústria e o surgimento dos grandes centros urbanos acabaram com o silêncio de boa parte do planeta. Entretanto o incomodo, a frustração, a agressão ao aparelho auditivo e o cansaço geral causados pela poluição sonora podem afetar as futuras gerações.

²⁸ **RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2007/2008**. Coimbra: Almedina, c2007. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/>>. Acesso em: 10 out. 2008.

²⁹ MIRANDA, S. R.; OLIVEIRA, R. A. M. de. **Biologia ambiental**: poluição da água. Disponível em: <<http://biologiaambiental-ufal2008.wikidot.com/poluicao-luminosa>>. Acesso: 10 out. 2008.

³⁰ BRAGA, B. et al. **Introdução à engenharia agrícola ambiental**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que um som deve ficar em até 50 db (decibéis – unidade de medida do som) para não causar prejuízos ao ser humano. A partir de 50 db, os efeitos negativos começam. Alguns problemas podem ocorrer a curto prazo, outros levam anos para serem notados.

Os efeitos negativos da poluição sonora nos seres humanos são: Insônia (dificuldade de dormir); estresse, depressão, perda de audição, agressividade, perda de atenção e concentração, perda de memória, dores de cabeça, aumento da pressão arterial, cansaço, gastrite e úlcera, queda de rendimento escolar e, no trabalho, surdez (em casos de exposição a níveis altíssimos de ruído).

5.5. Poluição luminosa

A poluição luminosa é um problema ambiental sério pouco conhecido, que pode ser definida como sendo qualquer efeito adverso causado ao meio ambiente pela luz artificial excessiva ou mal direcionada produzida pelo homem nos centros urbanos, que causa fulgor, prejudicando as condições de visibilidade noturna. As luminárias mais utilizadas em iluminação pública são ineficientes e mal projetadas, emitindo um fluxo de até 60% de luz horizontalmente e para cima. A causa está no formato das luminárias, que não costumam abrigar corretamente suas lâmpadas e no ângulo de inclinação das mesmas. São os postes da iluminação das ruas, os das praças, em forma de globo esférico, os refletores das quadras de esportes, estacionamentos, canteiros de obras, clubes, aeroportos etc. O desperdício é denunciado de modo marcante pela enorme bolha luminosa que cobre as grandes e médias cidades. Essa luz extra em nada contribui para a iluminação noturna útil, uma vez que a única luz que realmente importa é aquela dirigida para o solo³¹.

Além do prejuízo ao meio ambiente, a luz que sai lateralmente das luminárias atinge nossos olhos e faz diminuir as nossas pupilas, causando-nos um ofuscamento e diminuindo nossa visibilidade noturna, o que já foi responsável por muitas mortes no mundo. A iluminação mal projetada e excessiva, ao contrário do que julga o senso comum, não traz segurança e visibilidade. Esse brilho irritante confunde os pássaros e afeta as plantas.

³¹ **CAMPANHA** céu para todos. Revista macroCOSMO.com: Disponível em: <<http://www.revistamacrocossmo.com/ceuparatodos/>>. Acesso em: 10 out. 2008.

A principal solução para o problema da poluição luminosa é o uso de fontes de luz direcionadas, que canalizem toda a sua luz para baixo da horizontal, de tal forma que a própria fonte de luz, a lâmpada, não seja visível pelos lados. Uma luminária eficiente deve iluminar o chão até um pouco além da metade de sua distância ao próximo poste. Assim, ao dirigir a luz apenas para onde ela é necessária, são requeridas menos luz e menos energia elétrica. Outra vantagem desse tipo de luminária é que a nossa visão da área iluminada se torna muito mais nítida quando não recebemos luz vinda diretamente das lâmpadas sobre os olhos.

Precisamos acabar de uma vez por todas com os nossos velhos hábitos de desperdício, e não temos mais tempo para ficar esperando por leis que regulamentem a iluminação pública.

5.6. Poluição visual

Poluição visual é o excesso de elementos ligados à comunicação visual (como cartazes, anúncios, propagandas, banners, totens, placas etc) dispostos em ambientes urbanos, especialmente em centros comerciais e de serviços³². Acredita-se que, além de promover o desconforto espacial e visual daqueles que transitam por estes locais, este excesso enfeia as cidades modernas, desvalorizando-as e tornando-as apenas um espaço de promoção do fetiche e das trocas comerciais capitalistas. Acredita-se que o problema, porém, não é a existência da propaganda, mas o seu descontrole.

Também é considerada poluição visual algumas atuações humanas sem estar necessariamente ligada a publicidade tais como o grafite, pichações, fios de eletricidade e telefônicos, as edificações com falta de manutenção, o lixo exposto não orgânico, e outros resíduos urbanos.

A poluição visual degrada os centros urbanos pela não coerência com a fachada das edificações, pela falta de harmonia de anúncios, logotipos e propagandas que concorrem pela atenção do espectador, causando prejuízo a outros etc. A profusão da propaganda na paisagem urbana pode ser considerada uma característica da cultura de massas pós-moderna.

³² MIRANDA, S. R; OLIVEIRA, R. A. M. de. **Biologia ambiental**: poluição visual. Disponível em: <<http://biologiaambiental-ufal2008.wikidot.com/poluicao-luminosa>>. Acesso em: 10 out. 2008.

6. Impacto ambiental

O impacto ambiental é um desequilíbrio provocado pelo choque da relação do homem com o meio ambiente, surgiu a partir da evolução humana, ou seja, no momento em que o homem começou a evoluir em seu modo de vida e poluir o ambiente. Nos primórdios da humanidade o homem mantinha uma relação de submissão com o meio ambiente.

Com o passar do tempo o homem descobriu o fogo, mas o impacto gerado por este era irrelevante para a natureza, depois passaram a cultivar alimentos e criar animais, com isso o impacto ambiental começou a aumentar gradativamente. Pois para plantar e para o gado pastar era necessário derrubar árvores de determinados lugares, além do mais, a madeira derrubada servia para construir abrigos mais confortáveis e obtenção de lenha. A partir desse momento, começou a se tornar mais visível os impactos ambientais causados pelo homem como, por exemplo, a alteração em certas cadeias alimentares.

Segundo a Resolução do *Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA n° 001 DE 23/01/86* impacto ambiental é:

Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetem: (I) a saúde, a segurança e o bem-estar da população; (II) as atividades sociais e econômicas; (III) a biota; (IV) as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; (V) a qualidade dos recursos ambientais (Resolução do CONAMA n.º 001 de 23/01/86)³³.

O impacto ambiental é qualquer alteração no sistema ambiental físico, químico, biológico, cultural e sócio-econômico que possa ser atribuída a atividades humanas relativas às alternativas em estudo para satisfazer as necessidades de um projeto³⁴.

Uma alteração (ambiental) pode ser natural ou induzida pelo homem, um efeito é uma alteração induzida pelo homem e um impacto inclui um julgamento do valor da significância de um efeito³⁵.

³³ BRASIL. Resolução CONAMA n° 001, de 23 de janeiro de 1986. Define impacto ambiental, estudo de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental e demais disposições gerais. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 fev. 1986. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=23>>. Acesso em: 10 out. 2008.

³⁴ CANTER, Larry W. **Manual de evaluación de impacto ambiental**. Mcgraw Hill, Interamericana de Espana, 1998.

³⁵ MUNN, R.E. (Ed). **Environmental impact assessment: principles and procedures**. SCOPE, Report n° 5, UNESCO, 1979.

A maioria das atividades humanas causa algum tipo de impacto benéfico ou adverso para o meio ambiente, conforme relacionados a seguir:

- impacto positivo ou benéfico - quando a ação resulta na melhoria da qualidade de um fator ou parâmetro ambiental;
- impacto negativo ou adverso - quando a ação resulta em danos à qualidade de um fator ou parâmetro ambiental;
- impacto direto - quando resulta de uma simples relação de causa e efeito, também chamado impacto primário ou de primeira ordem;
- impacto indireto - quando é uma reação secundária em relação à ação ou quando é parte de uma cadeia de reações; também chamado impacto secundário ou de enésima ordem (segunda, terceira, etc), de acordo com a sua situação na cadeia de reações;
- impacto local - quando a ação afeta apenas o próprio sítio e suas imediações;
- impacto regional - quando o efeito se propaga por uma área e suas imediações;
- impacto estratégico - quando é afetado um componente ou recurso ambiental de importância coletiva ou nacional;
- impacto imediato - quando o efeito surge no instante em que se dá a ação;
- impacto a médio e longo prazo - quando o efeito se manifesta depois decorrido certo tempo após a ação;
- impacto temporário - quando o efeito permanece por um tempo determinado; e
- impacto permanente - quando, uma vez executada a ação, os efeitos não cessam de se manifestar, num horizonte temporal conhecido

Consideramos um impacto ambiental positivo ou benéfico quando a ação resulta na melhoria da qualidade de um fator ou parâmetro ambiental. Já o impacto ambiental é negativo ou adverso quando a ação resulta em danos à qualidade de um fator ou parâmetro ambiental.

O impacto ambiental pode ser direto quando resulta de uma simples relação de causa e efeito, também chamado impacto primário ou de primeira ordem, ou indireto quando é uma reação secundária em

relação à ação ou quando é parte de uma cadeia de reações; também chamado impacto secundário ou de enésima ordem (segunda, terceira etc), de acordo com a sua situação na cadeia de reações.

Quanto à ação, o impacto ambiental é local quando a ação afeta apenas o próprio sítio e suas imediações, e global quando o efeito se propaga por uma área e suas imediações.

O impacto ambiental quanto a sua permanência pode ser estratégico quando é afetado um componente ou recurso ambiental de importância coletiva, nacional ou imediato quando o efeito surge no instante em que se dá a ação.

Quanto à duração, pode ter efeito a médio e longo prazo quando o efeito se manifesta depois de decorrido certo tempo após a ação. O impacto é temporário quando o efeito permanece por um tempo determinado e impacto permanente quando, uma vez executada a ação, os efeitos não cessam de se manifestar, num horizonte temporal conhecido.

As avaliações de impacto ambiental são estudos realizados para identificar, prever e interpretar, assim como prevenir as consequências ou efeitos ambientais que determinadas ações, planos, programas ou projetos podem causar à saúde, ao bem-estar humano e ao entorno.

O Estudo Impacto Ambiental e o respectivo Relatório de Impacto Ambiental – EIA/RIMA são dois documentos distintos, que servem como instrumento de Avaliação de Impacto Ambiental – AIA, parte integrante do processo de licenciamento ambiental. No EIA é apresentado o detalhamento de todos os levantamentos técnicos e no RIMA é apresentada a conclusão do estudo, em linguagem acessível, para facilitar a análise por parte do público interessado. Essa exigência teve como base a Lei Federal n.º 6.938/81, que instituiu a Política Nacional de Meio Ambiente, regulamentada pelo Decreto Federal n.º 99.274/90, tornando-se uma exigência nos Órgãos Ambientais brasileiros a partir da Resolução do CONAMA n.º 001 de 23/01/86.

7. Considerações finais

O meio ambiente reúne elementos favoráveis e/ou desfavoráveis que cercam os seres vivos, como luz, calor, vento, chuva, condições edáficas (relativas ao solo) e a presença de outros seres vivos. Compreender essa relação é essencial para manter a diversidade em um ecossistema.

Na natureza os fatores ecológicos são interdependentes e formados por ciclos e processos de forma sincronizada e equilibrada chamados ciclos biogeoquímicos. Os elementos fazem, portanto, uma permanente reciclagem pelo meio ambiente e pelas estruturas dos seres vivos. Esta contínua circulação dos elementos e algumas substâncias através dos componentes vivos (bios) e dos componentes geológicos (geo) dos ecossistemas terrestres proporcionam a manutenção da vida.

Assim se processam os ciclos do carbono, do oxigênio, do cálcio e outros minerais, bem como de algumas substâncias, principalmente a água.

Os elementos na natureza mudam de situação temporariamente, pois ora estão participando da estrutura de moléculas inorgânicas, na água, no solo ou no ar, ora estão compondo moléculas mais complexas de substâncias orgânicas, nos corpos dos seres vivos. Pela decomposição cadavérica destes últimos, ou simplesmente por suas excreções e seus excrementos, tais substâncias se decompõem sob a ação de bactérias e fungos e devolvem ao meio ambiente os mesmos elementos químicos que dele partiram, já de novo restaurados sob a forma de compostos inorgânicos ou minerais.

O homem, desde os primórdios da civilização, vem criando produtos e processos que interferem direta ou indiretamente nesse equilíbrio, gerando diversas formas de resíduos que são lançados ao meio ambiente sem os devidos cuidados. A princípio, os impactos ambientais eram pouco e local ou quase inexistente. Após a Revolução Industrial, com o desenvolvimento de novas tecnologias e a percepção de que o meio ambiente é um bem gratuito, o impacto ambiental atingiu elevados níveis, passou à global, sem preocupação com as gerações futuras.

Os resíduos lançados no meio ambiente são responsáveis pela poluição e impacto ambiental. Atualmente os resíduos possuem diversas classificações segundo sua tipologia e periculosidades. De maneira geral os resíduos são classificados em urbanos, industriais e agrícolas provocando a poluição atmosférica, a poluição do solo, a poluição hídrica, a poluição sonora, a poluição luminosa e a poluição visual.

A grande aglomeração de pessoas nas cidades gera uma série de dificuldades principalmente de ordem ambiental. É importante que o homem se conscientize e evite os efeitos impactantes gerados por suas atividades. Pessoas vêm morrendo diariamente devido à poluição. Diversos habitant naturais e espécies vivas têm sidos extintos do planeta. Já é hora de

as nações se conscientizarem e se unirem no combate efetivo a poluição ambiental em geral, como inclusive ficou definido quando da elaboração da ECO/92, do qual depende a própria sobrevivência humana num futuro próximo imprevisível.

Diante desse cenário há inúmeras alternativas para atenuar os efeitos advindos das atividades antrópicas. Inicialmente compreender o que está acontecendo com o meio ambiente. E em seguida, o que podemos fazer para salvar o planeta e qual é a relação entre consumo e conservação dos recursos naturais. Assim, fica a missão para o homem anular gradativamente os efeitos antrópicos com medidas preventivas, mitigadoras e/ou corretivas.

**Prof. Dr. Luís de França Camboim Neto*

Doutor em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa, MG, Prof. da UFC e Coordenador do Curso de Pós-graduação em Gestão de Faculdades – FAMETRO.



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL¹ : UMA RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA

Profa. Esp. Latife Mátar Oinegue Fúlvaro*

Resumo: Presenciamos hoje as consequências do aquecimento global e do esfriamento das relações humanas. “O desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”. Partindo de situações concretas de vida, vamos refletir sobre alguns valores e contra-valores contemporâneos, bem como sobre nosso papel como sementes de Fraternidade, base da Cultura de Vida para as próximas gerações.

Palavras-chave: desenvolvimento sustentável; valores; contra-valores; responsabilidade compartilhada; fraternidade.

Abstract: Today we testify the results of both, the global warming and the “cooling” of human relationships. “The sustainable development is the one which attends the needs of the present, without compromising the ability of future generations to attend their own needs.” Based on concrete situations of life, we shall consider carefully about some contemporary human values and counter-values, as well as our own role as seeds of Fraternity, basis of the Life Culture for the next generations.

Keywords: sustainable development; human values; human counter-values; shared responsibilities; fraternity.

Introdução

Enquanto externamente, vemos geleiras desaparecendo sob o efeito do Aquecimento Global, internamente vivenciamos uma Era do Gelo ‘glaciando’ corações:

¹ “**ORIGEM DO CONCEITO:** O conceito de desenvolvimento sustentável foi lançado em 1987 no relatório *Our common future* (Nosso Futuro Comum), conhecido como Relatório Brundtland, resultado da Assembleia Geral das Nações Unidas. O documento mostrava a preocupação dos países com o meio ambiente e definia novos paradigmas que norteiam as relações humanas a partir daquele marco. Os elementos básicos do DS foram indicados em 1986, durante a Conferência de Ottawa, a primeira internacional sobre promoção da saúde. A noção de desenvolvimento sustentável, no entanto, apareceu pela primeira vez no início da década de 1980, em documentos da União Internacional para Conservação da Natureza e Recursos Naturais (IUCN).”

Fonte: <http://www.unb.br/acs/especiais/extensao5-01.htm> . Disponível em 20/02/2006.

Que mundo deixaremos para as próximas gerações?

O conceito de Desenvolvimento Sustentável ideal, complexo e dinâmico, está apoiado num tripé, correspondendo ao entrelaçamento dos sistemas econômico, social e ambiental, embasados em valores éticos, capazes de dar suporte à Dignidade Humana e à valorização da Natureza como um todo integrado. O atual modelo de desenvolvimento fragmenta o todo significativo, levado por uma lógica pragmática, competitiva, mecanicista, reducionista descaracterizando a complexidade dinâmica que deveria estar enraizada nos valores éticos cooperativos, base para o processo desse desenvolvimento ideal:

Concebido unicamente de modo técnico-econômico, o desenvolvimento chega a um ponto insustentável, inclusive o chamado desenvolvimento sustentável. É necessária uma noção mais rica e complexa do desenvolvimento, que seja não somente material, mas também intelectual, afetiva, moral².

Panorama geral dos ‘pilares do desenvolvimento’

Para entendermos melhor o panorama geral dos ‘*Pilares do Desenvolvimento*’, vamos retroceder à época da Guerra Fria³, onde o mundo se viu diante de duas superpotências que se opunham quanto ao caminho ideal para a realização humana. Apresentava-se, de um lado, o bloco capitalista, capitaneado pelos Estados Unidos, organizado em torno da “Economia de Mercado” e do outro, o bloco socialista, reestruturado pela “Planificação Central da Economia”, conduzido pela URSS. A questão ambiental ainda não estava em pauta.

Opunham-se duas visões contraditórias de ‘*ser humano*’: Ser humano individualista, autorreferente, agindo em proveito próprio, de competição desumana, construindo diferenças injustas através de relações de dominação e exploração X Ser humano perdedor de sua singularidade frente ao coletivismo, colocado como referencial absoluto,

² MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do Futuro*. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO 2000 – págs. 69 a 70.

³ Não há consenso sobre o início e o final deste período. Vamos considerar, porém como início, a divisão da Alemanha em dois Estados: um oriental ligado à URSS e outro ocidental ligado ao bloco capitalista. Consideraremos como final a queda do Muro de Berlim em Novembro de 1989, símbolo da tensão existente entre os dois blocos e as relativas ‘visões de mundo’. Devemos levar em conta, porém, que não podemos ficar apenas num início e num fim ‘estáticos’, perdendo a visão de processo que levaram ao início e ao final do dito antagonismo. Nesse sentido, os marcos apresentados servem apenas como uma referência relativa.

levado ao anonimato, massificação, dominação coercitiva e burocratização centralizada, com ausência de qualquer atitude de consciência cooperativa⁴.

Com a dissolução da URSS, o capitalismo, já atrelado à lógica do “Livre Mercado”, espalhou-se pelo mundo, escoltado por um progresso, econômico e financeiro, dito ilimitado, ancorado no desenvolvimento acelerado da Ciência e da Tecnologia. Em sua trajetória pragmática imediatista, incrementou a competição exacerbada e a intolerância em todos os níveis, foi ceifando vidas humanas, promovendo exclusão, devorando os recursos naturais, destruindo a História, incrementando violência generalizada, criando uma escala de valores calcada no individualismo, consumismo e hedonismo, transformando diálogo em monólogo egocentrado.

Ninguém, hoje em dia, pode contestar a existência de mudança climática global provocada, segundo o grupo de cientistas do IPCC⁵, pelas atividades humanas, ligadas ao progresso ilimitado, que devastaram recursos naturais, aumentando o efeito estufa, induzindo ao aquecimento global. O que vemos acontecer? Extremos climáticos, fome, refugiados ambientais, entre outras consequências, aumentando o sofrimento daqueles e daquelas que já vinham sendo excluídos do rol dos ‘humanos’ em meio a uma natureza violentada que perde seu equilíbrio, pedindo socorro... A questão ambiental marca forte presença, colocando-se como pilar importante para a continuidade de vida em nosso planeta.

O recente escândalo no mercado financeiro americano criou uma crise mundial na Economia, que, segundo dizem, advém de uma ‘crise de confiança’, na ‘ética natural’ do livre mercado financeiro. Hoje já se fala em ‘regulamentar o mercado financeiro’, colocando limites à sua

⁴ Síntese a partir de colocações feitas por Pedrinho A. Guareschi no artigo: “*A Educação como fator principal da realização da pessoa humana*” – Fonte: <http://cursos.ead.pucrs.br/psicologiacom/2004/professores/pedrinho.htm> Disponível em 18/10/2008.

⁵ IPCC= Painel Inter Governamental de Mudanças Climáticas. *Consciente da urgência, o secretário-geral da ONU, Ban Ki Moon, organizou pela primeira vez em setembro (2007) em Nova York uma cúpula sobre o clima com a participação de mais de 70 chefes de Estado e lançou uma advertência: “O tempo das dúvidas já passou. O IPCC afirmou, sem equívocos, que nosso sistema climático esquenta e que isto ocorre devido às atividades humanas: a resposta que dermos definirá nossa época e determinará a herança que deixaremos para as futuras gerações”.* Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1652746-5602,00-IPCC+OS+ESPECIALISTAS+QUE+ALERTARAM+O+MUNDO+PARA+AS+MUDANCAS+CLIMATICAS.html> 12/10/2007 - Disponível em 04/02/2008

'liberdade', atitude impensável há pouco tempo. Até o momento, os analistas econômicos não têm certeza sobre os rumos que a economia real do mundo vai tomar daqui para frente. Essa questão atual recheia nossos noticiários no dia-a-dia, com uma série de entrevistas que não conseguiram, até agora, romper a incerteza quanto ao futuro.

No momento, a recessão bate à porta de alguns países do chamado '*mundo desenvolvido*', fazendo com que convoquem os chamados '*emergentes*' e os países em desenvolvimento para ajudarem a encontrar uma saída para a crise, *apelando à cooperação*.

A famosa '*mão invisível*' voltou-se contra seus criadores, tornando visível seu poder de destruição. Perdeu credibilidade e as críticas à validade de sua '*ideologia*' já ecoam na União Européia:

O presidente francês, Nicolas Sarkozy, afirmou nesta quinta-feira (23/10/2008) que "a ideologia da ditadura dos mercados e do Estado impotente morreram com a crise financeira"⁶.

Assim como ruiu a proposta de "Economia Planificada", no final da Guerra Fria, estaria desabando agora o "Livre Mercado"? Será que uma nova Ordem Mundial⁷ estaria em curso? O que podemos aprender a partir destas duas propostas de caminho?

⁶ Citação extraída do artigo de Daniela Fernandes : "*Crise acabou com 'ditadura dos mercados', diz Sarkozy*" - De Paris para a BBC Brasil – 23 de outubro de 2008 – Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/10/081023_crisesarkozydf.shtml Disponível em 23/10/2008.

⁷ Barack Hussein Obama 2º, democrata, de 47 anos, filho de um imigrante negro queniano com uma branca americana, foi confirmado como o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos. Foi capaz de mobilizar milhares de jovens voluntários, até então apáticos e descrentes da vida política, especialmente graças ao desastre do governo Bush. Obama despertou no mundo toda uma esperança de transformação. Não podemos, entretanto fazer de Obama um '*novo messias*', mas podemos sim ver em sua figura alguém que foi capaz de transcender a discriminação racial, que sempre dominou os EUA, concretizando o sonho de Martin Luther King , pastor negro pacifista, assassinado na década de 60.

- Apesar das comemorações, Obama citou as dificuldades que vai encontrar em seu governo depois de tomar posse, no próximo dia 20 de janeiro: " [...] *Nós sabemos que os desafios que o amanhã vai nos trazer são enormes: duas guerras, um planeta em perigo, a pior crise econômica em quase um século. O caminho vai ser longo e não atingiremos nossos objetivos em um ano, nem mesmo em um mandato. Mas eu nunca estive mais esperançoso do que estou esta noite. Eu prometo a vocês: nós, como povo, chegaremos lá [...]*".

Fonte:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/11/081105_eua_fechamento_tp.shtml

Disponível em 5/11/2008

É um momento de reflexão, de revisão de valores e contra-valores, de redefinição de trajetórias, enfim, uma oportunidade ímpar de crítica e autocrítica construtiva, transcendendo qualquer movimento voltado apenas à ‘caça às bruxas’, buscando ‘bodes expiatórios’, como se fôssemos juízes implacáveis, donos da verdade absoluta, atitude que reforça, ainda mais, a onda de intolerância mundial.

Este momento é um convite à releitura da história, especialmente a partir da Guerra Fria, buscando integrar todos os sinais indicativos da situação-limite que estamos vivendo agora, revendo a maneira como temos participado em todo este contexto de crise atual.

Insegurança ambiental, insegurança econômica, ‘esgarçamento’ das relações humanas, violência generalizada em praticamente todas as áreas do mundo são alguns sintomas da situação de crise vivenciada por este mundo interligado, neste início do século XXI.

[...] O principal desafio humano do século XXI é construir uma civilização baseada na solidariedade entre os povos, em que a responsabilidade pela construção do bem-estar comum seja compartilhada por todos. A Assembleia Geral de 2005 reafirmou os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, declarando que não pode haver – e não há – segurança ou liberdade num mundo onde há miséria, discriminação ou destruição de recursos naturais⁸.

Estamos vivendo uma crise mundial, complexa, multifacetada, multidimensional, reflexo da escala dos valores individualistas que permeiam a sociedade atual, da qual todos nós fazemos parte. É indicativa da necessidade de um novo rumo, partindo da mudança de percepção da realidade interna e externa, como um todo integrado e uma chamada à participação de cada um de nós. A crise traz um apelo voltado não só à urgência de profundas mudanças estruturais, como a necessidade de transformações pessoais, para maior participação cooperativa, necessidade esta evidenciada no cotidiano, conforme veremos mais adiante.

Não haveria, porém, na releitura desta crise, as sementes de um mundo mais humanizado? Se, por um lado, ela apresenta a derrocada de caminhos extremados, oscilando entre um individualismo exacerbado e

⁸ - **Estado do Mundo 2005** - Metas do Milênio (trechos extraídos da Apresentação à publicação de “Estado do Mundo 2005” feita por Carlos Lopes - Coordenador Residente do Sistema ONU no Brasil)

Fonte: <http://www.wwiua.org.br/edm2005.htm> Disponível em 22/10/2006

um coletivismo coercitivo, por outro ela aponta para um futuro imprevisível, porém aberto à Esperança de uma nova trajetória.

Se por um lado, a sofreguidão do dito *'Progresso Ilimitado'* provocou toda esta hecatombe ambiental, por outro, não seria o caso - frente à crise econômica atual - de se repensar uma nova proposta para o campo produtivo, aliada a um novo estilo de *'vida sustentável'*, integrada à verdadeira *responsabilidade social e ambiental*?

Se, por um lado, presenciamos todos os estragos que esta cultura competitiva vem causando às relações humanas e à vida como um todo, por outro, não seria esta crise um apelo à necessidade de nossa transformação em sementes de *'vida sustentável'* para as próximas gerações? Não seria a cooperação participativa, solidária, livre e fraterna, sinal claro de nossa verdadeira *responsabilidade social e ambiental*?

Mudança de percepção: fragmentação x integração

O desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia descortinou um campo muito maior de conhecimento, gerando a necessidade de especialistas que mergulhassem *de cabeça* em áreas previamente definidas, perdendo, muitas vezes a noção da complementaridade, da imbricação entre as diferentes partes dentro da realidade dinâmica e imprevisível que é o todo significativo.

Se, por um lado, é importante o conhecimento mais aprofundado de uma parte dessa realidade, cada dia mais complexa e diversificada, por outro, fechada sobre si mesma, pode representar a perda da percepção mais integrada e dinâmica deste todo. Lembro-me que era comum, na universidade, ouvirmos os colegas médicos afirmarem que *'o especialista do dedão do pé esquerdo nada sabe sobre o dedão do pé direito e muito menos ainda sobre a pessoa a quem este pé se refere...'* Assim é que:

Efetuaram-se progressos gigantescos nos conhecimentos no âmbito das especializações disciplinares, durante o século XX. Porém, esses progressos estão dispersos, desunidos, devido justamente à especialização que muitas vezes fragmenta os contextos, as globalidades e as complexidades⁹.

A parcialidade e reducionismo de um especialista focado apenas numa percepção fragmentada e, portanto relativa, é inconclusiva, pois não pode apreender o significado dinâmico de um todo complexo.

⁹ MORIN, Edgar. Op. Cit. p. 40.

Um exemplo concreto de um prognóstico *'conclusivo'* a partir da percepção fragmentada de um *'especialista'* aconteceu em minha família.

Meu quarto filho, ainda bebê, evidenciou problemas de desenvolvimento, fazendo com que meu marido e eu procurássemos o melhor neuropediatra de São Paulo. O famoso especialista prognosticou, com toda a ênfase adquirida de sua Certeza Científica Mecanicista, que nosso filho teria um grande retardo, com desenvolvimento semelhante ao de um vegetal, devido a uma lesão cerebral localizada. O futuro de nosso filho, segundo tal prognóstico categórico, já estava determinado.

O choque inicial foi tremendo, mas algo, lá no fundo, nos dava forças para reagir. A fé e a esperança de encontrarmos um caminho para ajudar nosso filho, aliadas ao imenso amor por ele, foram molas impulsoras para enfrentarmos juntos todos os desafios dessa nova trajetória de vida.

Pouco tempo depois, prestei vestibular para o curso de Fonoaudiologia na Escola Paulista de Medicina, atual Universidade Federal de São Paulo. Não existia ainda no Brasil o Curso de Psicopedagogia, mas a ampla formação dada pela Escola Paulista permitiria uma atuação de qualidade na área voltada para Distúrbios de Aprendizagem, favorecendo uma ajuda concreta a meu filho.

Como monitora de Neuroanatomia, comecei a participar de grupos de estudos interdisciplinares, voltados para a compreensão do funcionamento cerebral, seguindo uma linha integradora, *'não – localizacionista'*. Foi quando descobri que o tipo de lesão que meu filho apresentava não impediria seu desenvolvimento, pois outras áreas, normalmente não atuantes, passariam a cumprir a função da área danificada. Embora o processo de recuperação demandasse intenso trabalho específico, um novo caminho alternativo surgiu a nossa frente.

Como um todo integrado, o cérebro revelava incrível plasticidade, principalmente entre os seres mais jovens. Era surpreendente perceber sua capacidade adaptativa, auto-organizadora e criativa, na descoberta de caminhos alternativos, quando a via principal estava bloqueada por alguma lesão. Os dois hemisférios, esquerdo e direito, interligavam, de maneira complementar, suas especialidades. Era um verdadeiro *'diálogo inter-hemisférico'*, metaforicamente um exemplo claro de cooperação.

A maneira de eu perceber a realidade mudou radicalmente.

Parecia-me difícil ter a pretensão de compreender profundamente toda esta complexidade dinâmica, que é o ser humano, de maneira reducionista, fixada apenas numa parte, sem estar voltada, simultaneamente, para o todo significativo - incluindo aí a diversidade das condições do ambiente externo de cada um, além das demais condições de seu mundo interno -, delineado pelo horizonte absoluto da Realidade suprema.

O prognóstico categórico, mecanicista e reducionista, feito pelo '*papa da neuropediatria*' sobre o futuro¹⁰ que meu filho teria - dada a lesão cerebral revelada - acabou ruindo, frente à descoberta da plasticidade do cérebro e o encontro de um caminho alternativo capaz de estabelecer uma nova trajetória de desenvolvimento. Isto só fora possível, dada a nova percepção da realidade como algo orgânico, relacional, interligado e imprevisível, tendendo a um equilíbrio dinâmico.

Não se trata de negar a importância que o progresso da Ciência e da Tecnologia traz para melhorar a qualidade da vida humana, mas de questionar sua pseudo-identidade divina, sua pretensão de verdade absoluta e universal. O homem, '*transformado-num-deus-todo-poderoso*', não se percebe limitado pela imprevisibilidade absoluta de controle do futuro, que é uma realidade a ser construída, não podendo, portanto, ser pré-determinado.

O reconhecimento da limitação da previsibilidade ligada às verdades humanas é fundamental para que não sejamos contaminados pelo vírus da onipotência, que infelizmente se alastra em todos os meios. Esta nova percepção de realidade não permite '*rótulos*', característica de uma percepção fragmentada, estática, dita '*previsível*'. Ela nos fala de esperança ligada à transformação nos arranca da indiferença e da omissão, e nos convida à participação cooperativa.

Vamos trazer de volta a questão levantada sobre as duas visões contraditórias de '*ser humano*', evidenciadas durante o período da Guerra Fria. Por um lado, o aspecto individual passou a ser mais importante que o social, e por outro lado, o aspecto social se impôs, anulando a singularidade das pessoas e sua ação como sujeitos.

Nem a '*liberdade*' preconizada pelo individualismo, nem a anulação da singularidade frente ao coletivismo respondem à necessidade de

¹⁰ Meu filho superou os desafios, tem diploma universitário, é casado, tem dois filhos, trabalha e é muito feliz. As dificuldades enfrentadas por ele serviram para torná-lo mais persistente, compreensivo e, sobretudo, solidário.

realização humana. Ambas se revelaram reducionistas, fragmentando e mutilando o conceito de pessoa humana.

Por natureza, a pessoa humana é um ser de relação, de *'inter-doação'*, isto é, um ser que vai se transformando, se integrando, se reconhecendo como um ser singular e, portanto, se dignificando na caminhada do vir-a-ser, a partir do encontro com o outro e o Totalmente Outro. Este encontro traz de volta a dimensão do sagrado, no reconhecimento mútuo da presença de Deus/Amor /Boa Nova capaz de criar unidade, preservando a diversidade.

Este encontro poderia ser comparado a uma sinfonia harmoniosa em torno da Cultura de Vida, interpretada pelos mais diversos instrumentos musicais, regida pelo Amor maior. A melodia está entranhada em cada um dos diferentes músicos desta orquestra e a harmonia vai se fazendo presente a partir da diversidade dos sons instrumentais voltados, porém, para a unidade sinfônica como um todo integrado.

O amor está entranhado na personalidade humana inteira. Precisamente aqui qualquer tipo de reducionismo é desastroso: só quando se vê a pessoa humana em sua integralidade é que se pode também captar corretamente o sentido do amor em sua existência. Então, temos condição de compreender a possibilidade e a necessidade profunda que o ser humano tem de se doar, de se relacionar com os outros no reconhecimento da dignidade comum. Só a partir daqui se pode compreender a força imensa desta energia na direção do outro que é capacidade de amar, de ser obstinado no esforço infatigável de encontrar o outro numa busca que nunca encontra satisfação plena. O amor apaixona e liberta e por isto de si mesmo repele todo tipo de escravidão, de instrumentalização, de negação como algo inadmissível¹¹.

Situação-limite: urbanização crescente x humanização decrescente

A humanidade está se tornando cada dia mais urbana¹² e simultaneamente mais desumanizada e *'desnaturalizada'*,¹³ tendo que enfrentar novos desafios que surgem diariamente. A rápida urbanização

¹¹ OLIVEIRA, M. A. de –“ *O Ser Humano em questão*”- Disponível em 19/09/2008. Fonte: <http://www.arquidiocesedefortalezarmi.com.br/artigos/detalhes1.asp?id=117>.

¹² Para maiores detalhes, consultar artigo sobre “Estado do Mundo 2007 - Nosso Futuro Urbano” – publicação da WWI Worldwatch Institute
Fonte: http://www.rbma.org.br/mercadomataatlantica/noticia_2007_01_02.asp.
Disponível em 23/03/2007

¹³ Utilizamos o termo *'desnaturalizada'* para frisar a perda da relação *'pessoa humana e natureza'*.

do mundo trouxe prejuízo incalculável para a Natureza como um todo, com profundos reflexos na qualidade de vida, incluindo aí, as relações humanas.

O ambiente urbano difere drasticamente do ambiente rural. As cidades são o local onde a nossa espécie impõe o seu maior impacto sobre a natureza, alterando-a drasticamente, criando um novo ambiente com demandas únicas¹⁴.

Muitas cidades brasileiras, por exemplo, estão se tornando insustentáveis, ambientalmente e socialmente. O asfalto desordenado devora praças, derrubando as árvores que encontra pelo caminho, sufocando os mangues, esgotando o lençol freático, aprisionando e poluindo rios, lagoas, preparando o terreno para semear prédios, supermercados e '*shoppings*', criando um desequilíbrio sócio-ambiental, escudado pela impunidade que favorece transgressões, corrupção, ridicularizando qualquer código de leis municipais.

As festas e brincadeiras ao '*ar livre*' sentem-se ameaçadas pelas '*balas perdidas*' e carros desgovernados pelo excesso de álcool no tanque corporal dos motoristas... O lixo enfeita ruas, rodeia o mato, passeia livre pela cidade, impulsionado pelo vento, alimentando insetos e roedores, entupindo bueiros e canais, provocando enchentes e doenças, dividindo espaço nas calçadas estreitas com os pés apressados de milhares de autômatos que vão e que vêm.

Por outro lado, multiplicam-se os chamados *ambulantes* que, entre outras atividades, adensam o comércio de *produtos piratas* e contrabandeados, ou a revenda de produtos roubados, fortalecendo uma rede crescente de contrabandistas ou incrementando o setor de assaltos a cargas e depósitos, pagando '*propinas*' a fiscais que *fazem vista grossa*'...

Nas esquinas, crianças e jovens vendem balas, objetos artesanais e o próprio corpo... Fazem malabarismos, limpam os pára - brisas de carros, muitos dos quais maquiados com o chamado '*insulfilm*', barreira à *visibilidade* dos ocupantes do veículo, amostra clara do muro da desigualdade e da insegurança existentes nas grandes cidades...

¹⁴ DIAS, Genebaldo Freire: *Elementos de ecologia urbana e sua estrutura ecossistêmica* - Brasília : IBAMA, 1997. 48p. (Série Meio Ambiente em Debate, 18).

Fonte: <http://ibama2.ibama.gov.br/cnia2/download/publicacoes/t0119.pdf>.

Disponível em 18/10/2008

Grande faixa da população vive à margem da moradia digna, de boas escolas e serviços médicos de qualidade. É, entretanto, extremamente útil, como massa de manobra por *políticos demagogos* dos mais variados partidos, servindo de palanque para a conquista de um projeto de poder, prestígio e enriquecimento pessoal ou partidário...

Em meio à correria frenética do cotidiano das pessoas, a reflexão é sufocada por ações impulsivas e reativas...

A velocidade de processamento dos computadores insinua o novo ritmo de velocidade da vida. A rede de comunicações, facilitada pela tecnologia, revela, ao mesmo tempo, as proximidades e as distâncias, as semelhanças e as diferenças, põe a descoberto os paradoxos dos relacionamentos, como jogo de poder¹⁵.

Progresso ilimitado, realização humana fundamentada na competição pelo dinheiro, prestígio, poder... incremento do individualismo, hedonismo, consumismo... busca pela gratificação imediata em meio a um ativismo impulsivo, desenfreado e inconsequente... Aumento da poluição ambiental urbana, devastação da natureza, contribuição ao aquecimento global, mudanças climáticas... '*desnaturalização*'. '*Favelização*' crescente... dignidade humana colocada em risco... desumanização... desesperança... solidão e abandono, aumento do consumo de drogas lícitas e ilícitas, nos becos e condomínios de luxo, violência generalizada... crianças e jovens matando e morrendo nas grandes cidades... crianças-soldado ¹⁶ a serviço do tráfico nas favelas das megalópoles do século XXI, cujo esgoto corre a céu aberto.

A grande cidade reflete toda a situação de crise do mundo atual. É ela que consome a madeira extraída das florestas, que demanda as drogas e as armas que atravessam as inúmeras fronteiras permeáveis de nosso Brasil. A cidade é o palco onde desfila a desigualdade; a insegurança cria muros, a violência cresce ao lado da impunidade, os guetos se multiplicam e a desconfiança generalizada vai ganhando um espaço cada vez maior, estimulada pelo individualismo pragmático e competitivo.

¹⁵ FABRI DOS ANJOS, Márcio (org.), *Teologia e Novos Paradigmas*, Loyola, São Paulo, 1996, p. 9.

¹⁶ "*O drama dos meninos soldados*" - Jornal do Brasil - 16/02/2008 - Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2008/2/16/noticia.412057/> Disponível em 10/10/2008.

Aumenta o afastamento entre *'uns e outros'*, dificultando os verdadeiros encontros.

Por outro lado, a cidade é o *chão da vida, que somos chamados a trilhar...* É dela que nos vem o apelo à conversão e à construção de um novo caminho enraizado na *'inter - doação'*, na cooperação solidária fraterna, onde dignidade humana e valorização da Natureza se encontram. A crise é mundial e nos impele a uma ação a partir do local onde nos encontramos.

Como primeiro passo, vamos destacar alguns desafios concretos pertinentes às grandes cidades - presentes em nosso cotidiano - e refletirmos sobre a responsabilidade que temos, frente às consequências de nossas ações.

As cidades do porte de Fortaleza e outras grandes cidades produzem um enorme impacto na natureza, em todos os sentidos. Olhando mais atentamente ao redor:

Vamos pensar na quantidade de água e de energia necessárias para suprir a demanda de uma cidade do porte de Fortaleza, por exemplo. Sabemos que diariamente são desperdiçados milhões de litros de água e uma quantidade imensa de energia.

Sabemos que muitos destes problemas são devidos à má gestão de nossos governantes.

Mas, e nós, o que temos feito para evitar tal desperdício?

Controlamos o tempo em que deixamos aberta a torneira, sem necessidade, ao escovarmos os dentes, tomarmos nosso banho, lavarmos as mãos, a louça, as roupas, ao fazer a comida e demais atividades diárias? Reaproveitamos a água utilizada na lavagem de roupa, por exemplo, para lavarmos os pisos, quintais, etc.? Será que perceberemos que o mau uso que fazemos da água poderá representar um desafio maior ainda para o abastecimento da população em geral?

No nosso dia-a-dia, usamos lâmpadas, ventiladores, ar condicionado, computadores, TV, liquidificadores, ferro de engomar... mais que o absolutamente necessário? Lembramos de apagar as luzes, desligar ventiladores? Vale a pena ponderar que mais consumo requer mais produção de energia... mais hidroelétricas... mais represamento de rios... mais impactos ambientais e por aí vai.

Um dos maiores problemas de uma cidade são os locais onde são despejadas as toneladas de lixo que produzimos diariamente. Em média,

um quilo por pessoa. Os aterros estão superlotados. Qual é o destino que damos a nosso lixo? Separamos o material descartado? Reaproveitamos papel e outros materiais? Jogamos embalagens de biscoitos, bombons, latinhas, copinhos e outros objetos similares pelo chão, pátios, ruas?

O que representa o espaço público urbano para cada um de nós? É parte de nossa casa comum ou uma enorme lata de lixo?

Poderíamos estender nossa reflexão para as áreas verdes, lagoas, praias, entre outras.

O tema '*meio ambiente urbano*' é muito extenso e complexo e não se restringe apenas ao uso de recursos naturais. Seria interessante que procurássemos conhecer melhor o assunto através de pesquisas, contato com pessoas ligadas à área, ampliando nossa percepção e reformulando a maneira como encaramos e agimos, na medida em que cada um de nós, ao interagir com esta casa comum, chamada *cidade*, torna-se também responsável, cooperando para a melhoria das condições de vida de todos.

Há inúmeras experiências bem sucedidas voltadas para a melhoria do '*meio ambiente urbano*', que abrem todo um novo caminho de esperança à nossa frente. Vale a pena pesquisarmos este assunto. Mais preparados, poderíamos ser agentes multiplicadores de um novo olhar, sentir e agir em meio às nossas comunidades e áreas de convívio, abrindo espaço para que a cidade cause o menor impacto possível à natureza, tornando-se mais humanizada, sustentável e, portanto, no nosso caso, uma Fortaleza realmente '*Bela*'.

Como vimos, as grandes cidades refletem, mais claramente, a situação de crise mundial e nos levam a alguns questionamentos:

Até que ponto a corrida desenfreada pelo acúmulo de dinheiro, prestígio e poder, focada na pseudofelicidade individual, não tem distanciado as pessoas da raiz de sua humanidade, desintegrando-as para transformá-las em meros robôs? Em meio a um ambiente competitivo, o '*fazer*', desvinculado de uma base ética, estreitou vínculos com o '*imediatismo pragmático individualista*', adotando o lema: '*Vale Tudo*', tornando-se cada vez mais automatizado e inconsequente. Até que ponto essa maratona insana, não se tornou um padrão de conduta globalizado, atingindo em cheio a '*biodiversidade como um todo, incluindo a diversidade humana*', ferindo de morte a Natureza e a Dignidade do ser humano? Diante de nossos olhos desfila uma multidão uniforme de indivíduos solitários, cada vez mais distantes de sua identidade original... Até que

ponto este processo fragmentador, que perpassa nossa sociedade atual ,não vem gerando uma **cultura de morte** travestida de **cultura de vida**?

Será que neste contexto, poderemos falar em Desenvolvimento Sustentável?

A definição de Desenvolvimento Sustentável implica no “atendimento das necessidades do presente, sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades”.

Será que estamos atendendo as necessidades do presente? Será que adianta falarmos de Desenvolvimento Sustentável se não fizermos uma reflexão profunda sobre a responsabilidade que cada um de nós tem dentro de todo este cenário? Qual é, em linhas gerais, o ambiente cultural que cerca as gerações do presente?

Em nome de uma pretensa '*liberdade*', sinônimo de felicidade, construiu-se um verdadeiro sistema de '*escravidão global*', porém, bastante camuflado, favorecendo uma cultura de gratificação imediata que intensifica o individualismo, o consumismo e o hedonismo. O lema *satisfação garantida ou seu dinheiro de volta* foi estendido para as relações entre as pessoas que passam a exigir *gratificação imediata* a partir do outro. Amor banalizado... Tudo é muito pontual, provisório, descartável, nascendo e morrendo numa fração de segundos, seguindo a lógica do Mercado Consumidor. As relações oscilam mais do que a bolsa de valores dos últimos dias.

Corruptores e corrompidos invadem nossa sociedade em todos os níveis de atuação... "*O importante é levar vantagem em tudo*" é uma das leis '*tradicionais*' mais respeitadas em nossa cultura e esse '*respeito*' aumentou muito na atualidade, dada a competição crescente... Aquele que '*passa os outros para trás*' é tido como herói, modelo a ser seguido pela '*esperteza*' que revela, para '*se dar bem na vida*', enquanto os '*honestos*' são vistos como ultrapassados, '*caretas*', '*otários*', verdadeiros '*desmancha-prazeres*', sendo muitas vezes hostilizados, ou objetos de deboche, prova de uma total inversão de valores, porém nem sempre percebida como tal... Quantos '*fichas sujas*' foram eleitos no último pleito municipal? Quantas *alianças* foram seladas em troca de cargos pessoais ou corporativos? O bem comum parece cada vez mais distante, relegado ao esquecimento ou falsamente representado pelo corporativismo.

Interessante notar que o famoso '*jeitinho brasileiro*' - irmão da '*lei da vantagem*'- tem verso e reverso. Revela, por um lado o potencial

construtivo de nossa criatividade, mas também pode se tornar uma verdadeira ante-sala da corrupção e nem sempre nos damos conta disso...

Embora os índices de corrupção sejam relativamente altos, é nos pequenos atos do dia-a-dia que a sensação de corrupção cresce¹⁷.

Pude verificar, durante vários anos de trabalho com jovens, tanto em São Paulo, quanto aqui em Fortaleza, que nem sempre eles percebem a existência do '*vírus da corrupção*' em pequenos atos do cotidiano: '*Colar*' numa prova; não participar de trabalhos em grupo, mas garantir que seu nome apareça como autor... Estas e outras ações do gênero, não seriam exemplos de vulnerabilidade ao '*vírus da corrupção*'?

O imediatismo, envolto em muita publicidade, reforça o viver no "aqui e agora", *aproveitando o momento, antes que ele vá embora*. Oferecendo-se como o único sentido de vida feliz possível, apresenta-se como uma ' *festa imperdível*', tentando atrair um número cada vez maior de participantes de todas as faixas etárias, apoiado pelo mito da '*eterna juventude*' que encurtou a infância e anulou a velhice... Desconectado de um passado e de um futuro, o viver perdeu a memória ao destruir a própria história.

Esta nova geração, sem passado e sem futuro vem perdendo sua identidade, tentando camuflar uma solidão profunda, rodeada de muita gente, mergulhada em um ambiente de ruído ensurdecador e extrema confusão, buscando escapar do silêncio que convida à reflexão. Quer fugir, a qualquer custo, do risco de exclusão, pois tem medo de ser lançada no mundo da indiferença, de ver seu nome apagado de uma lista de presença... Muitos entram no mundo da droga, do crime e da prostituição, envolvidos, sem perceber, no véu da alienação.

Crianças e jovens são as maiores vítimas deste mundo, altamente competitivo, que perdeu seu eixo, promovendo desigualdade em todos os níveis e não apenas no econômico.

A realização individualista implica em ganhar a qualquer custo o poder, prestígio, sucesso e notoriedade, e a competição - levada às últimas conseqüências - é o meio para se chegar lá. Compete-se pela quantidade de dinheiro, condecorações, títulos acadêmicos, cargos públicos e privados, entre outros, atingindo, inclusive, o mundo de

¹⁷ - "*A corrupção nossa de cada dia*" - artigo de Renato Marques - publicado em 10/06/2005 - Fonte: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=7372> Disponível em 21/02/2006

crianças e jovens de todas as classes sociais... É só observarmos o aumento de violência, física ou verbal, que ocorre dentro das escolas, levada pelo espírito de disputa acirrada, onde tudo passa a ser motivo de competição, havendo, em muitos casos, o simples prazer de destruir o outro... É como se prestígio, sucesso e notoriedade trouxessem consigo o reconhecimento da dignidade humana como um todo. *Na medida que eu tenho, ou que eu aparento ter... eu sou.*

Interessante notar como isto ocorre, muitas vezes, no campo do saber. O saber acadêmico tornou-se um valioso instrumento de '*poder pessoal*', o mesmo não ocorrendo com o saber popular, havendo pouco espaço de diálogo entre os dois.

Quanto são os '*doutores*' que trabalham na cozinha, por exemplo, e que comprovam incrível sabedoria ao reaproveitar e reciclar alimentos, evitando desperdícios, criando pratos inovadores e de alto valor nutritivo, com poucos recursos disponíveis... Seu saber resolveria muitos desafios, trazidos pela insegurança alimentar¹⁸ que ainda é grande em nosso país. No campo da reciclagem, quantas idéias originais são apresentadas, no sentido de minimizar as consequências do aquecimento global... Mas, infelizmente, há uma multiplicidade de '*doutores*' anônimos que ainda não encontram em nosso meio, a valorização equivalente à dos '*doutores*' da academia.

Será que o saber acadêmico e o popular não seriam complementares, podendo apresentar caminhos para a solução de alguns desafios que enfrentamos atualmente?

Há toda uma fragmentação de '*saberes*' e toda uma fragmentação de propostas aos inúmeros desafios apresentados em nossa sociedade atual.

Muitos projetos, voltados para as crianças e jovens '*em situação de risco*', estão calcados em propostas fragmentadas, meramente

¹⁸ Segurança alimentar e Nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis. (Projeto de Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional – PL 6047/2005 – em tramitação no Congresso Nacional).

In "*IBGE traça perfil inédito sobre Segurança Alimentar no Brasil*" - 19/05/2006 – Fonte:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=600 Disponível em 23/02/2007

assistencialistas, focadas apenas no aspecto econômico, não contribuindo para o resgate da dignidade humana.

O assistencialismo, como fim em si mesmo, gera dependência, acomoda, aprisiona, rotulando o outro como incapaz, um *'coitado'*, tornando-o um *'ninguém'*, anulando sua identidade, sua possibilidade de ação consciente como sujeito da história... Não é isso que acontece com governos *'populistas de cunho paternalista'*?

A longa experiência de trabalho com jovens confirmou tal constatação. Tal qual a rejeição e a indiferença, a superproteção fere de morte a dignidade humana, enquanto que, por outro lado, o verdadeiro amor liberta, quebra *'rótulos'* e dignifica o outro, apontando para a cooperação como uma nova alternativa tanto ao modelo individualista competitivo, quanto ao modelo coletivista coercitivo.

Descobri que só podemos falar em dignidade humana plena, quando cada um for capaz de se perceber um *'ser de doação'*, isto é, um ser cooperativo, um ser de amor que só se plenifica na doação deste amor ao outro. A força que advém desta relação é mola impulsora para uma maior interiorização, reconhecimento da própria singularidade, contradição e vulnerabilidade e a superação dos inúmeros desafios próprios da caminhada humana deste nosso constante vir-a-ser.

A partir daí, surgem projetos cooperativos voltados para a geração de renda, de superação de dificuldades acadêmicas e de criação artística, entre outros. Só que este é um processo que requer tempo, persistência, determinação e, principalmente, interiorização, abertura permanente à fonte inesgotável do amor original o que, numa cultura pragmática e imediatista, apoiada pela poderosa máquina publicitária, representa um desafio maior ainda, especialmente nas grandes cidades... Uma cultura de forte *'apelo externo robotizador'*, pode até permitir alguns breves momentos de *intimismo*, mas não aceita a *interiorização* que faz brotar a singularidade e o espírito de cooperação, fruto do verdadeiro amor.

Um dos grandes desafios, em nossa cultura atual, é resgatar o sentido deste *'verdadeiro amor'*. O Amor/Boa Nova foi desvirtuado, banalizado, fragmentado, falsificado e, ao ser transformado em mero produto de mercado voltado à satisfação imediata, perdeu gratuidade e gerou intolerância, tornando-se um simulacro globalizado de amor ego-centrado.

O verdadeiro amor, porém, entranhado em nosso ser, vem de Deus, fonte de vida, que nos amou primeiro. O mandamento de amor

gratuito, proclamado e vivido por Jesus, é um mandamento totalmente novo e diferente, opondo-se radicalmente à dita '*cultura individualista*' ora dominante, bem como à '*cultura coletivista*'. É um convite claro à participação complementar entre '*singularidades biodiversas*' visando à unidade em torno de uma causa voltada para o bem comum, longe de qualquer corporativismo. Propõe diálogo, nos mais variados níveis, implicando no discernimento do que seja o '*verdadeiro amor*' aliado à '*verdadeira liberdade*'.

Esse mandamento não é uma exigência em relação a essa ou aquela tarefa, é uma palavra de vida, uma palavra criadora, é a transformação do homem num ser novo, e transformação também da sociedade em que ele vive numa nova criação. [...] O amor é a chave que nos faz penetrar no sentido da vida ¹⁹.

Os noticiários do dia-a-dia comprovam a existência de toda uma geração carente de modelos de verdadeiro amor e liberdade, – especialmente a mais nova - que pede socorro, que morre ou é morta, em meio às drogas e violência, desencantada e carente de um sentido maior que tire a vida de seu contexto de banalidade, indiferença, ironia e cinismo.

No convívio com jovens, através de uma longa jornada de trabalho, pude sentir de perto a solidão do jovem que vem perdendo a confiança no outro. Num mundo de '*vale tudo para ser o bom*', busca-se felicidade na satisfação imediata dos mais variados desejos, apresentando reduzida resistência à frustração. Em meio à cultura fragmentadora, há um verdadeiro *intercâmbio de rótulos entre o jovem e o outro*, onde diálogo nada mais é do que *monólogo a dois*... Vamos *ouvir* atentamente exemplos de comentários de alguns jovens em Rodas de Conversa, e outros feitos individualmente:

“O adulto adora fazer sermão, mas dar exemplo que é bom...”; “Quando o adulto chama para conversar, ele não quer ouvir, ele quer falar sozinho”; “Na escola que eu estudava, a professora falava assim: Eu ganho uma miséria para ensinar vocês. Então vamos fazer o seguinte: Faz de conta que eu ensino e vocês fazem de conta que aprendem, tá?”; “Eu não acredito em mais ninguém... No fundo é tudo igual... O negócio é a gente se virar...”; “Ser honesto pra quê? O que é que eu ganho com isso? Uma bala perdida?”; “Ele agora se deu bem... É funcionário público e tá com a vida feita”; “Vou ralar pra quê? Uma arma na mão e eu ganho rapidinho”; “Com arma na mão eles me ouve, eles me respeita”; “Se eu não levasse

¹⁹ MERTON, Thomas, *Questões abertas*, Editora Agir, Rio de Janeiro, 1963, pp.140-141

dinheiro pra casa, meu pai me batia... Ele caía pelos cantos de tanto beber”; “Minha mãe ficava na esquina espiando pra ver se eu conseguia dinheiro dos bacana... Ela me ensinou a fazer cara de coitadinho”; “Eu não tenho amigos, só tenho colegas... Não confio neles...”; “Eu desabafo com meus amigos da Internet... Eles me entendem...”; “Fico com muita raiva quando os colegas falam mal de mim pelas costas...”; “Na classe os meninos fazem piadinhas comigo e tenho que dar risada, mas fico muito triste...”; “Deixar a droga? Nem pensar... Ela me leva pra um outro mundo... É legal... Dá pena quando acaba e tenho que voltar pra cá...”; “Na igreja o padre só fala, fala, fala... É chato... Ouvir a gente? Nem pensar... Ele não entende a gente”; “Filho, nem pensar... Ela que se cuide... Se engravidar, ou tira ou dá pra mãe dela criar... Tô fora... Sou livre e quero continuar assim... Só se amarra quem é trouxa”.

Daria para encher várias páginas, apenas com depoimentos de inúmeros jovens classificados como *‘jovens de risco’*. Vivem num *‘agora imediato’*, num *‘salve-se quem puder’*, fora de uma dimensão histórica. Cansados de discursos vazios, estão sendo atingidos pela carência de valores solidários e fraternos, vivenciados, de maneira coerente, no cotidiano.

Diante desta situação-limite: Como estão vivendo os jovens das paróquias, das comunidades, da vizinhança? Por um lado, sabemos que muita coisa depende do poder público, mas somos interpelados por estas crianças e jovens, geração do presente, sem rumo e aquilo que temos feito, será que atende às reais necessidades deles? Será que conseguimos dialogar realmente com um jovem por nós previamente rotulado? Será que ele não nos rotula previamente também? Como derrubar esse *muro de rótulos mútuos*? Será que nossas atitudes frente ao jovem revelam super-proteção? Assistencialismo? Rejeição? Indiferença? Descrédito? Será que vemos um futuro, já categoricamente definido por nós, para este jovem? Levamos um projeto para a juventude, pronto e acabado? Há espaço para que o jovem possa participar da elaboração conjunta de algum projeto, isto é, possa se descobrir como um *‘ser colaborativo’*? Será que realmente ouvimos o jovem falar sobre suas necessidades, mostrando que não temos todas as respostas e que ele é importante para nos ajudar neste sentido?

Estes são apenas alguns exemplos vivenciados concretamente a partir do *chão da vida*, que revelam o caráter fragmentário e *‘rotulador’* das visões do ser humano, muito em voga, atualmente... Nem sempre, porém, refletimos sobre isto, embora este seja um grande desafio ao atendimento das necessidades do presente.

Manfredo de Oliveira aborda esta questão, dizendo:

Se elevarmos à reflexão o que hoje implicitamente se tem manifestado como concepção do ser humano, uma característica que salta aos olhos é o caráter fragmentário das visões de ser humano que marcam nossa cultura. Vê-se o ser humano ou partir unicamente de sua corporeidade ou de seu caráter orgânico ou de sua sociabilidade ou de sua espiritualidade etc. e com isto se perde a visão de uma realidade unitária, de uma totalidade concreta com dimensões que mutuamente se imbricam uma na outra. Sobretudo se perdeu aquele núcleo básico que o distingue dos demais seres e que marca todas as suas dimensões: sua abertura fundamental à totalidade da realidade, o que explica sua capacidade permanente de encontro com os outros seres humanos, com a natureza e com a dimensão última da realidade que as religiões denominam Deus. A falta de uma visão unitária do ser humano desemboca em reducionismos ou em contraposições que podem ser extremamente danosas para nossas vidas ²⁰.

Esta crise é mundial, mas o apelo é pessoal /comunitário. No fundo, instalou-se uma verdadeira '*crise de confiança*' derivada desta cultura individualista atual, que revela relações pontuais entre '*seres fragmentados*'... Por outro lado, é um erro trazermos de volta o caminho do coletivismo coercitivo.

Esta crise representa a oportunidade para uma conversão urgente, revelando o dinamismo do '*amor-doação*', raiz de nossa verdadeira identidade, com tudo que trazemos de potencialidades e limitações, qualidades e falhas, assumindo a parte importante, mas relativa e complementar que nos cabe agora, no processo de transformação cooperativa deste mundo, aberto à sustentabilidade futura.

Mundo das posturas idealizadas x mundo do cotidiano

Os últimos anos do século XX e o início do século XXI serviram de cenário para vários encontros entre líderes mundiais (ONU), para múltiplas Organizações da Sociedade Civil e/ou Religiosa, ONGs, entre outros, na tentativa de encaminhamento de soluções frente aos diversos desafios socioeconômicos, políticos ambientais e culturais advindos das rápidas transformações da realidade. Tais encontros deram origem a pilhas e mais pilhas de tratados, declarações, propostas conjuntas de soluções.

²⁰ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de – "*O Ser Humano em questão*" - 06/02/2008 – Fonte: <http://www.arquidiocesedefortalezarmi.com.br/artigos/detalhes1.asp?id=117> Disponível em 19/09/2008

O próprio *'Seminário da Prainha'* tem sido palco de inúmeros e variados debates nesse sentido.

Entretanto, parece existir um verdadeiro fosso entre dois mundos paralelos: o mundo das propostas idealizadas e documentadas repletas de forte conteúdo ético *'humanizador'* e o desafio de nosso mundo cotidiano - verdadeiro *'chão da vida'*-, que é extremamente plural, complexo além de *'robotizante'*, frente à rotina diária. É neste cotidiano, que o discurso das propostas idealizadas acaba muitas vezes anulado por nossas ações.

Os depoimentos de nossos jovens nos levam a pensar na incoerência que pode estar existindo entre nossa fala e nossas ações, especialmente no cotidiano... *É como se a 'fala' corresse para um lado e o 'fazer' corresse para o lado oposto.*

Como vimos, anteriormente, o desenvolvimento acelerado da Ciência e da Tecnologia criou, entre outras coisas, um padrão de velocidade e imediatismo que cresce e se alastra, impondo um ritmo cada vez mais alucinante à vida cotidiana, especialmente naqueles que moram nas grandes cidades.

Gostaria de trazer agora, esta reflexão para dentro desse nosso espaço de convivência, conhecido popularmente como *'Seminário da Prainha'*: Qual tem sido o sentido de nossas ações cotidianas, neste espaço de convivência?

Segundo Manfredo A. Oliveira:

[...] a ética caracteriza um ser, que não apenas vive, mas que pergunta pelo sentido de tudo e, portanto pelo sentido de sua vida, pela razão de suas ações. [...] o ponto de partida da ética é a vida mesma, a realidade humana... [...] ²¹.

Cada um de nós convive aqui em meio às exigências trazidas pela multiplicidade e rapidez de atividades requeridas pelo mundo altamente competitivo e quantificador. O tempo parece exíguo... O desafio está em integrar a qualidade do tempo, no mundo do tempo marcado pelo relógio.

²¹ Trecho da palestra proferida por Manfredo A. Oliveira na Fundação Marcos de Bruin no Lagamar, Fortaleza, CE, durante um encontro das diferentes entidades do bairro, em Janeiro de 2000

O *'corre-corre'* desenfreado atrás de múltiplos afazeres vem cegando e ensurdecendo cada um de nós. O *'encurtamento do tempo'* mecaniza nosso agir, fazendo com que nossas relações tornem-se cada vez mais fragmentadas, superficiais, esporádicas, pontuais, chegando quase à inexistência... No fundo, é como se toda esta correria pelos corredores, num entra-e-sai de salas, contribuisse para a perda do eixo de nosso ser, mesmo que momentaneamente.

Este *'excesso de velocidade'* faz com que nosso discurso *'cristão'* vá se distanciando, cada vez mais, do significado profundo do *'fazer'* em nossa vida cotidiana. *Às vezes dá impressão que na correria, saímos às pressas de casa deixando nosso 'ser cristão' para trás...* E o pior é que não nos damos conta deste processo em nós, embora até sejamos capazes de identificá-lo nos outros. O *'outro'*, por vezes até bem próximo a nós, tornou-se invisível a nossos olhos e inaudível frente aos *'ruídos'* de nossas preocupações pessoais e à rapidez de nossos passos. Dele só percebemos algum fragmento superficial que passamos a adotar como rótulo identificador e neste contexto, são frequentes os julgamentos precipitados, os *'mal-entendidos'*, bem como as *'fofocas'* que acabam pipocando nas salas de aula, nos corredores, entre um afazer e outro, sem nos preocuparmos com os efeitos danosos que tais ações podem provocar...

Quantas vezes adotamos posturas de *'donos da verdade'* frente ao outro, inviabilizando qualquer situação de diálogo?

Por outro lado, quantas vezes fomos capazes de perdoar quando o outro fez algo que nos *machucou*? Quantas vezes *'levamos para o túmulo'* a raiva ou ressentimento?

Importa tomarmos consciência do automatismo que vem nos dominando, anestesiando o sentido mais amplo do que seja viver, criando um abismo que separa nossa experiência de vida e o mundo das propostas idealizadas.

Os depoimentos dados pelos jovens não serviriam de reflexão para que *'reciclássemos'* nosso fazer, tornando-o mais coerente com aquilo que dizemos acreditar?

Quantas vezes mudamos nossa maneira de perceber a realidade, ouvindo atentamente as pessoas e a vida, observando-as com *'olhos de criança'*, sem quaisquer idéias preconcebidas, tornando-nos menos arrogantes, pelas duras lições aprendidas? Ou, ao contrário, quantas vezes rejeitamos as experiências e enxergamos fracassos ao invés de novas e necessárias oportunidades à nossa transformação?

Diante do desafio trazido pelo cotidiano, como construir, aqui neste espaço, uma ponte entre estes *'dois mundos paralelos'*, uma fonte de aprendizado compartilhado, capaz de trazer mais coerência à nossa caminhada pelo mundo?

Descobri que o cotidiano é o 'calcanhar de Aquiles' das grandes propostas. Este é um desafio que atinge cada um de nós...

Em meio à correria cotidiana, estamos nos arriscando a viver um *'presente imediato'*. De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos?... Automatizados pela correria, acabamos perdendo o sentido histórico de nossa trajetória de vida, anulando nossa memória. Ao perdermos nossa história, corremos o risco de perdermos nossa verdadeira identidade.

Cada um de nós é uma história dinâmica, entrelaçada a inúmeras histórias, tanto de gerações passadas, quanto da geração atual. Somos também sementes de história das próximas gerações, portanto responsáveis pela *'sustentabilidade'* dos que ainda vão nascer... Toda e qualquer história é importante, sendo imprescindível sua participação construtiva dessa história bem mais ampla, complexa e diversificada que é a história da Humanidade como um todo, delineada pelo horizonte absoluto da Realidade suprema.

O reconhecimento de nossa vulnerabilidade como seres contraditórios, dada a nossa contingência, promove a verdadeira abertura à graça de nosso Pai comum, religando-nos à fonte do Amor/Misericórdia, que está na essência de nosso ser.

Cada uma de nossas pequenas histórias, entrelaçadas e integradas às outras, vai nos revelando a presença do Deus vivo, de cujo amor incondicional brota uma generatividade compartilhada, capaz de encontrar novos caminhos em busca de um sentido de vida, que não se esgote num sentido pessoal ou corporativo.

Cada pessoa que encontramos na portaria, nos pátios, corredores, escadas, salas de aula são especiais, pois revelam a presença de Deus em meio à diversidade... Cada encontro, no fundo, é um momento de graça...

Nosso *'fazer'*, por mais simples que possa parecer, torna-se então *'significativo'*, deixando de ser algo automatizado. Nossa percepção torna-se mais aguçada, mais atenta, *religada* a todo o sentido maior de vida. Vamos nos tornando mais *presentes*... Os espaços de convivência passam a ter um significado histórico singular, traduzindo toda a alegria e

felicidade advinda de uma vivência compartilhada, merecendo toda nossa atenção e cuidado.

O “Seminário da Prainha” é nosso espaço de convivência. Será que todos que aqui convivem conhecem a “História do Seminário” que completou, no dia 10 de Outubro, 144²² anos de existência? Confesso que desconheço boa parte de sua trajetória histórica.

De onde ele veio? Onde e como está? Para onde vai? O que representou o ‘Seminário da Prainha’, o que representa e o que poderá representar? Quem passou por aqui? Qual é a singularidade que ele apresenta? Qual é o vínculo que temos com este nosso espaço de convivência comum? Cooperamos para a preservação do Seminário, incluindo o cuidado com o meio-ambiente? Haveria alguma forma concreta de entrelaçarmos nossas histórias à história do Seminário como um todo, cuidando melhor do lugar²³ de nosso convívio cotidiano, ao invés de apenas usufruirmos deste espaço, como meros transeuntes indiferentes?

Mas, indo além....

Qual é o vínculo que o Seminário teve com Fortaleza? Qual é o vínculo atual? O que poderíamos fazer concretamente para resgatar e divulgar sua história numa cidade que, a cada dia, vai demolindo seu passado, perdendo memória? Haveria a possibilidade de se resgatar documentos, objetos significativos, obter entrevistas gravadas, etc., conhecendo de maneira mais aprofundada a história real e singular desse nosso espaço de convivência e colocar estes dados à disposição da cidade, através de visitação pública?

Não poderia o Seminário tornar-se um verdadeiro ‘*celeiro local*’ de projetos cooperativos e solidários, voltados para a superação desta crise mundial, passando a ser *ponte* entre o mundo do cotidiano e o mundo das

²² 10 de outubro de 1864.

²³ Algo, por exemplo, que me chama a atenção, é aquele espaço, ao lado da cobertura de carros. Tenho a sensação de estar pisando num solo desertificado que, tal qual o campo das relações humanas, clama por revitalização... Poderia ele ser arborizado, respeitando futuros projetos de construção? Já existem algumas mudas plantadas por nós, desde o ano passado, mas cuja quantidade ainda é insuficiente.

Qual poderia ser o significado simbólico mais profundo da arborização deste espaço em questão? Poderia integrar todos e todas que aqui convivem em torno de um projeto comum, simbolizando o espírito de Fraternidade, sementes de uma Cultura de Vida? Não seria também capaz de simbolizar a possibilidade de transcendência da desertificação das relações humanas?

propostas idealizadas, escrevendo uma nova e atualizada página desta longa história²⁴?

Em meio a esta crise mundial, à luz da Boa Nova que nos foi doada há mais de dois mil anos: não seria o Seminário um espaço de convivência capaz de fortalecer e dinamizar toda uma nova maneira de caminhar no *'chão da vida'* da cidade, em meio a nossas comunidades, congregações, famílias, paróquias, vizinhança etc.?

A construção desta *ponte*, porém, depende de cada um de nós.

Conclusão

O tema “Desenvolvimento Sustentável” é extremamente complexo e não temos a menor pretensão de esgotarmos o assunto. Partindo de situações concretas de vida, procuramos refletir sobre alguns valores e contravalores contemporâneos, bem como sobre nosso papel como sementes de Fraternidade, base da Cultura de Vida para as próximas gerações.

Tanto a mudança climática quanto a crise econômica atual revelam claramente a ausência de limites à onipotência do ser humano que *'matou Deus'* e se colocou em seu lugar. O resultado aí está... Uma crise de valores sem precedentes na história da humanidade... Um mundo inteiro submetido a extremos climáticos, inseguro, onde a identidade humana corre o risco de se ver descaracterizada, onde a indiferença corre solta, onde nada é gratuito, onde dominação e controle pervertem qualquer ideologia, onde o julgamento sobre o outro coloca rótulos sufocantes, onde o monólogo a dois é chamado de diálogo, onde grandes discursos sobre valores acabam se esvaindo antes de chegarem ao cotidiano.

Esta crise, porém, revela que todos nós convivemos na mesma casa, partilhamos o mesmo espaço comum, o que torna atualíssima a proposta de Fraternidade, vivida concretamente por Jesus em cada momento de seu cotidiano entre nós. “Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida”, apontando-nos o verdadeiro horizonte de sentido capaz de nortear nossa caminhada conjunta.

²⁴ Não seria o momento histórico de o Seminário abrir espaço, através de Cursos de Extensão, para temas sobre Desenvolvimento Sustentável, por exemplo, atraindo jovens e adultos de diferentes comunidades, à participação efetiva como cidadãos capazes de contribuir com a melhoria da qualidade de vida comunitária como um todo integrado?

Diante da crise, o aparente silêncio de Deus, ao invés de servir como prova de sua inexistência ou descaso, serve de incentivo ao nosso amadurecimento como cristãos. Se Deus manifestasse paternalismo e superproteção, resolvendo por nós todos os desafios que temos como humanidade, que sentido teria para nós, a fraternidade vivenciada concretamente por Jesus? Onde ficaria nosso livrearbítrio?

Despertar, através de uma convivência fraterna, o potencial de doação que cada um tem, fortalecendo a confiança recíproca que se perdeu durante a trajetória de vida, é um convite aberto à participação efetiva de cada um de nós, começando por nossas ações no cotidiano.

A vida, que nos foi dada de graça, num determinado momento da história, chama a cada um de nós à participação, como sementes de Fraternidade, base da Cultura de Vida para as próximas gerações. Que cada um de nós possa confiar em que o sentido do caminho para a concretização do verdadeiro Desenvolvimento Sustentável vai se revelando durante toda nossa trajetória conjunta, à luz da graça divina.

Gostaria de concluir minha reflexão com um trecho da Epístola de São Paulo:

Mesmo que eu fale em línguas, a dos homens e a dos anjos, se me falta o amor, sou um metal que ressoa, um címbalo retumbante. Mesmo que tenha o dom da profecia, o saber de todos os mistérios e de todo o conhecimento, mesmo que tenha a fé mais total, a que transporta montanhas, se me falta o amor, nada sou. Mesmo que distribua todos os meus bens aos famintos, mesmo que entregue o meu corpo às chamas, se me falta o amor, nada lucro com isso. O amor tem paciência, o amor é servicial, não é ciumento, não se pavoneia, não se incha de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se regozija com a injustiça, mas encontra sua alegria na verdade. Ele tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca desaparece. As profecias? Serão abolidas. As línguas? Acabar-se-ão. O conhecimento? Será abolido. Pois o nosso conhecimento é limitado e limitada a nossa profecia. Mas quando vier a perfeição, o que é limitado será abolido. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Quando me tornei homem, pus cobro ao que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de modo confuso, mas então será face a face. Agora, o meu conhecimento é limitado; então, conhecerei como sou conhecido. Agora, portanto, permanecem estas três coisas, a fé, a esperança e o amor, mas o amor é o maior. (1Cor. 13,1-13).

**Profa. Esp. Latife Mátar Oinegue Fulfaro*

Especialista em Ciências da Religião;

Professora e Coordenadora do Curso Propedêutico do ITEP



NATUREZA: CASA DO HOMEM

*Helano Samy da Silva Holanda**

Resumo: Um dos temas mais discutidos pelas diversas ciências, sobretudo no ciclo das ciências humanas, é a garantia do futuro com reais condições de sobrevivência para as gerações posteriores. A teologia tem uma contribuição sólida e oferece fundamento ético para a reflexão sobre a vida do homem no mundo. A humanidade depende da natureza para a sua realização. Não é possível uma postura que instrumentalize a natureza e o mundo. Não se deve objetivar algo que tem valor sagrado para diversas culturas. Este artigo tem a pretensão de refletir sobre a influência das diversas cosmovisões ao longo da história tendo como luz, para o homem pós-moderno, o mito da criação no início do livro do Gênesis.

Palavras-chave: Antropologia. Criação. *Gênesis*. Responsabilidade. Cuidado.

Ecologia e Criação

A modernidade põe em cheque muitos dos conceitos religiosos que embasavam e guiavam toda a vida social e científica do período medieval. Esse ato de emancipação não se deu, contudo, de um modo puro ou considerado amadurecido, em diversos aspectos. As sociedades da época, nos diversos modos de distribuição, inclusive até hoje, não agiram efetivamente no planejamento e na sustentabilidade. Tal fator não deve ser desconsiderado em qualquer conjuntura social que se afirme configurada aos valores humanos e religiosos.

A contemporaneidade em muitos setores desconsidera o argumento bíblico como uma resposta validada eticamente para questionar uma série de intervenções na natureza que põem em risco a própria manutenção da vida. A Igreja e os homens de bem que lutam pela causa do homem, conscientes de seu ministério no mundo, devem sentir a necessidade profética de um agir que leve à “cura” do mundo.

Sabemos que o cristianismo e a teologia contemporânea, embasados nos séculos da tradição e nas recentes descobertas da exegese, podem, devem e têm a imposição ministerial de ser voz diretriz para a

sociedade mundial hodierna, no sentido de garantir a missão humana dada por Deus de “crescer e multiplicar-se”.

Pensar numa ecologia atrelada à religião é fundamentar seriamente questões que estão comprometendo o futuro e o presente da humanidade. O desejo de progresso não pode ser irresponsável, esquecendo que o centro da criação é a preservação e humanização da criatura humana. A religião cristã possui um arcabouço riquíssimo em conteúdo e didática para pautar uma postura ética na relação do homem com a natureza e com os seus pares. Explicitar e fomentar que o estudo desse tesouro é tarefa do bom teólogo o qual impelido pelo espírito de sabedoria busca na prática realizar a sua vocação de “manifestar” Deus ao mundo.

Panorâmica da Atualidade

O homem sempre se viu impelido inegavelmente a se questionar quando se depara com a magnitude do cosmos. Ao longo dos séculos percebemos uma total fragmentação dessa cosmovisão. E como experimentamos, tal processo nos conduziu, em algumas ocasiões, a excessos e bloqueios na dialogicidade. A sabedoria grega percebia o mundo como uma unidade. Esse dado deve ser resgatado de forma nova na reflexão sobre o futuro do mundo. O homem, nessa concepção, faz parte do cosmos. Salientamos que a noção de criação era estranha à visão grega. A ordem era dada e punha fim ao caos e os homens estavam inclusos nessa unicidade introduzida interiormente através da contemplação filosófica. Muitas outras explicações também eram dadas, nessa época, para a origem do homem, quase todas embasadas na mitologia religiosa.

Ao longo dos séculos essa visão foi sendo alterada até que no medievo a natureza passa a ser antagonica ao homem, as florestas, as selvas, as matas, os mares e toda a imensidão das coisas consistia no *habitat* de feras e monstros que se opunham aos homens. Essa cosmovisão era fortemente alimentada pela áurea de medo e excentricidade que pairava sobre a cultura marcada pela dicotomia que era sustentada, algumas vezes, por uma religiosidade afetada.

Na modernidade, o iluminismo emancipa os saberes da tutela da religião. Esse “movimento da razão” busca decodificar e analisar todos os processos possíveis no intuito de alcançar o domínio sobre os diversos campos da ação humana sobre a natureza e sobre si mesmo. A natureza

vai tornando-se velozmente em fonte de matéria para as especulações humanas. Isso de um modo predatório e irresponsável. Havia uma noção de infinitude na capacidade de recuperação da natureza.

Desde os primeiros conteúdos filosóficos sistematizados percebemos uma afirmação que de um modo velado já surge no texto da criação: o homem é um ser de relação e está no âmago destas. A vida humana só é plena quando contempla as dimensões relacionais básicas que constituem sua integralidade: consigo mesmo, com Deus, com os semelhantes e com o mundo (natureza bruta e natureza alterada). Essa relação se dá num processo de maturidade paulatinamente construída que a vida humana vai galgando, muito embora, desde a mais tenra idade, a pessoa humana não é apenas carente, mas dependente de todo o conjunto da *cultura* e dos *bens naturais* para desenvolver-se e se plenificar.

Creemos que Deus se dá a conhecer espontaneamente no conjunto de bens dinâmicos que chamamos natureza e no todo da criação. Está em nossas mãos realizar o zelo e a perpetuação de todo o bem criado. Na *eterna dinâmica da criação* Deus está atualizando o seu ato de criar através da humanidade. Quando surge uma nova espécie, quando as ciências conseguem resgatar uma forma de vida, manter espécies que correm risco de extinção, quando descobrimos uma maneira de aprimorar certos processos orgânicos é de fato uma atualização da nossa co-responsabilidade na pertença ao cosmo. Sempre na ótica do respeito à vontade de Deus que é a plenificação do homem.

A Origem Comum do Homem e do Mundo

A natureza deve ser vista pela ótica da sabedoria do texto bíblico da criação. Esta é, talvez, a novidade de um texto que surge como um ensinamento ético para a cultura pós-moderna. Não desprezando a racionalidade moderna, mas estando numa postura transcendental que questiona as atitudes humanas a fim de garantir a qualidade da vida de todos no presente e no futuro. Eis uma questão que toca profundamente o homem do século XXI.

A visão hebraica da criação em momento algum se opõe à conservação do cosmo, ou desmantela a perspectiva humana de fruição. Faz-se muito necessário que a religião reafirme conceitos, mude as visões equivocadas e se abra ao diálogo com o mundo contemporâneo.

O texto da criação, de um modo poético, fala da origem do mundo e do homem. Essa distinção em hipótese alguma é antagônica ao desenvolvimento da humanidade ou das ciências, pois o homem faz parte do mundo, porém com uma essência, uma *missão* diferente. Ao homem é logo impresso um caráter de divinização, como se uma centelha do absoluto o impelisse à vida. Deus soprou nas narinas do homem (*Adamah/humanidade*) e esta arte modelada viveu. Nesse mito percebemos a vocação humana no mundo e para consigo mesmo. Com relação ao mundo mantê-lo e cultivá-lo. No que se refere a nós, construímos na liberdade a nossa essência. (Cf. Gn 1, 7)

Realmente importa para toda a reflexão sobre a natureza, sobre a ecologia, uma postura que se fundamente no *cuidar*. A idéia do texto bíblico da criação fala de uma origem comum: homens, plantas e animais são chamados à convivência e à preservação, porém, cada um na sua distinção característica. O primeiro texto da criação em forma de hino, fala de uma origem gradual, o homem sendo o último a ser constituído torna-se o primeiro a contemplar a plenitude da criação completa. No segundo relato, mais antropológico, o homem é artífice na organização do mundo em comunhão com Deus. É como se Deus dividisse com a humanidade a responsabilidade da criação.

O dado importante que devemos ressaltar é a utilização dos termos que o hagiógrafo emprega na conversação entre Deus e a humanidade, reparando sempre nas minúcias do texto, que deixa clara uma postura de obediência, de intimidade, mas não de igualdade entre Deus e homem. Só haverá um diálogo do homem quando surge o seu semelhante: a mulher. *Então o homem exclamou: "Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher' (îsha), porque foi tirada do homem (îsh)!"* (Gn 2, 23) No texto em hebraico há um jogo de palavras mais coerente que usa *'îsh'* para designar o masculino e *'îsha'* para nomear o feminino como duas metades que se completam. Aqui percebemos a necessidade e o reconhecimento da alteridade. (Cf. RBB, 1884, p. 41)

Entendamos Deus como o agente criador e organizador da criação. Partindo do *caos* surge a *ordem* e o *bem* por causa de seu desejo. *Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom.* (Gn 1, 31) A mitologia do Gênesis procura ao mesmo tempo uma reivindicação social, a questão do sábado (*shabbat*), e a dignificação da condição humana em face das diversas mitologias sobre a origem do mundo. É próprio de Deus criar e o

homem, por co-participação na criação, recebe esta mesma dignidade na sua essência.

No tempo em que lahweh Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque lahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. (Gn 2, 4-6)

Neste pequeno trecho fundamentamos o que está dito anteriormente. Há dois princípios vitais que modificam a face da natureza criada: a bênção de Deus e a ação humana em conformidade com a aliança. O homem é um ser da terra, modelado *com a argila do solo*, mas sendo insuflado por Deus adquire uma possibilidade de plenitude neste mundo e para além dele. O homem tem a tarefa de tornar-se um *ser vivente*. (Gn 2, 7)

A visão bíblica desmantela uma visão dualista entre natureza e razão, que foi sustentada por muitos pensadores. As coisas naturais eram consideradas origem do mal e causa de fraqueza. A própria corporeidade era fonte de pecado. Essa visão eminentemente platônica em nada se adapta à visão judaica que alimenta a cosmovisão cristã. É mais plausível que mergulhemos na visão judaico-cristã de respeito à lei de Deus impressa no universo que pensarmos no argumento bíblico como simples dogma ou fábula. O homem como *ser-no-mundo* tem uma responsabilidade para consigo mesmo, dada a sua liberdade e para com o mundo que dele depende para ser significado. Enquanto *semente de plenitude*, o homem depende de Deus para indicar-lhe a direção do bem e assim realizar a sua tarefa neste mundo.

Podemos refletir que Deus, assim como percebemos em nós, é sujeito, e como sujeito uma das suas características é a manifestação da sua interioridade, mesmo que soe como um antropomorfismo imaturo é importante ressaltarmos que Deus revelando-se a si mesmo de modo total nos mostra sua vontade, seu pensamento. A diferença é que para Deus não há separação entre palavra e existência, pois a sua interioridade não é dicotômica como pode ocorrer conosco. Outro fator deve ser ressaltado: Deus não precisa relacionar-se com ninguém para afirmar a sua identidade e existência. Já a nossa subjetividade e pessoalidade são afirmadas diante de Deus, dos semelhantes e da natureza.

A natureza adquire que valor diante da dinâmica proposta até aqui? Afirmamos que o mundo é a *casa do homem*. O homem, sim, precisa

totalmente do mundo para existir e construir a sua essência a fim de alcançar a realização. A palavra que Deus dirige ao homem é para que ele entenda-se a si, ao outro e à natureza que é sua casa. A ecologia está inserida exatamente nessa questão. O homem é natureza e também está para além dela, não pode existir sem ela por isso deve compreendê-la para utilizá-la melhor e mantê-la em todo o seu esplendor para as futuras gerações, para que façam todo esse itinerário de autoconstrução.

A Responsabilidade Intrínseca do Homem

O homem como *ser da pergunta* é uma noção que extrapola os limites da religião, não se acomoda com o dado existencial, a sua transcendência “clama” no seu íntimo para realizar essa transformação da história em realidade agradável a Deus. A noção do homem como topo da criação não pode ser entendida de outro modo senão configurada na relação com Deus. Aquele que conhece mais, que possui uma experiência de discernimento entre o ético e o prejudicial é e deve ser proporcionalmente responsável de sua liberdade. Essa idéia é contemplada no segundo relato da criação no qual o homem é indagado por último na responsabilidade da origem da desordem na criação (pecado). *Ao homem, ele disse: “Porque escutaste a voz da mulher e comeste da árvore que eu te proibira comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimento dele te nutrirás todos os dias de tua vida.”* (Gn 3, 17) A idéia de Karl Rahner é ímpar na lucidez dessa proposta. O homem é de fato a *consciência da criação*. Com isto dizemos que a natureza contempla a Deus, conhece e realiza também a sua vontade na responsabilidade e ação do homem sobre o mundo.

Não há mundo sem homem e nem homem sem mundo. Dos dizeres de Heidegger podemos nos reportar para uma antropologia teológica que se baseia no aperfeiçoamento do homem, enquanto construção da sua subjetividade e desenvolvimento de sua pessoalidade. É fato claro que o homem possui uma natureza diferente e ao mesmo tempo semelhante à dos animais. O homem é instinto, mas está para além dele. É de sua própria natureza transcender os limites existenciais.

Construir a sua essência faz da existência humana uma jornada que não seria completa sem a sua inserção no mundo. Aqui podemos separar a dimensão relacional do homem: consigo mesmo e com Deus, com os semelhantes e com a natureza. O homem se percebe reflexivamente e descobre sua transcendência e sua dimensão de

possibilidade de “tocar” o absoluto, que para o tronco judaico-cristão se revelou no mundo e na história.

Os termos “submeter” e “dominar” são pensados pelo autor do Gênesis sempre na perspectiva da relação de escuta da vontade de Deus por parte da humanidade (*Adamah - vindo do solo*). Como dissemos anteriormente, o homem tem uma responsabilidade direta por co-participação na ordenação da criação. O termo submeter, que encontramos no texto sagrado, deve ser entendido numa relação direta com o texto da nomeação dos animais. (Gn 2, 7)

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra.” (Gn 1, 26)

Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Iahweh Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só, vou fazer uma (um) auxiliar (auxílio) que lhe corresponda.” (Gn 2, 18-20)

As duas narrativas são de autores, época e intenção teológica diferentes, mas se colocarmos de um modo justaposto, como proposto acima, perceberemos que são complementares e possuem uma interessante sincronia nas nuances interpretativas. O homem e os animais são modelados do solo simbolizando uma criaturalidade comum. Ambos são criaturas nos relatos citados e do mesmo modo o homem recebe dignidade superior.

No primeiro texto que relata a criação, o homem é a última obra da criação de Deus, a plenitude, aquele que irá representar Deus perante o criado, por isso a intenção do autor em deixar claro o termo submeter, dominar, que deve ser interpretado sempre no contexto relacional de obediência a Deus. Não se trata de imprimir uma vontade irresponsável, ou uma curiosidade imatura na fruição da natureza. Salientamos também as mitologias dos povos vizinhos a Israel que atribuíam aos mares, às florestas e aos fenômenos naturais personificações de divindades. (*RBB*, 1884, p. 18)

No segundo relato a ordem é invertida. Deus cria primeiramente o *Adamah* (humanidade), que irá representar, em sua companhia, toda a

criação. Nesse relato há uma antropologia mais robusta, implícita no mito. A humanidade é modelada e inflada com a interioridade da divindade. A natureza, igualmente criada, é também modelada, mas não recebe o sopro, o hálito de vida. (Cf. Gn 1, 7) O ato de nomear significa ter controle sobre, ter influência; quem conhece o nome perscruta a essência. Daí surge o respeito extremo na citação do Nome de Deus. A intenção da nomeação é explicitar que o homem é criatura e está para além da criaturalidade. *O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, (...).* (Gn 1, 20)

Uma reflexão sobre a importância da natureza à luz da teologia não pode excluir a vocação humana de co-criador, ao passo que não deve esquivar-se da necessidade de fundamentar profeticamente uma postura de manutenção da vida que está atrelada à vocação citada. Quem cria é responsável, deve manter a ordem e o bem do criado. Deus nos confiou essa missão importantíssima de conservar a sua criação. Esse cuidado contempla a nossa atividade criativa que *atualiza* a ação de Deus na criação. Nos tempos atuais se faz necessário que a humanidade descubra qual é a vontade de Deus para este mundo, pois nessa saga estaremos redescobrimo a importância e o alcance do nosso agir no mundo.

Referências Bibliográficas

- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Edições 70, Lisboa – Portugal, 1989.
RAHNER, K. *Teologia e Antropologia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1969.
REALE, G. & D. ATISIERI. *História da Filosofia*, Vol. 6, São Paulo, Paulus Editora, 2005.
TILLESSE, C. M. de. *Revista Bíblica Brasileira*, Editora Nova Jerusalém, Fortaleza, 1984.

**Helano Samy da Silva Holanda*

Aluno do 2º Ano de Teologia

Orientador: Pe. Domingos Cunha, Prof. do ITEP



ESPIRITUALIDADE E ECOLOGIA

*José Jucyêr Ferreira Alves**

Resumo: A humanidade urge por uma espiritualidade integral, comprometida não somente com o espírito, mas com o ecossistema vital, uma vez que atualmente inexiste uma relação dialética entre homem e natureza. A natureza foi coisificada ou vista somente como fonte de produção para aqueles que comandam a revolução científica. A vida humana precisa estar norteada por uma força espiritual para garantir o equilíbrio ecológico do universo. A natureza não está para além da pessoa humana, mas está ligada com raízes profundas, em um movimento interligado entre a ação humana e o meio ambiente. A espiritualidade do século XXI, para ser evangélica, terá seu aspecto também ecológico.

Palavras-chave: espiritualidade, ecologia, modernidade, globalização, Absoluto.

Resumen: La humanidad reclama por una espiritualidad integral, comprometida no solamente con el espíritu, sino con el ecosistema vital, una vez que actualmente no existe una relación dialéctica entre hombre y naturaleza. La naturaleza fue reducida a una cosa o vista solamente como fuente de producción para aquellos que comandan la revolución científica. La vida humana necesita estar norteada por una fuerza espiritual que garantice el equilibrio ecológico del universo. La naturaleza no está para allá de la persona humana, sino está relacionada con raíces profundas, en un movimiento interrelacionado entre la acción humana y el medio ambiente. La espiritualidad del siglo XXI para ser evangélica tendrá también su aspecto ecológico.

Palabras-clave: espiritualidad, ecologia, modernidad, globalización, Absoluto.

Há muito o que se pesquisar, discutir e teorizar sobre espiritualidade e ecologia. Neste artigo, lançaremos o nosso olhar crítico-reflexivo para os efeitos do paradigma civilizatório na contemporaneidade, como aspecto influente na dimensão espiritual do homem e da natureza. Em referência à espiritualidade, procuraremos enfatizar o que há de mais íntimo entre a pessoa humana e o Mistério Absoluto, bem como objetivamos entender qual é o nível de espiritualidade que dá origem ao encontro com o Transcendente e torna o indivíduo capaz de fazer o bem e preservar o ecossistema. Não obstante, visamos um adentramento no quadro espiritual do homem como um ser capaz de mergulhar na experiência de Deus e intervir diretamente na natureza. Mesmo com brevidade e algumas limitações

inevitáveis, acreditamos informar suficientemente os aspectos essenciais da temática assumida.

Para atingirmos um potencial profundo de ligação com o Mistério Absoluto, precisamos romper com alguns sistemas da modernidade que relativizam a presença de Deus na história e na vida humana¹. Destacamos a força do secularismo que desconsidera o Transcendente e valoriza apenas o otimismo humano. O seu ideário moderno traz à tona o impulso do neoliberalismo. Ligado a este aspecto, eclode o relativismo moral, considerando fútil a realidade transcendental e colocando como fator preponderante as determinações humanas. Subsequenciando a lógica dos dois elementos anteriores, apontamos o consumismo, retrato da ganância pelo poder opulento, controlador dos sistemas. Nesta ótica, Deus é apenas um obstáculo que atrapalha a dimensão dominadora do homem.

Diante dessa realidade imperante, a humanidade urge por uma espiritualidade integral, que dê origem a uma consciência não apenas homem-ecologia, mas com o ambiente inteiro. Deve vigorar uma valorização da comunidade ecológica para além de um simples princípio ético-comportamental, isto é, uma ética da responsabilidade, mas que alcance o homem em sua completude. A espiritualidade do século XXI, para ser evangélica, terá também seu aspecto ecológico.

Para tanto, a questão é como atingir uma espiritualidade em meio a opções absurdas dos indivíduos guiados pelo prisma do desenvolvimento técnico ilimitado em todas as nuances ideológicas alterando as relações humanas. Será que ainda há tempo para salvar a humanidade do decaído nível de solidariedade? Parece difícil acreditar em transformação interior, experiência profunda de Deus e em mudanças da práxis moral diante da grande operação tecnológica que quer reger o universo com as ciências modernas. O projeto da tecnocracia manipula os recursos naturais desapropriadamente. Por outro lado, é importante destacar o valor positivo da técnica na construção de nossa civilização. O perigo se dá quando os fins da

¹ “Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exacerbação da violência”. BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Brasília: Letraviva, 1999: 191.

humanidade se centralizam no aceleradíssimo sistema industrial, colocando em risco a existência humana e todo o ecossistema².

O cenário do mundo hodierno é caracterizado por uma forte mentalidade cientificista, com a exacerbação da subjetividade individual. É mister destacar uma grave crise ética, em nível global, instalada pela ação humana acobertando os valores fundamentais do pensar e agir humanos³. O homem se distancia dessa unidade com Deus e, conseqüentemente, com a natureza. Vê-se ameaçado o futuro da civilização. Em meio a esta conjuntura é evocada uma espiritualidade integral, comprometida não somente com o espírito, mas também com o ecossistema vital, uma vez que atualmente inexiste uma relação dialética entre homem e natureza. A natureza foi coisificada ou vista somente como fonte de produção para aqueles que comandam a revolução científica.

O processo de globalização acelerado é um dos fatores responsáveis pela desvinculação do homem com o meio ecológico. As relações internacionais representaram um dos estímulos e desafios éticos da humanidade à descentralização dos padrões morais⁴. Os seres humanos, culturas e nações buscam uma responsabilidade moral como via de articulação de seu futuro, perante os grandes ideais da sociedade⁵. Por consequência, o homem está perdendo a consciência do ato de valorizar e viver, à luz de uma espiritualidade, o equilíbrio ambiental. O espaço emancipatório dos indivíduos, a sua própria morada, o lugar de relações com os outros seres, acaba sendo violentado pelo seu próprio egoísmo⁶.

² "...o ser humano da modernidade entrou num aceleradíssimo processo de secularização. Não precisa de Deus para legitimar e justificar os pactos sociais. A religião persiste, mas não consegue ser fonte de sentido transcendente para o conjunto da sociedade". Idem. Saber Cuidar: ética do humano-compaixão pela terra. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004: 21.

³É preciso elaborar uma "reflexão ética que evidencie os critérios capazes de orientar as ações importantes para a sobrevivência e para o futuro da humanidade". MANCINI, Roberto. Éticas da Mundialidade: o nascimento de uma consciência planetária. (Trad. Maria Célia Barbute Attié). São Paulo: Paulinas, 2000: 62.

⁴ "Aqui, por primeira vez na história mundial transcorrida até agora, se torna visível uma situação, na qual os homens, em face do perigo comum, são desafiados a assumir coletivamente a responsabilidade moral". APEL, Karl-Otto. Estudos de Moral Moderna. Petrópolis: Vozes, 1994: 193.

⁵ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Desafios Éticos da Globalização. São Paulo: Paulinas, 2001: 167.

⁶ "Quanto mais o cidadão da modernidade mergulha no oceano de seus interesses egoístas, no afã inesgotável de buscar-se só a si mesmo, tanto mais o persegue a tristeza solitária de seu eu

Tem-se uma polarização no patamar tecnológico, que reduz enormemente as distâncias, resultado da crescente força produtiva, e torna possível a organização da comercialização global⁷. Esse desenvolvimento das forças produtivas, marca a abundância de capital causando impacto na sociedade em decorrência da considerável produtividade internacional⁸. Em meio a isso, o homem sente-se dono do universo.

Os avanços científicos constituem um desdobramento que traz benefícios materiais para a humanidade e são responsáveis pela produção de um pensamento independente. Neste contexto, o ser humano é tido como ser de necessidade e de possibilidade, artífice de sua própria história, um sujeito autônomo apto a manipular tudo que o circunda⁹. O resultado é a auto-suficiência da razão subjetiva, enquanto principal fundamento para o conhecimento humano. A razão não mais acolhe as determinações da ordem cósmica, mas é a articuladora do sentido.

Em tal ótica, buscamos uma espiritualidade que desperte no indivíduo o desejo de cuidar do universo inteiro, tendo presente a problemática ecológica¹⁰. A intenção é formar uma única cadeia, um ambiente comum para todos os seres vivos¹¹. Destarte, entendemos a espiritualidade como o exercício que nos liga ao Absoluto, uma manifestação profunda do ser humano capaz de despertá-lo para a defesa

vazio". LIBÂNIO, J. Batista; MURAD, Afonso. Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996: 36.

⁷ OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. (D. E. G). op. cit., p. 80.

⁸ "O lado negativo dessa dimensão é que está se conduzindo a uma progressiva exoneração de força-trabalho, com a consequente exclusão da participação humana nos processos produtivos. MANCINI, Roberto. (E. M: N. C. P.). op. cit., p. 95.

⁹ "De fato, a sociedade industrial moderna, que teve seu início nas guerras religiosas dos séculos XVI e XVII, gerou uma cultura secularizada, desprendida de sua base cristã. Emancipada dos vínculos religiosos e de seus limites para a organização da consciência social, a vida econômica desenvolveu-se de modo autônomo, absolutizando a posse de bens materiais e ocasionando a destruição da natureza como hoje verificamos". MIRANDA, Mário de França. A Salvação de Jesus Cristo. São Paulo: Loyola, 2004: 191.

¹⁰ "Se não cuidarmos do planeta como um todo, podemos submetê-lo a graves riscos de destruição de partes da biosfera e, no seu termo, inviabilizar a própria vida do planeta". BOFF, Leonardo. (E. V). op. cit., p. 26.

¹¹ Trata-se de entender a Terra como totalidade físico-química, biológica, socioantropológica e espiritual, uma e complexa; numa expressão: nossa casa comum". Idem. Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os homens. 2° ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003: 22.

da vida contra todo tipo de ameaça¹². É o dinamismo humano movido por ideais que promovem vida, é o que liga o homem ao Mistério Absoluto promovendo uma re-articulação imediata com a natureza, uma consciência planetária. É o movimento interior que gera um equilíbrio entre as vidas, harmoniza as várias dimensões do relacionamento humano ou ainda um movimento específico com várias características que independem de uma prática religiosa. Coloca-se em uma dinâmica amorosa, que preenche o vazio da necessidade de algo profundo. A espiritualidade começa quando o homem se confronta com o seu eu, pois o caminho para chegar a Deus é o mergulho em si mesmo, autoconhecimento. Não é esquecer o outro, mas se compreender mediatizado pela auto-descoberta. É entender a realidade que chega até nós e o que se passa dentro de si para se sentir completamente livre. Não é uma experiência estereotipada. É o entusiasmo que anima permanentemente o jeito de viver ecologicamente.

Eis a necessidade de o homem manter sempre esta dimensão de abertura ao Absoluto, de fazer uma experiência fundante e radical de Deus, deixar-se envolver completamente pelo Transcendente, de praticar os valores fundamentais que norteiam a vida e despertam um compromisso ético e uma vivência integral de seu espírito como garantia para uma melhor qualidade de vida. Deste modo, o nosso espírito consegue manter viva a força divina sem cair em uma obscuridade. Na verdade, isso é conhecimento de si mesmo no Absoluto, a capacidade de re-ligação e integração com o Transcendente¹³.

O homem como um ser transcendente, manifesta a sua intimidade com o Absoluto mediante a espiritualidade que “une, liga, re-liga e integra”¹⁴. Esta experiência de Deus pode despertá-lo para o horizonte maior: o cuidado com o cosmos, ou seja, o equilíbrio ecológico. Assim, o indivíduo se sente parte da natureza e consegue manter o elo com o Transcendente. Toda a experiência humana por mais transcendente que seja será sempre uma experiência finita que tem um contexto (ambiente) fundamental. Esta consciência ecológica

12 “Espiritualidade é aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida contra todos os mecanismos de diminuição, de estancamento e de morte”. Idem. (E. V.). op. cit., pp. 130-131.

13 ...“o ser humano é aberto ao Absoluto no sentido de que ele pode conhecer a presença do Absoluto transcendente-imanente em si mesmo”. OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Autonomia e Comunhão. In: KAIRÓS: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza: ITEP/ICRE, Vol. III. Julho-dezembro 2006.2 V semestre, p. 35.

14 BOFF, Leonardo. (S. C.). op. cit., p. 21.

brotam da integridade com Deus, pois toda a vida e a natureza são bens advindos do Mistério Absoluto.

A ecologia reúne todos os saberes que ligam o homem com a realidade em sua volta. Com uma espiritualidade centrada na experiência de Deus, podemos intervir humanamente na natureza, isto é, vivê-la teologicamente olhando para o Absoluto. Trata-se, sem dúvida, da presença atuante de Deus “numa experiência de base omnienglobante com a qual se capta a totalidade das coisas exatamente como uma totalidade orgânica, carregada de significação e de valor”¹⁵.

A vida humana precisa estar norteada por esta força espiritual para garantir o equilíbrio ecológico do universo. A natureza não está para além da pessoa humana, mas está ligada com raízes profundas, em um movimento interligado entre a ação humana e o meio ambiente. Aqui seria perfeitamente coerente destacar uma complementaridade entre os seres. Isso fundamenta a intenção de destacarmos a espiritualidade como meio que interliga seres vivos no planeta. A nossa ação deve ser mergulhada no mistério de Deus criador e ordenador do cosmos, de perfeição inviolável. O itinerário espiritual tem seu início na experiência de Deus, uma necessidade de busca, de dar sentido à existência. Neste caminho o homem se percebe com Deus.

A espiritualidade ajuda na relação fraterna com o ecossistema. Na experiência humana com o Absoluto¹⁶ é despertada uma preocupação com o homem, como ser ecológico. Essa abertura para o Absoluto não tende cair no intimismo, mas em uma consciência ecológica coletiva, ou seja, não antepondo a um proveito pessoal, mas um bem comum.

Aqui é incisiva uma reflexão ecológica. Designamos ecologia como o estudo das interrelações entre os organismos e o ambiente em que vivem ou “um subcapítulo da biologia que estuda os inter-retro-relacionamento dos seres vivos entre si e com o seu meio ambiente”¹⁷. Esta preocupação com o cosmos intenta proporcionar um equilíbrio no universo, uma vida sadia.

¹⁵ BOFF, Leonardo. (E. V.). op. cit., p. 130.

¹⁶ Referimo-nos, “aquela experiência transcendental originária, que jamais se pode captar adequadamente por essa reflexão, experiência em que o homem se confronta com o mistério absoluto que chamamos “Deus””. RAHNER, Karl. Curso Fundamental da Fé. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2004: 60.

¹⁷ Esse conceito de ecologia foi formulado, pela primeira vez, pelo cientista alemão, Ernst Haeckel, em 1866. BOFF, Leonardo. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995: 164.

O espaço ecológico precisa ser preservado de qualquer ameaça¹⁸. A deterioração do espaço ambiental marca a falta de cuidado com a espécie humana e as gerações futuras¹⁹. O caos em que vive a natureza é reflexo direto do caos interior que o homem vive, fruto de uma espiritualidade pobre, não amadurecida. É a demonstração de um fracasso espiritual. A experiência de Deus nos leva a uma disponibilidade maior com a natureza. A relação com o Mistério Absoluto é sempre um estímulo a isso. Há uma realidade que pede esse movimento para fora, aberto ao transcendente; é a própria humanidade que urge diante do caos existente na natureza.

A espiritualidade fomenta no homem um respeito para com os seres vivos e seu ambiente físico. Isso é possível quando se vive intimamente doado pela preservação da biodiversidade. Temos que religar o homem com o Absoluto e a natureza. Quiçá, o verdadeiro problema, contudo, continue sendo como redefinir as prioridades comportamentais para refazer posições habituais humanas dentro do ambiente ecológico.

Na relação com o Transcendente, o homem se descobre responsável pelo ecossistema e se insere dentro da própria natureza. Neste sentido, é possível a re-ligação homem-divino, bem como o despertar de uma sensibilidade espiritual com a vida ecológica.

O ser humano deve estar ligado ao todo da realidade, aberto a Absoluto, uma vez que ele está sempre chamado para voltar-se para uma realidade transcendente. Não pode se prender apenas aos mecanismos privilegiados pela dimensão técnica, uma vez que o cosmos é seu habitat vivencial, irradiado por uma sensibilidade espiritual profunda. Para isso se efetivar o ser humano deve renunciar aos seus interesses particulares, o individualismo vigente, e lutar por uma única entidade, onde possa vigorar a experiência dialogal com o Mistério Absoluto, com a natureza e o próprio homem. Com isso, teremos uma nova imagem de mundo.

¹⁸ Aqui destacamos os desastres com o meio ambiente, a saber: extinção de espécies animais e vegetais, poluição atmosférica, queimadas, desmatamentos, principalmente com a exploração da madeira, derretimento das calotas polares devido o aquecimento global, aumento da mancha urbana e da impermeabilização do solo com as ilhas de calor, poluição das águas e do ar, etc.

¹⁹ ... los daños al medio ambiente (desde la destrucción de los paisajes a la extinción de especies vivas, y desde el hueco en la camada de ozono a la acumulación de residuos atómicos) están convirtiendo, ya innegablemente, a la humanidad en una especie suicida, a fuer de omnívora. CUPANI, Alberto. Globalización: desafíos económicos, políticos e culturales. Filosofía: desde La Insatisfacción. In. III. Jornada Internacionales dei Icala, Río Cuarto - Argentina, 1998: 209.

O mundo é a grande casa humana (*óikos*). A relação do homem com o meio ambiente não deve ser a de exploração, destruição, mas de proteção e cuidado. Essa relação do homem com o cosmos constitui o próprio ser humano enquanto tal e só pode ser compreendida como a relação entre o homem e Deus, vivida em uma dinâmica espiritual.

Com isso, o espaço cósmico sentirá a co-participação de todos os seres. A espiritualidade, a partir da experiência existencial de Deus, faz recuperar a consciência ecológica dilacerada com o descaso humano, causador do desequilíbrio. Temos que tornar sagradas a vida e a natureza, e fazer vigorar uma rede de solidariedade. Enfim, o indivíduo não está no mundo apenas para ocupar espaço, mas para cuidar da ecologia. Que o homem possa, de fato, gerar prosperidade e qualidade de vida.

**José Jucyêr Ferreira Alves*

Estudante do 2º Ano de Teologia

Orientador: Prof. Pe. Domingos Cunha, Prof. do ITEP